

YOGUE RAMACHÁRACA

*CURSO ADIANTADO  
DE FILOSOFIA*  
**YOGUE**

COLEÇÃO  
**YOGUE**

EDITORA PENSAMENTO



**CURSO ADIANTADO  
DE FILOSOFIA  
YOGUE  
do  
Yogue Ramacháraca**

\*\*\*\* Abas \*\*\*\*

Escritor de múltiplos recursos no campo dos estudos orientais, apresenta-nos o Yogue Ramacháraca este "Curso Adiantado de Filosofia Yogue", destinado a conduzir e orientar em seus estudos a todo aquele que deseja investigar os princípios dessa Filosofia, tão antiga como sublime.

O profundo pensamento filosófico dos Yogues aqui está condensado, com a habitual clareza do escritor, o que constitui notável estímulo que impele o leitor a prosseguir neste estudo, com confiança e alegria.

Uma das principais virtudes do livro é o caráter, que encerra, de uma mensagem de esperança, para aprendermos a conquistar o nosso reino interno, principalmente agora que o homem já se precipita na conquista dos espaços siderais, antes de aprender a conquistar a si mesmo. . .

(Cont. na outra dobra)

Valioso material destinado ao desenvolvimento espiritual do estudante, são os excelentes comentários às 21 Regras de "Luz no Caminho", o que constitui, logo de início, magnífica atração.

A seguir, encontrará o estudante importante lição sobre a Consciência Espiritual, à qual Ramacháraca dedicou longas páginas, dada a sua real importância, demonstrando que o desenvolvimento dessa Consciência não depende de um processo automático, mas sim de um processo calma e inteligentemente dirigido, pois é a flor perfeita que "se abrirá durante o silêncio que segue a tormenta..."

As lições que apresenta sobre — Os Mantrams — A Meditação — Prática de Relaxamento Muscular — Karma Yoga — Gnani Yoga — Bhakti Yoga — O Enigma do Universo etc., constituem saborosos frutos, que muito agradarão aos nossos caros leitores, proporcionando-lhes os meios de aperfeiçoar a si próprios e servir de bom exemplo aos demais.

\*\*\*\* fim das Abas \*\*\*\*

YOGUE RAMACHÁRACA



**CURSO ADIANTADO  
DE  
FILOSOFIA YOGUE  
E  
OCULTISMO ORIENTAL**



Tradução de  
FRANCISCO WALDOMIRO LORENZ

5.<sup>a</sup> Edição

EDITORA PENSAMENTO  
SÃO PAULO

COLEÇÃO YOGUE  
Curso Adiantado de Filosofia Yogue

Capa de  
PEDRO GAMBAROTTO

**ÍNDICE**

Prefácio

I Lição — Um Pouco de Luz no Caminho

II " — Mais Luz no Caminho

III " — Consciência Espiritual

IV " — A Voz do Silêncio

V " — Karma-Yoga

VI " — Gnani-Yoga

VII " — Bhakti-Yoga

VIII " — Darma

IX " — Continuação Sobre o Darma

X " — O Enigma do Universo

XI " — Matéria e Força

XII " — Mente e Espírito

**PREFÁCIO**

O presente livro é a continuação das QUATORZE LIÇÕES DE FILOSOFIA YOGUE e OCULTISMO ORIENTAL, e é destinado àqueles que, tendo recebido as instruções elementares de ocultismo, sentem em si uma séria atração pelos estudos dos planos mentais superiores e pelas profundas verdades da ciência sagrada. Todos os aspirantes à evolução espiritual encontrarão nestas lições utilísimos conselhos e explicações dadas em estilo claro e fácil.

O caminho do ocultista que quer chegar à plenitude do saber e desenvolver os poderes latentes de sua alma, é árduo; as trevas da ignorância espiritual o encobrem à vista do neófito, que facilmente pode desviar-se, entrando em sendas falsas de egoísmo e erros. Por isso, abre o autor estas lições com um comentário do importantíssimo livrinho de Mabel Collins, intitulado LUZ NO CAMINHO, para iluminar o entendimento e a consciência dos que sobem pelos primeiros degraus da escada espiral da Realização.

O estudante é advertido que, antes de tudo, deve purificar os seus pensamentos, vencer todas as inclinações más e egoístas, e viver cheio de amor fraternal aos seus semelhantes. Só assim será admitido ao Templo do Saber e poderá tomar-se um yogue perfeito, se perseverar na senda e continuar a prática dos treinamentos prescritos, para o que encontra as necessárias explicações e indicações no resto das presentes lições.

"Yoga" quer dizer "União" e designa a união do Homem com a Divindade, ou (o que é o mesmo) a união do Eu inferior com o Eu superior. Esta união é o objeto e o fim de toda a vida; é a síntese da religião, ciência, arte e atividade prática. O que nos diz a Luz no Caminho é o mesmo que se ensinava nos templos egípcios e o que se ensina em todas as lojas brancas.

Desejamos que este livro encontre muitos leitores e que todos tirem aproveitamento real de sua leitura. Aos que o estudarem com atenção, servirá para prepará-los a ouvirem a palavra sagrada do Mestre que está no interior de cada um e que se apresentará quando o discípulo estiver preparado, dissipando todas as dúvidas e irradiando a Luz Infinita.

Editora Pensamento

## I LIÇÃO UM POUCO DE LUZ NO CAMINHO

Saudamos os nossos velhos discípulos que voltaram para estudar conosco o Curso Adiantado. Sentimos que, daqui por diante, não será necessário repetirmos as explicações elementares que formaram uma parte tão importante do nosso trabalho da primeira classe e poderemos ir diretamente ao objeto dos nossos ensinamentos, certos de que todos os estudantes estão preparados para recebê-los.

Alguns leram as primeiras lições por curiosidade; outros se interessaram tanto que desejam saber mais; outros, ainda, não acharam o alimento sensacional que tinham esperado encontrar e abandonaram as fileiras. É sempre assim que acontece. São muitos os que veem, mas apenas uma certa porcentagem está pronta a prosseguir. De mil sementes que o semeador lança na terra, só uma centena manifesta a vida. Mas o trabalho é feito por causa desta centena, e ela pagará ao semeador o seu labor. O nosso trabalho dá ainda mais satisfação, porque é certo que os outros novecentos também virão a mostrar vida, uma vez, no futuro. Nenhum dos ensinamentos ocultos se perde; tudo produz o fruto em seu tempo próprio.

Saudamos os estudantes do Curso Adiantado; congratulamo-los conosco próprios por termos tão grande número de ouvintes interessados felicitamos os estudantes por terem chegado ao estado em que sentem tanto interesse no estudo e por estarem preparados a adiantar-se.

Escolhemos para objeto das nossas primeiras quatro lições a Vereda do Aperfeiçoamento, o Caminho. E não conhecemos melhor método para dirigir os passos do estudante que entrou na Vereda, do que os inigualáveis preceitos do pequeno manual Luz no Caminho, escrito por M. C. (Mabel Collins, uma senhora inglesa), a pedido de algumas almas adiantadas (em carne ou fora dela) que o inspiraram.

Em nosso último capítulo das Quatorze Lições, dissemos que tencionávamos escrever uma pequena obra que talvez explicaria os preceitos da Luz no Caminho. Depois, porém, achamos preferível fazer deste trabalho uma parte do Curso Adiantado, em vez de prepará-lo como um livro especial para a distribuição e venda geral. Deste modo, podemos falar com mais extensão e menos reserva, sabendo que os estudantes do curso o compreenderão muito melhor do que o público em geral. Por isso, o livrinho não será publicado e o ensinamento será dado somente nestas lições. Citaremos do pequeno manual, preceito após preceito, dando em seguida, a cada um, uma concisa explicação.

Aqui será bom chamar a atenção para o fato de que a Luz no Caminho é um livro inspirado e composto tão cuidadosamente que admite uma variedade de interpretações. O estudante pode escolher o significado que convém ao seu próprio estado de desenvolvimento. Neste respeito, o livrinho é diferente dos livros comuns. É preciso chegar-se a este livro com alguma coisa, para poder obter-se alguma coisa dele.

No Caminho Iluminado encontra-se uma interpretação parcial, baseada no plano psíquico ou astral. A nossa interpretação é destinada para as aplicações na vida do estudante que entra no Caminho — para o principiante. Esforçar-nos-emos por esclarecer um dos primeiros preceitos na luz da "Karma Yoga" e depois mostraremos o sentido dos preceitos relativos aos desejos superiores; em seguida, passaremos às explicações dos preceitos que se referem ao desenvolvimento da Consciência Espiritual, que é, com efeito, a nota fundamental do pequeno manual. Esforçar-nos-emos por tornar mais claro ao estudante o sentido oculto do livrinho, traduzindo em vernáculo as ideias expressadas com tanta beleza, em linguagem poética do simbolismo oriental.

O nosso trabalho não será contraditório à interpretação dada no Caminho Iluminado — apenas irá ao lado dele, paralelamente, em outro plano de vida. A alguns parecerá ser presunção querer "interpretar" aquelas joias de ensino oculto, que têm o título de Luz no Caminho; mas a nossa empresa tem a aprovação do nosso Eu Superior. Ainda que seja rude o nosso trabalho, a sua intenção é ser útil a alguns; assim não fosse não teria sido sugestionado.

"Estas regras foram escritas para todos os discípulos. Segue-as."

Estas regras foram escritas, em verdade, para todos os discípulos e será bem para nós todos,

seguí-las. As regras de conduta para os ocultistas sempre têm sido as mesmas e sempre serão as mesmas, em todo o tempo, em todos os países e sob qualquer nome que o ensino seja dado. Elas se baseiam nos princípios da Verdade, e foram experimentadas, confirmadas e praticadas desde as mais remotas épocas, e chegaram até nós trazendo os sinais de contato das multidões que passaram ante nós — os nossos irmãos mais velhos no Espírito — aqueles que uma vez brilharam o caminho em que nós agora estamos entrando, aqueles que se elevaram às alturas a que nós também subiremos um dia. Estas regras são para TODOS os que seguem o Caminho; para estes foram escritas e não há melhores. Elas nos foram dadas por aqueles que SABEM.

"Antes que os olhos possam ver, devem ser incapazes de chorar. Antes que o ouvido possa ouvir, deve ter perdido a sensibilidade. Antes que a voz possa falar em presença dos Mestres, deve ter perdido a possibilidade de ferir. Antes que a alma possa erguer-se em presença dos Mestres, é necessário que os pés tenham sido lavados no sangue do coração."

Antes que os olhos possam ver com a clara visão do Espírito, hão de ter-se tornado incapazes de verter as lágrimas de orgulho ofendido, criticismo desagradável, imerecido abuso, observações desfavoráveis, desprezo, sarcasmo, incômodos da vida quotidiana, insucessos e desenganos da existência. Não queremos dizer que a alma deve ser endurecida e insensível à vista destas coisas; ao contrário, "endurecimento" não faz parte dos ensinamentos ocultos. No plano material, cada pessoa está incessantemente sendo exposta à mercê dos outros que se acham no mesmo plano, e quanto mais delicada é a sua constituição, com mais viveza sente a dor da vida, que vem do exterior. Porém, se tenta lutar contra ela, reagir a estas dentadas e a estes golpes, mais enleada fica na rede da vida material. A única possibilidade de escapar está em crescer tanto que se eleve acima daquele plano de existência e morrer nas regiões superiores da mente e do Espírito. Isto não quer dizer que deve fugir do mundo; pelo contrário, se alguém tenta fugir do mundo antes de ter aprendido as suas lições, será forçado a voltar a ele repetidas vezes, até que cumpra a sua tarefa. Entretanto, o homem espiritualmente aperfeiçoado pode viver de tal modo que, ainda que esteja no meio da luta da vida quotidiana — sim, até sendo um general no combate — em realidade vive acima de tudo isto, vê que tudo isto não é senão um jogo infantil de homens e mulheres pueris e, embora jogue bem a sua parte, sabe que se trata somente de um jogo e não coisa real. E, assim sendo, começa a sorrir através das suas lágrimas, quando é batido no tumulto do jogo; então cessa totalmente de chorar e, em lugar das lágrimas, aparece um riso, porque quem vê as coisas em suas verdadeiras relações, dificilmente pode suprimir um sorriso. Não pode deixar de rir-se, quando olha ao redor de si e observa os brinquedos e as bagatelas, a que os homens consagram a sua vida, julgando que são coisas reais. E quando desperta para o conhecimento da realidade das coisas, a sua própria parte que é impelida a jogar, evoca nele necessariamente um sorriso. Isto não são meros sonhos e ideais impraticáveis. Causar-vos-ia surpresa se soubésseis quantos homens de alta representação no mundo social e financeiro chegaram ao conhecimento da verdade!

Muitos destes homens jogam bem a sua partida, com energia e aparente ambição, porque compreendem que tudo isso tem um fim, um significado e que eles são partes necessárias no mecanismo da evolução. Mas nos fundos recônditos de suas almas sabem a que tudo isso serve. Quem entrou no Caminho, há de ser valente e há de adquirir domínio sobre a natureza emocional. Este preceito não se refere só às lágrimas físicas, pois estas invadem os olhos, muitas vezes, involuntariamente, ainda que no mesmo instante nos riamos. Refere-se ao pensamento que haja alguma coisa que mereça realmente ser chorada. É o pensamento atrás das lágrimas, e não as próprias lágrimas.

A lição que estas regras nos apresentam para aprendermos e que devemos elevar-nos acima dos incidentes da personalidade e lutar para realizarmos a nossa individualidade. Devemos desejar realizar a consciência do EU SOU, que está acima dos sofrimentos da personalidade. Devemos aprender que todas essas coisas não podem prejudicar o Eu Real; pois serão tiradas da areia do tempo, pelas águas da eternidade.

Igualmente o nosso ouvido há de perder a sua sensibilidade aos incidentes desagradáveis da personalidade, antes que possa ouvir a verdade claramente, e livre dos discordantes ruídos da luta exterior. É necessário crescermos para podermos ouvir estas coisas com um sorriso nos lábios,

confiando na ciência da alma, seus poderes e seu destino. Havemos de crescer para podermos ouvir a palavra desagradável, o criticismo injusto, a observação desdenhosa, sem que impressionem o nosso Eu Real. Havemos de deixar tais coisas no plano material a que pertencem e nunca permitir à nossa alma descer ao plano em que poderia ser impressionada. Havemos de aprender a poder ouvir palavras pronunciadas com desprezo e mofa contra as verdades que nos são sagradas, por aqueles que não compreendem; eles não podem ser censurados, porque não compreendem. Deixai as crianças que brinquem; tal é a sua natureza. Um dia elas terão experimentado (como vós) as dores do crescimento e amadurecimento espiritual e passarão igualmente pelo que vós passais agora. Uma vez fostes como elas; mais tarde elas serão como vós sois. Diz o ditado: "Deixai entrar essas coisas por um ouvido e sair pelo outro." Não as deixeis chegar à vossa consciência real. Então os ouvidos ouvirão as coisas que devem ouvir e servirão de passagem limpa para a entrada da Verdade.

Sim, "antes que a voz possa falar em presença dos Mestres, deve ter perdido a possibilidade de ferir". A voz que querela, mente, abusa, queixa-se e fere, nunca pode atingir os planos mais altos, onde moram as inteligências adiantadas da raça humana. Antes que possa falar para ser ouvida por aqueles seres elevados na ordem da vida e da inteligência espiritual, deve ter esquecido já, por muito tempo, como ferir outros com palavras ásperas, desprezíveis e indignas.

O homem adiantado não hesita dizer a verdade, ainda que seja desagradável, quando acha que assim deve fazer, porém fala como um irmão amoroso que não critica, querendo mostrar-se mais santo do que o outro, mas somente porque sente a dor do outro, vê o seu erro e quer dar-lhe a mão para o ajudar. Ele está longe do desejo de ofender ou envergonhar o outro com as suas expressões, longe de querer impor-se-lhe ou humilhá-lo: o homem adiantado não usa destas coisas, como não usamos um manto rasgado que se deita fora.

"Antes que a alma possa erguer-se em presença dos Mestres é necessário que os pés tenham sido lavados no sangue do coração." É preceito demasiado duro para muitos que entram no Caminho. Muitos interpretam mal o sentido verdadeiro deste preceito, porque julgam que, com a palavra "coração", se designa a faculdade de amar. Mas não é este o sentido daquela palavra; o ocultismo não ensina que se deve matar o verdadeiro amor; ensina que o amor é um dos maiores privilégios do homem e que, à medida que se adianta, a sua faculdade de amar cresce, até que inclui toda a vida.

O "coração" mencionado é a natureza emocional e os instintos da mente inferior e mais animal. Estas coisas parecem ser tal parte de nós, antes que nos desenvolvemos, que nos separar delas parece-nos como tirar-nos o nosso coração. Primeiro nos desapegamos de uma coisa e depois de outra, da nossa velha natureza animal, com dor e sofrimento, e os nossos pés espirituais são como lavados no sangue do coração.

Apetites, sede da natureza inferior, desejo da parte animal de nós, velhos costumes, convencionalismos, pensamentos hereditários, ilusões de raça, coisas que estão enraizadas no sangue e osso da nossa natureza, hão de ser arrancadas, uma por uma, com muitos pressentimentos e dúvidas, ao princípio, e com muitas dores e sangrias do coração, até que chegemos à posição, de onde podemos ver o que tudo isso significa. Não só é necessário que arranquemos os desejos do Eu inferior, mas havemos de separar-nos necessariamente de muitas coisas que nos pareciam sempre caras e sagradas, porém que, na pura luz que começa a emanar da nossa Mente Espiritual, aparecem como imaginações infantis.

Mas, ainda que vejamos o que são essas coisas, contudo causa-nos dor a necessidade de nos separarmos delas, e choramos em alta voz e o nosso coração verte sangue. Depois, chegamos muitas vezes ao ponto onde se separam os caminhos, onde somos obrigados a abandonar o acompanhamento mental de pessoas que nos são caras, deixando-as prosseguir na estrada que escolheram, enquanto que nós dirigimos os nossos passos a um novo caminho de ideias, que ainda não tínhamos experimentado. Tudo isto são dores. E, depois, o horror da solidão mental e espiritual que vos invadiu, logo que tínheis dado os primeiros passos no Caminho — aquela primeira iniciação, pela qual passaram as almas de muitos dos que leem estas palavras — aquele sentimento espantoso de estar só, sem haver ninguém perto de vós, quem vos pudesse compreender e apreciar os vossos sentimentos! E, depois, de um lado vós que vedes os grandes problemas da vida,

enquanto que os outros não reconhecem a existência de nenhum desses problemas, e que, de acordo com isso, continuam indo pelo seu caminho, dançando, lutando, querelando e mostrando todos os sinais de cegueira espiritual; tudo isso vos impele a ficardes só e entristece a vossa vista. E então, o sangue corre do vosso coração. E a vossa consciência das dores do mundo, a falta de compreensão para tudo isso e o vosso sentimento de fraqueza, quando vos esforçais por achar um remédio para sanar esses males: tudo isto sangra o vosso coração. E todas estas coisas provêm do vosso despertar espiritual; o homem do plano material não sente nada disso, e nada disso vê. Então, quando os pés da alma têm sido banhados no sangue do coração, o olho começa a ver as verdades espirituais, o ouvido começa a ouvi-las, a língua começa a ser capaz de dizer-las aos outros, e conversar com os que se têm adiantado no Caminho. E a alma se ergue e olha a face de outras almas adiantadas, porque começou a compreender os mistérios da vida, o sentido de tudo isso — começou a compreender algumas coisas do Grande Plano, tornou-se capaz de sentir a consciência de sua própria existência e pôde dizer: EU SOU, conscientemente. Achou-se a si mesma, venceu as dores, elevou-se acima delas. Levai estes pensamentos convosco ao Silêncio e deixai-os cair em vossa mente, para que se arraiguem, cresçam, floresçam e deem frutos.

1. Mata a ambição.

2. Mata o desejo de viver.

3. Mata o desejo de bem-estar.

4. Trabalha como trabalham os que são ambiciosos. Respeita a vida como o fazem os que a desejam. Sê feliz como o são os que vivem para a felicidade.

Muitas destas verdades ocultas são escritas em forma de paradoxos, mostrando ambos os lados da tabuleta. Isto está de acordo com o plano da Natureza. Todas as expressões da verdade não são senão expressões parciais; há dois lados, ambos bons, para cada argumento. Cada aspecto de verdade é só a metade dessa verdade; buscai bastante e descobrireis a metade oposta. Cada coisa "é e não é"; cada completa expressão de verdade há de ser paradoxal, porque o nosso ponto de vista, sendo finito, nos deixa ver só um lado do objeto por uma vez. Do ponto de vista do infinito, vê-se todos os lados ao mesmo tempo; todos os pontos do globo são visíveis ao observador infinito que pode igualmente ver através do globo, como ao redor dele.

Os quatro preceitos acima citados são exemplos desta lei de paradoxo. E, não obstante, estes preceitos são razoáveis e absolutamente verdadeiros. Consideremo-los.

A chave para compreender-se estas (e todas as verdades) está na capacidade de distinguir entre o ponto de vista "relativo" ou inferior, e "absoluto" ou superior. Gravai-o bem na memória, porque isto vos dará a possibilidade de ver em muitos recantos escuros e vos esclarecerá muitas palavras duras. Apliquemos esta chave aos nossos quatro preceitos.

Dizem-nos: "Mata a ambição." O homem ordinário recua, ouvindo estas palavras, e exclama que tal conduta faria do homem uma criatura sem espírito e sem dignidade, porque lhe parece que a ambição é o fundamento de toda a atividade humana. Adiante lê, no quarto preceito: "Trabalha como trabalham os que são ambiciosos" — e, enquanto não se lhe abrir a vista da Mente Espiritual, sua confusão aumentará ainda mais. As duas coisas, entretanto, são possíveis e muito bem praticáveis. A "ambição" de que se trata é aquela emoção que incita o homem a agir por motivos de vanglória e egoísmo, impele-o a esmagar tudo que encontra no seu caminho e faz cair todos com quem vem em contato. Porém, esta ambição é apenas uma imitação falsificada da ambição verdadeira, e é tão anormal como os mórbidos apetites que usurpam o nome de fome e sede, de que são meras imitações; como os ridículos costumes de decorar pessoas com ornamentações bárbaras, que são falsas imitações do instinto natural de cobrir-se com roupa apropriada para defender-se do mau tempo; como o costume absurdo de onerar-se e onerar outros com a sustentação de palácios, que é uma absurda imitação do desejo natural de ter um lar e um abrigo; como as práticas licenciosas e eróticas de muitos homens e mulheres que são falsificações dos naturais instintos sexuais dos homens e das mulheres normais, cujo principal objetivo é a preservação da espécie.

O homem "ambicioso" torna-se insano pelo sucesso, porque o instinto foi pervertido e fez-se anormal. Ele imagina que as coisas pelas quais luta lhe trarão felicidade, mas engana-se: elas se convertem em cinza como as frutas do Mar Morto, porque não são a fonte da felicidade duradoura.

Ele se liga às coisas que cria e, em vez de senhor, torna-se escravo delas.

Ele não considera o dinheiro como um meio de assegurar necessidades e alimentação (mental e física) para ele e os outros, mas como uma coisa que tem valor em si mesma; tem o espírito de um avaro. Ou procura alcançar o poder para fins egoístas, para satisfazer a sua vaidade, para mostrar ao mundo que é mais poderoso do que seus semelhantes, para estar acima da multidão.

Tudo isso são ambições pobres, miseráveis, infantis, indignas do homem verdadeiro, e hão de desaparecer para que o homem possa progredir; mas as muitas lições que recebe são, talvez, as de que justamente necessita para o seu despertar. Em poucas palavras, o homem de ambição anormal age para obter recompensa para a sua pessoa, e há de sofrer desengano, porque constrói as suas esperanças sobre coisas que lhe faltarão, quando delas necessitar; ele anda num carro com uma roda quebrada.

Agora olhemos o outro lado da tabuleta. O quarto preceito contém estas palavras: "Trabalha como trabalham os que são ambiciosos." Aqui está a explicação. Quem trabalha desta maneira pode ser considerado pelo mundo como um tipo de homem ambicioso, mas a aparência é apenas exterior. O homem "ambicioso" é anormalidade; ao passo que o homem que trabalha por amor ao trabalho, em obediência ao desejo de trabalhar, por estar impelido a criar, porque dá plena expressão à parte criativa da sua natureza, é coisa real. E este segundo é capaz de fazer obra melhor e mais durável do que o primeiro. Além disso, a sua obra lhe dá felicidade; ele sente o prazer que provém da ação e deixa-se penetrar pelo impulso criativo da Vida Universal; age e está feliz em sua obra e por ela. E enquanto se conservar fiel aos seus ideais, o seu prazer é seguro, garantido e o homem cumpre bem a sua tarefa no mundo. Mas, à medida que sobe pela escada do êxito, está sujeito a terríveis tentações e, muitas vezes, acontece que a ambição anormal dele se apodera, do que resulta que haverá de aprender de novo a sua lição na próxima encarnação e repeti-la até que a saiba bem.

Cada homem tem o que fazer neste mundo e deve fazê-lo da melhor forma que pode, com dedicação e inteligência. Deve dar plena expressão ao estímulo que o impele a fazer coisas retas, melhores do que as que foram feitas antes dele (não para que triunfe sobre outros, mas porque o mundo precisa de coisas melhores).

O verdadeiro ocultismo não ensina que o homem deve sentar-se, sem fazer nada a não ser meditar, com o seu olhar fixo sobre o umbigo, como é costume de alguns faquires e devotos hindus ignorantes, que macaqueiam os termos e a linguagem dos instrutores Yogues e prostituem as suas doutrinas. Pelo contrário, o verdadeiro ocultismo ensina que é dever e glorioso privilégio do homem participar da obra do mundo e que aquele que pode fazer alguma coisa um pouco melhor do que tem sido feito antes, é bendito e um benfeitor do gênero humano.

O verdadeiro ocultista reconhece o impulso Divino de criar, que está em todos os homens e mulheres, e acreditando, dá-lhe mais plena expressão. Ensina que nenhuma vida é completa e perfeita, enquanto algum trabalho inteligente auxilia o desenvolvimento espiritual e lhe é necessário. Não ensina que seja belo um trabalho pesado e sem inteligência, mas afirma que até na mais baixa tarefa pode achar interesse quem o procura e que o homem que trabalha com dedicação sempre descobre algum melhoramento na maneira de trabalhar e enriquecer com alguma coisa o depósito do saber humano.

O verdadeiro ocultismo ensina a verdadeira ambição, o amor à obra por causa da obra, e não aquela ambição que faz a obra para obter recompensa falsa do mundo. Agora, pois, compreendereis, quando o preceito diz; "Mata a ambição — mas trabalha como trabalham os que são ambiciosos."

Viver assim é possível aos que conhecem a "Karma-Yoga", um dos grandes ramos da Filosofia Yogue, sobre o qual mais tarde tencionamos escrever. Lede e tornai a ler estas palavras até que vos seja bem claro o seu significado — até que as sintais tão bem como as vedes. O ponto principal destes ensinamentos a respeito da Ambição pode resumir-se no seguinte: Matai a relativa ambição que vos liga aos objetos e à recompensa da vossa obra, e que não vos dá senão desengano e retarda o vosso crescimento; mas desenvolvei e manifestai a Ambição absoluta, que faz com que trabalheis por causa do trabalho mesmo, por causa do prazer que o trabalhador sente em trabalhar e que vem do desejo de manifestar o Divino instinto de criar; essa Ambição que exige que façais o que tendes a fazer da melhor forma que podeis, e melhor, se é possível, do que tem sido feito antes;

essa Ambição que vos habilita a trabalhar em harmonia e em uníssono com a obra Divina, que é perpétua, e não em desarmonia e discordância. Deixai a Divina energia agir por meio de vós e expressai-a plenamente em vossa tarefa. Abri-vos a ela e experimentareis o gosto do prazer que provém de serviço desta qualidade: esta é a verdadeira ambição, mas a outra não é senão uma miserável imitação e falsificação que retarda o crescimento da vossa alma.

"Mata o desejo de viver", diz o segundo preceito; mas o quarto lhe responde: "Respeita a vida como o fazem os que a desejam." Eis aqui uma outra verdade expressada em paradoxo. É necessário tirar da mente toda a ideia de que a vida física seja alguma coisa. Tal ideia impede-nos o conhecimento da vida particular no corpo como uma coisa inteira, em vez de compará-la só com um grão de areia na praia de um mar eterno. É necessário que o homem cresça até que sinta que viverá sempre, seja no corpo, seja fora dele, e que esta particular "vida" física é apenas uma coisa de que faz uso o Eu Real, que não pode morrer. Matai, pois esse desejo de viver que vos causa o medo da morte e que faz com que deis importância indevida à existência corporal, diminuindo assim a importância da vida e consciência mais larga. Extirpai da vossa mente aquela opinião errônea de que, quando o corpo morrer, vós morrereis, porque vós continuareis a viver e sereis tão vivos como sois agora ou talvez ainda mais. Vede na vida física aquilo que ela é, e não vos enganéis. Deixai de olhar a morte com horror, venha ela a vós, ou para os que vos são caros. A morte é tão natural como a vida (neste estado de desenvolvimento), e não altera a verdadeira felicidade. É difícil libertar-se do velho horror da dissolução física e muitos combates renhidos hão de ser travados e ganhos, antes que se possa exterminar essa ilusão antiga, que a humanidade alimentou por tanto tempo, apesar de confessar continuamente a fé na vida futura.

As Igrejas falam da "vida de além-túmulo" que os fiéis devem esperar, mas os mesmos "fiéis" tremem e se espantam, quando pensam na morte. Vestem-se de preto quando morre um ente querido, em vez de semearem o túmulo de flores e regozijar-se porque o desencarnado entrou em "um país melhor" (para usarmos uma frase velha que se ouve tantas ocasiões, porém que não consola). O homem há de crescer até que tenha positivamente o "sentimento" ou a consciência da vida eterna, para poder destruir esse velho medo; e nenhum credo, nenhuma expressão de fé servirá a este fim, enquanto não chegar a este estado de consciência. Para quem "sente", em sua consciência, o fato da sobrevivência da individualidade e a continuação da vida além-túmulo, a morte perde o seu terror, o túmulo o seu horror, e o "desejo de viver" (a vida relativa) era verdade está morto, porque a ciência da vida (absoluta) ocupou o seu lugar.

Mas não esqueçamos o reverso da tabuleta. Leiamos de novo no quarto preceito; "Respeita a vida como o fazem os que a desejam." Isto não se refere só à vida dos outros, mas igualmente à vossa própria, porque, extirpando a velha ideia da relativa importância da vida no corpo, deveis evitar de cairdes no outro extremo que consiste em negligenciar o corpo físico.

O corpo é vosso conforme a determinação do plano Divino, e, com efeito, ele é o Templo do Espírito. Se não fosse bom para vós ter um corpo, ficai convencido de que não o teríeis. Ele vos é necessário neste estado de desenvolvimento e vós sereis incapaz de fazer a vossa obra de desenvolvimento espiritual sem ele. Não caiais, pois, na tolice de desprezar o corpo ou a vida física, como indignos de vós. São muito precisos para vós, neste degrau, e podeis fazer muitas coisas só por meio deles. Desprezai-os, seria como recusar-se a usar uma escada que nos dá a possibilidade de subirmos às alturas. Em verdade, deveis "respeitar a vida, como o fazem os que a desejam", e deveis respeitar o corpo como o fazem aqueles que pensam que o corpo é o Eu.

O corpo deve ser considerado como instrumento da alma e do Espírito, conservado puro, são e forte. Deve ser respeitado e bem empregado. Não vos aflijais por estar retido nesta vida; nunca tereis melhor ocasião para fazer as experiências que encontras agora; aproveitai-a da melhor forma possível. A vossa "vida" é uma coisa gloriosa e vós deveis viver sempre no "presente", extraindo dele todo o prazer que a cada momento da vida encontra o homem adiantado.

"Vida, vida, mais vida", exclamou um escritor, e teve razão. Vivei cada momento da vossa vida de um modo normal, são e puro, conhecendo sempre o verdadeiro sentido da vida e não vos afligindo com cuidados do passado ou do futuro. Estais na eternidade tanto agora como em qualquer outro tempo; porque, pois, não aproveitar o presente? Na vida, sempre há "agora" e os momentos

chamados "agora" nunca faltarão.

Se quisermos resumir a ideia deste preceito de não desejar a vida e da sua parte oposta que diz que deveis respeitar a vida como se a desejásseis realmente, diremos: O desejo de que se trata é o desejo relativo, que provém da ideia errônea de que a vida física é a única vida. O absoluto desejo de vida provém do saber o que é a vida inteira do homem e o que é esta curta vida física; por isso, enquanto que o homem adiantado não a deseja (de modo relativo), não obstante não a despreza, em realidade a deseja (de modo absoluto), porque ela forma uma parte de sua vida inteira, e ele não quer perder ou apartar de si nenhuma parte do que o Plano Divino decretou que lhe deva pertencer. O homem adiantado não teme a morte, nem a procura; ele não teme nem a morte nem a vida; não a deseja (relativamente) e, contudo, deseja-se ambas, isto no sentido absoluto. O indivíduo nestas condições é invencível; nem a vida nem a morte o atemorizam. Quando se alcançou um vez esta consciência, a pessoa reveste-se de tal poder que a sua irradiação é sentida pelo mundo em que vive. Gravi em vossa memória estas palavras: Não temais nem a morte nem a vida. Não temais a morte nem a procureis. Quando tiverdes chegado a este grau, então sabereis verdadeiramente o que é a vida e o que é a morte, pois ambas são manifestações da VIDA.

O terceiro preceito diz-nos: "Mata o desejo de bem-estar", mas o quarto acrescenta: "Sê feliz como o são os que vivem para a felicidade." Também este ensino é paradoxal e segue a mesma linha como os que já falamos. A sua aparente contradição provém dos dois pontos de vista, isto é, do relativo e do absoluto. Aplicai este resolvente a todos os ensinamentos ocultistas, aparentemente contraditórios e podereis separar cada parte de maneira que a possais examinar cuidadosamente. Apliquemo-lo a este caso.

"Mata o desejo de bem-estar." A primeira vista, parece que isto aconselha extremo ascetismo; mas não é este o seu verdadeiro significado. O que se chama ascetismo é, em muitos casos, uma fuga das coisas que nós consideramos muito agradáveis. Parece que nas mentes de muitas pessoas de todas as formas de fé religiosa há uma ideia de que as coisas que dão prazer hão de ser necessariamente "más". Um escritor põe na boca de um dos seus personagens as seguintes palavras: "É tão triste ver-se que todas as coisas agradáveis na vida são consideradas como se fossem más." Parece que é geral a crença que Deus acha prazer em ver a gente ser infeliz e praticar coisas desagradáveis; de acordo com esta crença muitas pessoas chamadas "religiosas" enrugaram a fronte em vista dos prazeres normais da vida e agiram como se um sorriso fosse ofensivo à Divindade. Tudo isto é errôneo. Todos os prazeres normais são dados ao homem para serem por ele usados, mas a nenhum deles deve ser permitido usar o homem. O homem deve ser sempre o senhor e não o escravo, em relação aos prazeres da vida. Em certas formas de treinamento, o estudante há de cultivar a Vontade; alguns dos exercícios a ele prescritos consistem em fazer coisas desagradáveis e contrárias a seu gosto. Mas esta disciplina tem por fim somente fortalecer a Vontade do estudante e não se deve pensar que haja especial mérito na prática de uma tarefa desagradável! ou alguma virtude especial no abnegado candidato que se priva de certas coisas agradáveis a que está acostumado: trata-se somente de exercer a Vontade para poder resistir; privar-se de coisas e fazer coisas contra o costume usual e contra os hábitos do indivíduo — exercício este de cuja prática resulta a força de Vontade. O princípio sobre o qual se opera é o mesmo que faz exercitar os músculos movendo-os.

Estes exercícios e práticas são bons e pode ser que tenhamos ocasião de nos referir a eles em alguma das nossas lições. Os jejuns e a penitência, prescritos pela Igreja Católica, têm mérito no sentido acima indicado, fora de qualquer significado particular religioso.

Mas, para voltarmos ao assunto: este preceito não quer pregar ascetismo. O ocultismo não insiste nisso. Ele ensina, porém, que não devemos permitir que os nossos corações sejam ligados aos prazeres e ao bem-estar da vida em tão alto grau que isso nos induza a cessarmos de adiantar-nos e desenvolver a nossa natureza superior. O homem pode ser arruinado com o luxo demasiado e são conhecidos muitos casos em que as influências superiores que agem debaixo da Lei tiraram a certos homens aquelas coisas que lhes eram obstáculos do crescimento espiritual e colocaram-nos numa posição em que se viram obrigados a viver normalmente e, por isso, puderam crescer e desenvolver-se. O ocultismo prega "Vida simples". Ele ensina que, quando alguém tem demasiado

muitas coisas, acontece facilmente que tomam possessão dele, em vez de serem por ele possuídas; o homem torna-se assim um escravo, em vez de ser senhor.

"Matar o desejo de bem-estar" não significa que devemos dormir sobre tabuas duras, para com isso agradarmos à Divindade, nem que devemos comer pão duro e seco, esperando assim obter o favor Divino; nenhuma destas coisas terão um efeito semelhante; a Divindade não vende o seu favor e não tem prazer especial em ver como um dos seus filhos se faz de louco. Mas o preceito citado nos diz que não devemos ligar-nos a alguma ideia de bem-estar e que não devemos imaginar que a verdadeira felicidade possa provir dele. Gozai os prazeres normais e racionais da vida, mas conservai sempre o vosso domínio sobre eles e não permitais que vos levem consigo. E lembrai-vos sempre que a verdadeira felicidade vem de dentro e que o luxo e o "bem-estar" não são necessários para o homem real, pois são apenas coisas que devem ser usadas para o que prestam.

O bem-estar e o luxo são apenas incidentes do plano físico e não atingem o Eu Real. O homem adiantado usa todas estas coisas como instrumento (ou até como brinquedos, quando é necessário tomar parte no brincar de outros), mas sabe sempre o que elas são e nunca deixa-se enganar com elas. Absurda lhe parece a ideia de que sejam necessárias para sua felicidade. E quanto mais um homem se adianta espiritualmente, mais simples se torna o seu gosto. Pode gostar de coisas bem feitas, de boa qualidade, as melhores para o seu fim, mas não tem necessidade delas, e ostentação e exposição são estranhas a seus gostos e suas inclinações. Não é necessário que tenha "matado" os referidos gostos, pois eles mesmos o deixam, não encontrando os seus quartos mentais adequados para a sua acomodação.

Lembrai-vos também que o quarto preceito vos diz: "Sê feliz como o são os que vivem para a felicidade." Isto afugenta a ideia de uma atmosfera triste e pesada. O preceito diz: "Sê feliz" (e não: "Acredita que és feliz"), como o são aqueles que vivem para a felicidade (como a chamam) que vem das coisas do plano físico. este ensino é são. Sede feliz, vivei de tal modo que possais obter felicidade sã e normal em cada hora da vossa vida.

O ocultista não é um homem miserável, triste, sombrio, apesar de pensar-se assim ordinariamente. A sua vida e o seu saber elevam-no acima das vexações e do medo do povo em geral, e o conhecimento de seu destino é muito inspirador. Ele é capaz de elevar-se acima da tempestade e montado no dorso da onda, cedendo a todo movimento da enchente, escapa de ser submergido. Quando as coisas se tornam demasiado desagradáveis para serem suportadas no plano relativo, se eleva simplesmente às regiões mais altas da sua mente, onde tudo é sereno e calmo, satura-se de paz que Nele persiste quando torna a descer, para encontrar as provações e os fardos do dia.

O ocultista é o homem mais feliz do mundo, porque cessou de ter medo; sabe que nada há que possa temer. Está acima de muitas superstições da raça, que atormentam muitas pessoas. Deixou detrás de si o Ódio e a Malícia, dando ao Amor o lugar que desocuparam e necessariamente há de ser mais feliz por causa dessa mudança. Nele não tem mais lugar a ideia de uma Divindade encolerizada, armando-lhe ciladas; ele ri-se quando ouve o conto infantil do diabo com os cornos e cascos de cavalo, cuspidando fogo e enxofre, reinando num enorme abismo onde serão lançados os que se esqueceram de fazer as preces e que, em algum domingo, se divertiram, admirando a beleza da terra que Deus criou, em vez de passarem uma hora na igreja, escutando algum longo sermão teológico.

O ocultista aprendeu que é um filho de Deus, destinado a grandes coisas, e que a Divindade é antes um Pai e uma Mãe amante, do que um cruel carcereiro. Sabe que chegou à maioridade e que o seu destino depende, até certo ponto, dele mesmo. O ocultista não pode deixar de ser otimista; vê que tudo o que acontece é para o bem; que a vida está no Caminho da Aquisição e que o Amor está acima de tudo, abaixo de tudo e em tudo. aprende tudo isto à medida que progride e é feliz, mais feliz do que "aqueles que vivem para a felicidade".

"Procura em teu coração a raiz do mal e arranca-a. Esta raiz vive no coração do discípulo fervoroso tanto como no do homem de desejo. Somente o forte pode destruí-la. O fraco tem que esperar o seu crescimento, sua frutificação e sua morte. É esta uma planta que vive e se desenvolve através das idades. Floresce, quando o homem acumulou em si existências inúmeras. aquele que

quiser entrar na senda do poder deve arrancá-lo do seu coração. E então do coração brotará sangue e a vida do homem parecerá dissipar-se por completo.

"É preciso sofrer esta prova; pode apresentar-se desde o primeiro degrau da perigosa escada que conduz ao caminho da vida; pode não chegar até o último. Mas lembra-te — ó discípulo! — que tens de passar por esta prova e reforça as energias de tua alma para tal empresa. Não vivas no presente nem no futuro, mas sim no eterno. Ali não pode florescer esta erva gigantesca: esta mancha da existência é apagada pela própria atmosfera do pensamento eterno."

Esta admoestação é um resumo dos primeiros três preceitos, explanados pelo quarto. Manda o discípulo procurai em seu coração a relativa ideia de vida e tirá-la daí. Esta relativa ideia de vida traz consigo a parte egoísta da nossa natureza; aquela parte de nós que nos induz a considerarmos-nos melhores do que nossos irmãos; ela é a causa de nos julgarmos separados dos nossos companheiros na cadeia dos seres, como se não tivéssemos conexão com tudo o que vive. É a ideia da parte inferior da nossa mente, o nosso animalismo apenas refinado. Aqueles que estudaram com atenção o nosso primeiro Curso, compreenderão que esta parte da nossa mente é a parte bruta de nós mesmos, a parte que é a sede dos apetites, paixões, desejos de ordem baixa e emoções do plano inferior. Estas coisas não são más em si mesmas, porém pertencem aos degraus inferiores da vida, ao degrau animal, de que termos passado (ou estamos passando) ao degrau de existência humana.

Mas estas tendências estiveram por longas idades em formação e estão profundamente enraizadas em nossa natureza, sendo necessário fazer os mais heroicos esforços para desalojá-las; e o único meio de desalojá-las é substituí-las por estados mentais superiores. Convém chamar agora a vossa atenção para um bem estabelecido princípio do treinamento oculto, o qual, entretanto, raras vezes é mencionado nos respectivos ensinamentos. Referimos-nos ao fato que um mau hábito de pensar ou agir é extirpado com mais facilidade se é suplantado por um bom hábito que é diretamente o oposto. Arrancar um mau hábito com as raízes, requer uma força de vontade quase sobre-humana; ao passo que desalojá-lo, cultivando em seu lugar um hábito bom, é muito mais fácil e parece que está de acordo com o plano natural. O bom hábito vai tirando gradualmente o lugar do mau, até que este não pode mais existir e, depois de uma final luta pela vida, expira. este é o método mais fácil para "matar" hábitos e propensões que não sejam desejáveis.

Quanto às qualidades relativas da mente, pertencem a elas: o amor de si próprio, todos os desejos animais, incluindo os desejos sexuais "no plano físico" (há muitas outras manifestações do sexo, além deste plano) e todas as paixões, como o ódio, a inveja, a malícia, o ciúme, o desejo de vingança, a glorificação e exaltação de si mesmo. O baixo orgulho é uma das suas manifestações mais sutis e perigosas, que volta e toma a voltar, quando pensamos que já o temos exterminado e cada vez apresenta-se em uma forma um tanto mais sutil: o orgulho físico é sucedido pelo orgulho intelectual, orgulho em conhecimentos psíquicos, orgulho no desenvolvimento e crescimento espiritual, orgulho em conduta moral, castidade e caráter, orgulho que diz: "Eu sou mais santo do que tu", etc. De novo torna a molestar-nos o orgulho tentador.

A sua existência baseia-se na ilusão de separatividade, que nos faz imaginar que não temos conexão com outras manifestações de vida e produz em nós o sentimento de antagonismo e rivalidade indigna para com os outros seres, em vez de reconhecermos o fato que nós todos somos partes de Uma Vida: alguns muito atrasados, batendo-se no lado dos degraus inferiores da estrada, outros caminhando no mesmo degrau como nós, outros ainda mais adiantados; todos, porém, no caminho, todos fazendo parte da mesma grande Vida. Preservai-los do Orgulho, esse inimigo mais sutil do adiantamento e suplantai-o pela ideia de que todos somos da mesma origem, temos o mesmo destino ante nós, o mesmo caminho para percorrer; todos irmãos e irmãs; todos somos filhos de Deus; todos pequenos discípulos na grande Escola da Vida. Sabei também que, embora cada um tenha que estar só antes de poder passar as provas de iniciação, entretanto, todos nós somos interdependentes, e a dor de um é a dor de todos, o pecado de um é o pecado de todos; que todos nós somos partes de uma raça que trabalha para se adiantar e crescer, e que o amor e o sentimento de fraternidade são as únicas soluções boas do problema.

Os instintos brutais ainda estão conosco, introduzindo-se continuamente no nosso campo de pensamento. Os ocultistas aprendem a curvar e dominar estes instintos inferiores, subordinando-se

aos ideais mentais superiores que se desenvolvem até ao campo da consciência. Não percais a coragem, se achais que ainda há muita coisa animal em vossa natureza; nós todos o temos e a única diferença é esta: que alguns de nós aprenderam a ter domínio sobre o bruto, refreá-lo e torná-lo subordinado e obediente às partes superiores da nossa natureza, ao passo que outros se deixam governar pela besta, e tremem e empalidecem quando ela mostra os dentes, não sabendo que uma conduta firme a uma mente calma são capazes de obrigar a besta a retirar-se a seu recanto e deixar-se fechar detrás da barreira. Não fiquéis confusos quando achardes constantes manifestações da besta dentro de vós, esforçando-se por se libertar e obter o seu poder antigo. Isto não é sinal de fraqueza, porém, em verdade, uma indicação que o vosso crescimento espiritual já começou. Pois, assim como agora reconheceis o bruto e vos sentis envergonhado, primeiro não sentíeis a sua presença, não notáveis a sua existência, porque vós mesmo éreis o bruto. É unicamente porque tentais divorciar-vos dele que vos sentis envergonhado de sua presença. Não podeis vê-lo enquanto não começais a ser "diferente" dele.

Aprendeí, ó estudante, a ser domador de animais selvagens, porque dentro de vós tendes uma grande coleção deles. Ali estão: o leão, o tigre, a hiena, o macaco, o porco, o pavão e todos os outros, a todo instante mostrando alguns de seus característicos. Não tenhais medo deles; ride-vos quando aparecerem, porque sois mais forte do que eles, podeis subjugá-los e o seu aparecimento vos é útil para vos fazer sabedor da sua existência. Vereis que formam uma companhia muito divertida, quando chegais ao degrau onde vos podeis colocar de lado e olhar como fazem artes e pregam peças. Então sentireis fortemente que eles não são VÓS, mas alguma coisa aparte de vós, alguma coisa da qual vos estais divorciando rapidamente. Não vos aflijais por causa dos animais, porque vós sois o senhor deles.

A citação da Luz no Caminho, acima apresentada, inclui todas as manifestações passageiras da natureza inferior; mas parece referir-se especialmente àquela ilusão do Eu inferior, aquele sonho de separatividade, aquela exibição do que tem sido chamado "ficção operante no universo", que nos induz a imaginarmos que somos coisas separadas do resto, alguma coisa melhor, mais santa e superior aos demais da nossa espécie. Isto se manifesta na emoção de Orgulho, o pavão da nossa coleção de animais. Como já dissemos, esta é umas das mais perigosas das nossas qualidades inferiores, porque é bastante sutil e persistente. Observai que a autora diz: "vive no coração do discípulo fervoroso tanto como no do homem de desejos".

Isto vos parece talvez estranho, mas é a experiência de todo ocultista adiantado que, muito depois que pensou que já tinha deixado o Orgulho detrás de si, é surpreendido pelo seu aparecimento em nova fase: o orgulho do poder psíquico, o orgulho de intelecto, o orgulho do crescimento espiritual. E então há de começar a trabalhar de novo. Aqui havemos de notar que há uma espécie de orgulho que não é manifestação do Eu inferior; poderá chamar-se a forma "absoluta" de orgulho, se quereis. Aludimos ao orgulho em coisas consideradas como um todo — orgulho que o todo é tão grande, belo e maravilhoso e que somos parte deste todo; que o intelecto que manifestamos é parte da Mente Universal; que o nosso crescimento espiritual é uma parte das grandes possibilidades do gênero humano e que ainda muito mais está aguardando a Humanidade no futuro. Chegamos, porém, à linha perigosa, quando começamos a excluir alguém deste orgulho universal; no momento em que separamos uma outra manifestação de vida (por mais inferior que seja) do nosso orgulho universal, fazemos dele um orgulho egoísta. No momento em que traçamos uma linha divisória para alguém de fora, caímos em orgulho egoísta; porque, enfim, o "fora" não existe.

Nós todos estamos dentro; no Todo não há lugar para se designar com a palavra "fora". Quando vos sentis orgulhosos com todos os seres vivos, com toda a vida, com o total dos seres, não sois egoístas; mas logo que vos colocais à parte numa classe, seja esta classe composta de vós só, ou de vós e toda a Humanidade, excetuando um só indivíduo, estais cedendo a uma sutil forma de egoísmo. Não se pode omitir nem o último dos homens. Não possuis qualidade ou adiantamento que não seja propriedade da Humanidade inteira; alguma coisa que todos alcançam, uns é superioridade, é apenas um pouco mais de idade, uns mais cedo, outros mais tarde. Tudo de que pensais que é superioridade, é apenas um pouco mais de idade, um pouco mais de experiência neste

plano de existência.

Vosso orgulho é o louco orgulho infantil da criança que está saindo da primeira classe para entrar na segunda, e olha soberbamente a um bando de pequerruchos que estão entrando na classe que ela já passou. Para os olhos dos que estão em classes superiores, o discípulo do segundo grau é um objeto de sorriso de compaixão, mas não o sabe, pensa que é "grande" e manifesta todas as qualidades de pavão. Antes, porém, de deixarmos esta ilustração, queremos dizer que o pequeno está justificado por sentir orgulho, porque realizou seu adiantamento; isto é um sentimento digno; a parte de pavão vem somente quando olha de cima para os que estão debaixo dele. Esta é a substância da loucura do Orgulho, este sentimento de superioridade aos que ainda estão nos graus mais baixos. Um sentimento de alegria por ter feito o seu trabalho, por ter subido, não é indigno. Preservemo-nos, porém, do sentimento de superioridade aos que ainda estão subindo: aqui está o aguilhão do Orgulho. Extrai o aguilhão e a vossa vespa é inofensiva.

Se alguma vez sentis que sois tentados a glorificar-vos a vós mesmos, lembrai-vos que, comparado com alguma das inteligências que, já há muito tempo, passaram pelo vosso presente estado de desenvolvimento, não sois mais do que a inteligência de um escaravelho, comparada com a vossa própria; sabeis que, para as vistas das almas muito desenvolvidas, a vida quotidiana dos homens mais adiantados na terra atualmente se apresenta como brinquedos, saltos, lutas e quedas de um bando de cãezinhos da Terra Nova, cujos olhos se abriram há poucos dias.

Lembra-vos bem disto e tereis uma ideia de que lugar estais ocupando na escala da inteligência. Isto, porém, não é abaixamento de si próprio; absolutamente não. Tão baixos que somos, em comparação, contudo estamos no caminho do adiantamento e grandes coisas estão diante de nós; não se nos pode roubar nem um átomo de vida, não se nos pode negar a nossa herança; estamos caminhando adiante, adiante, adiante... para as alturas maiores e ainda maiores. Entretanto, gravai-o bem em vossa alma; não sóis VÓS o único que aqui está caminhando, mas toda a Humanidade - sim, até o último homem. Não vos esqueçais disto. No plano do eterno não pode haver semelhante coisa como orgulho egoísta; o conhecimento apagou-o para sempre: "Ali não pode florescer esta erva gigantesca; esta mancha da existência é apagada pela própria atmosfera do pensamento eterno."

## II LIÇÃO MAIS LUZ NO CAMINHO

Antes de passarmos à consideração do preceito seguinte, temos que chamar de novo vossa atenção para a citação da Luz no Caminho, que estivemos comentando no fim da primeira lição. Aparece nela a sentença. "Não vivas no presente nem no futuro, mas sim no eterno."

Esta sentença causou perplexidade a muitos estudantes, aos quais os ensino lhes recomendaram como importante, viver no presente e olhar para o futuro como para o campo de mais largo desenvolvimento; e esta sentença parece ser contrária aos ensinamentos prévios. De novo, porém, trata-se do ponto de vista absoluto e relativo. Vejamos se vô-lo podemos esclarecer.

Viver no presente, considerando-o como coisa diferente do futuro, ou viver (na imaginação) no futuro, considerando-o como coisa separada do presente, é um erro que provém da relativa vista da vida. É o velho engano que nos faz reparar o tempo e a eternidade. A absoluta vista do assunto nos mostra que o tempo e a eternidade são uma coisa só; que estamos na eternidade igualmente hoje, como o estaremos em qualquer momento. Isto destrói a opinião errônea de que uma larga linha está traçada entre este tempo da vida mortal e a "eternidade", em que entraremos quando tivermos saído do corpo e mostra-nos que aqui mesmo, na carne, já estamos na eternidade. Esta vida é apenas uma parte infinitesimal da grande vida, apenas o nascimento do Sol no grande dia da consciência. Viver como se este pequeno período de vida fosse tudo, é a maior loucura dos homens ignorantes. Não caiais, porém, no erro de irdes ao outro extremo de querer "viver no futuro", ignorando e desprezando a vida presente; lembrai-vos do paradoxo que se encontra em toda enunciação da verdade, do reverso da tabuleta. Desprezar a vida presente é igualmente ridículo, como viver pensando que esta vida é tudo.

Assim cometeríamos a tolice de "viver no futuro", contra o que o pequeno manual adverte. Esta vida (ainda que apareça pequena e insignificante, quando comparada à grande vida), é a mais importante para nós; é um degrau no nosso desenvolvimento, que nos é necessário, e não devemos ignorar ou desprezá-lo. Estamos exatamente onde estamos, porque este é o melhor lugar para nós neste grau de nosso desenvolvimento, e não devemos passar esta vida somente em sonhos do futuro, porque temos trabalhos para fazer, lições para aprender e nunca nos poderemos adiantar, se não tivermos cumprido os deveres do nosso presente grau. Esta vida presente não é tudo, mas é parte de tudo; lembrai-vos disto.

Estas dificuldades da distinção entre o presente e o futuro desaparecem, quando os consideramos do absoluto ponto de vista. No momento em que nos tornamos plenamente conscientes de que só o eterno é real e que agora é o todo da eternidade que podemos conceber com a nossa consciência, que dentro de nós sempre é e será agora — quando sabemos isto, os termos relativos "presente" e "futuro" perdem para nós o sentido anterior: e tempo e eternidade — ontem, hoje, amanhã, e sempre e sempre — são considerados apenas como manifestações pouco diferentes do grande eterno. Agora, em que vivemos a todo o instante da nossa existência. este viver no eterno dá-nos regozijo em cada momento da nossa vida presente, permite olharmos para o futuro sem medo, faz-nos sentir conscientemente o que é a vida real, auxilia-nos a realizarmos a consciência do EU SOU, faz-nos perceber as coisas em suas devidas relações; com poucas palavras, dá à vida a realidade que de outra forma lhe faltaria, e é a causa de que velhas vistas relativas despegam-se de nós como as folhas murchas se despegam da rosa. É da autora da Luz no Caminho esta bela expressão:

"Ali não pode florescer esta erva gigantesca; esta mancha da existência é apagada pela própria atmosfera do pensamento eterno."

"5. Mata todo sentimento de separatividade.

"6. Mata o desejo de sensação.

"7. Mata a sede de crescimento.

"8. Entretanto, mantém-te só e isolado, porque nada de quanto tem corpo, nada de quanto não seja eterno pode vir em teu auxílio. Estuda a sensação e observa-a, porque assim unicamente podes começar a ciência do conhecimento próprio, e colocar o pé no primeiro degrau da escada.

"Cresce como cresce a flor, inconscientemente, mas ardendo em ânsias de entreabrir sua alma à brisa. Assim é como deves avançar, abrindo a tua alma ao eterno. Mas deve ser o eterno o que deve desenvolver a tua força e a tua beleza e não o desejo de crescimento. Porque, no primeiro caso, floresces com a louçania da pureza, e no outro te endureces com a avassaladora paixão da importância pessoal."

De novo temos diante de nós um trecho de preceitos paradoxais, dos quais os primeiros três dizem-nos que devemos matar certas coisas, e o quarto nos aconselha (aparentemente) a fazer as mesmas coisas sobre as quais acabamos de ser avisados de não as fazer. É outro exemplo do Paradoxo Divino que está no fundo de todos os ensinamentos ocultistas — os dois lados da tabuleta. Lede o que temos dito a respeito disto na primeira lição, onde começamos a comentar o primeiro preceito. O que ali dissemos pode aplicar-se quase a todos os preceitos da Luz no Caminho.

No quinto preceito diz-se-nos: "Mata todo sentimento de separatividade." O oitavo apresenta-nos o reverso da tabuleta: "Entretanto, mantem-te só a isolado, porque nada de quanto tem corpo, nada de quanto tem consciência da separação, nada de quanto não seja eterno pode vir em teu auxílio." Aqui se nos comunicam verdades vitais que não são senão diferentes lados de uma só verdade. Consideremo-las.

O sentimento de separatividade que é a causa de nos imaginarmos como se tivéssemos sido feitos de material diferente do que os outros homens e mulheres — a causa de nos considerarmos justos — a causa de darmos graças a Deus por sermos diferentes de outros homens e mulheres, e melhores do que eles — é um erro, e provém do relativo ponto de vista. O ocultista adiantado sabe que todos somos partes de Uma Vida, que toda a diferença consiste apenas em termo-nos desenvolvido a tal ponto que as partes superiores da nossa natureza podem manifestar-se por nós. O irmão mais baixo apenas está onde nós estivemos uma vez e, mais tarde, chegará a ocupar a mesma posição que nós ocupamos agora.

Além disso, estamos ligados com a vida de cada outro homem e mulher. Participamos das condições que contribuem a seus pecados e suas vergonhas. Permitimos que existam, em nossa civilização, condições e meios que dão origem ao crime e à miséria. Cada bocado que comemos, cada peça de roupa que vestimos, cada moeda que ganhamos tem alguma conexão com outra gente e suas vidas são entremeadas com as nossas; temos mil pontos de contato com toda a humanidade. A lei de causa e efeito faz companheiros e colegas de pessoas que aparentemente estão tão longe uma da outra, como os polos.

Ao que chamamos pecado, muitas vezes não é senão o resultado de ignorância e de energia mal dirigida; se nós estivéssemos em posição exatamente igual como os que praticam o mal, com o mesmo temperamento, os mesmos costumes, circuito e oportunidade: comportar-nos-íamos melhor do que eles? toda a vida está no Caminho, nós todos nos adiantamos devagar, mas notamos até o adiantamento de um pé. E todos, em verdade, querem fazer o melhor que podem, ainda que as aparências muitas vezes sejam contra eles. Ninguém de nós é deveras bom e perfeito; por que, pois, condenar outros tão prontamente? Estendamos a mão para ajudarmos a quem possamos, mas não digamos: "Eu sou mais santo do que tu." Lembremo-nos do grande Mestre que disse que poderíamos atirar a primeira pedra a quem pecou, só quando nós mesmos estivéssemos sem pecado. Evitemos o sentimento de separatividade no sentido relativo, porque ela é uma cilada e a ilusão é a mãe de quase todos os erros.

Mas agora vamos ao outro lado da tabuleta. Aprendamos a manter-nos sós; havemos de aprender esta lição para nos adiantarmos. A nossa vida pertence a nós mesmos, nós mesmos havemos de vivê-la. Ninguém mais pode vivê-la por nós, como também não podemos viver a vida de outrem. Cada um há de manter-se sobre os seus próprios pés. Cada um é responsável por seus próprios atos. Cada um há de colher o que semeou. Cada um há de sofrer ou gozar, conforme as suas próprias ações. O homem é responsável só perante si mesmo e perante o Eterno. Nada, a não ser o Eterno e mesmo, pode vir em seu auxílio. Cada alma há de elaborar o seu próprio destino e nenhuma alma pode fazer o que compete a outra. Cada alma contém em si mesma a luz do Espírito, que lhe dará todo o auxílio que pede, e cada alma há de aprender a procurar em si mesma esse auxílio. A lição de Coragem e Confiança em si mesmo há de ser aprendida pela alma que cresce.

Ela há de aprender que, como nada do exterior pode auxiliá-la, igualmente é verdade que nada do exterior pode fazer-lhe mal. O Ego é inatingível a qualquer mal e prejuízo, uma vez que fique consciente deste fato. É indestrutível e eterno. A água não pode afogá-lo, o fogo não pode queimá-lo; não pode ser destruído, ele É e sempre será. Há de aprender a manter-se direito em seus próprios pés. Se precisa da certeza da presença de um auxiliador que nunca falta — um que possui ilimitado poder e sabedoria — deve olhar o Eterno: ali está tudo de que necessita.

O sexto preceito diz-nos: "Mata a sede de crescimento." E o oitavo ajunta: "Estuda a sensação e observa-a, porque assim unicamente podes começar a ciência do conhecimento próprio e colocar o pé no primeiro degrau da escada." Outro paradoxo. Procuremos a chave.

A advertência do sexto preceito dirige-se contra o desejo de satisfazer os sentidos. Os prazeres dos sentidos pertencem ao plano relativo. Começamos sentindo prazer no que agrada aos sentidos grosseiros, e daí gradualmente passamos aos prazeres que vêm pelos sentidos mais altos. Crescemos acima de certas formas de satisfação dos sentidos. Passamos da sensualidade à sensibilidade, nos seus degraus inferiores e superiores. Há no homem uma constante evolução quanto à satisfação dos sentidos. As coisas de que temos gostado ontem, parecem-nos hoje sem gosto, e assim sempre será, em cada passo que damos para diante e para cima na escala da vida. Havemos de cessar de nos ligar à satisfação dos sentidos; prazeres mais altos aguardam a alma. Os prazeres dos sentidos são todos bons e, em seu lugar, têm uma destinação na evolução da alma, mas esta há de preservar-se de ser ligada ou apegada a eles, porque o seu progresso se retarda com isso; — bagagem inútil há de se posta de lado, quando a alma sobe; deve marchar sem carregar peso.

É necessário que corteis audazmente os laços que vos ligam à satisfação dos sentidos; só assim podereis adiantar-vos. Por isso, "Matai o desejo de sensação". Notai bem, o preceito não diz que deveis matar a sensação, mas o desejo de sensação. Nem desejeis a sensação, nem dela fuja, como se fosse coisa má. Aproveitai a sensação para coisa boa, estudando-a e aprendendo dela a lição que dá, para poderdes ver o que a sensação vale e serdes capaz de vos libertar dela.

Diz o oitavo preceito: "Estuda a sensação e observa-a, porque assim unicamente podes começar a ciência do conhecimento próprio e colocar o pé no primeiro degrau da escada."

Isto não quer dizer que deveis entregar-vos à satisfação dos sentidos para aprender a lição que ela dá; a alma adiantada elevou-se acima deste estado. Deve-se estudar as sensações como de fora, e não é necessário indulgenciar um sentido para aprender a lição que vos deve ensinar. O verdadeiro significado deste preceito é que, quando sentimos que experimentamos certas sensações, devemos pesá-las, medi-las, examiná-las e não olhá-las com horror. Estas coisas são uma parte de nós, vêm da Mente Instintiva e são nossa herança dos prévios estados inferiores da nossa existência. Não são más em si mesmas, mas são indignas de nós no estado de nosso "Eu", o reflexo das coisas que nos forem próprias e naturais nos nossos estados mais animais, porém acima das quais já estamos crescendo.

Podereis aprender muito, observando os sintomas dessas manifestações dos sentidos, já moribundas e podereis libertar-vos delas mais depressa do que aconteceria se as temêsseis como se fossem manifestações de uma entidade de fora de vós, como tentações de um Diabo pessoal. Com o tempo, vos libertareis destas coisas e o seu lugar será ocupado por algo melhor e mais digno. Por enquanto considerai-as como o Instintivo desejo de fazer alguma "arte" de rapaz, que em seu tempo era natural, mas agora não é natural nem desejável. Muitas pessoas adultas dificilmente venceram os costumes infantis de chupar o dedo ou torcer uma madeixa entre os dedos, costumes que são tão inocentes nos dias de infância, mas que causaram muitas repreensões e castigos às crianças crescentes e, nos anos posteriores, muitas vezes foi necessário exercer a vontade do adulto para abandoná-los. Olhemos deste modo para esses sintomas da infância da nossa vida d'alma e libertemo-nos deles, compreendendo a sua natureza e significado, e não os consideremos com medo, como "obra do Diabo". O único Diabo que há é a Ignorância e o Medo.

O sétimo preceito nos diz: "Mata a sede de crescimento." Mas o oitavo adverte: "Cresce como cresce a flor, inconscientemente, mas ardendo em ânsias de entreabrir sua alma à brisa. Assim é como deves avançar abrindo a tua alma ao Eterno. Mas deve ser o Eterno que deve desenvolver a

tua força e a tua beleza e não o desejo de crescimento. Porque no primeiro caso floresces com a louçania da pureza, e no outro te endureces com a avassaladora paixão da importância pessoal."

A autora das citadas palavras expôs tão claramente esta dupla enunciação de verdade, que basta um curto comentário, mesmo para os que apenas estão entrando no Caminho. A distinção entre o "desejo de crescer" e o desenvolvimento que vem à alma adiantada, está no motivo. "Desejo" ou sede de crescimento para glorificação própria, uma sutil forma de vaidade e uma refinada forma de ambição egoísta. E este desejo aplicado ao espiritual, tende ao que os ocultistas chamam "magia negra", que consiste em desejo de poder espiritual para usá-lo em fins egoístas ou para a mera sensação de poder que tal desenvolvimento traz. Nunca é demais advertir o estudante de ocultismo contra tais desejos e práticas; é o lado preto do quadro e aqueles que seguem o caminho que vai para baixo encontrarão um terrível castigo em consequência das suas ações, e muitas vezes hão de trabalhar e sofrer durante séculos, antes que de novo achem o Caminho, sobre o qual o Sol do Espírito brilha tão claramente.

O crescimento que se deve desejar é o natural crescimento da alma, o crescimento que é comparado com o crescimento da flor — gradual e inconsciente, porém ansioso de entreabrir a alma aos raios benéficos do grande Sol Central da Vida; este crescimento consiste mais em "deixar" do que em "forçar, e vem-nos todos os dias, se não o contrariamos. Se a alma se desenvolve, o Espírito manifesta-se gradualmente à sua consciência. Muitos estudantes atormentam-se a si próprios e a seus instrutores, com as perguntas ansiosas: "Que devo fazer?" A única resposta é: "Deixai de fazer trabalho forçado e não contrarieis o vosso crescimento." E crescerei, deste modo. Cada dia aumentará vossa experiência, cada ano vos encontrará mais adiante no Caminho. Poderá parecer-vos que não estais progredindo; mas comparai-vos com vós mesmos um ano atrás e notareis o adiantamento. Ide adiante, vivendo a vossa vida da melhor forma que sabeis, fazendo a vossa obra da melhor maneira que podeis — dia por dia, não vos afligindo com o pensar na vida futura, vivendo no grande e glorioso Presente, e deixando o Espírito trabalhar mediante vós, em confiança, fé e amor. E, caro estudante, tudo será bom para vós. Estais no caminho direito, ide por ele, preferindo sempre o do meio, alegrai-vos com o aspecto das cenas que se vos apresentam aos lados, gozai das brisas refrigerantes, achai prazer no dia e na noite — tudo é bom, e assim estais fazendo progressos sem sentirdes os cansaços da viagem.

O homem que conta as pedras miliárias e, aflito, pensa nas milhas que ainda há de percorrer, e como anda devagar, redobra os cansaços e perde as belezas dos arredores. Em vez de pensar no que vê, pensa só em milhas, milhas, milhas e ainda mais milhas que tem que percorrer em sua viagem.

Que é que nos diz a sabedoria?

"9. Deseja unicamente o que está em ti.

"10. Deseja unicamente o que está fora do teu alcance.

"11. Deseja unicamente o que é inatingível.

"12. Porque em ti está a luz do mundo, a única que pode difundir-se no caminho. Se és incapaz de percebê-la dentro de ti, é inútil que a procures noutra parte. Está fora do teu alcance, porque quando chegares a ela já não te encontras a ti mesmo. É inatingível, porque retrocede sempre. Entrarás no seio da luz, mas nunca tocarás a chama."

Estes quatro preceitos formam outros paradoxos de que está cheio o admirável manual que estamos comentando. Aos que não acharam a chave, parecerá que são muito contraditórios e mal compostos. Ao homem ordinário parece ridículo dizer que deveis desejar alguma coisa que está em vós — e todavia fora do vosso alcance — e que é inatingível. Para quem, entretanto, tem a chave, estes ensinamentos são claros e belos. eles se referem ao desenvolvimento da Consciência Espiritual, à Iluminação, que tão insuficientemente descrevemos na primeira série das nossas lições (Catorze Lições). Esta é a primeira grande aquisição que devemos fazer no Caminho. Ela significa tudo para o ocultismo neste ponto da viagem, porque o transfere do plano de mera crença ou aquiescência intelectual ao plano em que sabe que é. Não o dota para sempre de ciência universal, mas dá-lhe a consciência da verdadeira existência espiritual, e, em comparação com esta, nada vale qualquer outra experiência e ciência. Esta consciência espiritual coloca-nos (talvez só por um instante) face a

face com Eu Real e com a Grande Realidade, de que esse Eu é apenas uma parte. este estado de consciência é o grande prêmio que é destinado a coroar os esforços que faz a Humanidade para libertar-se e é uma recompensa cuja aquisição vale muitas vidas de desenvolvimento.

"Deseja unicamente o que está em ti" — porque o Espírito é a única realidade, e está em cada um de nós. Diz o texto: "Porque em ti está a luz do mundo, a única luz que pode difundir-se no caminho. Se és incapaz de percebê-la dentro de ti, é inútil que a procures noutra parte." Por que não seguem este conselho os ansiosos buscadores da Verdade? Por que não procuram em si mesmos, em vez de correrem cá e acolá, atrás de mestres, profetas, videntes e guias, engolindo uma doutrina estranha, após outra? Tudo isto é inútil — porque nos convence que aquilo que procuramos não pode ser achado dessa maneira. E nunca achareis em tal caminho o que buscais. Podereis obter uma senha aqui, uma sugestão ali, mas a verdadeira coisa está dentro de vós, esperando com paciência a hora em que ali a procureis com confiança, esperança e amor. Oh, escutai a voz da alma, procurai a luz do Espírito. Estão em vós; porque, pois, continuais a buscar o que nunca podereis encontrar no exterior?

"Deseja unicamente o que está fora do teu alcance." "A luz está fora do teu alcance, porque quando chegares a ela, já não te encontras a ti mesmo." A luz espiritual está sempre fora de vós, e quando vos tornais uno com ela, o velho "Eu" relativo desaparece e o seu lugar ocupará um outro, maior EU. É preciso perder-se, para encontrar-se a Si Mesmo. Neste sentido, a grande coisa que deveis desejar está fora do alcance do vosso "Eu" de hoje e é dentro de vós que a encontrareis; é verdadeiramente o vosso Eu Real, vós mesmo, como sereis. Podemos explicá-lo mais claramente? O menino deseja ser homem; o objeto do seu desejo está fora de seu alcance, mas o menino é o homem em embrião e os elementos de homem estão Nele, aguardando a hora do desenvolvimento, Quando, porém, esse menino chega a ser homem, deixou de ser menino: perdeu o seu "Eu" de criança, mas encontrou em seu lugar, o seu "Eu" de homem.

Assim é que aquilo que o menino deseja, realmente faz que não se encontre a si mesmo. A borboleta está na lagarta — mas também está fora do seu alcance — e quando a lagarta chega a ser borboleta, não é mais lagarta. Estas comparações são um pouco grosseiras, porém, talvez que vos ajudem a compreender o assunto com mais clareza.

"Deseja unicamente o que é inatingível." Isto parece desalentar-vos mas quando o compreendemos, dá-nos nova energia. O texto prossegue. "É inatingível, porque retrocede sempre. Entrarás no seio da luz, mas nunca tocarás a chama." À medida que a alma se adianta em consciência espiritual, aumenta em grandeza e poder; está dando apenas os primeiros passos da verdadeira viagem, mas esta viagem está se tornando mais e mais agradável. À medida que subimos a montanha do Adiantamento, as vistas tornam-se, a cada passo, mais grandiosas. Mas o cume da montanha, que nos parecia estar tão perto no princípio da nossa viagem, agora parece retroceder continuamente. Entretanto, não é frustrado o nosso esforço, porque cada passo no caminho é agora acompanhado de vivíssimo prazer. Igual é o caso que se dá no desenvolvimento da alma. À proporção que se dá passo após passo, aparecem à vista maiores alturas, emergindo das nuvens que as encobriam. Há alturas de que não se sonhou. Podereis chegar ao ponto mais alto que agora possais avistar (o que para vós será um adiantamento muito grande nesse momento), mas quando lá estiverdes, achareis que diante de vós ainda há igual porção de caminho a percorrer, como o que já deixastes detrás — sim, até maior. Tudo isto, porém, não vos acabrunhará, quando tiverdes compreendido o que significa. À medida que entrardes na grande luz, tomar-vos-eis conscientes de que vos aproximais gradualmente do grande centro de Luz — entretanto, ainda que estejais todo banhado pelo glorioso fulgor, não chegastes a tocar a chama — e nunca a tocareis, como homem. Mas não vos inquieteis, se não podeis ver o fim — se há um fim. Estais destinado a ser uma coisa muito mais elevada e mais poderosa do que sois hoje; uma coisa tão diferente do que sois, que a vossa mais audaz imaginação não é capaz de dar-vos disso uma fraca ideia, E além desse estado há outros ainda, e mais outros e outros, e muitos outros estados de existência. Regozijai-vos na luz, não vos entristeçais porque se vos disse que nunca tocareis a chama: — não sabeis o que é a luz brilhante, a chama está além de vossa compreensão.

"13. Deseja ardentemente o poder.

"14. Deseja ardentemente a paz.

"15. Deseja as possessões acima de tudo.

"16. Mas estas possessões devem pertencer à alma pura e, por conseguinte, devem ser possuídas igualmente por todas as almas puras, sendo assim a propriedade especial do todo, que unidas o constituem. Anela as possessões próprias da alma pura, a fim de que possais acumular riquezas para aquele espírito comum de vida, que é o teu único ser verdadeiro. A paz que deves desejar é aquela paz sagrada que nada pode perturbar e no seio da qual a alma cresce, como cresce a flor santa no seio das lagoas tranquilas. É esse o poder a que deve aspirar o discípulo; é aquele que o fará aparecer como nada aos olhos dos homens.

"17. Procura a senda.

"18. Busca o caminho penetrando no interior.

"19. Busca o caminho avançando resolutamente para o exterior."

Aqui tendes outro exemplo do relativo e absoluto. "Deseja ardentemente o poder." O poder, entretanto, o poder egoísta, é a maior maldição do homem que o possui. O poder do Espírito, que é "o poder a que deve aspirar o discípulo", pode realmente fazê-lo "aparecer como nada aos olhos dos homens" que lutam pelo poder material; porque é o poder consciente, do qual o homem ordinário nada sabe — do qual é incapaz de formar uma ideia ou imagem mental; e é muito propenso a considerar como um louco o homem que possui esse poder ou quem procura alcançá-lo. O poder aplicado com desinteresse é incompreensível para o homem ordinário que procura o poder mundano; mas esse poder mundano e tudo que com se pode alcançar, romper-se-á diante da chama do tempo, como um pedaço de tecido diante do fósforo e converter-se-á em cinza num instante, ao passo que o poder real do adiantamento espiritual cresce e torna-se mais forte e mais extenso com o decorrer dos anos. O poder espiritual é a substância, o poder material é a sombra; mas o mundo inverte a posição de ambos, por causa da sua visão imperfeita.

Não caiais no erro de pensardes que o décimo sexto preceito aconselha ao estudante procurar "aparecer como nada aos olhos dos homens". Não é este o sentido; o estudante deve evitar a vontade de "aparecer" como nada. Deve evitar as aparências; elas pertencem ao mundo de sombras e o verdadeiro estudante não tem nada com elas. Deixai que o mundo atenda às suas "aparências"; deixai-o que se divirta com os seus brinquedos e suas bolhas de sabão. Não queirais "aparecer"; deixai o mundo que o faça, se diverte com isso e o seu divertimento não vos prejudicará. Dizemo-lo, porque alguns interpretaram este preceito como se fosse um incentivo à humildade arrogante, semelhante à "humildade" de Uriah Heep. Como se "aparecer" nada fosse como uma virtude especial!

O preceito indica qual é o único poder digno de ser procurado e, ao mesmo tempo, mostra ao estudante como o mundo profano não reconhece este poder como "poder"; porém, o poder mundano é igual ao poder do lunático que, sentado num trono de caixas de sabão, com uma coroa de papelão e um cetro infantil, imagina que é o Senhor de tudo. Deixai o mundo que se divirta — não vos importa; vós, porém, procurai o real poder do Espírito, sem que vos influencie a ideia, como "aparece" ao mundo.

"Deseja ardentemente a paz." Mas esta paz é a paz que vem de dentro e que podeis gozar, ainda que estejais no meio do combate da vida — ainda que sejais o supremo comandante do exército do mundo ou um dos seus mais humildes soldados. Esta paz da alma despertada e consciente, em verdade, é "aquela paz sagrada que nada pode perturbar e no seio da qual a alma cresce, como cresce a flor santa no seio das lagoas imóveis". Esta paz vem só aos que despertaram à consciência de sua existência espiritual. Uma vez atingido, este estado dá ao homem a possibilidade de pôr de lado uma parte de sua natureza, à qual pode retirar-se, quando os embaraços e a luta da vida externa o perturbam; e ela o circunda imediatamente com a paz "que é superior ao entendimento", porque está além do domínio do entendimento do intelecto. esse santuário da alma é "o porto de descanso para a mente inquieta; ali pode ela procurar o abrigo das tempestades que estão uivando por fora. Quando o homem chega à consciência do que é realmente e pode ver o que é o mundo de ilusões, acha este lugar de paz. E, embora as necessidades de sua vida o colocassem numa posição que o obriga a tomar parte na luta, simplesmente está em luta, mas não é homem de

luta, porque, enquanto uma parte da sua natureza desempenha o papel que lhe coube, o seu Eu superior eleva-se acima do tumulto e sorri serenamente a tudo isso. Construiu para vós mesmos um santuário interno, em que reina Silêncio e onde pode a vossa alma retirar-se para descansar e restabelecer-se. Esta é a paz a que se referem os Yogues, quando dizem: "A Paz seja contigo." E a Paz seja com todos vós!

"Deseja as possessões acima de tudo". Isto pode parecer contrário aos ensinamentos espirituais; porém, lede adiante: "Mas estas possessões devem pertencer à alma pura e, conseguintemente, devem ser possuídas igualmente por todas as almas puras, sendo assim a propriedade especial do todo que, unidas, o constituem. Anela as possessões próprias da alma pura, a fim de que possa acumular riquezas para aquele espírito comum de vida, que é o teu único ser verdadeiro." É claro que estas possessões não são materiais, mas são as possessões da alma. E que é o que a alma pode possuir? Só o saber, porque tudo o mais é irreal e desaparece. Por isso, deve a alma desejar a possessão e a realização do saber de que necessita — a ciência do Espírito. E esta melhor ciência pode ser possuída somente pela alma pura; as almas de outras espécies não a procuram. E a alma pura está disposta a possuí-la em comunhão com todas as outras almas, capazes de aceitá-la e compartilhá-la ou fazer dela uso, e nenhuma tentativa se faz de atribuir-se especiais direitos de propriedade nessas possessões, que são reconhecidas como a propriedade do "todo unido". Não pode haver direitos exclusivos na ciência espiritual, embora alguns mortais assim julguem — não pode haver monopólio destas possessões, porque são comuns como a água para todos os que querem recebê-las. E apesar de serem as mais preciosas de todas as possessões, não se compram com dinheiro, e ai! de quem quiser vender os dons do Espírito, porque vende coisas que não podem ser fornecidas senão aos que estão preparados para recebê-las, e os que estão preparados para recebê-las não têm necessidade de comprá-las; basta servirem-se, como os convidados à mesa de um festim.

Chamamos vossa atenção para a sentença que diz que devemos desejar "acumular riquezas para aquele espírito comum de vida, que é o vosso único ser verdadeiro". Porque, quando alcançais saber espiritual, estais acumulando não só para vós mesmos, como também para outros; estais trabalhando tanto para a Humanidade, como para vós mesmo. A Humanidade ganha com adiantamento que os seus membros fazem em aquisição do saber espiritual, e vós a fazeis mais fácil para outros, dos quais alguns estão vivendo agora, e outros viverão mais tarde. Estais fazendo a vossa parte para elevar o pensamento do mundo. E, como tendes gozado alguns dos tesouros acumulados por aqueles que passaram antes de vós nos tempos idos, igualmente gerações vindouras aproveitarão o que vós agora estais acumulando. Nós somos apenas átomos num poderoso Todo, e o proveito de um é proveito de todos. Nada se perde. Por isso: "Deseja as possessões acima de tudo."

"Procura a senda." Não a procureis por esforço estrênuo, mas abrindo-vos mesmo aos sopros do Espírito — reconhecendo a fome que a alma tem de pão espiritual, e a sede de beber da fonte de vida. Absorvei o saber pela Lei de Atração. Ele virá a vós em obediência a esta lei. É vosso porque o procurais e nada pode tirar-vos-lo, nem apartar-vos dele. Diz Emerson: "As coisas que são para ti, gravitam para ti. Oh, acredita, como vives, que cada som que é pronunciado no orbe do mundo, para ser ouvido por ti, no teu ouvido vibrará. Cada ação, cada provérbio, cada livro que é destinado a servir-te de auxílio ou conforto, com certeza chegará à tua casa por passagens abertas ou arejadas."

E esta será a vossa prova da verdade: Quando vos vem uma mensagem que parece despertar em vós uma lembrança de alguma verdade quase esquecida, essa verdade é vossa — pode ser que não seja a verdade inteira, mas tanto quanto sentis que é verdade, é vosso — o resto virá com o tempo. Contam que alguém, tendo pedido a Emerson que provasse certas palavras que enunciara numa preleção, respondeu: "Julgo que nunca enuncio uma verdade que precise ser provada." Ele teve razão. A verdade é evidente por si mesma.

Quando a alma que desperta ouve a enunciação de uma verdade, estando já preparada a recebê-la naquele tempo, instintivamente a reconhece como tal. Pode ser incapaz de explicá-la aos outros, ou até a si mesma, mas sabe que assim é, SABE. Quando despertam as faculdades da Mente Espiritual percebem a verdade por seu próprio método. A Mente Espiritual não segue um rumo

contrário à razão, mas transcende o Intelecto; vai além e vê que o Intelecto não pode compreender. Lendo ou ouvindo palavras de que se afirma que são verdades, aceitai só aquilo que apela à razão superior e deixai de lado, por esse tempo, aquilo que não apela a ela. Pode ser que encontreis numa preleção ou num livro uma só sentença que é conforme à vossa razão superior: aceitai-a e não vos inquieteis pelo resto. Se aquilo que deixastes de aceitar for realmente verdade, virá a vós, quando estiverdes preparados e não pode escapar-vos. Não vos aflijais, se não podeis compreender tudo que ouvís ou ledes; passai por cima do que não desperta o som correspondente à nota que está em vós. Isto é uma prova certa e uma regra. Aplicai-a a todas as escritas e a todos os ensinamentos — inclusive o vosso! Não vos deixeis perturbar pelo aparente conflito dos ensinamentos que ouvís e ledes. Cada instrutor há de ensinar pelo método que lhe é próprio, e cada instrutor tocará em alguma coisa omitida pelos outros. Todos os instrutores estão com alguma verdade — nenhum com a verdade inteira. Tomai o que é vosso, onde quer que o encontreis; e o resto deixai. Não sejais partidários fanáticos dos instrutores; ouvi o que dizem, mas em tudo isso apelai para a aprovação da vossa alma. Não sejais adepto cego; sede um indivíduo. A vossa alma é tão boa para julgar como qualquer outra; para vós é até melhor, porque sabe de que necessitais e está arranjando-o continuamente para vós. Instrutores são úteis, e livros são úteis, porque vos dão sugestões e suprem os elos que faltam; (dão-vos pontos soltos da ideia que podeis desenvolver em horas vagas; corroboram aquilo que está meio despertado em vossa mente; ajudam a vossa mente a dar luz a novos pensamentos. Mas a vossa própria alma há de fazer o trabalho que a ela pertence; ela é o primeiro juiz para dar o que é melhor para vós; é o conselheiro mais sábio, o instrutor mais habilitado. Prestai atenção à voz do vosso interior. Confiai em vossa própria alma, ó estudante! Olhai para dentro, com confiança, fé e esperança. Olhai para dentro, pois ali está a centelha da Chama Divina.

"Busca o caminho, penetrando no interior." Acabamos de falar desta confiança no interior. Este preceito dá mais força a esta fase do ensino ocultista. Aprendei a penetrar no Silêncio e escutai a voz da vossa alma; ela vos falará de muitas coisas grandes. No Silêncio se desenvolve a Mente Espiritual, e fornecerá à vossa consciência pedaços das grandes verdades que estão enterradas em seus recantos. Fornecerá ao Intelecto certos fragmentos de verdade, do seu próprio rico depósito, e o Intelecto os aceitará depois e raciocinará sobre as premissas assim, obtidas. O Intelecto é frio, a Mente Espiritual é calorosa, ativa e dotada de alto sentimento.

A Mente Espiritual é a fonte de muita "inspiração". Poetas, pintores, escultores, escritores, pregadores, oradores e outros receberam esta inspiração no passado e recebem ainda. Esta é a fonte de onde o vidente obtém a sua visão, o profeta a sua previsão. Por meio do desenvolvimento de sua Consciência Espiritual pode o homem por-se em alta relação com esta elevada parte da sua natureza e tornar-se assim possuidor de um saber de que o Intelecto não ousou nem sonhar.

Quando aprendemos a confiar ao Espírito, ele nos responde, dando-nos mais frequentes fulgores de iluminação e esclarecimento. À medida que o homem se desenvolve em Consciência Espiritual, confia mais à Voz Interna e torna-se mais capaz de distingui-la dos impulsos que vêm dos baixos planos da mente. Aprende a seguir o guia do Espírito e aceita a mão auxiliadora que este lhe estende. Ser "guiado pelo Espírito" é um fato vivo e real na vida de todos os que alcançaram certo grau de desenvolvimento espiritual.

Busca o caminho avançando resolutamente ao exterior. "Não temais." Nada pode fazer-vos mal. Vós sois uma alma viva, eterna. Por isso, sede resolutos. Olhai ao redor de vós e vede os acontecimentos no mundo — e aprendei disso. Vede as obras do grande tear da vida, observai o voo das lançadeiras, vede os estofos de vários tecidos e de várias cores, que se está fabricando. Comparai tudo isto à Vida. Não vos assusteis. Ao redor de vós jazem lições, aguardando que as estudeis e aprendais. Vede a vida em todas as suas fases; isto não quer dizer que deveis ir para trás e começar a viver de novo fases que já deixastes atrás de vós por tê-las concluído; mas olhai para elas todas sem horror e sem desgosto. Lembrai-vos que das fases inferiores se desenvolvem fases superiores. Do limo do rio, o belo loto ergue o seu talo, e através da água se eleva ao ar e desenvolve as suas lindas flores. Do limo da existência física, eleva-se a planta da vida através da água do plano mental, até no ar do plano espiritual e ali se desenvolve. Olhai ao redor de vós e vede o que as pessoas estão fazendo, o que estão dizendo, o que estão pensando; tudo isso é bom, em

todas as suas fases, para os que estão nesses degraus. Vivei a vossa própria vida, no vosso próprio plano de desenvolvimento, mas não menosprezeis os que ainda estão nos planos inferiores. Vede a Vida em todas as suas formas palpitantes e realizai o conhecimento de que sois parte de tudo isso. Tudo isso é só Uma Coisa e vós sois parte dela. Sentis o crescimento da onda em baixo de vós, cedei a seu movimento - não sereis submergido, porque estais sentado no seu dorso e vos segurais no seu seio.

Não temais o exterior, nem quando vos retirardes ao interior: ambos são bons, cada um em seu lugar. O vosso Santuário Interno seja o vosso real lugar de descanso, mas não tenhais medo de avançar para o exterior. O vosso retiro não pode ser cortado. Vede o mundo exterior, sabendo que o lar sempre vos aguarda. Entre o décimo oitavo e décimo nono preceito não há contradição. Vamos repetir-vo-los para que compreendais que são apenas os dois lados da mesma verdade: "Busca o caminho, penetrando no interior — e busca o caminho, avançando resolutamente para o exterior." Não vedes que ambos são necessários para formarem a enunciação completa de Verdade?

"Busca-o, mas não em uma direção." Esta é uma precaução necessária. Diz a autora dos preceitos: "Para cada temperamento existe uma via ao parecer mais desejável." Mas aqui há sutil tentação: o estudante poderia facilmente contentar-se com aquela via só que prefere o seu temperamento particular, e, por conseguinte, fechar os seus olhos às outras vias. Assim, porém, torna-se fanático, parcial, de vistas curtas. Deveria explorar todos os caminhos que lhe parecem conduzir à verdade, aproveitando um pouco aqui e um pouco ali, segurando aquilo que apela à sua consciência interna e deixando o resto, mas sem condenar aquilo que vê que não pode aceitar. Não sejais partidário, nem fanático, nem sectário. Porque preferis uma forma de ensino, não vos apresseis a concluir que todos os ensinamentos que não concordam com o vosso sejam necessariamente falsos. Há muitas formas de apresentar a verdade, cada uma própria para a compreensão de certas pessoas. Em muitas formas de expressão, que à primeira vista parecem ser contraditórias, reconhece-se mais tarde o mesmo princípio fundamental. Muitas das aparentes diferenças de ensino dependem somente do uso (ou abuso) de palavras. Quando compreendemos cada palavra e termo, usados por outrem, achamos frequentemente que entre nós há muitas coisas comuns, e só poucas diferenças.

"20. Busca-o (o caminho), mas não em uma direção única. Para cada temperamento existe uma via ao parecer mais desejável. Porém, só pela devoção não se encontra o caminho, nem pela mera contemplação religiosa, nem pelo ardor de progresso, nem pelo laborioso sacrifício de si mesmo, nem pela estudiosa observação da vida. Nenhuma destas coisas por si só faz adiantar ao discípulo mais de um passo. Todos os degraus são necessários para percorrer a escada. Os vícios dos homens se convertem em degraus da escada, um a um, à proporção que vão sendo dominados. As virtudes do homem são, em verdade, degraus necessários, dos quais se não pode de modo algum prescindir. Entretanto, ainda que criam uma bela atmosfera e futuro feliz, são inúteis, se estão isoladas. A natureza toda do homem deve ser sabiamente empregada por aquele que deseja entrar no caminho.

"Cada homem é absolutamente para si mesmo o caminho, a verdade e a vida. Isto, porém, é só quando domina firmemente toda a sua individualidade, e quando, pela energia de sua acordada espiritualidade, reconhece que esta individualidade não é mesmo, mas aquela coisa que criou trabalhosamente para seu uso e por cujo meio se propõe, à proporção que o seu crescimento desenvolve lentamente a sua inteligência, alcançar a vida além da individualidade. Quando sabe que para isto existe a sua assombrosa vida complexa e separada, então, em verdade, e só então se acha no caminho. Busca-o, submergindo-te nas misteriosas e esplêndidas profundidades do mais íntimo do teu ser. Busca-o, provando toda a experiência, utilizando os sentidos, a fim de compreender o desenvolvimento e a significação da individualidade, a formosura e a obscuridade desses outros fragmentos divinos que contigo e a teu lado combatem e que formam a raça, à qual pertences. Busca-o, estudando as leis do ser, as leis da natureza, as leis do sobrenatural: e busca-o, prosternando a tua alma ante a pequena estrela que arde no interior. Enquanto vigias e adoras com perseverança, a sua luz irá sendo mais e mais brilhante. Então poderás conhecer que encontraste o começo do caminho. E quando encontrares o fim, a sua luz se converterá subitamente em luz

infinita."

O vigésimo preceito deve ser cuidadosamente lido por todo estudante que deseja viver a vida do Espírito, e que deseja adiantar-se no Caminho. Deve ser lido, relido e estudado. Contém muitas coisas que não se compreenderá com a primeira leitura, nem com a décima, nem com a centésima. O seu significado se alargará à proporção que as nossas experiências vos tornam preparados a recebê-lo. Diz-vos que a vossa vida não deve ser unilateral, mas deve ser variada. Deveis tirar proveito para vós mesmo das vantagens da vida interna, mas não deveis fugir do mundo, porque dele haveis de aprender. Sois necessários para outros neste mundo, e os outros para vós, e deveis fazer o que vos cabe. Não podeis fugir nem se quiserdes; por isso, aceitai a vossa tarefa e empregai o vosso presente estado como uma coisa por meio da qual podeis subir a coisas maiores. Sois uma peça no grande mecanismo da vida e deveis fazer o vosso trabalho. "A natureza toda do homem deve ser sabiamente empregada por aquele que deseja entrar no caminho."

Esta vida pode ser levada em vosso negócio, vossa profissão ou vosso ofício; se não pode ser levada convosco a toda parte, há alguma falta nela ou em vós. Não deveis aguardar até que o mundo compreenda o vosso conceito de vida. Não podeis impor os vossos conceitos ao mundo que ainda para eles não é maduro; leite para as crianças de peito e carne para os adultos, lembrai-vos disso. A maior parte das pessoas que vos circundam, são espiritualmente consideradas como crianças ainda não nascidas, e muito poucos ainda são os que deram o primeiro fôlego de criança. Não carregueis o vosso coração sobre a manga, para que os gaios não o piquem. Jogai bem no gamão da vida, em que sois forçado a tomar parte; embora o considereis brinquedo de meninos, não vos torneis incômodo para as crianças; juntai-vos a elas, como se o jogo vos alegrasse; achareis Nele lições para aprenderdes. Não penseis que deveis andar com a "cara de domingo", não façais ares de um "santo" ou de um viveur, sede natural, nada mais. Não tenhais medo de rir ou sorrir. Bom humor é um dos melhores dons que Deus dá aos homens, e preserva-os de cometer muitas loucuras. Um riso, às vezes, é tão bom como uma prece. Não tomeis as coisas demasiado sério, não olheis com ar pedantesco ao divertimento das crianças da escola de Deus.

Não é necessário comentarmos por extenso o vigésimo preceito, porque é bastante completo e vai às minuciosidades. Estudai-o com atenção; contém uma regra de vida para os estudantes. As sentenças com que conclui são magníficas: dizem-vos que deveis abrir-vos ao desenvolvimento do vosso Eu Superior, para que tudo possa ser visto com a luz que arde no interior. Escutai as palavras: "Busca-o, prosternando a tua alma ante a pequena estrela que arde no interior. Enquanto vigias e adoras com perseverança, a sua luz irá sendo mais e mais brilhante. Então poderás conhecer que encontraste o começo do caminho, E quando encontrares o fim, a sua luz se converterá subitamente em luz infinita."

Lede também a nota que acompanha este preceito. Todos estes ensinamentos conduzem ao pleno despertar da Consciência Espiritual.

O preceito vigésimo primeiro manda: "Busca a flor que deve abrir-se durante o silêncio que segue a tormenta e não antes." O arco-íris da Consciência Espiritual aparece só depois da tormenta, pela qual haveis de passar. É o sinal divino da paz que vos chega.

Na nossa próxima lição, que tratará da Consciência Espiritual, falaremos do vigésimo primeiro preceito, que é a pedra fundamental destes ensinamentos. É necessário descrever a outra parte do arco, mas a pedra fundamental deverá ser estudada em primeiro lugar. Estudai esta lição bem durante o mês para que possais compreender a seguinte.

### III LIÇÃO CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL

O preceito vigésimo primeiro da primeira parte da Luz no Caminho, o preceito que se refere diretamente àquilo a que os preceitos precedentes guiaram, diz-nos:

"Busca a flor que deve abrir-se durante o silêncio que segue a tormenta e não antes. A planta crescerá e desenvolver-se-á, lançará ramos e folhas e formará botões, enquanto continuar a tempestade e durar o combate. Mas, enquanto a personalidade toda do homem não se tenha dissolvido e dissipado; enquanto o divino fragmento que a criou não considere como mero instrumento de experimentação e experiência; enquanto a natureza toda não esteja vencida e subjugada pelo Eu superior, a flor não pode abrir-se. Então, sobrevirá uma calma como a que nos países tropicais sucede a uma chuva torrencial, quando a Natureza age com tanta rapidez que a sua ação se pode ver. Uma calma semelhante se difundirá sobre o espírito fatigado. E no silêncio profundo ocorrerá o misterioso sucesso que provará que se encontrou o caminho. Podes chamá-lo como quiserdes; é uma voz que fala onde não há ninguém que fale; é um mensageiro que vem, mensageiro sem forma nem substância, ou antes é a flor da alma que se abriu. Não há metáfora que possa descrevê-lo. Mas pode-se pressentir, procurar e desejar, mesmo no meio da fúria da tempestade. O silêncio pode durar apenas um momento ou pode prolongar-se por milhares de anos; porém, terá fim. Contudo, residirá em ti a sua força. Uma e outra vez tem-se que dar e ganhar a batalha. O repouso da Natureza só pode ser um intervalo."

A flor que desabrocha no Silêncio que segue a tormenta (e só então e ali) é a flor da Consciência Espiritual; a sua produção foi o fim de todos os esforços da Planta da Vida; foi ela que causou o brotar da semente, a formação das raízes, o crescimento da planta através do solo, à região mais pura em cima, o lançamento das folhas e dos ramos, até que, enfim, apareceu o pequeno botão do Espírito e o verdadeiro desenvolvimento começou.

Este aparecimento do botão da Consciência Espiritual — os primeiros raios de Iluminação — assinala o período mais crítico na evolução da alma. E como diz o pequeno manual, a flor se abre somente depois da tormenta — só quando o silêncio sucedeu e tomou o lugar do ruído dos ventos, do rugido e estalido do trovão, dos incidentes tremendos da tempestade. Na calma, no período de descanso que segue a tormenta aguardam a alma grandes coisas. Assim, lembra-te disso, ó Alma, quando te achares no meio da grande tormenta de inquietação espiritual, que arranca todos os marcos velhos, destruindo tudo em que te apoiavas, e quando te parecer que tudo te foi tirado, e que ficaste só, sem conforto e sem arrimo. Nesse momento de aflição espiritual, quando estás perdendo tudo, vem vindo a ti aquela paz que excede a todo o entendimento, que nunca mais se ausentará de ti e que vale a ânsia de mil tempestades. O tempo de mera crença cega passou para ti e o tempo do saber chegou.

É difícil falar das altas experiências espirituais com as palavras do plano inferior. Emerson, que experimentou esta consciência de que falamos, diz: "As palavras do homem que fala para exprimir aquela vida, não têm sentido para os que não se acham na mesma altura de pensamento. Não ousa falar em favor dela. Minhas palavras não expressam o seu augusto sentido; são curtas e frias. Só ela pode inspirar a quem quer... Contudo desejo, ainda que com palavras profanas, uma vez que não posso usar palavras sagradas, indicar o céu desta divindade e contar que senhas colhi da transcendental simplicidade e energia da Lei Suprema." É uma coisa que antes deve ser sentida do que compreendida intelectualmente, mas que o Intelecto pode parcialmente compreendê-la, quando a iluminação do Espírito o elevou a planos mais altos.

Sabendo o que tem diante de si, a mão que escreve estas palavras treme em vista da sua tarefa. Tentar pôr em palavras compreensíveis estas experiências da Vida Superior parece fútil e tolo; porém, sentimos que somos chamados a fazer tal esforço. Bem, seja, pois; a tarefa está diante de nós, não recuemos.

Em nossas Catorze Lições falamos da triplicidade da mente humana, dos três princípios mentais, a saber: Mente Instintiva, Intelecto e Mente Espiritual. Será bom que leiais de novo as lições que tratam deste assunto, prestando especial atenção ao que dissemos a respeito do Sexto

Princípio — a Mente Espiritual. Esta iluminação, esta flor que se abre no silêncio que segue a tormenta, vem daquela parte da nossa natureza.

Primeiro, porém, seja-nos claro o que é designado como "tormenta", que precede o desabrochar da flor.

Pelos degraus superiores da Mente Instintiva passa o homem ao plano do Intelecto. O homem no plano instintivo (inclusive os degraus superiores que unem a Mente Instintiva aos degraus inferiores do Intelecto) não se ocupa com os problemas da vida, com os enigmas da existência. nem reconhece que haja tal problema ou enigma e passa a vida, podemos dizer, comodamente, porque os seus cuidados pertencem em maior parte ao plano físico e quando satisfaz as necessidades físicas, pouco se interessa pelo resto. O estado em que se acha é a infância da Humanidade. Depois de algum tempo, começa a experimentar inquietação em outro plano. O seu Intelecto desperta, recusa-se a deixá-lo continuar a aceitar coisas como certas. Novas questões continuamente se impõem e exigem resposta. O homem começa a ser perseguido pelo eterno "Por quê?" da sua alma. Tolstoi o exprime mui acertadamente: "Logo que a parte mental de uma pessoa começa a governar, abrem-se novos mundos e os desejos se multiplicam aos milhares. Tornam-se tão numerosos como os raios de um círculo, e a mente, com cuidado e ânsia, põe-se primeiro a cultivar e depois a satisfazer esses desejos, pensando que nisto encontrará a felicidade." Mas não se encontra felicidade permanente neste estado; alguma coisa enche a alma com uma inquietação sempre crescente, incitando-a a voos mais altos. Entretanto, o Intelecto, não sendo capaz de conceber alguma coisa mais alta do que ele, resiste a estes impulsos como indignos, como restos de antigas superstições e credulidades. E assim anda em roda, esforçando-se por resolver os grandes problemas, lutando por aquela paz e pelo descanso que, como sente, em alguma parte o aguardam. Não lhe vem a ideia de que a única solução possível consiste no desenvolvimento de alguma coisa mais alta do que mesmo, que o tornará apto a ser empregado como um instrumento mais fino.

Muitos dos que leem estas linhas reconhecerão esse estado de terrível inquietação mental, esse labor espiritual, quando o nosso Intelecto confessa que não é capaz de resolver as grandes questões que dele exigem respostas. Batemos contra as barras da nossa jaula mental ou giramos sempre no mesmo círculo, e ao fim estamos no mesmo lugar onde estivemos no princípio. Estamos no meio da tormenta mental. A tempestade brame enfurecida ao redor de nós, os ventos tiram-nos o manto e atiram-nos à mercê da tempestade. Vemos como é arrancado e varrido tudo que parecia tão firme, durável e permanente e em que nos apoiávamos com tanta satisfação. Nega-se-nos paz e consolo; os ventos nos impelem cá e lá, e não sabemos qual será o fim. A nossa única esperança está naquela confiança da Mão Invisível, que inspirou a Newmann estas belas palavras:

"O' suave Luz, neste meu triste andar  
Sê meu guia!  
A noite é escura, estou longe do lar,  
Sê meu guia!  
Segura-me os pés, clareia o olhar,  
Pra que eu possa mais alguns passos dar.  
Sê meu meu guia!"

Em tempo apropriado, vem — e sempre veio em tempo apropriado — um pequeno raio de luz, penetrando as nuvens e alumiando os pés do peregrino perseguido pela tormenta; faz um passo, e acha um novo caminho onde pode dar mais alguns passos. Em breve se verá num país novo.

Disse um escritor:

"Em breve se tornará consciente de que entrou num país novo e desconhecido; cruzou a fronteira de uma nova terra. Está numa terra estranha, onde não vê marcos conhecidos e não conhece a cena. Sente a grande distância que o separa dos amigos que deixou ao pé da colina. Chama-os em voz alta para o seguirem; eles, porém, apenas o podem ouvir e duvidam que esteja em lugar seguro. Estendem os braços e fazem-lhe acenos para que volte. Têm medo de segui-lo e desesperam por sua segurança. Mas parece estar cheio de nova coragem e um estranho impulso no

seu interior incita-o a prosseguir. não sabe para que ponto caminha, porém, um prazer vivo invade-o e caminha apressadamente."

A luz difundida da Consciência Espiritual guia o peregrino no Caminho da Aquisição, se tem a coragem de segui-la. A luz do Espírito é sempre um guia seguro, mas poucos de nós têm confiança e fé necessárias para recebê-la. Os primeiros Quakers conheciam esta luz interna e confiavam nela; mas os seus descendentes têm apenas um vislumbre daquilo que uma vez foi forte luz. Os raios podem ser percebidos por todos os que estão prontos a recebê-los e esperam com fé e confiança o dia em que a sua vista poderá suportá-los. Sabei que esta luz interna não é propriedade especial dos orientais — longe disso. É verdade que os homens do Oriente prestaram mais atenção a este assunto do que os do Ocidente; porém, esta iluminação é propriedade comum da raça humana e atingível para cada homem e cada mulher. Entre todos os povos e em todos os tempos houve exemplos dela; e todas as recordações são unânimes nos pontos principais, ainda que sejam diferentes as interpretações. Tem-se a primeira indicação da chegada da Consciência Espiritual quando desperta a percepção da realidade do Ego, quando se sente a existência da Alma. Quando começais a sentir que vós mesmo sois a vossa alma, em vez de pensardes que possuis uma coisa maravilhosa, chamada "alma", de que idealmente nada sabeis — quando sentis que vós sois uma alma e não acreditais simplesmente que tendes ou tereis uma alma: então vos estais aproximando dos primeiros degraus da Consciência Espiritual, se não estais já em suas bordas exteriores.

Podem-se distinguir dois períodos gerais deste florescimento da flor, os quais, porém, se ligam ordinariamente um com o outro. O primeiro é a plena percepção da consciência do "Eu Sou"; o segundo é o Conhecimento Cósmico. Vamos dar-vos uma ideia, ainda que grosseira, destes dois períodos: sabemos que aqueles que já têm experiência, acham as nossas palavras muito imperfeitas para esclarecer bem o assunto.

A percepção da consciência do "Eu Sou" pode comparar-se com o botão da flor, e a flor mesma será o Conhecimento Cósmico. Muitos que ainda não experimentaram esta consciência do "Eu Sou", pensam talvez que ela seja a simples concepção intelectual do Eu, ou talvez que seja a crença ou fé na realidade da alma, que possuem devido à educação religiosa. Entretanto, é uma coisa muito diferente. É mais do que a mera concepção intelectual, é mais do que a mera crença ou fé cega nas palavras de autoridade de algum outro; é mais do que mesmo a crença na Divina promessa de imortalidade. É uma consciência, um conhecimento de que o homem é a alma; uma certeza que sente que é ser espiritual e imortal. Aqui, caros amigos, somos obrigados a fazer pausa, porque nos faltam palavras adequadas para descrever o estado mental. A raça humana, não tendo tido tais experiências, não formou palavras para isso.

O sânscrito contém palavras que foram introduzidas pelos Yogues antigos e que podem ser ao menos intelectualmente compreendidas pelo hindu educado; mas as nossas línguas ocidentais não possuem palavras com que se possa exprimir o sentido destas coisas. Só podemos atrever-nos a dar-vos a ideia por meio de rudes comparações. Ninguém pode descrever o Amor, a Simpatia ou qualquer outra emoção a uma raça que nunca experimentou essa sensação. Há coisas que é mister sentir. E assim é com a consciência do "Eu Sou". Ela vem à alma que se desenvolveu suficientemente para admitir os raios de saber, emanados pela Mente Espiritual; e então a alma simplesmente SABE: eis tudo. Ela tem o atual conhecimento espiritual que é uma entidade — imortal — mas não pode explicá-lo a outros e geralmente nem pode explicá-lo intelectualmente a si mesma. Ela simplesmente SABE.

E este saber ou conhecimento não tem nada com uma opinião ou raciocínio, fé ou esperança, ou fé cega. É uma consciência; e como qualquer outra forma de consciência, é difícilimo explicá-lo a quem nunca a experimentou. Imaginai como se poderia explicar o que é a luz para um homem cego desde a nascença; dizer o que é o açúcar a quem nunca provou coisa doce; explicar o frio a quem habita num país tropical e nunca o frio sentiu. Não podemos simplesmente explicar nossas experiências espirituais aos que nunca as fizeram; é um fato bem conhecido aos que já tiveram ocasião de experimentar certos estados, conhecidos geralmente como "religiosos".

Somos sabedores de um caso em que esta consciência veio a um homem que vivia numa localidade onde parecia que nenhum outro estivera num semelhante estado de desenvolvimento.

Ele era um comerciante de não pouca habilidade, e as suas associações tinham sido de caráter totalmente diferentes. Ele sentiu o fluxo de luz invadindo a sua mente — a certeza da sua existência espiritual estampada em sua consciência — e ficou perturbado e aflito, porque pensou que isso era um sinal de insônia que se aproximava, e esperou que passasse, apesar de dar-lhe a maior felicidade. Mas aquele estado não passou e o homem chegou até a fazer preparativos para transferir o seu comércio, temendo ficar mentalmente desequilibrado, porque nunca ouvira falar de um caso igual. Um dia, porém, veio-lhe às mãos um livro, em que o autor se exprimiu com palavras que podiam provir só de alguém que tivera uma experiência semelhante. O comerciante compreendeu a comum linguagem (que para um outro era incompreensível), e cruzando as mãos sobre a cabeça, exclamou: "Graças a Deus, aqui está outro louco!"

Esta consciência do "Eu Sou" veio a muitas outras pessoas mais do que geralmente se pensa, mas aqueles que têm esta consciência, não costumam falar dela, porque receiam que os seus amigos, parentes e vizinhos os tomem por loucos. E, com efeito, não é sempre prudente relatar estas experiências a outros, porque os que ainda não atingiram o mesmo plano, não podem compreender, e vendo no outro algo que não compreendem, são capazes de considerá-lo irracional. É estranho e interessante que num mundo composto de pessoas que afirmam que creem que cada homem é (ou, como se costuma dizer, "tem") uma alma imortal, o homem que diz que realmente sabe que isto é um fato, é olhado como anormal. A crença da Humanidade é só superficial: estes crentes têm tanto medo da morte (ou ainda mais), como quem pensa que com a morte tudo se acaba. Rejeitam todas as evidências de outros planos de existência e chamam de impostores ou lunáticos os que desses outros planos falam e neles creem. Vivem e agem como se esta vida terrestre fosse tudo, a despeito de todas as suas afirmações e expressões de fé. Acreditam parcialmente em certos ensinamentos, mas não têm conhecimento real e negam a possibilidade de ser possuído por algum outro, o que lhes falta.

Para aquele, porém, a cujo campo de consciência chegaram alguns raios da verdade, emanados pela Mente Espiritual, estas coisas não são mais meras crenças; são realidades, e ainda que um tal homem se conforme aparentemente às crenças do mundo que o rodeia, torna-se um ser diferente. Outros notam nele alguma coisa que não há neles, ainda que ele esteja tão quieto. Eles não podem explicar o que é, mas sentem alguma coisa.

Não se deve imaginar que este botão de flor da consciência aparece na mente humana de repente. É verdade que houve casos que assim aconteceu; mas na maioria vem com um crescimento lento; desde o momento, porém, em que este crescimento começou, o homem nunca mais é o mesmo como era antes. Pode aparentemente perder a sua plena consciência da verdade, porém ela torna a voltar a ele outra e outra vez, e todas as vezes faz mudanças graduais na natureza desse homem, e a sua atitude mental mudada manifesta-se em suas ações. Ele se torna mais alegre e feliz. Coisas que inquietam seus vizinhos, parecem ter pouco efeito sobre ele. Não acha bom lamentar e afligir-se por certas coisas que afligem seus vizinhos. Muitas vezes parece não ter sentimento nem coração, e apesar disso está cheio de Amor e Afabilidade. A sua atitude mental está mudada; ele tem outro ponto de vista. Acha que cessa de ter medo, e pode parecer aos outros como descuidado e sem ideia. O tempo tem para ele menos importância, porque possui a ideia de eternidade. Não o intimida a distância, porque sabe que todo o espaço é seu. O homem nestas condições faz melhor ficar quieto, ou o povo o considera como um excêntrico e diz que não está bem equilibrado.

Outro sinal característico desta fase da Consciência Espiritual é que, quem a tem, reconhece a sua linguagem no estilo de outros. Abre uma das obras de algum autor antigo ou mesmo alguma obra de um escritor moderno, e ali, onde outros veem apenas beleza de linguagem, ele descobre palavras de seu irmão em pensamento, que vêm de coração e dirigem-se ao coração. Alguns autores, possuindo só um baixo grau de intuição espiritual, caem num estado ou disposição em que a Mente Espiritual passa por belas palavras ao princípio mental inferior, e o resultado é que o sentido espiritual prontamente é compreendido pelos que estão preparando para ele, ainda que o autor não tivesse pleno conhecimento da significação do que escreveu. Quando fala o Espírito, o Espírito ouve.

Tenham ânimo os que leem estas palavras, se tiveram esta consciência em grau maior ou

menor. Não vos oprima nem deprima a vossa solidão. Existem milhares de pessoas que são vossos irmãos e vossas irmãs neste grande conhecimento, e o seu pensamento procurará o vosso, e ambos lucrarão. Conservai-vos quietos e calados no vosso meio, se vedes que assim convém; mas abri-vos à simpatia e ao auxílio que, com certeza, vos dirá pelos canais das correntes de pensamento. O vosso pensamento vos atrairá os pensamentos semelhantes de outros da mesma consciência, e o deles atrairá o vosso. Em livros, escritos, pinturas, encontrareis palavras que foram escritas para vós e os da vossa natureza. Lede de novo os livros velhos, e notais como vos parecem diferentes agora, quando compreendeis. Lede a Bíblia; lede Shakespeare; lede os poetas e os filósofos e vereis como, em breve, reconheceréis que os escritores são vossos irmãos. As obscuridades e palavras difíceis vos serão claras agora. Não careceis de isolamento; sois de uma grande e crescente família.

De outro lado, porém, não alimenteis ideia alguma enfatuada a respeito do vosso próprio desenvolvimento. Estais apenas no limiar, e diante de vós está o grande vestibulo do Oculto, e ali há muitos degraus, e antes que possais avançar, haveis de passar por uma iniciação.

Antes de passarmos ao próximo período de crescimento da flor, interessará aos nossos leitores ouvirem a descrição de uma notável experiência, relatada pelo grande escritor moderno Rudyard Kipling — que sabe muito mais do que diz a seus leitores ingleses e americanos — no seu conto intitulado Kim, em que descreve a vida da Índia Oriental.

Muitos leem o que ele disse e não podem "ver nada disso"; mas aqueles que obtiveram vislumbres desta Consciência Espiritual, prontamente compreenderão.

Eis o trecho.

"Ele pensou: - Agora estou só - totalmente só. Em toda a Índia não há outro que esteja tão só como eu! Se eu morrer hoje, quem dá disto notícia — e a quem? Se eu viver, e se Deus é bom, a minha cabeça será coroada com prêmio, porque eu sou um Filho do Encanto — eu Kim.

Entre os brancos é raro, mas entre os asiáticos é frequente o costume de cismar, repetindo o seu próprio nome por muitas vezes a si mesmo, e deixando a mente ocupar-se com a especulação sobre o que se chama identidade pessoal. "— Quem é Kim — Kim — Kim?"

"Ele se acorrou num canto da sala de espera, abstraído de todas as outras ideias; juntou as mãos no peito e contraiu as pupilas a pontas de agulha.

"Num momento — em outro meio-segundo — sentiu que se aproximava da solução do tremendo enigma: mas aí, como sempre acontece, precipitou-se a sua mente daquelas alturas com a rapidez de uma ave ferida, e ele, passando a mão diante dos seus olhos, meneou a cabeça.

"Um bairagi (santo) hindu, com longos cabelos, tendo naquele momento comprado um bilhete, parou em sua frente e fixou-o com atenção.

"— Eu também o perdi! — disse tristemente. — Isto é uma das portas do Caminho, mas para mim esteve fechada por muitos anos.

"— Que é que dizes? — disse Kim, confundido.

"— Estavas admirando, no teu espírito, que coisa pode ser a tua alma (<sup>1</sup>). Eu o sei. Quem o saberia, a não ser eu?"

Tennyson, o poeta, como atestam seus íntimos amigos, produziu às vezes um estado de êxtase e um agradável grau de iluminação espiritual por um processo semelhante ao que usa "Kim". Repetia o seu prenome por muitas vezes, meditando sobre sua identidade real e, nestas ocasiões, como declarou, tornava-se perfeitamente consciente da imortalidade e realidade da sua existência como alma viva, independente do corpo.

Pessoalmente não aconselhamos este método de "entrar por força no Reino", e preferimos que a Mente Espiritual, desenvolvendo-se, irradie gradualmente o campo da consciência com a sua luz. Pensamos que esta via é melhor, apesar de serem outras as opiniões de muitos instrutores yogues, que ensinam aos seus discípulos exercícios que devem desenvolver esta consciência. Trata-se simplesmente de uma diferença de opinião quanto aos métodos, e não queremos impor as nossas ideias aos nossos estudantes, se preferem o outro método.

Nos seguintes parágrafos damos um dos mais racionais e razoáveis desses exercícios yogues para auxiliar o desenvolvimento.

---

1 (Kim, by Rudyard Kipling, págs. 295-296. — Doubleday, Page & Co., New York).

## Exercício

Colocai o vosso corpo em posição frouxa e reclinada. Respirai ritmicamente e meditai sobre o Eu Real, pensando em vós mesmo como uma entidade independente do corpo, que lhe serve de morada e de que pode sair quando quiserdes. Tende a ideia de que vós não sois o corpo, e sim, a alma; que o vosso corpo é apenas uma casca, útil e boa para o uso da alma; um instrumento para a conveniência do vosso Eu Real. Tende a ideia de que sois um ser independente, que usa o corpo livremente e para sua melhor vantagem, e que o dirige e domina. Durante a meditação, afrouxai o corpo completamente e achareis que muitas vezes vos tomareis quasi inconsciente dele. Podeis até experimentar a sensação de estar fora do corpo e voltar a ele quando concluis o exercício.

(A respiração rítmica está descrita no nosso livro *Ciência da Respiração*.)

## Mantram e Meditação

Em conexão com o exercício yogue, acima citado, pode o estudante, se quiser, usar o seguinte Mantram e Meditação:

"EU SOU. Eu afirmo a realidade da minha existência; — não só a minha existência física, que é somente temporal e relativa, mas a minha real existência no Espírito, que é eterna e absoluta. Eu afirmo a realidade do Ego, da minha Alma, do meu Eu. O "Eu" real é o princípio espiritual, que está se manifestando no corpo e na mente, e a expressão mais alta de que sou consciente é a minha Alma, sou Eu mesmo. Este "Eu" não pode morrer nem ser aniquilado. Pode mudar a formas que sua expressão ou o veículo de sua manifestação, mas é sempre o mesmo "Eu" — uma parte do Espírito Universal — uma gota do grande oceano do Espírito — um átomo espiritual manifestando-se em minha presente consciência e trabalhando para seu perfeito desenvolvimento. Eu sou a minha Alma — a minha Alma sou Eu; tudo mais é transitório e mutável. Eu Sou — Eu Sou — Eu Sou."

Repeti as palavras "Eu Sou" muitas vezes.

O estudante deverá consagrar diariamente alguns minutos à meditação silenciosa, escolhendo para isso um lugar quieto, para não ser perturbado, e deitando ou sentando-se numa posição cômoda e afrouxando todos os músculos do corpo e acalmando a mente. Então, quando observar as condições necessárias, notará em si essa especial sensação de calma e quietação que é conhecida sob a denominação de "entrada no Silêncio". Em seguida, deverá repetir o Mantram acima referido ("EU SOU"), ou outro semelhante (não há virtude especial em meras palavras), e deverá meditar, como indicamos. O Mantram "Eu Sou", sendo claramente compreendido e gravado na mente, produzirá no estudante um semblante quieto e simpático, e uma calma manifestação de poder, que será percebida por aqueles com quem vier em contato. Envolvê-lo-á com uma aura mental de força e poder. Torná-lo-á capaz de afastar de si todo medo e olhar calmamente nos olhos a qualquer pessoa, sabendo que é uma alma eterna e que nada lhe pode fazer mal. Os mais simples degraus desta consciência elevarão o homem acima dos cuidados meticulosos, acima do medo, ódio, ciúme e aflição dos baixos estados mentais, e farão dele, em verdade, um homem "do Espírito". As pessoas nestas condições exercem uma influência auxiliadora sobre os que vêm em contato com elas; uma aura indefinível as circunda, dando aos outros a conhecer que são dignas de confiança e respeito.

Estas meditações e esse exercícios auxiliam muitas vezes materialmente a desenvolver a consciência da realidade da alma. O sentimento de imortalidade virá gradualmente, à medida que a alma se desenvolver. Mas o estudante não deve passar a sua vida com preferência e quase exclusivamente nas "regiões superiores"; não deve desprezar o seu corpo, nem a gente que o rodeia. Isto é "orgulho espiritual" e tem sua queda. Estais aqui no mundo para um fim e haveis de fazer as experiências necessárias para aperfeiçoar-vos. Estais exatamente na melhor posição para as experiências de que careceis e não sereis retido aqui nem um instante mais do que é necessário para o vosso bem final. Vivei, cresci e desenvolvi-os, vivendo a vossa própria vida, fazendo o melhor que podeis. "E sede bondoso."

A consciência do "Eu Sou", apesar de ser muito acima da consciência comum da raça humana, é apenas um preliminar do Conhecimento Cósmico, que aguarda a alma que se desenvolve. Não é senão o botão que se abrirá com o tempo e se transformará em flor perfeita. Se foi difícil explicar com simples palavras as experiências de que agora acabamos de tratar, podeis imaginar como nos sentimos embaraçados, havendo de falar da fase superior. Queremos, entretanto, fazer o melhor que podemos, ainda que as nossas palavras necessariamente sejam fracas e inadequadas. Aos que ainda não estão preparados para a verdade, o que dizemos há de parecer um desvario; mas até eles se lembrarão do que dizemos e quando vier o tempo, estarão parcialmente preparados para compreenderem. Disse o velho e bom Walt Whitman: "As minhas palavras hão de ferir-vos os ouvidos, até que as compreendeis."

O Conhecimento Cósmico é a flor perfeita que "se abrirá durante o silêncio que segue a tormenta", como se expressa com tanta beleza a autora ou transcritora da Luz no Caminho. É aquilo que vem como o resultado da "Iluminação".

Os escritores ocultistas de todos os tempos falaram disso e em todos os tempos houve pessoas, de todas as formas de religião, que o descreveram parcialmente. Muitos supuseram que esse Conhecimento Cósmico lhes tivesse sido concedido como consequências do culto de alguma concepção particular de Divindade ou como resultado de alguma forma particular de fé. Mas ele é, na verdade, independente de todos os credos e de todas as concepções particulares do Absoluto: é uma parte da Divina herança do gênero humano. Muitos escritores orientais descreveram-no como seu estilo próprio; muitos dos antigos Quakers o experimentaram e deram-lhe nomes que acharam convenientes; muitos santos católicos descreveram-no em seus livros e até alguns dos grandes escritores e pregadores protestantes deram estranhas demonstrações dessa grande coisa que lhes veio. Cada um, entretanto, atribui-o, quase exclusivamente, a algum ponto particular da sua fé.

Grandes poetas sentiram a sua influência e de muitas fontes diferentes vêm-nos testemunhos do mesmo assunto. A alguns veio esse Conhecimento Cósmico gradualmente, tornou-se forte e depois feneceu, deixando-os como transformados e com a esperança de o obterem outra vez. Sobre outros veio repentinamente, com uma impressão como se fossem submergidos numa luz brilhante (de onde provém o termo ("iluminação")), que depois igualmente passou, deixando-os como transformados. Parece que o modo pelo qual se apresenta a experiência não é igual nem para duas pessoas; mas há um ponto comum de semelhança entre os testemunhos de todos.

Um escritor ocidental (já desencarnado), Dr. Richard Maurice Bucke, de Londres, em Ontário (Canadá), tendo obtido esta iluminação e tendo achado que seu amigo Walt Whitman e outros amigos igualmente a obtiveram, colecionou os testemunhos de muitas pessoas que se achavam, conforme ele julga, no mesmo grau de desenvolvimento e publicou o resultado de suas pesquisas num interessante livro, intitulado *Cosmic Consciousness; a Study in the Evolution of the Human Mind*, isto é: *Consciência Cósmica: um Estudo da Evolução da Mente Humana* (Innes & Sons, Philadelphia, Penn. U. S. A.); este livro, tendo sido publicado em uma limitada edição de apenas quinhentos exemplares, não se encontra mais nas livrarias. Os livros orientais estão cheios de assuntos relativos à Consciência Cósmica e a literatura ocidental começa a dar sinais de reconhecê-la.

O que, porém está descrito em quase todos os livros ocidentais que se ocupam deste tema são apenas típicos incidentes de raios espontâneos desta grande consciência.

Os ocultistas muito adiantados são capazes de produzir este estado à vontade e acredita-se que certas almas encarnadas, do mais alto adiantamento, que não aparecem perante o público como instrutores ou escritores, conservam-se nesta consciência quase continuamente; a obra que estes seres altamente desenvolvidos fazem para o mundo é executada por meio de outros (menos altamente desenvolvidos), a quem eles inspiram com fragmentos de sua grande sabedoria.

Geralmente pode-se definir esse Conhecimento Cósmico como um verdadeiro conhecimento da Unidade de tudo e da conexão própria com esse Um. (Este conhecimento se chama, em ocultismo, realização.) O átomo de luz, ajudando a compor o raio, realiza para um instante a sua conexão com o Sol Central; a gota no oceano realiza para um momento a sua relação com o Oceano do Espírito. Os hindus chamaram a mais intensa manifestação desta luz que emana da Mente

Espiritual e ilumina a consciência, "Esplendor Brâmico" ou "Esplendor de Brahma".

A emoção que prevalece durante esta experiência é o sentido de intensa alegria — uma coisa acima de qualquer outro prazer que se tem sentido — a sensação de Alegria absoluta, se pudéssemos usar este termo, E a lembrança desta grande Alegria, o reflexo da sua luz, persiste na alma para sempre, Quem uma vez experimentou isto, fica sendo, depois, sempre mais alegre e feliz, parecendo possuir uma fonte oculta e secreta de alegria de que pode beber, quando a alma tem sede, O prazer intenso fenece gradualmente, mas algo dele permanece, para confortar e alegrar, este sentimento de Alegria é tão forte que se pode depois pensar Nele com a mais viva delícia; a sua recordação faz com que o sangue se apresse em sua circulação e o coração palpite.

Também se experimenta uma iluminação intelectual ou derramamento de "saber" ou "conhecimento", que é impossível descrever, A alma torna-se consciente de que possui em si mesma o saber absoluto, o conhecimento de todas as coisas; em si mesma reconhece o "porquê" e o "para quê" das coisas, Esta sensação não pode ser descrita nem aproximadamente; é tão diferente e acima de tudo que a mente humana experimentou que não há simplesmente palavras que possam dizer o que se sentiu e conheceu, Tudo parece tomar-se claro; mas não há sentimento de aumento da aptidão de raciocinar, deduzir, classificar ou determinar; a alma simplesmente sabe.

O sentimento deste saber pode durar apenas uma fração de segundo de tempo — durante perde-se a noção de tempo e lugar — mas quando passa, vem à alma um intenso pesar de ter escapado à mente aquela grande coisa — a mágoa que não pode imaginar quem não a experimentou. O único consolo que a mente acha é a certeza que uma vez — em alguma parte — a experiência se repetirá; e esta certeza é o motivo por que se acha que "vale a pena" viver. É um antegosto daquilo que aguarda a alma.

Uma das principais coisas que, indelevelmente, são gravadas na alma por este raio da consciência superior é o saber - a certeza — que a Vida penetra tudo, que o Universo está cheio de vida e que não é uma coisa morta. Vê-se que a Vida a Inteligência enchem tudo. Sente-se a Vida Eterna. Compreende-se a Infinitude. E as palavras "Eterno" e "Infinito" tem, mesmo depois, sentido distinto e real, quando nelas se pensa, embora não se possa explicar o sentido a outros.

Outra sensação é a de Amor perfeito a toda a Vida; também esta sensação transcende a todo o sentimento de amor que se tem experimentado antes, A alma sente intrepidez ou talvez seja melhor dizer que não é consciente de medo — não se acha motivos para que o medo exista e desaparece, Nem se pensa em medo durante a experiência, e só se sabe que a alma esteve dele totalmente livre, quando mais tarde se recorda de suas sensações, O sentimento de saber, certeza, fé e confiança não deixa lugar para o medo.

Igualmente desapareceu do homem que experimenta a Consciência Cósmica, a sensação que denominamos "consciência do pecado", A concepção da "Bondade" do Universo inteiro tomou o seu lugar, Com a palavra "Bondade" não queremos dizer a bondade de uma coisa, comparada com outra, mas no sentido de Bondade absoluta.

Como dissemos, quando esta experiência vem à alma, deixa o homem como transformado em um outro ser; o homem nunca mais é o mesmo que era antes, A viva recordação vai enfraquecendo, gradualmente; mas permanece certa lembrança que vem a ser-lhe uma fonte de conforto e consolo, principalmente quando o homem sente que lhe diminui a fé e enfraquece o coração — quando é movido como um junco pelos ventos de opiniões contrárias e especulações do Intelecto. A lembrança da experiência é um manancial de força renovada, um porto de refúgio, onde a alma procura abrigar-se do mundo exterior, que não a compreende.

Concluamos este fraco ensaio de descrever o que não pode ser descrito, repetindo as nossas próprias palavras que vos dissemos na terceira das Catorze Lições:

"Nos escritos dos antigos filósofos de todas as raças, nos cantos dos grandes poetas de todos os povos, nas prédicas dos profetas de todas as religiões e tempos, podemos encontrar rasgos desta iluminação experimentada por eles — este desenvolvimento da Consciência Espiritual. Não temos espaço para detalhar estes numerosos exemplos. Uns disseram-no de um modo, outros de outro, mas todos dizem praticamente a mesma história. Todos os que experimentaram esta iluminação, ainda que fosse em débil grau, reconhecem a mesma experiência na relação, canto ou predica de

outro, ainda que entre eles hajam decorrido séculos. É o canto da alma que, uma vez ouvido, jamais é esquecido. Ainda que seja expressado pelos toscos instrumentos das raças semibárbaras ou pelos mais aperfeiçoados talentos musicais da atualidade, seus tons são claramente reconhecidos. Vem o canto do velho Egito — da Índia — de todas as idades da antiga Grécia e Roma — do primitivo Santo Cristo — dos Quaker Friends — dos Mosteiros Católicos — das Mesquitas Maometanas — do filósofo Chim — das lendas do Índio Americano — herói — profeta — é sempre o mesmo tom elevando-se mais e mais alto à proporção que muitos mais entoam e agregam suas vozes ou os sons de seus instrumentos ao grande coro.

"Que esta grande Alegria da Iluminação seja vossa, queridos estudantes. E vossa será no seu tempo oportuno. Quando ela chegar, não vos alarmeis, e quando vos abandone, não lamenteis sua perda — voltará outra vez. Vivei elevando-vos e tendendo sempre para o vosso Eu Real, e tornando-os acessíveis à sua influência. Estejai sempre prontos a escutar a voz do Silêncio, prontos sempre a responder ao toque da Mão Invisível. Não temais porque convosco tendes sempre o Ser Real, que é uma chispa da Chama Divina e que será como uma lâmpada que alumiará o caminho a vossos pés."

Chamamos a atenção do estudante para o que a Luz no Caminho diz a respeito do abrimento da flor. Diz-nos que, enquanto continuar a tempestade e durar o combate, a planta crescerá e desenvolver-se-á, lançará ramos e folhas, e formará botões (notai o que dissemos do período de botão que precede o período de abrimento completo da flor); porém que a flor não pode abrir-se, enquanto "a personalidade toda do homem não se tenha dissolvido e dissipado, enquanto o divino fragmento que a criou não a considere como mero instrumento de experimentação e experiência, enquanto a natureza toda não esteja vencida e subjugada pelo seu Eu superior".

A "personalidade toda", a que se alude, é a parte inferior da alma — seus princípios inferiores, Aquele desejado sucesso pode ocorrer só quando a natureza inferior estiver posta sob o domínio da mais alta. Enquanto for permitido à parte inferior da natureza do homem governá-lo e dominá-lo, não tem acesso a ele a luz divina. Só quando o homem afirma o seu "Eu" real, torna-se apto para maior desenvolvimento.

Dissemos o que é o botão da flor — a consciência do "Eu Sou". Quando o tiverdes compreendido plenamente e realizado o conhecimento do que sois, tendo feito desta (atualmente) mais alta consciência o governo dos princípios inferiores, estareis preparados para o abrimento da flor.

Escutai estas belas palavras do texto: "Então, sobreviverá uma calma como a que nos países tropicais sucede a uma chuva torrencial, quando a Natureza age com tanta rapidez que a sua ação se pode ver. Uma calma semelhante se difundirá sobre o espírito fatigado. E, no silêncio profundo, ocorrerá o misterioso sucesso que provará que se encontrou o caminho."

Temo-nos esforçado por dizer-vos o que é esse sucesso misterioso. Julgamos que, ao menos, vos temos ajudado a fazerdes, por vossa parte, uma concepção mais clara disso.

A autora do pequeno manual conhecia evidentemente a dificuldade que encontra cada um que tenta descrever a grande experiência. Ela se exprime assim: "Podes chamá-lo como quiseres, é uma voz que fala onde não há ninguém que fale; é um mensageiro que vem, mensageiro sem forma nem substância ou antes é a flor da alma que se abriu. Não há metáfora que possa descrevê-lo. Mas se pode pressentir, procurar e desejar, mesmo no meio da fúria da tempestade."

Depois fala da duração do "silêncio que segue a tormenta" e no qual ocorre esse "misterioso sucesso". Ela dizia: "O silêncio pode durar apenas um momento ou pode prolongar-se por milhares de anos; porém terá fim. Contudo, residirá em ti a sua força. Uma e outra vez tem-se que dar e ganhar a batalha. O repouso da Natureza só pode ser um intervalo."

Neste último parágrafo, refere-se o texto, evidentemente, à Iluminação parcial ou temporária, de que falamos nesta lição. O tempo em que a Consciência Espiritual se tornar permanente, quando o Esplendor Brâmico estiver com a alma continuamente, ainda está longe de nós; aqueles que gozam agora esse estado estão muito mais alto do que nós na escala espiritual. E, no entanto, foram uma vez como nós; e nós seremos, um dia, como eles. Estes raios de Iluminação vêm ao estudante adiantado à proporção que progride no Caminho, E, ainda que o deixem, a sua

força residirá Nele.

Chamamos também a atenção do estudante à nota que acompanha este último preceito, pois contém uma maravilhosa verdade oculta em forma de uma promessa. Esta promessa animou milhares de peregrinos no Caminho, revigorou-os a novos esforços, deu-lhes novo ardor e coragem. Escutai-a: "Sabe — oh, discípulo! que aqueles que passaram pelo silêncio, sentiram a sua paz e retiveram a sua força, anseiam que passes tu também por ele. Assim, pois, quando o discípulo for capaz de entrar no Templo do Saber, encontrará sempre o seu mestre."

A última nota da primeira parte da Luz no Caminho (com a qual se conclui essa parte do pequeno manual) deve ser atentamente lida pelo estudante, porque contém uma informação importante. Julgamos que será bom incluí-la aqui, para não ser esquecida, Estamos certos de que vos temos ajudado a compreendê-la um pouco mais claramente do que antes. Quem tem a chave, pode abrir muitas portas no Templo do Saber e ver do limiar as maravilhas ali contidas, ainda que não tenha o privilégio de entrar.

Eis a nota a que aludimos:

"Os que pedem, obterão. Mas ainda que o homem ordinário só peça continuamente, a sua voz não será ouvida, Porque só pede com a mente, e a voz da mente não é ouvida, a não ser na esfera onde ela age. Portanto, enquanto as 21 regras não estiverem passadas, não digo que os que pedem obterão.

"Ler no sentido oculto é ler com os olhos do espírito. Pedir é sentir a fome interna, o desejo da aspiração espiritual. Ser capaz de ler significa ter obtido, em grau mínimo, o poder de satisfazer esta fome. Quando o discípulo está em disposição de aprender, então é aceito, reconhecido e admirado. Assim deve ser, pois acendeu a sua lâmpada e esta não pode estar oculta. Porém, é impossível aprender, enquanto não se tiver ganho a primeira grande batalha, A mente pode reconhecer a verdade, mas o espírito não pode recebê-la, Uma vez que se passou pela tormenta e que se chegou à paz, então é sempre possível aprender, mesmo quando o discípulo duvide, vacile e se desvie, A voz do silêncio mora Nele e ainda que abandonasse por completo o caminho, virá um dia em que ela ressoará e dividi-lo-á em dois, separando as suas paixões das suas possibilidades divinas. Então, no meio do sofrimento e dos gritos desesperados do abandonado ser inferior, voltará ao caminho. Por isso te digo: A paz seja contigo. "Eu te dou a minha paz", unicamente o Mestre pode dizer aos seus amados discípulos, que são como ele mesmo. Alguns há, mesmo entre os que ignoram a sabedoria oriental, aos quais se pode dizer isto e aos quais se pode dizer diariamente com maior precisão."

Aqui concluímos as nossas considerações da primeira parte da Luz no Caminho, para passarmos à segunda parte. Pode objetar-se que esta segunda parte se refere à experiência do estudante que já passou pelo Silêncio que segue a tempestade e que não é destinada para o estudante que ainda não alcançou este grau. A isto respondemos que as experiências do estudante privilegiado têm correspondências muito estritas com as experiências do estudante que ainda não atingiu o mesmo grau de desenvolvimento. O Caminho é uma espiral e embora o peregrino suba sempre mais alto, entretanto vai indo em redor, em cada volta da espiral, acima do lugar que passou um pouco antes. Por isso, estas experiências têm correspondências nos planos superior e inferior da espiral. Sentimos que devemos continuar estas considerações do excelente manual e estamos convencidos de que o estudante, em planos mais baixos, Nele encontrará animação, proveito e saber. A segunda parte do livrinho contém grandes verdades de que nós todos podemos tirar proveito. Discorramos sobre elas.

Muitos dos nossos estudantes desejaram obter alguns exercícios yogues para desenvolver a Iluminação Espiritual. Em resposta dizemos que as melhores autoridades yogues não aconselham muitas das práticas seguidas por seus irmãos menos iluminados. Julgam que essas práticas são mais ou menos anormais e que, em vez de produzir a desejada Iluminação verdadeira, só dão uma condição psíquica que é apenas um reflexo do estado anelado — lua em vez de sol. Tais estados psíquicos não auxiliam no desenvolvimento espiritual, ainda que, indubitavelmente, possam produzir uma condição extática, que agrada por instantes — uma intoxicação psíquica, se é permitido usarmos o termo.

Meditar sobre as ideias expostas nesta lição ou sobre semelhantes escritos, é, com efeito, proveitoso e muitos estudantes yogues acompanham a meditação com respiração rítmica, o que tem efeito tranquilizador. Porém, quando muito, estas coisas só prepararam o solo para o crescimento da planta que dá a flor. A planta mesma vem, quando chega o tempo, e não pode ser acelerada por força. Preparemos as melhores condições para seu crescimento e bom desenvolvimento. Seja bem-vinda, quando aparecer; e até esse tempo vivemos no que há de mais alto dentro de nós. O fato que vós, estudante, sois atraído a estes assuntos, é um sinal que vos estais desenvolvendo espiritualmente; se assim não fosse, não vos interessaríeis. Se estas palavras acham uma resposta em vossa alma, ficai certo que o que é vosso vos virá às mãos e que estais caminhando bem na Vereda.

Procurai a luz, e ela virá; sede digno de sua vinda.

Para concluir, ouvi estas palavras de Eduardo Carpenter:

"Oh, não deixeis a chama extinguir-se! Tratai dela, de século em século, em suas cavernas escuras, em seus templos sagrados. Nutri-a, ó puros ministros de amor; não deixeis a chama extinguir-se!"

## IV LIÇÃO A VOZ DO SILÊNCIO

A segunda parte da Luz no Caminho começa assim:

"Do seio do Silêncio que é a paz, uma voz ressoante se elevará. E esta voz dirá: "Faz falta alguma coisa mais; tu colheste, agora tens que semear." E sabendo que esta voz é o silêncio mesmo, obedecerás."

A voz ressoante que vem "do seio do Silêncio que é a paz", é a voz do Espírito que se dirige ao campo da consciência. A voz não é tão distinta como quando foi ouvida no momento de iluminação, porque o ouvido está sendo cheio de vibrações dos planos inferiores e não pode sentir tão claro as altas vibrações provenientes das regiões superiores da mente. Mas a voz é insistente e, se formos atentos, pode ser ouvida. Não se mesclará com as ondas de pensamentos, de que o éter está cheio, porque quando o homem pensa no plano espiritual, se eleva mentalmente tão alto que as vibrações baixas não o atingem tão facilmente. Em breve aprende a distinguir a clara e pura voz do Espírito das grosseiras ondas de pensamento que o invadem. A voz do Espírito tem sempre uma tendência "para cima" e sua influência sempre se dirige a coisas mais altas.

"E esta voz dirá: Faz falta alguma coisa mais; tu colheste, agora tens que semear." Esta passagem pinta o anelo que possui o verdadeiro ocultista que experimentou a consciência superior e que se sente por ela impelido a demonstrar na vida atual a verdade que recebeu — manifestar em ação e associação com o mundo a ideia que a ele veio no Silêncio.

A alma espera, talvez em solidão, até que a verdade venha a ela; mas a verdade, uma vez recebida e alojada no coração, enche a alma com divina agitação e a incita a entrar no mundo e a viver a vida do Espírito no meio de homens e com eles, e não se separar nem ausentar deles. O homem a quem veio a iluminação espiritual, ainda que em sua forma um tanto mais débil, é um ser transformado. Ele irradia pensamentos de caráter diferente dos que são emanados pelas mentes do seu ambiente. Tem outros ideais e, por conseguinte, outros pensamentos. E suas ondas de pensamento têm um efeito sobre o grande corpo de ondas de pensamento do mundo. Elas fermentam a massa: são como uma corrente de água pura, deitada no tanque limoso, a qual gradualmente clarifica o tanque todo. Seus pensamentos e sua presença são necessários no mundo e, por isso, a Mente Espiritual lhe envia um impulso para ir e viver a vida — viver no meio de homens e mulheres, e não se apartar deles. Ela lhe diz: "Tu colheste; agora tens que semear." "E sabendo que esta voz é o Silêncio mesmo", obedece.

Há três grandes degraus na vida espiritual e mental da Humanidade; e como a criança, antes do nascimento, passa por todas as mudanças e formas físicas pelas quais a raça passou durante longos séculos de evolução, assim o homem que se desenvolve passa pelos degraus da evolução mental e espiritual da raça. Porém, o indivíduo passa somente por aquelas mudanças que conduzem ao degrau de evolução que atingiu em plena maturidade. Se é indivíduo do primeiro degrau, chegará somente ao primeiro degrau. Se é indivíduo do segundo degrau, passa pelo primeiro e entra no segundo. Se pertence ao terceiro degrau, passa pelo primeiro e segundo (tão rapidamente como é possível), desenvolvendo-se na consciência do terceiro. Consideremos estes três degraus.

O primeiro é aquele plano de vida, onde domina a Mente Instintiva, porque o Intelecto não está suficientemente desenvolvido para se reconhecer, e a Mente Espiritual é quase desconhecida. Neste degrau vivem as raças primitivas — e as crianças. Os que pertencem a este degrau interessam-se quase exclusivamente só por aquilo que pertence à vida física. Os seus pensamentos ocupam-se só com a comida, o abrigo e a satisfação dos sentidos físicos. Entre estes homens há certa liberdade e democracia, e a ausência da ideia: "Eu sou mais santo do que tu" ou "melhor do que tu", torna a sua vida mais livre, mais fácil e mais feliz do que a do segundo degrau. Eles não sabem nada ou sabem muito pouco do "pecado" e geralmente satisfazem os seus desejos sem escrúpulos. Têm uma espécie de crença instintiva em um poder superior, mas não se inquietam muito com isso; não imaginam que certas cerimônias ou observâncias sejam agradáveis à Divindade e que deixar de segui-las possa provocar a sua cólera. Não se ocupam com pensamentos relativos à sua "salvação" e reconhecem instintivamente que o Poder que deles cuida Aqui, deles cuidará Ali.

O segundo degrau começa quando o Intelecto principia a assumir domínio. Então o homem se desperta à distinção entre o "bem" e o "mal". Ele reconhece um misterioso algo que vem de uma parte ainda mais elevada da sua mente e lhe dá o sentimento de vergonha, quando pratica certas coisas egoístas, e o sentimento de paz e satisfação, quando faz certas coisas com (relativo) desinteresse. Mas o Intelecto não para aqui; começa a inventar coisas "boas" e "más". Levantam-se sacerdotes e profetas, dizendo que certas coisas são "boas" (a estas pertencem, em primeiro lugar, as dádivas oferecidas ao templo), e que outras coisas são "más" (como, por exemplo, recusar-se a atender ao templo ou contribuir a seu sustento); e que as obras que chamam "boas" agradam à Divindade e as "más" provocam o castigo de Deus. Estes sacerdotes e profetas inventam céus onde são satisfeitos os desejos dos seus adeptos e infernos que enchem de coisas que o seu povo teme. As coisas são divididas em "boas" e "más", e parece que a lista das "más" é muito maior. Muitas das coisas agradáveis na vida são colocadas na lista das más", só porque são agradáveis e, analogamente, a lista das coisas "boas" inclui a maior parte daquilo que é desagradável, porque prevalece a ideia de que a Divindade se deleita em vez os seus filhos fazerem o que lhes desagrada e irrita-se quando praticam algum ato que lhes dá prazer. Inventam-se credos e seitas e impõe-se horríveis castigos aos que não aceitam aqueles e filiam-se a estas. Julga-se que aqueles que não concordam com esta concepção particular de Divindade são "contra Deus" ou "inimigos de Deus" e que hão de ser por punidos. E muitas vezes poupam os "fiéis" a Deus o trabalho de punir os "infiéis" e "descrentes", fazendo-o eles mesmos.

As pessoas neste degrau de desenvolvimento espiritual costumam ser muito austeras. Declaram que certos dias são "santos" (como se não o fossem todos) e que certos lugares são mais santos do que outros. Afirmam que certos povos e raças são "escolhidos" e favorecidos, e que o resto é odiado pela Divindade. Insistem que somente um punhado de pessoas será "salvo" e que a maioria dos filhos de Deus é destinada a eterno castigo e condenação. O inferno é muito quente, quando é observado do ponto de vista do segundo degrau. A marca característica deste degrau é o ódio, proveniente do sentimento de justiça atribuída a si próprio: formam-se seitas, e ódio e ciúme se manifestam entre elas. O medo reina e o Amor Divino quase se perde de vista.

A Fraternidade Humana é um simples nome neste degrau; todo o sentimento fraternal que se pode ver, é limitado aos partidários da mesma seita. Os que não pertencem a ela não são "irmãos" e sim "pagãos", "gentios", "infiéis", "dissidentes", "hereges", etc. A Unidade de Tudo, que é instintivamente sentida no primeiro degrau (e vista e sentido no terceiro), não é aparentemente nem vista nem sentida no segundo degrau; a nota fundamental aqui é a separatividade. À medida que a raça se adianta neste degrau e o Intelecto se desenvolve mais, as faculdades de raciocínio provocam a oposição e muitas superstições e ideias insensatas, que em certo tempo pareceram ser verdades sagradas. Uma parte após outra é deitada fora como desnecessária e um período de descrença e ceticismo costuma seguir-se. As coisas velhas foram rejeitadas, mas nada vem substituí-las. Porém, depois desta fase, a Mente Espiritual parece concentrar os seus esforços para introduzir no campo da consciência a evidência interna da verdade — a religião verdadeira — os ensinamentos do Espírito. E o Homem passa ao terceiro degrau.

Os homens deste degrau veem o bem em todos, em tudo e em toda a parte. Neste degrau se vê que algumas coisas são mais desenvolvidas do que outras, mas que todas formam uma parte do grande plano. A alma desenvolvida aparta-se de certas coisas por não as desejar mais e deita-as fora como instrumento ou roupa que não presta mais; vê, porém, que as mesmas coisas são para outros as melhores que têm e que são muito melhores do que outras coisas de que estas pessoas não desenvolvidas faziam uso antigamente, mas que já abandonaram.

A alma desenvolvida vê que tudo que tem vida está no Caminho — alguns estão um pouco mais adiantados do que outros, porém todos viajando na mesma direção. Vê que todos estão aprendendo suas lições e aproveitando os erros (porque corrigindo os erros, se adiantam). Vê manifestações do "bem" e do "mal" (que são termos relativos) em cada homem e mulher, mas prefere antes procurar o "bem" no pecador do que o "mal" no santo. No pecado vê principalmente erros, energia mal dirigida e mente não desenvolvida.

A alma do terceiro degrau vê o bem em todas as formas de religiões e, por isso, acha difícil

seguir os credos estreitos de alguma religião particular. Vê que o Absoluto é adorado e reconhecido em todas as concepções da Divindade que nasceram na mente humana, desde o ídolo de pedra à mais alta concepção de Divindade conhecida às "Igrejas", cuja diferença provém somente dos diferentes graus de crescimento espiritual dos devotos. À medida que o homem se desenvolve, a sua concepção de Divindade progride; a ideia que o homem faz de Deus é só mesmo magnificado. O Deus do homem adiantado não agrada ao selvagem, como igualmente o Deus do selvagem não atrai o homem adiantado. Cada um faz o melhor que pode e forma a concepção correspondente a seu particular degrau de crescimento. Um escritor expressou bem este pensamento com as seguintes palavras: "O Deus de cada homem é ele mesmo nas suas melhores qualidades, e seu Diabo é ele mesmo nas suas piores qualidades." Mas os diabos fogem da concepção mental do homem à medida que a sua concepção de Divindade se alarga.

Porém, a ideia, que é a mais distintiva do homem do terceiro grau, é a sua consciência da Unidade de Tudo. vê e sente que o mundo inteiro é vivo e cheio de inteligência em vários degraus de manifestação. Sente-se como uma parte dessa grande vida. Sente a sua identidade com tudo que tem vida. Sente-se em contato com toda a natureza — em todas as suas formas. Em todas as formas de vida vê alguma coisa de si mesmo, e reconhece que cada forma de vida particular tem sua correspondência em alguma coisa que está dentro dele. Isto não quer dizer que é sanguinolento como o tigre, vaidoso como o pavão, venenoso como a serpente, mas sente que todos os atributos destes animais estão dentro dele mesmo — dominados e governados pelo seu Eu superior — mas estão aí. E, por conseguinte, ele pode ter compaixão destes animais ou com os homens em que os característicos animais ainda estão em evidência. Tem compaixão deles, mas não odeia seu irmão, embora o caráter deste lhe pareça ser desagradável ou nocivo. E sente em si mesmo todos os atributos da vida superior igualmente como os da vida inferior, reconhecendo que está desenvolvendo-se e crescendo a estas formas mais altas, pois um dia será igual a elas.

Sente a grande vida palpitante, de que ele é uma parte — e sente que a vida é SUA. O sentimento de separatividade não tem lugar Nele. Sente a segurança que provém da consciência da sua identidade com toda a Vida, e, por conseguinte, não pode temer. Olha sem medo à face do dia de hoje, de amanhã e marcha ao encontro da Divina Aventura com alegria no coração. Sente-se em casa; pois não é o Universo seu parente? Não está no meio dos seus?

Esta consciência liberta o homem do medo, do Ódio e da Condenação. Ensina-o a ser bondoso. Fá-lo reconhecer a Paternidade de Deus e a Fraternidade dos Homens. Substitui a crença cega por um SABER. Remodela o homem e coloca-o num novo ponto de sua viagem, como um ser transformado.

Não é para admirar-se que o homem neste terceiro degrau não seja compreendido pelas pessoas do segundo, as quais o consideram, muitas vezes, como pertencente ao primeiro degrau, porque não vê o "mal" onde elas o veem e porque vê o "bem" em coisas que elas reputam más. Ele é qual um estrangeiro e não deve queixar-se se não o compreendem e julgam dele mal. Porém, aumentando cada ano o número destes homens (e mulheres) — vêm vindo em grandes quantidades e, quando alcançam um número suficiente, esta terra passará por uma revolução pacífica. Naqueles dias ninguém mais encontrará contentamento em luxo, quando o seu irmão sofrer falta; ninguém será capaz de oprimir e explorar seus semelhantes; os homens não admitirão muitas coisas pelas quais hoje a maioria passa sem pensar e sem sentir. E por quê? Simplesmente porque o homem que experimentou esta nova consciência, extirpou o velho sentimento de separatividade e sente a dor e a alegria de seu irmão — está em contato com os outros.

Donde provém essa inquietação que impele os homens a erigir hospitais e outras instituições de caridade; donde provém esse sentimento de aflição, quando se vê outro sofrer? Da Mente Espiritual que evoca na mente humana o sentimento de proximidade de toda a vida e lhe faz sempre mais doloroso ver ou perceber a dor de outros — porque os homens começam a senti-la e afligem-se, e, enfim, fazem esforços por aliviá-la. O mundo está se tornando mais bondoso por causa do despertar da consciência, embora ainda esteja num estado bárbaro, comparado com a sua condição futura, quando o degrau for mais acessível. A Humanidade está se aproximando de grandes mudanças; os milhares de pedaços de palha que voam pelo ar indicam de onde vem o vento e para

onde sopra. A brisa começa a ser sentida; em pouco tempo se tomará mais forte, e depois vem uma ventania que arranca muitas coisas que se pensou terem sido construídas para durarem séculos. E, depois da tempestade, construirá o homem coisas melhores — coisas que persistirão. Não vistes os sinais, não sentistes a brisa? Porém, notai-o bem: a transformação final não virá do Ódio, da Vingança e de outros motivos indignos — ela virá como o resultado de um grande e crescente Amor — de um sentimento que convencerá os homens que são da mesma família — que o sofrimento de um é sofrimento de todos, e que a alegria de um é alegria de todos — que todos são Um só. E então aparecerá a aurora da Idade de Ouro.

Pode parecer que nos estamos afastando do nosso texto, mas o que dissemos refere-se diretamente ao assunto de semear depois de ter colhido — dar, depois de ter recebido, — trabalhar depois de ter recuperado nova força. A voz que vem do silêncio dirá, com efeito, a todos nós: Vai e trabalha na minha vinha; trabalha, não com esforço estrênuo, nem querendo forçar o crescimento de coisas vivas — a tua obra farás do melhor modo vivendo como deves — és necessário como fermento para levedar a massa.

Aqui está o seguinte mandamento do pequeno manual:

"Tu que és agora um discípulo capaz de manter-te firme, capaz de ouvir, capaz de ver, capaz de falar, que venceste o desejo e obtiveste o conhecimento de ti mesmo; tu que viste a tua alma em sua flor e a reconheceste, e que ouviste a voz do Silêncio, encaminha-te ao Templo do Saber e lê o que ali está escrito para ti."

Leiamos também a nota que acompanha este preceito; é muito útil:

"Nota — Ser capaz de manter-se firme, significa ter confiança; ser capaz de ouvir é ter aberto as portas da alma; ser capaz de ver é ter alcançado a percepção; ser capaz de falar é haver obtido o poder de auxiliar os outros; ter conquistado o desejo é ter aprendido a servir-se do Eu e a dominá-lo; ter alcançado o conhecimento de si mesmo é ter-se recolhido ao interior da fortaleza, onde o homem pessoal pode ser contemplado com imparcialidade; ter visto tua alma em sua flor é ter obtido uma visão momentânea, em ti mesmo, da transfiguração que te converterá eventualmente em mais de um homem; reconhecer é levar a termo a grande empresa de contemplar a luz resplandescente sem baixar os olhos e sem retroceder, tomado de espanto como ante um fantasma horrível. Isto acontece a alguns, e assim perdem a vitória no momento preciso de alcançá-la; ouvir a voz do silêncio é compreender que a única direção verdadeira vem do interior; encaminhar-se ao Templo do Saber é entrar no estado em que é possível aprender. Então para ti escrever-se-ão ali muitas palavras em caracteres de fogo que te serão fáceis de ler; pois quando o discípulo está pronto, o Mestre o está também."

Fala-se do discípulo como de quem é capaz de manter-se firme, capaz de ouvir, capaz de ver, capaz de falar. A consciência do Eu Real torna o homem capaz de manter-se firme nos seus pés; fá-lo sentir a Majestade do Eu. Torna-o capaz de ouvir a verdade que a ele corre dos mil canais de vida, que todos lhe dizem que são seus parentes e, ansiosos, se prontificam a comunicar-lhe o saber e a verdade. Torna-o capaz de ver a vida como ela é, em todas as suas variadas formas — ver a sua relação com o Todo e com todas as suas partes, e reconhecer a verdade quando se lhe apresenta; dá-lhe a clara visão do Espírito. Torna-o capaz de falar de tal maneira que suas palavras atinjam outros, ainda que seja inconsciente do fato; — possui aquela paz que ultrapassa o entendimento, o seu estado interior expressa-se em sua palavra quotidiana, e aumenta um tanto o tesouro do saber espiritual do mundo.

O manual diz ao estudante que conquistou o desejo — isto é, que reconheceu a verdadeira essência do desejo e sabe o que é — o estudante que alcançou o conhecimento de si mesmo; que tem visto a sua alma em sua flor, reconheceu-a e ouviu a voz do Silêncio: — que se encaminhe ao Templo do Saber e leia o que ali está escrito para . A pequena nota dá mais esclarecimento à passagem que a precede. A sua descrição da vista da "alma em sua flor" é interessantíssima para corroborar em nossa última lição: refere-se à Iluminação ou à alvorada da consciência espiritual — a flor que se abre no silêncio que segue a tempestade.

Acertadamente diz a autora que isto é "ter obtido uma visão momentânea, em ti mesmo, da transfiguração que te converterá eventualmente em mais de um homem; reconhecer é levar a termo

a grande empresa de contemplar a luz resplandesciente sem abaixar os olhos e sem retroceder tomado de espanto como ante um fantasma horrível". Com razão acrescenta a autora: "Isto acontece a alguns e assim perdem a vitória no momento preciso de alcançá-lo. Poderia, entretanto, acrescentar que perdem a vitória somente temporariamente, porque a recordação permanece e a alma nunca mais fica satisfeita, até que tome a ganhar o que perdeu. Alguns que apanham vislumbres da sua alma, retrocedem tomados por espanto e pensam que isso é ilusão ou "maus pensamentos".

Esta consciência espiritual confunde os preconceitos e a opinião convencional às vezes em tão alto grau, que as pessoas que a experimentam começam a temer que estão perdendo a sua virtude e bondade, porque cessam de condenar e odiar o "mal" como outrora; imaginam que se estão tornando "maus" e retrocedem tão longe como podem, diante daquela consciência. Não podem perceber que, embora o homem odeie menos as coisas "más", ama as coisas "boas" mais do que antes — isto é, as coisas reconhecidas como boas pela Mente Espiritual, e não as boas coisas fabricadas e artificiais, que são consideradas como o artigo verdadeiro pela maioria do povo.

A nota do manual também nos diz, com razão, que "ouvir a voz do Silêncio é compreender que a única direção verdadeira vem do interior". Relembrai-vos destas áureas palavras: "Compreender que a única direção verdadeira vem do interior." Se percebeis o sentido destas palavras e tendes a coragem de crer e confiar nelas, encontrastes o Caminho. Se viverdes sempre conforme vos manda esta pequena voz no interior, tereis pouca necessidade de instrutores e predicadores. E se confiarmos nesta pequena voz, os seus sons tornar-se-ão mais claros e ouvi-la-emos em muitas ocasiões. Se, porém, lhe apresentarmos ouvidos surdos e nos recusarmos a prestar atenção a suas admoestações e direção, a voz enfraquecerá mais e mais, e, finalmente, não a poderemos distinguir mais no meio do barulho e do tumulto do mundo material.

O Templo do Saber é o estado de consciência que vem, quando é permitido à Mente Espiritual fluir livremente à mente consciente. Pouco a pouco, o estudante é impressionado pela verdade, tão gradualmente, muitas vezes, que apenas sente que está progredindo — mas está adiantando-se e desenvolvendo continuamente.

Os quatro preceitos que seguem são muito importantes. Ainda que fossem escritos para estudantes já muito adiantados, uma grande parte de seu sentido pode ser compreendida pelos que ainda não atingiram a tão alto grau. Vamos esforçar-nos por tomar mais claras estas difíceis passagens.

"1. Mantem-te alheio à batalha que começa e, ainda que combatas, não sejas tu o guerreiro.

"2. Procura o guerreiro e deixa-o combater contigo.

"3. Recebe as suas ordens para a batalha e obedece-as.

"4. Obedece-lhe não como se fosse um general, porém como se fosse tu mesmo e como se suas palavras fossem a expressão de teus secretos desejos; pois ele é tu mesmo, ainda que infinitamente mais sábio e forte do que tu. Busca-o, antes que no fragor e na febre da batalha possas deixar de percebê-lo; pois não te reconhecerá, a não ser que o conheças. Se o teu grito chegar ao seu ouvido atento, então lutará em ti e encherá o triste vácuo do interior. E se isto suceder, então poderás permanecer sereno e infatigável durante a batalha, mantendo-te apartado e deixando-o combater por ti. Então será impossível que dê um único golpe em falso. Porém, se não o procuras, se passas a seu lado sem percebê-lo, então não há salvação para ti. O teu cérebro perturbar-se-á, teu coração tornar-se-á irresoluto e, no meio da poeira do campo de batalha, a tua vista e teus sentidos se obscurecerão e não distinguirão os teus amigos dos teus inimigos.

"Ele é tu mesmo; mas tu és finito e sujeito ao erro. Ele é eterno e seguro. Ele é a verdade eterna. Uma vez que em ti tenha penetrado e se tenha tornado teu guerreiro, jamais te abandonará por completo e, no dia da grande paz, ele e tu se converterão em um."

Estes quatro preceitos referem-se ao reconhecimento do Eu Real — o Espírito — que está dentro de cada alma e está combatendo incessantemente, para sacudir de si (quando o tempo for maduro) todo o peso com que o Eu Inferior o embarça e limita. Os preceitos mandam ao estudante procurar a verdadeira fonte de força, deixar-se conduzir por ela, fazer com que ela se manifeste livremente Nele — para ser guiado pelo Espírito. Quando o homem se libertou suficientemente das

restrições e dos vínculos limitativos do Eu Inferior e é capaz de deixar o Espírito fluir livremente e manifestar-se com o mínimo grau de resistência, então o Espírito agirá por meio do homem e trabalhará por ele e o guiará. E até a alma pouco adiantada pode obter o maior benefício, se se abre ao influxo do princípio divino e deixa-o agir mediante si. O homem que é guiado pelo Espírito — que reconhece a existência do Eu Real e confia Nele — pode viver, em grande parte, longe do tumulto e combate do mundo exterior. Não que se retire do mundo (isto seria, muitas vezes, covardia), mas porque é capaz de ocupar o seu lugar no grande gamão da Vida e fazer aqui a sua obra, fazê-la bem e, contudo, sentir com certeza que, embora esteja no mundo, não é do mundo. Ele é capaz de manter-se de lado e ver-se a si mesmo agir. O espírito o conduzirá por meio de combate e providenciará para que seja nutrido e protegido, agindo sempre para o seu bem final. Levará os seus passos ao que é melhor para e lhe atrairá aquilo de que carece. medo e descrença são os grandes obstáculos contra esta livre ação do Espírito e, enquanto não forem expulsos, o Espírito há de lutar com embaraços e obstáculos em sua obra. Quando, porém, não existirem, o Espírito poderá agir livremente.

O primeiro preceito: "Mantém-te alheio à batalha que comesças e, ainda que combatas, não sejas tu o guerreiro", expõe esta verdade distintamente. Notai que o preceito não vos diz que deveis fugir do combate, esconder-vos ou excluir-vos. Pelo contrário, supõe, com certeza, que combatareis. Diz-vos, porém, que deveis "manter-vos alheio" "ficar de lado" (isto é, quanto à vossa consciência presente) e deixar o Espírito que vos guie, ficando contente com a sua conduta.

O segundo preceito tem relação com o primeiro. Diz-vos: "Procura o guerreiro e deixa-o combater contigo." Procurai-o, crede Nele, confiai Nele, reconhecei-o — e deixai-o combater por vós.

"Recebe as suas ordens para a batalha e obedece-as", aconselha-vos o terceiro preceito. Se o guerreiro, de que falamos, vos coloca em certa posição onde estais exposto, onde o fogo do inimigo sobre vós se concentra e parece-vos que não podeis escapar, não temais, mas obedeci às ordens implicitamente, porque as ordens seguem um plano e, enfim, triunfareis. Não discutais as ordens, nem o seu resultado, porque vos são dadas por uma forma evidentemente mais alta de inteligência do que a vossa consciência e visam um fim distinto (e bom). O Espírito produz a agitação para o vosso adiantamento e, conquanto vos traga temporárias dores e sofrimentos, por fim sereis o vencedor. E quando uma vez tiverdes compreendido o sentido de tudo isto, não sentireis o sofrimento e as dores como os outros, porque vereis que são temporários, passageiros e reais, e perdereis a sua sensação em vosso conhecimento de coisas maiores que, por meio deles, vos vêm chegando.

O quarto preceito continua: "Obedece-lhe, não como se fosse um general, porém como se fosse tu mesmo e como se suas palavras fossem a expressão de teus secretos desejos; pois é tu mesmo, ainda que infinitamente mais sábio e forte do que tu." Esta admoestação serve para não nos deixar cair no erro de considerarmos o Espírito como uma entidade exterior — uma coisa fora de nós mesmos — pois é o nosso Eu Real, nós mesmos. O Espírito é mais sábio e mais forte do que a nossa presente concepção e consciência de nós mesmos, e podemos confiar Nele implicitamente.

"Busca-o, antes que no fragor e na febre da batalha possas deixar de percebê-lo; pois não te reconhecerá, a não ser que tu o conheças", continua o preceito; e a advertência é digna de ser observada. No meio da batalha estamos muito propensos a esquecer que o Eu está agindo mediante nós e, excitados e inflados pelo êxito, imaginamos que nós (o Eu consciente) estamos fazendo tudo e deixamos de procurar o Espírito, fechando assim os canais de comunicação.

"Ele não te reconhecerá a não ser que tu o conheças." Se não reconhecerdes o Espírito dentro de vós, não poderá agir por vós tão livremente como o faria sendo por vós conhecido. Enquanto não reconhecerdes a existência do Espírito, não podereis esperar que vos responda. O Espírito guia aqueles que o desejam e procuram.

"Se o teu grito chegar a seu ouvido atento, então lutará em ti e encherá o triste vácuo interior." Notai a promessa, a afirmação que o Espírito está atento — sempre atento — se pedis seu auxílio. Quando estás triste e sem coragem, cansado e enfraquecido pela luta, ferido e banhado em sangue no combate, então gritai ao Espírito que vos ajude e o seu ouvido atento vos ouvirá e "lutará

em vós e encherá o triste vácuo no vosso interior". Quem se abre ao Espírito, não sente mais o "triste vácuo" em si, que por tanto tempo, o oprimia.

"E se isto suceder, então poderás permanecer sereno e infatigável durante a batalha, mantendo-te apartado e deixando-o combater por ti." Sentireis um sereno contentamento, sabendo que o vosso guerreiro é invencível e que a vitória vos há de sorrir por fim. Quem é consciente do Espírito, que opera mediante ele, em verdade adquiriu "aquela paz superior ao entendimento."

"Então será impossível que dêis um único golpe em falso." Isto é verdade, pois cada ato e movimento é o ato e movimento do Espírito, e não pode ser perdido ou mau. For mais errado ou inútil que pareça o ato ou movimento à mente consciente, tempo virá em que se reconhecerá que foi a melhor coisa naquelas circunstâncias.

"Porém, se não o procuras, se passas a seu lado sem percebê-lo, então não há salvação para ti. O cérebro perturbar-se-á, teu coração tornar-se-á irresoluto e, no meio da poeira do campo de batalha, a tua vista e teus sentidos se obscurecerão e não distinguirão os teus amigos dos teus inimigos." Não é esta a experiência pela qual temos passado nós todos antes de termos reconhecido a direção do Espírito e confiado nela? Não temos passado por todas estas coisas, e sofrido e nos afligido, porque não víamos luz nem esperança? Por muito tempo temos gritado, querendo saber a razão de tudo isso — desejando saber o que é verdade, o que é direito e o que é falso. E não nos veio resposta, enquanto não nos libertamos dos vínculos limitativos do Eu inferior, dando assim aos raios do Espírito a possibilidade de penetrarem em nossas almas.

"Ele é tu mesmo; mas tu és finito e sujeito ao erro, e ele é eterno e seguro; ele é a verdade eterna." Aqui está exposta a distinção entre a consciência inferior, temporária de si mesmo, e a realidade. Apresenta-se-nos aqui o paradoxo do Eu e Eu. Pensai bem nisto e vereis a verdade gradualmente; e estando uma vez convosco, nunca mais se apartará, por mais obscura que vos pareça às vezes.

"Uma vez que em ti tenha penetrado e se tenha tornado teu guerreiro, jamais te abandonará por completo." Promessa sublime! A consciência da existência do Espírito em ti, uma vez atingida, nunca mais se perde por completo. Ainda que chegueis a duvidar dela, por não haver chegado por meio dos vossos sentidos ordinários, a memória vos ficará e quando houver a maior necessidade, sereis capaz de lembrar a experiência e abrir-vos de novo ao influxo da sabedoria e do poder divino.

"E no dia da grande paz, ele e tu vos convertereis em um." No tempo, quando a alma tiver sacudido, uma por uma, as bagagens, e quando o botão de Espírito se tiver desenvolvido em plena flor — quando o homem se tornar uma coisa mais do que homem: então a consciência do indivíduo se dissolverá no "conhecimento" de Espírito e a alma será uma com o seu princípio mais alto. Isto não será perda de individualidade, mas, ao contrário, um alargamento tão grande da individualidade e da consciência, que hoje não pode ser imaginado nem pelo maior intelecto.

Então o grande conhecimento, poder e alegria, de que temos recebido um fraco raio no vislumbre de iluminação formará a nossa consciência permanente. Então passaremos do domínio do relativo para as regiões do Absoluto.

Agora vamos a outro grupo de quatro preceitos: Consideremo-los:

"5. Escuta o canto da vida.

"6. Conserva em tua memória a melodia que ouvires.

"7. Aprende dela a lição de harmonia.

"8. Tu podes então manter-te erecto, firme como uma rocha no meio do tumulto, obedecendo ao guerreiro que és tu mesmo e teu rei. Indiferente ao combate, salvo na execução de seus mandatos e sem te preocupares com o resultado da batalha, porque uma coisa única é importante: que o guerreiro vença e tu sabes que não pode ser derrotado; permanece, assim, sereno, vigilante e usa da faculdade de ouvir que adquiriste por meio do sofrimento e da destruição do sofrimento. Enquanto não fores mais do que um homem, apenas fragmentos do grande canto chegarão aos teus ouvidos. Mas, Se o ouvires, imprime-o fielmente em tua memória de modo que nada se perca do que se tenha chegado a ti e dele procura aprender o significado do mistério que te rodeia. Com o tempo não terás necessidade de instrutor algum. Porque assim como o indivíduo

possui uma voz, aquilo em que o indivíduo existe a possui também.

"A própria vida tem a sua linguagem e nunca permanece silenciosa. E esta linguagem não é um grito, como poderias supor tu que és surdo, mas um canto. Aprende dele que tu és uma parte da Harmonia; aprende dele a obedecer às leis da Harmonia."

"Escuta o canto da vida."

A nota que acompanha este preceito é tão bela, tão cheia de verdade, tão instrutiva, que não achamos nada para lhe acrescentar, e inserimo-la neste lugar, como a melhor explicação possível do preceito a que se refere:

"Nota — Busca-o e escuta-o primeiramente em teu próprio coração. Ao princípio talvez dirás que não está ali, que quando buscas só encontras discordância. Busca-o mais profundamente. Se ainda assim fracassas, detém-te um instante e ainda mais profundamente olha. Em todo coração humano existe uma melodia natural, uma fonte obscura. Pode estar coberta, oculta e silenciosa por completo; porém, esta ali está. Na própria base da tua natureza encontrarás a fé, a esperança e o amor. Aquele que procura o mal, recusa olhar para dentro de si mesmo, cerra os ouvidos à melodia do seu coração, assim como os olhos à luz de sua alma.

"E assim age, porque acha mais fácil viver submerso nos desejos. Mas, no fundo de toda vida existe uma corrente impetuosa que não reconhece obstáculos; as grandes águas estão realmente ali. Encontra-as e perceberás que ninguém, nem mesmo a criatura mais miserável deixa de ser uma parte delas, por mais que procure fechar os olhos e construir para si uma fantástica forma externa de horror. Todos Os seres, entre os quais penosamente avanças, são fragmentos do divino.

"E tão enganadora é a ilusão em que vives, que é difícil adivinhar se perceberás primeiro a doce voz no coração dos outros. Porém, sabe que se encontra seguramente dentro de ti. Busca-a aí, e uma vez que a tenhas ouvido, distingui-la-ás mais rapidamente ao teu redor."

O sexto preceito: "Conserva em tua memória a melodia que ouvires", e o sétimo: "Aprende dela a lição de harmonia", têm relação com o quinto preceito e não carecem de explanação especial. O oitavo preceito contém muitas informações. Começa com a afirmação que vós (agora nas condições de poder ser guiado pelo Espírito) podeis manter-vos erecto, firme como uma rocha no meio do tumulto, obedecendo ao guerreiro (o Espírito), de quem se diz que é vós mesmo "e o vosso rei". (Outra vez temos aqui uma referência ao relativo e ao Absoluto.)

A alma, guiada pelo Espírito, é indiferente ao combate, salvo na execução dos mandatos do seu guia, e "não se preocupa com o resultado da batalha" (isto é, não se preocupa com o resultado aparente — com derrotas e dores temporárias, nem com as circunstâncias que lhe impõem provas) — porque somente uma coisa é importante, é saber que o Espírito vença, e há de vencer porque é invencível e não pode sofrer revés. A alma "deve permanecer assim, serena, vigilante e usar da faculdade de ouvir que adquiriu por meio do sofrimento e de destruição do sofrimento. este paradoxo do "sofrimento e da destruição do sofrimento" é de grande importância. É necessário que aprendamos lições que o sofrimento dá — muitas lições podem ser aprendidas só por esta via — e não obstante, quando aprendemos a conhecer a verdadeira natureza do sofrimento e temo-la gravado bem na nossa mente, então o sofrimento deixa de ser sofrimento — está destruído e aprendemos uma nova lição. É assim que a voz do Espírito — o canto da vida — vem a ser ouvida por meio da faculdade adquirida pelo sofrimento e pela sua destruição.

"Enquanto não fores mais do que um homem, apenas fragmentos do grande canto chegarão aos teus ouvidos." Porque, quando tiveres atingido o estado em que podereis escutar inteiro o canto divino, não sereis mais homem, mas algo mais alto na escala da evolução e da vida espiritual. Porém, já esses fragmentos do canto estão tanto acima de qualquer outra experiência humana, que vale a pena viver só para o seu eco.

Se o ouvires, imprime-o fielmente em tua memória, de modo que nada se perca do que tenha chegado a ti e dele procura aprender o significado do mistério que te rodeia." A voz do Espírito baterá nos vossos ouvidos de tal maneira que, apesar das intervenções materiais, experimentareis, de tempo em tempo, em vossa consciência, fragmentos de saber que parecerão vir de outro mundo. Mais e mais luz vos afluirá, para a solução dos grandes problemas da existência, e um véu após outro se dissipará.

O preceito dá-nos, em seguida, a boa nova que: "Com o tempo, não terás necessidade de instrutor algum. Porque assim como o indivíduo possui uma voz, aquilo em que o indivíduo existe a possui também. A própria vida tem a sua linguagem e nunca permanece silenciosa. E esta linguagem não é um grito, como poderias supor tu, que és surdo, mas um canto. Aprende com que tu és uma parte da Harmonia; aprende a obedecer às leis da Harmonia." Com o tempo, não tereis mais necessidade de instrutor humano, porque a luz do Espírito iluminará todo objeto que olhardes, e o ouvido, aberto pelo Espírito, ouvirá as lições que virão de cada objeto na natureza. Na pedra, na montanha, na tempestade, no brilhar do sol, nos astros, em todas as coisas altas ou baixas perceberéis aquela vida palpitante e inteligente de que sois uma parte — e ouvireis como tudo canta o grandioso canto da vida: "Tudo é Uno, Tudo é Um só." O manual nos diz: — o som da natureza e de suas coisas não é um grito, como muitos poderiam supor, mas é um triunfante canto — um canto que traz alegria no fluxo da vida do cantor e vibra em uníssono com o Absoluto. "Aprende do canto que tu és uma parte da harmonia; aprende dele a obedecer às leis da harmonia."

O grupo dos seguintes quatro preceitos está apresentado nas mesmas linhas que o precedente:

"9. Observa atentamente toda a vida que te rodeia.

"10. Aprende a perscrutar de uma maneira inteligente o coração dos homens.

"11. Considera ansiosamente o teu próprio coração.

"12. Porque através do teu próprio coração vem a única luz que pode iluminar a vida e torná-la clara a teus olhos.

"Estuda o coração dos homens a fim de poderes conhecer o que é o mundo em que vives e do qual queres ser parte. Observa a vida que te rodeia em constante movimento, em transformação incessante, pois é formada pelos corações dos homens, e à proporção que fores aprendendo a conhecer a sua constituição e significação, irás gradualmente sendo capaz de ter a palavra maior da vida."

O nono preceito: "Observa atentamente toda a vida que te rodeia", refere-se àquela parte do assunto de que falamos no parágrafo precedente — ao saber que o homem adquire, observando a natureza pela luz do Espírito.

O décimo preceito aconselha-vos que aprendei a perscrutar de maneira inteligente o coração dos homens, a fim de poderdes conhecer o que é o mundo humano, que é uma parte do grande mundo. Conhecendo os homens, sereis capaz de ajudá-los e também aprenderéis muitas lições que vos ajudarão em vossa viagem pelo Caminho. Notai, porém, que a respeito do estudo dos homens diz a nota que acompanha o décimo preceito:

"Nota — De um ponto de vista absolutamente impessoal, pois de outro modo verias através de um prisma falso. Portanto, a impersonalidade primeiramente deve ser entendida. A inteligência é imparcial: nenhum homem é teu inimigo; nenhum homem é teu amigo. Todos são igualmente instrutores. Teu inimigo se converte num mistério que tens de resolver, ainda que para esse fim sejam necessários séculos, pois o homem deve ser compreendido. O teu amigo se converte numa parte de ti mesmo, uma extensão de ti mesmo, um enigma difícil de decifrar. Só há uma coisa mais difícil de conhecer: o teu próprio coração. Antes que se tenham afrouxado os laços da personalidade, não se pode começar a ver este profundo mistério do ser. Enquanto não estiveres apartado dela, não será em modo algum revelada ao teu entendimento. Então, e só então, poderás usar de todos os seus poderes e consagrá-los a um trabalho digno."

O preceito décimo primeiro diz: "Considera ansiosamente o teu próprio coração." E o décimo segundo continua: "Porque através do teu próprio coração vem a única luz que pode iluminar a vida e torná-la clara a teus olhos." Em vossa própria natureza encontrareis tudo que está na natureza dos outros homens — o que é alto e o que é baixo — puro e imundo — tudo está aqui — o imundo pertence talvez à vida passada, e o puro ao futuro — mas tudo está aqui. E se quereis compreender os homens, seus motivos, suas ações e seus pensamentos, olhai no vosso interior e compreenderéis melhor os outros. Mas não vos identifiqueis com todos os pensamentos no vosso coração. Observai-os como faria alguém que estivesse fora; olhai-os como olharíeis objetos num museu — são úteis para serem estudados, mas não para fazerem uma parte da vossa vida. E

relembrai-vos de que nada de tudo que está no vosso coração, é bastante bom para usar ou dominar-vos, embora muita coisa pode ser usada por vós vantajosamente. Vós sois o dominador e não deveis ser dominado — isto é, se sois uma alma libertada.

O décimo terceiro preceito diz: "A palavra só vem com o conhecimento. Alcança o conhecimento e alcançarás a palavra." A nota que segue dá (em parte) as explanações deste preceito. Ei-la:

"Nota — é impossível que ajudes aos outros, enquanto não tiveres adquirido certeza de ti mesmo. Quanto tiveres aprendido as primeiras vinte e uma regras e penetrado no Templo do Saber com os teus poderes desenvolvidos e sentido livre, poderás, então, descobrir que dentro de ti existe um manancial de que brotará a palavra."

Não vos aflijais se antecipadamente sois chamado para dar palavras de conforto e saber a outros. Não é necessário que vos prepareis. Aquele ao qual vos dirigis receberá de vós (por meio da direção do Espírito) exatamente aquilo que para (ou para ela) é o melhor. Não temais, tende fé.

Temos nos esforçado por explicar, parcialmente, os excelentes ensinamentos deste pequeno manual intitulado Luz no Caminho, de maneira que o principiante possa apanhar a ponta solta do ensinamento e, com o tempo e gradualmente, desenrolar o novelo. A nossa tarefa se tomou mais pesada e o trabalho menos satisfatório à medida que passamos de um preceito a outro. As palavras são finitas — a verdade é infinita — e é difícil cada ensaio de explicar a verdade infinita com palavras finitas. O preceito décimo terceiro é o último que podemos comentar. Os demais hão de ser lidos pelo estudante mesmo, com a luz do Espírito. Eles são somente para aqueles que obtiveram a vista espiritual, e a estes será mais ou menos claro o seu sentido, conforme o grau de desenvolvimento em que o indivíduo se acha.

Sentimos que temos executado fracamente a nossa tarefa, conquanto muitos nos escrevessem que estas lições lhes abriram os olhos espirituais e que muitas coisas, até então obscuras, se lhes tomaram claras. Cremos que assim é, em verdade, e que ainda muitos encontrarão auxílio e conforto em nossas palavras, apesar de nos parecer que nada temos escrito. Sabemos, porém, que se estas palavras não tivessem a eficácia que lhes é atribuída — se não devessem formar uma parte da grande obra, nunca teriam sido escritas. Por isso, as enviamos para irem onde queiram, sem que nós tenhamos pleno conhecimento do seu destino. Pode ser que alguns, a cujas mãos chegaram, compreenderão melhor do que nós porque foram escritas e enviadas. Elas foram produzidas pelo ditado do Espírito; que o Espírito providencie para que cheguem àqueles que por elas anelam.

Nas nossas lições seguintes trataremos de outras fases de ocultismo, que serão interessantes e proveitosas para os nossos estudantes. Antes, porém, de deixarmos os belíssimos preceitos e ensinamentos da Luz no Caminho, queremos ponderar aos nossos estudantes a importância desse livrinho. Contém em suas páginas a maior quantidade de altos ensinamentos espirituais, combinados em tão pequeno espaço. Não penseis que o compreendestes todo, se se vos tomaram claros os seus ensinamentos gerais. Lede-o de novo algum tempo depois, e vereis Nele novas belezas. Nunca encontramos um estudante — por mais altamente desenvolvido que fosse — que não pudesse aprender alguma coisa mais desse pequeno manual. Os seus ensinamentos podem ser interpretados de modos muito diferentes, porque retrata as experiências da alma que viaja pelo Caminho. Lembrai-vos que a subida neste Caminho é em espiral, e que a alma caminha em redor, porém sempre mais para cima. Pode alguém pensar que compreende o sentido dos primeiros preceitos do livrinho; porém, quando chega outra vez a certo ponto, exatamente uma volta mais, encontrará neles novo sentido, adequado às necessidades recém-descobertas. E assim por diante. Não só existe uma progressão espiritual em linhas espirais que se estendem sobre séculos, mas em cada duração de vida há um caminho espiritual que se deve ascender, como reconhecerão todos os que quiserem fazer considerações sobre este assunto. A alma que não achou a entrada no Caminho, parece andar em redor de um círculo, viajando sempre no mesmo lugar e não fazendo progresso real. Quando, porém, descobre uma vez o pequeno caminho que comunica com o círculo num de seus pontos e para dirige seus passos, acha que, apesar de andar ainda em redor, realmente está caminhando na espiral e que está subindo um degrau mais alto com cada volta que dá. E não

conhecemos outro livrinho que seja tão útil nessa viagem, como o pequeno manual — Luz no Caminho.

Julgamos que não nos levareis a mal, se nesta lição inserimos as seguintes palavras da nossa Introdução que escrevemos para o referido manual. Elas são tão bem apropriadas para o encerramento desta lição como para o prefácio do livrinho:

Luz no Caminho é um tratado clássico entre os ocultistas e o melhor guia conhecido para aqueles que deram o primeiro passo no Caminho da Realização. A escritura velou o significado das regras na forma pela qual sempre costumam fazê-lo os místicos, de modo que, para aqueles que não cheguem até à Verdade, estas páginas parecerão, provavelmente, como uma massa de contradições e praticamente desprovidas de sentido. Mas para aquele a quem foi dado um vislumbre da vida interna, estas páginas serão um tesouro de joias inapreciáveis, e cada vez que as abrir, descobrirá novos fulgores. Para alguns este pequeno livro será a primeira revelação daquilo que estiveram procurando às cegas durante toda a sua vida. Para outros será o primeiro pedaço de pão espiritual, dado para satisfazer a fome da alma. Para muitos será o primeiro copo de água da fonte da vida, dado para apagar a sede que os consumia. Aqueles, para quem está destinado este livro, reconhecerão seu significado interno e, depois de o haverem lido, já não voltarão a ser a mesma pessoa de outrora. Disse o poeta: "Por onde eu passo, todos os meus filhos me conhecem"; e assim todos os Filhos da Luz reconhecerão este livro como para eles. E quanto aos outros, só podemos dizer-lhes que a seu tempo estarão prontos para esta grande mensagem. O fim deste livro é simbolizar os sucessivos passos do neófito em ocultismo, à proporção que progride no trabalho da loja. As regras são praticamente as mesmas que eram dadas na grande loja da Fraternidade do antigo Egito, e que durante gerações têm sido ensinadas na Índia de Mestre a discípulo.

"A particularidade das regras aqui expostas é que o seu significado interno se revela à proporção que o estudante progride no Caminho. Alguns serão capazes de compreender certo, número destas regras, ao passo que outros só chegarão a vê-las confusamente, quando ainda nos primeiros passos. O estudante, todavia, verá que uma vez que pôs firmemente o seu pé sobre um destes degraus, começará o outro imediato a ser iluminado tenuamente como para inspirar-lhe confiança em dar o próximo passo. Que nenhum se desanime; o fato de que este livro vos atrai é o sinal de que vos está destinado e, com o tempo, revelará o seu significado. Lede-o releda-o frequentemente, e vereis que um véu após outro se dissipa, ainda que véus e mais véus persistam entre vós e o Absoluto."

## V LIÇÃO KARMA-YOGA

A Filosofia Yogue ensina que, embora haja um só fim de todos os esforços humanos, um só alvo que deve ser procurado, diferentes são os caminhos que conduzem a esse alvo e cada um deve seguir um ou outro, conforme o seu temperamento particular. O temperamento, longe de ser o resultado de um acaso, é, em realidade, o resultado do desenvolvimento individual da alma em sua evolução e representa a linha particular de pensamentos (e ação deles resultante), que a alma tinha seguido em sua carreira evolucionária. É coisa muito real em cada ponto de desenvolvimento, e forma a linha da menor resistência para o indivíduo. Por isso, os Yogues ensinam que cada alma individual deve seguir aquele caminho particular, que é o mais bem adaptado dos postulados do temperamento e gosto. eles dividem o Caminho da Realização em três caminhos especiais: 1) Raja-Yoga; 2) Karma-Yoga; 3) Gnani-Yoga. Cada uma destas formas de Yoga é um caminho que conduz à grande estrada e cada um serve para ser trilhado pelos que o preferem; mas todos se dirigem ao mesmo ponto.

Raja-Yoga é o caminho seguido por aqueles que se sentem inclinados a desenvolver as forças latentes no Homem, obter o domínio das faculdades mentais mediante a Vontade, — adquirir o mestrado sobre o Eu inferior — educar a mente para apressar o seu desenvolvimento, Karma-Yoga é a Yoga de obra — o caminho de ação. Gnani Yoga é a Yoga de saber. A estas três formas de Yoga ajunta-se a Bhakti-Yoga, isto é, a Yoga de devoção — o caminho do sentimento religioso. Alguns escritores tratam este caminho como se fosse diferente e separado dos outros, mas nós pensamos que se deve considerar como um simples incidente de cada um dos ditos três caminhos, e não podemos conceber que algum estudante de Yoga possa divorciar a sua obra do amor e da devoção ao Absoluto, a Deus. Não podemos ver como se poderia seguir qualquer dos diferentes caminhos de Yoga, sem estar cheio de amor e reverência para com o grande centro de toda a vida. Nestas lições falaremos da Bhakti-Yoga em separado, porém desejamos que se compreenda que não a consideramos como uma coisa separada, mas estamos convencidos de que o estudante de qualquer ou de todas as outras formas de Yoga há de combinar a Bhakti-Yoga com o seu estudo favorito.

Nesta lição trataremos de Karma-Yoga, isto é, Yoga de ação ou de obras. Devemos, entretanto, observar que, ainda que as necessidades e tendências do estudante lhes façam este caminho mais atrativo, deverá tomar vivo interesse nas outras formas de Yoga, como Gnani-Yoga. Raja-Yoga etc. Igualmente o estudante destes outros ramos não deverá ignorar a Karma-Yoga, porque é de grande importância para a sua vida quotidiana e no mundo ocidental, onde quase todos os homens vivem uma vida de ação, o estudante deve combinar os princípios de Karma-Yoga com seus outros estudos.

Esta lição será dedicada à Karma-Yoga. Das que seguem, a primeira tratará de Gnani-Yoga, e a segunda de Bhakti-Yoga. Nestas lições não estudaremos a Raja-Yoga, porque estamos preparando um livro especial para dela tratar.

Antes de considerarmos a Karma-Yoga, será bom lançarmos a nossa vista sobre o projeto geral da Yoga. Qual é o fim e o alvo destes ensinamentos e práticas? Que é o que significam? Que é que o Homem procura em todos estes estudos? Qual é o significado da vida, do crescimento e do desenvolvimento? Estas são as perguntas que o povo pensante continuamente formula e às quais somente poucos são capazes de responder, ao menos parcialmente.

A Filosofia Yogue ensina que o fim de todos os esforços humanos e de toda a vida é desenvolver a alma até que chegue a unir-se com o Espírito. E como o Espírito é a parte Divina, uma porção de material Divino no homem, esta união resultará eventualmente da realização da União com Deus — isto é, quando a alma individual entra em consciente contato e união com o Centro de toda a vida.

Alguns são de opinião que o fim da vida humana é a felicidade, e isto é verdade, se pensam a verdadeira felicidade da alma — a única felicidade real. Se, porém, se referem àquela coisa relativa e passageira que geralmente se designa como "felicidade", em breve reconhecerão que estão perseguindo um fantasma, que se ausenta à medida que dele se aproximam. Não se encontra a

felicidade verdadeira em coisas relativas, porque todas elas se transformam em cinza, como as frutas do Mar Morto, no momento em que estendemos o braço para apanhá-las. Sentimos talvez um certo grau de felicidade em procura das coisas, mas quando apanhamos a fruta, ela murcha. Não importa até que altura perseguimos o objeto em caça da felicidade, o resultado é sempre o mesmo. Coisas relativas não podem auxiliar-nos, porque são relativas e, por consequência, fenecem. São criações de tempo e espaço e, embora sirvam para seu fim, não podem viver além do seu tempo. São mortais e, como tudo o que é mortal hão de morrer. Somente a coisa absoluta permanece Imutável e é imortal.

E todo esse combate, sofrimento, vida, e esforço, em realidade é dirigido para o desenvolvimento da alma, a fim de reconhecer o seu Eu Real. Este é o significado de tudo isso. Este é o motivo por que procuramos uma coisa e outra, pensando que delas temos necessidade, só para acharmos que não as necessitamos. Sentimos fome que não podemos satisfazer e sede que não podemos mitigar. E fazemos todas as experiências da vida, às vezes febrilmente e com veemência, às vezes lentamente e com negligência, mas achamos que todas são sombras e irrealidades. A fome e a sede, porém, continuam atormentando-nos para fazermos novos esforços. E assim será sempre, até que aprendamos que aquilo que desejamos está dentro de nós e não fora de nós — e quando temos aprendido esta lição, ainda que lentamente, aí começamos a buscar inteligentemente e somos outros seres. este é o significado da vida — da evolução.

A maior parte da Humanidade ocupa-se em procura da felicidade de uma maneira cega, inconsciente. Correm cá e acolá, experimentam isto e aquilo, esperando encontrar aquele algo intangível de que, instintivamente, sentem que há de trazer-lhes paz e felicidade. E, apesar de sofrer repetidos desenganos, continuam a procurar com zelo inabalável, sendo a isso impelidos pelos gritos da alma, que se desenvolve e pede o que lhe é necessário. Quando a alma desperta e se desenvolve, mediante muitas experiências, obtém gradualmente uma inteligente e consciente concepção da verdadeira natureza daquilo que procura e, daí para diante, segue somente a estrada que conduz ao objeto dos seus antigos e repetidos anelos, do qual, porém, apenas recentemente soube que era o que por tanto tempo procurou.

Muitos pesquisadores ocidentais da Verdade queixam-se que as filosofias do Oriente não são adaptáveis às necessidades e postulações do estudante ocidental, por serem as condições da vida tão diferentes nas duas partes do mundo. Esta objeção, se fosse sustentável, seria prova positiva de que os ensinamentos do Oriente não são verdadeiros e sãos, porque toda filosofia e doutrina verdadeira e sã há de ser aplicável a toda as espécies e condições humanas, sem diferença de raça, clima, país ocupação, meio ou ambiente. Se os ensinamentos não são praticáveis para todas as almas, são insanos e hão de ser abandonados. Se são verdadeiros, hão de tomar em consideração até o mais baixo, humilde e vil membro da Humanidade, porque, tanto o indivíduo mais baixo como o mais elevado (na estima do mundo) formam parte da Humanidade, estão sob a lei e não podem ser omitidos.

O erro que gerou essa objeção dos estudantes ocidentais consiste em considerarem as doutrinas do Oriente como convenientes somente para os que podem passar a vida a sonhar e meditar, retirando-se dos afazeres do mundo. Mas esta opinião é falsa. É verdade que alguns estudantes orientais passam a sua vida retirando-se para a solidão e obtêm disso grandes resultados — este é o seu Karma — o resultado dos desejos e das tendências que tiveram em suas vidas passadas. Porém, nenhum Yogue verdadeiro pensa que este plano seja o único, nem o melhor para todos. Ao contrário, reconhece que, mesmo no Oriente, a vida de atividade é boa e própria para aqueles que a ela são impelidos e que, evitar o cumprimento dos seus deveres ou fugir deles, é violação da grande Lei. Sendo assim, é claro que a intensa atividade das nações ocidentais (em que tudo está de pleno acordo com as leis bem estabelecidas e forma um degrau distinto e necessário na escala da Evolução) torna o isolamento e a reclusão inteiramente impossíveis para milhares de estudantes sérios que hão de seguir o caminho ou plano onde os colocou o seu Karma. Com gosto explicam os Yogues a tais estudantes as belezas e vantagens daquele ramo de sua filosofia, que é conhecido como Karma-Yoga e que é objeto da presente lição.

A palavra Karma provém da raiz sânscrita kar (ou kri), cuja significação é "fazer" ou "agir".

Usa-se o termo Karma, as mais das vezes, para designar o que se pode chamar o "efeito de ação". Em nossas Catorze Lições tratamos dos ensinamentos orientais sobre o Karma, no capítulo intitulado "Causa e efeito espiritual", onde demos uma descrição concisa da lei de causa e efeito, no mundo espiritual — como os efeitos das ações seguem as ações, da mesma forma que estas seguem os pensamentos. O efeito real das ações é o efeito dos pensamentos, porque aquelas resultam destes.

Nós somos o que somos hoje, simplesmente porque fizemos ou não fizemos certas coisas nas nossas vidas passadas. Tivemos certos desejos que provocaram certos atos e o resultado se manifesta hoje. Não queremos dizer que somos literalmente "castigados" porque fizemos certas coisas no passado — pois o castigo (como tal) não faz parte da Lei. Mas temos desejado certas coisas e fizemo-las à medida que pudemos, sendo que os resultados inevitáveis vieram em suas pegadas. Pusemos os nossos dedos no fogo e agora estamos sentindo que queimam: eis tudo. As nossas ações não eram necessariamente "más". Nós apenas fomos indevidamente ligados a certas coisas, e a nossa ligação e os nossos desejos produziram-nos certos efeitos, os quais, apesar de serem, talvez, mais ou menos desagradáveis e dolorosos, são bons, porque nos ensinam que não carecemos daquilo que tínhamos procurado e não recairemos no mesmo erro. Além disso, quando uma vez temos abertas as nossas vistas e compreendemos a natureza do nosso engano, diminui a dor do nosso sofrimento e o mal fica reparado.

Esta lei espiritual de causa e efeito é conhecida no Oriente como "Karma". Quando os estudantes orientais falam do Karma de alguém, pensam naquilo que a tal pessoa veio em consequência desta Lei, ou aquilo que a está ligado pelas suas obras. Cada um gerou Karma, cujos efeitos continuamente se manifestam. Não há motivo para nos sentirmos atemorizados ou perturbados com este saber. O conhecimento da verdade torna-nos capazes de viver o nosso Karma com o menor grau possível de sofrimento e perturbação, e preserva-nos de adquirirmos novo Karma desfavorável. O nosso Karma pode ser agradável ou desagradável, conforme as causas que pusemos em operação ou pode também ser agradável ou desagradável pela nossa atitude mental a seu respeito. O filósofo pode transformar um "mau" Karma em "bom", recusando-se ver Nele algo "mau", ao passo que o ignorante pode encontrar faltas até no melhor Karma.

Muitos estudantes das filosofias do Oriente imaginam que o Karma, esta Lei de causa e efeito espirituais, é um sistema de castigo decretado, regularizado e administrado por alguns poderes espirituais. Isto é um erro. É verdade que o Karma se apresenta às vezes, como um ato de punição, isto é, como um fator igualador e intimidador; mas não há Nele elemento de vingança — nenhum plano de 'quitação' divina. É simplesmente causa e efeito. É difícil explicar suficientemente o que pensamos com isto, sem darmos exemplos específicos, o que é quase impossível numa obra deste gênero. Contudo, podemos dizer que o homem que é possuído pelo desejo de poder e continuamente se nutre e aumenta com ideias egoístas, com certeza será envolvido nas consequências de causas e efeitos, que lhe trarão muitíssimo sofrimento e dores, físicas ou mentais. Pode alcançar o que deseja, mais cedo ou mais tarde, se o seu desejo é bastante forte e persistente; mas terá de sofrer por causa dos desejos que não pôde satisfazer e que foram afogados pela paixão que o venceu. Pode atingir o seu alvo à custa de tudo que, lhe é caro. Ou, se o seu desejo não for tão forte como um igual desejo em algumas outras mentes, não atingirá o seu fim, mas será despedaçado pelo grande mecanismo mental ou psíquico que ajudou a pôr em movimento e ao qual irresistivelmente é atraído. Quando alguém tem um vivo e audaz desejo de obter os frutos de certa ação, é muito provável que ponha em movimento (em conexão com outros) certo mecanismo psíquico, que poderá trabalhar em seu proveito ou esmagá-lo, conforme as circunstâncias do caso, sua força ou propósito, ou conforme os seus poderes mentais. Muitas vezes se vê como a gente perece sob suas próprias bombas ou no fogo que acendeu. "Mesclaram-se nas coisas" e, por isso, sofrem.

Até aqueles que atingiram o que tinham procurado (nesta vida ou em outra), sofrem pela maior parte desengano e a vida lhes parece uma maldição. O governador autocrata pode sofrer indizíveis agonias mentais e o multimilionário pode ser mais infeliz do que o mendigo às suas portas. E isto não é tudo; mas os que entraram na corrida e não foram capazes de se conservarem na altura dos vencedores, são rejeitados, atirados, afugentados, pisados e maltratados. Sofrem não só

pelo desengano, como também por causa dos males e prejuízos. Lembramo-nos de um homem que começou a odiar certas pessoas — odiou-as fortemente — injuriou-as de toda a maneira possível. O resultado foi que se enleou mesmo no mecanismo psíquico do ódio, que está em plena operação do mundo e, em pouco tempo, atraiu ódio e inimizade de centenas de outras pessoas, ficando prejudicado na mente e no bolso, sofrendo grande agonia e tortura d'alma. daquelas pessoas, contra as quais dirigira o seu ódio, pôde fazer mal somente a uma, e esta era um homem que também vivia no "plano mental de ódio", e naturalmente atraiu pensamentos e ações de semelhante natureza. A lição, porém, foi aproveitável para o homem a que nos referimos, pois os seus olhos abriram-se e reconheceram a tolice e as consequências do ódio, e dali em diante cuidou de não se enlear em suas redes. Aqueles que jogam o xadrez de ódio não se devem queixar se sofrem reveses. Os que são enleados no mecanismo de avidez não se podem queixar quando sofrem por alguma pessoa que é mais astuta no mesmo plano; os que ligam a sua vida estreitamente a algum objeto material não devem admirar-se quando sofrem por causa da pessoa ou coisa a que se ligaram com tanto apego.

— Porém — dirá talvez alguém — como posso escapar a estas coisas, se estou no mundo sempre ativo? Como poderei escapar aos efeitos das ações?

A Filosofia Yogue responde:

— Se tomardes parte no grande jogo do mundo, indo através dos seus movimentos, fazei o melhor que puderdes, porém sempre lembrando-vos de que não deveis apegar-vos aos frutos das obras. Agi, porque é necessário agir, fazei o que vos compete no mundo, contente, de boa vontade, alegre e afavelmente, mas reconhecei que os frutos são como nada ao fim, e ride-vos à ideia de que essas coisas relativas possam ter algum valor real para vós.

À consideração desta resposta dedicaremos o resto desta lição. Esperamos poder demonstrar-vos que este conselho, por mais impraticável e difícil que pareça ser à primeira vista, é não somente praticável para o trabalhador mais ativo, mas até é o único verdadeiro plano de vida. Esta antiga sabedoria do Oriente adapta-se muito bem às exigências do Ocidente atual, ocupado sempre com negócios e trabalhos, embora pareça ao observador superficial estar em contradição com o progresso moderno.

Mas, neste lugar devemos lembrar ao estudante que estes ensinamentos serão aceitos somente por poucos homens da atualidade. A maioria está ainda demasiado fascinada pela presente condição das coisas: esforços por derribar os outros e subir por cima dos cadáveres dos irmãos — o canibalismo e os atos selvagens da moderna vida industrial e comercial, — e não seguirá tão cedo outra direção. Assim sendo, continuarão a comer e serem comidos — matar e serem mortos, — pisar e serem pisados — odiar e serem odiados. E aqueles que fazem estas coisas aos outros e o que nelas se deleitam, vêm a achar-se sob a operação da Lei de causa e efeito em tal extensão que caem nas rodas da máquina e são esmagados, eles que esperavam esmagar os outros.

Os poucos que estão preparados para os ensinamentos, compreenderão o que queremos dizer, e serão capazes de se conservar de lado e ver como combatem e lutam no tumulto, ao passo que a sua alma está fora da luta. Viverão a mesma vida e farão as mesmas coisas como os seus irmãos não desenvolvidos, isto é, fã-lo-ão aparentemente — mas conhecerão a verdade e conservar-se-ão livres do perigo de cair nas rodas da máquina ou nas redes.

Ouvimos muitas vezes a pergunta: "Que seria do mundo se cada um seguisse os vossos ensinamentos?" Responderíamos que toda a estrutura da vida moderna cairia em pedaços, para ser substituída por alguma coisa infinitamente melhor. Mas não é necessária esta resposta, porque não há probabilidade que a maioria dos homens aceite estes ensinamentos no futuro mais próximo. Muitas pessoas os estão aceitando todos os dias; entretanto, os que os aceitam e vivem conforme eles, são uma pequena porção no meio da enorme multidão dos que vivem e agem. Ainda hão de vir muitos anos de luta e provas, esforços e experiências, antes que o total da Humanidade chegue a dar o primeiro passo de Realização. Dizemo-lo não com tristeza, mas filosoficamente, sabendo que todo esse combate e sofrimento é uma parte necessária da evolução da raça. (Quando falamos "destes ensinamentos", não nos referimos à apresentação particular da verdade, dada por nós, porém às várias formas destes ensinamentos que são dados, presentemente, por centenas de instrutores de várias escolas).

A primeira coisa das que o Karma-Yoga há de aprender é compreender que é uma unidade

no mecanismo total ou no plano da vida. Tem seu lugar próprio e deve tomar a sua parte na obra. Porém, por mais importante que seja a sua posição — ou por mais responsável que seja o lugar que lhe foi destinado — não é senão uma unidade no plano e deve estar pronto a ser empregado de acordo com o plano. E por mais baixo ou sem importância que parece ser, sempre é uma unidade que tem um destino e uma tarefa determinada. Nada é sem importância, e o mais importante ainda está sujeito à Lei que rege o plano. Todos havemos de fazer o que nos toca — e fazê-lo bem, não só porque estamos trabalhando em nosso próprio desenvolvimento e nossa evolução, como também porque somos empregados pela Mente Divina, seja como simples soldado, seja como oficial, no grande xadrez da vida. Isto não quer dizer que sejamos meros autômatos — longe disso — porém que os nossos interesses estão ligados com os da raça inteira, e estamos em contato com a Humanidade em certos pontos. Havemos de prestar-nos espontaneamente para sermos assim empregados e acharemos que a vontade espontânea previne aflição e sofrimento. É difícil expressar este ponto tão claramente como desejaríamos fazê-lo, mas esperamos que o que dissermos em continuação, tornará mais clara a nossa ideia.

As nossas vidas não são somente destinadas para o desenvolvimento da nossa individualidade, mas nós somos necessários para agir sobre outras individualidades e receber a sua ação para que a Humanidade inteira seja auxiliada em seu progresso. Às vezes parece-nos que certa parte da obra é inútil como parte de nosso próprio desenvolvimento, mas esse pedaço particular da obra, evidentemente, é necessário para certo fim no grande plano e nós devemos de boa vontade fazer o que de nós se exige. Cada movimento e posição tem um significado, exatamente como um passo no xadrez; ao princípio, pode parecer sem importância e sem significado, mas no decorrer do jogo toma-se claro que tem sido o princípio da realização de um grande plano. Assim, o verdadeiro Karma-Yoga deixa-se mover pelo Espírito sem se queixar, sabendo que tudo será bom para e que o movimento é necessário para efetuar certas combinações ou mudanças no grande gamão da vida, em que estão jogando todos os homens. Aqueles que não compreendem este segredo das operações internas do gamão, costumam rebelar-se e opor resistência a esses movimentos forçados e, com isto, causam a si mesmos grande dor e sofrimento pelo atrito — a resistência causa um movimento violento — enquanto que a alma acordada, vendo as coisas como elas são, sorri e deixa-se mover, escapando assim à dor e colhendo, geralmente, uma vantagem positiva da mudança, apesar de não a ter esperado como recompensa. Ela reconhece simplesmente a Mão do Mestre que faz o movimento e de boa vontade deixa-se mover a outro campo e empregar-se para realizar nova combinação.

Isto não é um mero sonho de filosofia transcendental. Muitos de vós seriam, surpreendidos se ouvissem dizer que algumas das principais personagens que se acham em frente dos variados ramos de atividade humana reconhecem que a dita força está detrás deles e aprenderam a confiar-lhe. Dar-vos-emos o testemunho de um homem eminente, cujo nome é conhecido em todo o mundo como grande diretor e "senhor das circunstâncias". Ele não conhece as doutrinas orientais (ou não as conhecia no tempo em que declarou o que adianta segue), mas há alguns anos pronunciou as seguintes palavras a um amigo seu que no-las repetiu. Esse "capitão de indústria" disse:

"O público é de opinião que sou um caráter estrênuo e que faço os meus projetos, combinações muito antes de agir. Mas não tem razão. Os planos que faço são muito pouco antecipados e, com efeito, muitas vezes não vejo senão um ponto só, ainda que o plano geral pareça estar depositado em alguma parte da minha mente. Eu sinto que, até certo ponto, não sou mais do que um peão no grande tabuleiro de xadrez e sou empregado por algum grande poder como instrumento para fazer algumas grandes mudanças em coisas e pessoas, embora não saiba quais são essas mudanças. Sinto que não sou favorecido pela Providência para um fim que me traga um bem especial a mim, pois, sem ter modéstia falsa, posso dizer, em verdade, que sinto não merecer uma recompensa especial, porque não sou melhor nem mais sábio do que os meus companheiros.

"Não posso deixar de pensar, às vezes, que as coisas que faço são feitas para outros, talvez para a Humanidade, embora pareça que muitas das minhas ações ou antes os resultados das minhas ações têm por fim injuriar o público em geral. Não obtenho prazer especial do meu dinheiro, apesar de ter vivo interesse em ganhá-lo quando há ocasião; e quando a coisa está alcançada, sinto que a deito fora como um brinquedo gasto. Não sei, com certeza, o que tudo isto significa, mas estou

convencido de que tudo isto tem um significado, Pode ser que um dia perderei as minhas possessões, mas sinto que, mesmo se assim acontecer, me será dada alguma coisa como indenização da minha aparente perda. Observei isto muito cedo em minha vida e cedo aprendi a ser "guiado" ou movido por este Algo, seja o que for. Quando eu resistia, achei sempre que fui prejudicado de alguma forma, mas quando me deixei mover sem resistência, tive bom sucesso. Às vezes me rio quando vejo como o público fala das minhas "obras", enquanto que eu sou apenas um simples peão num grande tabuleiro, cujo movedor não conheço; e não vejo razão para ser seu favorito especial."

Este homem, inconscientemente tropeçava num dos princípios de Karma-Yoga — o princípio conhecido como "o segredo da ação". Ele pensa pouco nos resultados, nos frutos das suas ações, apesar de tomar vivo interesse no jogo das atividades. Parece que não está "ligado" (ou apegado) aos frutos de sua ação, embora isto não seja aparente aos que o vem de longe. Ele sente que é um dente de roda no grande mecanismo e está pronto a desempenhar a sua tarefa. Muitas das coisas que faz ou parece fazer (as coisas são realmente feitas por muitos homens, cujos interesses, em seus conflitos e acordos, concentram-se Nele como em um foco), trazem dificuldades a muita gente, mas observadores atentos veem que ele e outros que lhe são semelhantes, inconscientemente estão preparando o caminho para as grandes mudanças econômicas que vêm vindo para a Humanidade e que se baseiam no despertar da consciência da Fraternidade Humana.

Não apresentamos este homem como um exemplar de Karma-Yogue; — não o é, porque vive a sua vida inconscientemente e sem compreensão, ao passo que um Karma-Yogue tem plena consciência do que tudo isso significa e sabe o que está detrás disso. Citamos apenas este caso como um exemplo para mostrar como é comum a sua ocorrência. Muitos outros, em todos os ramos da vida, estão praticando alguns dos princípios de Karma-Yogue, mais ou menos inconscientemente. Afirmam que tomam a vida "filosoficamente", como a querer dizer que não se deixam "ligar" ou que não tomam muito a sério os frutos dos seus trabalhos obtidos ou antecipados. Agem, mais ou menos, pelo amor à obra, — gostam de estar "fazendo alguma coisa" e acham prazer no jogo da vida, isto é, mais no jogo mesmo do que nos seus preços. Gostam deste jogo e jogam bem; tomam interesse em sua marcha e seus pormenores. Mas não precisam de nenhum dos preços estipulados para os ganhadores; estas coisas são boas para aqueles que as prezam, porém o verdadeiro jogador está acima dessas futilidades.

Fama, posição, elogios e favores baratos do mundo são desprezados pelos homens fortes — eles veem, em tudo isso, somente brinquedos e deixam estas coisas para as crianças. Permitem que se lhes pregue uma fita de condecoração nos casacos, mas em seus corações sorriem a isso. Os outros que tomam parte no jogo não descobrirão esta consciência interior e em todos os propósitos e intenções o jogador desperto será como os que o rodeiam; mas sabe e eles não sabem.

"O segredo da ação" — não se ligar, não se apegar — é a base da Karma-Yoga. "Não se apegar" não quer dizer que o estudante deve reprimir todo gozo e prazer. Pelo contrário, se seguir fielmente este princípio, achará gozo em tudo. Em vez de ser-lhe tomado o seu prazer, ser-lhe-á multiplicado mil vezes. A diferença está no fato que o homem ligado ou apegado às coisas julga que a sua felicidade depende de certas coisas ou pessoas, ao passo que o homem livre, desapegado, reconhece que a sua felicidade vem de dentro, do seu interior e não de qualquer coisa que esteja fora dele e por isso, é capaz de converter em coisas agradáveis as circunstâncias que, de outro modo, causariam descontentamento e até dor. Enquanto um homem está ligado ou apegado a uma pessoa ou coisa particular, de modo que a sua ventura parece depender disso, é escravo daquela pessoa ou coisa. Quando porém, se liberta das influências que o envolvem, é seu próprio dono e tem, em si mesmo, uma fonte inexaurível de felicidade. Com isto não queremos dizer que não devemos amar os outros — ao contrário, devemos manifestar amor abundante, mas o amor não deve ser egoísta.

Disto, porém, falaremos um pouco mais adiante.

Ao homem que vive em apego, pode parecer que o plano de Karma-Yoga é tolo e que dele resultará desengano ou enfraquecimento de esforços. Mas não é assim. Quem é capaz de fazer melhor a sua obra numa loja, num escritório ou numa oficina: o homem que trabalha só para ganhar o seu salário e olha para o relógio a fim de não ficar trabalhando um minuto mais do que é obrigado

— ou aquele que, considerando a sua ocupação como meio de obter tudo que lhe é necessário à vida, interessa-se e ama tanto o seu trabalho que quase se esquece de que trabalha por dinheiro e durante certas horas, mas enleva-se em sua tarefa? Existem muitos trabalhadores nestas condições, e estão praticando a forma de Karma-Yoga, apesar de não o saberem. A melhor obra, no mundo, é produzida pelos homens que tomam interesse em suas tarefas e não trabalham simplesmente para receberem o salário. O instinto que incita o artista a pintar um grande quadro — o escritor a escrever um grande livro — o músico a compor uma grande obra musical — fará com que um homem obtenha sucesso em toda e qualquer atividade. Assim trabalha por amor ao trabalho e por ter prazer em ser trabalhador. É deste modo que se produz toda grande obra.

Muitos consideram o místico como um visionário, inepto para as atividades do mundo, um sonhador, tecelão de vãs especulações. Aqueles, porém, que olharem abaixo da superfície, sabem que o místico prático" é um homem com quem se pode contar em todos os ramos da atividade humana. O seu verdadeiro desapego dá-lhe uma força que falta ao homem apegado. O místico não teme, ousa — sabe que a sua felicidade e o seu sucesso não dependem de alguma combinação particular e que se emergirá são e incólume das mais perigosas combinações de circunstâncias.

Ele sente que está com o pé numa sólida rocha — que tem o poder do Universo para si. Isto lhe dará uma força e coragem, desconhecidas ao homem ordinário que faz depender toda a sua felicidade de uma coisa particular e que se sente condenado ao desespero quando aquela coisa não tem bom êxito. O homem desapegado deixa a corrente da vida cair em si e passar por si, alegrando-se muito por tomar parte em tudo isto. Ele entra onde transita a multidão e vê o movimento das pessoas, sentindo que tudo isso é uma parte dele e que é uma parte de tudo isso. É consciente da atividade, do crescimento e do movimento da massa de povo, e acha prazer em tudo. Não teme, porque sabe o que tudo isso significa. É movido de uma esfera de atividade a outra, e sabe que isto é obra das forças que estão detrás dele e que lhe são favoráveis. Trabalha, porque o trabalho lhe causa verdadeiro prazer e esforça-se por cumprir a sua tarefa como um mestre. Mas quanto aos resultados do trabalho, isto é, a recompensa e o louvor, não pensa neles. Pode com igual prazer dedicar-se a outra tarefa e esquecer tudo que tem realizado. Não está apegado à sua obra, não se enleia.

Um homem desta qualidade acha no seu trabalho a sua própria subsistência que lhe vem como seu direito. Os mestres de Karma-Yoga não cuidam das vaidades e ostentações da vida, e, não obstante, acham-se providos de uma recompensa suficiente para lhes fornecer tudo de que carecem e dar-lhes abastança. É verdade que as suas necessidades são relativamente poucas, o seu gosto é sempre simples e manifesta-se no desejo de menos coisas, porém melhores — mas eles acham os seus meios de subsistência como as árvores ou plantas que tiram o seu alimento do solo, da água e do ar. Eles não procuram riqueza, como não procuram felicidade, e, todavia, a felicidade lhes vem por si mesma, assim como lhes vêm os meios de subsistência. O homem que se libertou dos enleios da vida material, acha na simples consciência de sua vida um grande prazer, que o homem apegado nunca experimenta, nem nos momentos do seu maior sucesso.

Tudo o que foi procurado como a esperada fonte de felicidade, quando finalmente se encontra, vê-se que, no seu fundo, traz o aguilhão de dor. Se, porém, o homem deixa de olhar à coisa como fonte de felicidade e considera-a como um dos incidentes e acompanhamentos da vida, então o veneno se neutraliza e quebra-se o aguilhão. Se alguém olhar para a Fama como a coisa que lhe trará a felicidade, por tanto tempo procurada, quando se torna afamado, achará que o seu sucesso lhe trouxe muitas coisas desagradáveis que lhe destruirão o prazer do seu êxito. Para aquele, porém, que é livre de apego e trabalha por amor ao trabalho, sem contar com uma recompensa, a Fama pode vir como um incidente e não manifestará dores.

Muitas coisas às quais o homem dedica a sua vida inteira trazem-lhe mais dor do que ventura. E isto simplesmente, porque dirige o seu olhar à coisa de que espera a felicidade, em vez de dirigi-lo a si mesmo.

No momento em que o homem liga a esperança de felicidade a uma pessoa ou coisa exterior, abre a porta à dor e à desgraça, porque nenhuma pessoa ou coisa exterior pode satisfazer os anelos da alma e o desengano que virá — e que necessariamente há de vir — de tal dependência de pessoa ou coisa, produz dor e aflição em vez da esperada felicidade.

Até o Amor, essa nobre emoção, é fonte de dor para a pessoa apegada. A Filosofia Yoga prega a doutrina de Amor — mais Amor — ainda mais Amor. Mas, entretanto, ensina também que o Amor, quando é egoísta, traz dor em suas pegadas. Quando dizemos que amamos a alguém, queremos ordinariamente dizer com isso que desejamos que essa pessoa nos ame, e somos infelizes se esse amor nos é negado. Amor verdadeiro é coisa diferente. O amor desinteressado flui ao amado, sem pedir retorno. O seu prazer consiste na felicidade do amado, e não no desejo de ser retribuído. O amor verdadeiro diz sempre a si mesmo: "Dá, dá, dá" — enquanto que o amor egoísta, material, pede sempre a outra pessoa: "Dá-me, dá-me, dá-me." O amor verdadeiro irradia como a luz do sol, ao passo que o amor egoísta quer atrair tudo a si como um redemoinho.

A pessoa que ama a alguém de tal modo que, se lhe é tirado o amor deste, fenece toda a felicidade da sua vida, é escrava das circunstâncias, escrava das emoções ou paixões do outro. Está apegada de tal maneira que está no caminho para sofrer a dor de desengano, negligência ou mudança. E, ordinariamente, vem-lhe essa dor, porque o seu amor, sendo mortal, há de morrer e a sua morte traz grande dor e sofrimento para quem a ela ligou a sua felicidade. O amor de uma pessoa livre e desapegada é diferente. Não é menor, é o maior dos dois, mas não se vincula à personalidade de outrem, não depende da manifestação ou afeição pela parte do outro. É Amor puro e não aquela paixão egoísta que costuma designar-se com o nome de amor, de que, porém, é apenas uma inferior imitação.

Eduardo Carpenter diz do Amor:

"Quem ama a criatura mortal, que aqui tem o fim, não é mais livre; entregou-se à Morte.

"A espera a cada passo a preta forma limosa, sujando o Universo.

"Porém aquele que ama, há de amar o mortal, e quem quer amar perfeitamente, há de ser livre;

"(O Amor — por mais glorioso que seja — é um incômodo, se destrói ou prejudica a liberdade da alma).

"Por isso, se quiseres amar, desapega-te do amor.

"Fá-lo teu escravo, e todas as maravilhas da natureza terás na palma da tua mão."

E adiante: "Não procures o fim do amor neste ou naquele ato, para que não se torne o fim;

"Mas procura este ou aquele ato, e mil atos, cujo fim é amor; —

"Assim criarás, enfim, aquilo que desejas:

"E quando isto tudo tiver passado, ficar-te-á uma grande possessão imortal, que ninguém te pode tomar."

Na primeira lição deste Curso referimo-nos ao primeiro preceito da primeira parte do manual: "Mata a ambição." E ao quarto preceito da mesma parte: "Trabalha como trabalham os que são ambiciosos." Esta expressão de verdade, aparentemente paradoxal, é a chave da obra sem apego. Na referida lição temos nos esforçado por apresentar ao estudante o aspecto de ambos os lados da tabuleta, para mostrar-lhe como se pode matar a ambição e entretanto, trabalhar como trabalham os que são ambiciosos. Aconselhamos ao estudante que releia aquela parte da lição, quando tiver concluído esta.

A ideia fundamental do desapego — do segredo da obra — é evitar que se fique enleado nas redes das irrealidades da vida, nas ilusões que enganam tanta gente. Os homens ligam-se às coisas que criam ou às coisas por cuja causa trabalham. Tornam-se escravos, em vez de serem senhores. Aferram-se a certos desejos, e os desejos os levam por aqui e ali, através de paus e caminhos pedregosos, somente para os deixarem, ao fim, cansados a sem forças. Esses desejos provêm da parte não desenvolvida da alma, e embora tenham a sua razão de ser em seu lugar próprio, pertencem ao passado do homem desenvolvido que não os nutre mais. Ele não os teme porque vê que são uma parte dele mesmo — conhece a sua origem e história, e reconhece o papel que desempenharam no seu desenvolvimento e no da raça, porém, cresceu acima deles e não permite mais que o vinculem. Recusa-se a ser neles envolvido. Diz Carpenter:

"Lenta e resolutamente — assim como a mosca que limpa as suas pernas do mel em que foi pegada;

"Assim remove tu, ainda que seja por uma vez, toda a partícula que mancha a clareza da tua

mente:

"Regressa a teu interior — contente em dar, mas sem pedir a alguém, sem pedir nada;

"Na luz calma do Seu Esplendor que enche o universo inteiro — no imperecível e indestrutível Eterno —

"Ali mora — como podes morar — satisfeito."

O mesmo poeta diz a respeito do desejo:

"Quando o teu corpo — como necessariamente há de acontecer às vezes — é levado pelo vento da paixão, não digas: "Eu desejo isto ou aquilo."

"Pois o Eu não deseja nem teme coisa alguma, mas é livre e reside em eterna glória, no céu donde derrama os raios de alegria, como faz o sol, por todos os lados.

"Não permitas que esse precioso objeto (o Eu) seja forçado por alguma confusão a descer e mesclar-se no mundo dos contrários, da Morte e do sofrimento.

"Porque, como o raio de um farol propaga-se com incrível rapidez por cima do mar e da terra, embora a lâmpada não se mova absolutamente do lugar.

"Assim o teu corpo de desejo está (e há de estar, pela lei da sua natureza) incessantemente em movimento no mundo do sofrimento, o Eu permanece imóvel nas alturas do céu.

"Por isso, te digo: não permitas que a confusão obscureça a tua mente neste ponto;

"E quando um desejo bate à tua porta,

"Ainda que lhe concedas admissão e entrada hospitaleiramente, em devidos limites —

"Afasta-o cortesmente do teu Eu Real,

"Antes que te morda e arranhe."

O Karma-Yogue sabe o que é o trabalho e a vida, e não se deixa, iludir pelas más concepções populares a respeito destas coisas. Ele vê que é falsa a crença popular que diz que o trabalho foi imposto à humanidade como uma maldição. Vê que, ao contrário, o trabalho é uma das maiores bênçãos e dos melhores privilégios da raça humana. Conhece os benefícios e a felicidade que provêm do trabalho, quando é feito sem apego, e assim é que trabalha. Quando se sente perturbado ou inquietado por alguma coisa, encontra alívio em seu trabalho. Acha que o trabalho lhe serve de poderoso auxílio para vencer as tentações da parte inferior da sua natureza e encarar os novos problemas que se lhe apresentam continuamente.

É natural que o homem trabalhe. O trabalho é uma manifestação do divino poder criativo que está no homem; é o desejo de expressão e de desenvolvimento.

Quando a vossa alma recua perante a vista das vaidades do mundo — dos seus olhos ideais e alvos — da sua crueldade — da sua injustiça — da sua cegueira — dos seus titeres que se apresentam por toda parte a quem vê e pensa — ficai só por um instante, retirai-vos no silêncio dos aposentos interiores de vós mesmo. Não percais a coragem — não griteis cheios de angústia e aflição. Tendes um trabalho para fazer e ninguém pode fazê-lo tão bem como vós. A vossa vida tem um significado, um alvo. Voltai, pois, ao combate. Cumpri bem a vossa tarefa — o vosso dever de hoje — cumpri os "deveres" que acheis que haveis de cumprir.

Tudo isso é uma parte do desenvolvimento da vossa alma e do desenvolvimento da raça. Não vos enfraqueça o coração, não vos desgoste a vacuidade e a vaidade de tudo isso. Há nisso um significado. Cuidai porém, que não vos enleeis nos frutos da vossa ação — no desejo de recompensa. Conservai claros os vossos olhos e não enubleis a vossa mente.

Não penseis que podeis excluir-vos da luta, porém, como diz a Luz no Caminho: "Ainda que combatas, não sejas tu o guerreiro."

Se o vosso Karma vos colocou no meio de ação — agi. Esta é a única possibilidade de sairdes das condições que vos inquietam e perturbam.

Não podeis fugir do vosso Karma — haveis de exauri-lo; trabalhai para este fim, pois não vos faltará remuneração.

Um excelente trabalho deste assunto acha-se no grande poema sânscrito: Bagavad-Gita. O Príncipe Arjuna queixa-se de ver-se forçado a tomar parte no combate da vida e pede a Krishna que o releve do cumprimento desse dever. Krishna esclarece-lhe o seu dever e exorta-o a seu cumprimento. Edwin Arnold traduziu este poema para o inglês, intitulado os seus belíssimos

versos The Song Celestial, isto é, O Canto Celeste. Nestes versos diz Krishna a Arjuna:

"...Ninguém pode escapar à ação  
Fugindo dela; pois ninguém virá  
À perfeição só por mera renúncia.  
Ninguém é inativo um só instante;  
A lei da sua natureza impele  
O homem a agir, mesmo sem querer  
(Pois já pensar é agir mentalmente).  
Quem, assentado, suprime os sentidos  
Carnais, mas no seu coração vaidoso  
Nos mesmos pensa, é hipócrita, inepto.  
Porém, aquele que, com corpo forte.  
À mente serve e boas obras faz,  
Sem esperar recompensa, ó Arjuna,  
É digno de honra. Cumpre o teu dever!  
O trabalho é preferível à vaidade;  
Sem ele, o corpo não pode existir.  
Há uma tarefa de santidade,  
Que não vincula, como faz  
A ação mundana; cumpre o teu dever  
Na terra, sem ter desejo, e terás  
Cumprido a vontade do céu."

Não conhecemos melhores palavras para concluir a nossa lição do que as seguintes, escritas por Edwin Arnold no poema acima mencionado. Pensamos que estas linhas são das mais belas que se podem encontrar escritas em inglês. Fareis bem, decorando-as:

"Nunca nasceu o Espírito, não morre, nem envelhece:  
Em todo o tempo existiu; princípio e fim — sonhos são!  
O Espírito inato, imortal, imóvel permanece;  
A morte tira-lhe a casca, porém não o toca. não!"

Se puderdes compreender o verdadeiro sentido destas palavras de Arnold e fizerdes delas uma parte da vossa consciência, não careceis mais instruções em Karma-Yoga — dirigireis a vida instintivamente e sereis capaz de ver as coisas como são e não como parecem ser, quando observadas através do véu de ilusão. este saber vos conduzirá à realização do conhecimento do Eu Real e quando tiverdes chegado a este ponto, o resto vos será claro.

Que estas palavras e este pensamento vos tragam Paz!

## VI LIÇÃO GNANI-YOGA

Gnani-Yoga é a "Yoga do Saber". A palavra Gnani deriva da raiz sânscrita Gna, que significa "saber" ou "conhecer". Preferimos a palavra Gnani, embora muitas vezes se use das palavras Jñána, Gnyana, etc., que têm o mesmo significado.

Gnani-Yoga é o caminho a que são atraídos os estudantes, os filósofos, os homens e as mulheres de temperamento intelectual. As pessoas que têm inclinação a raciocínio e especulação metafísicos, sutis pesquisas intelectuais, filosofia, ciência e semelhantes matérias, preferem naturalmente a Gnani-Yoga, porque lhe oferece um caminho ameno e agradável que se dirige àquilo que é caro a seus corações.

Mas não é necessário que sejais um hábil metafísico ou um estudante profundo, para aproveitardes as lições deste ramo da Filosofia Yogue. Está aberto a todos os que desejam saber o porquê e o para quê da vida — aqueles que não estão satisfeitos com as ordinárias e infantis explicações dos grandes problemas da existência que lhes oferecem os ensinamentos e credos comuns — aqueles que consideram a parte esotérica do tema como muito boa em seu lugar, mas que procuram a sabedoria oculta, a fase esotérica da verdade.

O Karma-Yoga pergunta sempre: "Como" ou "Quê?" A interrogação eterna do Gnani-Yoga é "Por quê? E este "Porquê?" começa a desenvolver-se todos os dias em maior número de mentes humanas. A sede do verdadeiro saber espiritual inquieta muitos e excita-os a procurarem aquilo com que se desaltera: a fome espiritual pede alimento nutritivo para a alma.

A pessoa começa a ver a irrealidade das coisas materiais ao redor de si, ainda que pareçam ser grandes. Vemos que uma civilização segue a outra — que as raças aparecem, florescem e descaem — que os povos se elevam do estado selvagem até às alturas do aperfeiçoamento material e, em seguida começam a decair. Nas ruínas que estão descobertas debaixo da superfície da terra acham-se sinais de grandes civilizações anteriores das quais a história nada conta. Sobrevêm-nos a ideia de que os povos dessas civilizações decerto pensavam que tinham chegado ao mais alto grau de aperfeiçoamento humano e que pouco faltava a fazer para as gerações vindouras. E, no entanto, desapareceram aqueles povos, sem deixarem o mínimo sinal na história.

Os grandes guerreiros, estadistas, filósofos e instrutores daquelas civilizações são desconhecidos e até ignoramos os nomes daqueles povos. Nada ficou para nos contar deles a não ser uma coluna quebrada aqui ou uma estátua mutilada ali. E o pensamento vê que a mesma sorte aguarda a todas as raças e todas as civilizações, inclusive a nossa. Havemos de desaparecer, a nossa obra será esquecida; raças que virão depois de nós e construirão nova civilização em cima das ruínas daquilo que é o nosso maior orgulho, admirando-se de quem e o que nós éramos.

Religiões apareceram, floresceram, dominaram multidões e feneceram, caindo embaixo do peso da superstição e das formas externas que o homem vai acumulando com persistência em redor do fragmento de verdade que deu origem à religião. Sempre foi assim e assim será também no futuro. Podemos duvidar deste fato (como decerto o faziam os povos das civilizações desaparecidas), mas ele há de chegar. A obra é humana e, por isso, mortal, sendo que tudo o que é mortal há de perecer e desaparecer.

Os homens olham ao redor de si e, tornando-se conscientes da irrealidade de tudo aquilo que forma a vida mortal, começam a ponderar sobre o significado de tudo isso. Perguntam: "De onde viemos? Para onde vamos? Qual é o alvo da nossa existência?" E esforçam-se por resolver o enigma da vida por inúmeras teorias. Rejeitam os dogmas que lhes foram transmitidos, somente para criarem outros novos que, igualmente, não satisfazem. Assim caminham em roda, sem poderem sair do círculo em que se perdem e ao fim, chegam sempre ao ponto onde estiveram no princípio. São como uma ave engaiolada que bate desesperada nas paredes de sua prisão. Andam sempre em roda no círculo do raciocínio intelectual, somente para acharem, por fim, que estão no mesmo lugar e não fizeram progresso nenhum. Querem explicar coisas, mas não fazem mais do que lhes dar novos nomes. Estão subindo a montanha do Saber, porém, quando atingem o cume e olham

ao redor, verificam que se acham apenas em cima de uma pequena colina, enquanto que muito acima das suas cabeças se erguem mais e mais alto muitas séries das verdadeiras montanhas, cuja ponta mais culminante se oculta nas nuvens.

O erro dos pesquisadores consiste em procurarem a verdade continuamente no exterior; ali, porém, não é encontrada, porque ela está no interior. É verdade que com a luz interna pode-se daí colher alguns fragmentos de verdade. Porém, sem esta luz interna, os objetos exteriores não nos darão respostas verdadeiras e podemos assim dirigir à natureza altos gritos e ouvir somente o eco da nossa própria voz. Os pesquisadores no plano relativo acham apenas aquilo que procuram.

Acham aquilo que esperam, pois há mais ou menos verdade nas teorias que lhes agradam e, por conseguinte, hão de achar alguma coisa que corresponde a esse fragmento de verdade. Porém, o homem que procura a coisa exatamente oposta àquela que eles buscam, há de achar também o que procura, porque igualmente possui um fragmento de verdade e há de achar o que a ela corresponde.

Cada um reconhece que achou uma porção de verdade, porém cada um erra supondo que o que achou é a verdade inteira e, por isso, se põe a discutir com os outros, formando-se assim várias escolas. Em seguida, as escolas questionam sobre pormenores e dividem-se em subescolas, e assim por diante, de maneira que o estudante pesquisador se vê cada vez mais perplexo, encontrando sempre mais dificuldades em saber exatamente o que é verdade.

Não suponham os nossos estudantes que estamos falando só das escolas religiosas e filosóficas do Ocidente; o mundo oriental não está em melhor estado. Na Índia há um sem-número de seitas, escolas e cultos. Cada um começou com uma porção de verdade, mas acrescentaram tantas coisas insensatas a essa coisa sagrada, que, finalmente, os seus adeptos perderam totalmente de vista a verdade real e o seu lugar foi tomado pela superstição e por teorias vãs. O Oriente e o Ocidente são iguais a este respeito; apesar disto, porém, existe, em todas as partes do mundo, um pequeno número de pessoas que conservam acesa a lâmpada da verdade, alimentando a chama com todo o esmero e incessante devoção. Estes não admitem que se mescle alguma das suas teorias próprias, ou das de outros, com a verdade. eles dizem: "Especulemos, se convém — ouçamos as especulações de outros — mas não confundamos essas especulações com o fragmento de verdade que nos foi transmitida. Não misturemos a liga com o puro metal."

É verdade que a Índia sempre tem sido a fonte o centro de grandes verdades espirituais. Todas as grandes religiões têm sua origem no Oriente. E na Índia atual as condições são mais favoráveis para pensamentos profundos e estudos espirituais do que no Ocidente, sempre repleto de negócios, tumulto e distração. Isto não quer dizer, entretanto, que as massas vulgares, na Índia, sejam altamente desenvolvidas quanto à espiritualidade. Pelo contrário, não há outro país onde o joio da superstição cresça com tanta exuberância. Compreenderemos facilmente a razão disto, quando considerarmos que as mesmas condições que conduzem às pesquisas e aos estudos no domínio metafísico e espiritual, fornecem igualmente o melhor solo para o crescimento da superstição.

No solo da Califórnia crescem as frutas e as flores com uma exuberância desconhecida no resto dos Estados Unidos, mas o mesmo solo, sendo descuidado, produz todas as espécies de ervas más. Quando é negligenciado um estabelecimento agrícola na Índia, em um ano ou pouco mais, encontra-se em seu lugar um matagal, e vê-se vegetação silvestre onde antes era a lavoura.

No Oriente há muitos deuses falsos de superstição, ao passo que no Ocidente o novo deus (igualmente falso) de Bem-estar material ocupa o lugar no templo. Há uma forte semelhança familiar entre o Mamom (deus da riqueza) e os falsos deuses da Índia.

O Gnani-Yoga vê a verdade em todas as formas de religião e em todas as escolas filosóficas, mas sabe que esta verdade é apenas uma pequena parte da Grande Verdade. Não se ocupa em descobrir faltas em qualquer religião ou escola filosófica — não os ataca com argumentos — o único ponto que acentua é que "aquilo não é Verdade Inteira". Não tem uma escola ou um credo particular, porque reconhece como irmãos a todos os pensadores e adeptos de religião, em toda parte, quaisquer que sejam as suas opiniões. A sua profissão de fé é bastante ampla para abarcá-los todos, mas se recusa a ser vinculado pelas limitações de qualquer credo ou seita especial. O erro das escolas e seitas que estão em conflitos recíprocos consiste em quererem limitar Deus e excluir

alguns homens. O Gnani-Yoga não admite limites em relação a Deus ou alguma das criaturas de Deus.

Nesta lição queremos dar aos nossos estudantes uma clara ideia dos fundamentais pensamentos e ensinamentos dos Gnanis-Yogas, sem entrarmos nas diversas teorias das várias escolas de seus partidários, das quais cada uma aceita a premissa principal e sobre ela constrói certos argumentos e conclusões. Estas verdades fundamentais encontram-se nos ensinamentos esotéricos de todas as religiões, entre todas as raças, e foram implantadas a essas religiões por seus fundadores (que as receberam da sua Mente Espiritual), por intermédio dos seus discípulos prediletos.

Estes ensinamentos são corrompidos mais e mais em cada geração que segue, até que as verdades originais se perdem quase totalmente de vista. Com exemplo para demonstrar este fato, lede o Sermão da Montanha, cujos ensinamentos são compreendidos e venerados pelos ocultistas e místicos de todas as escolas e de todos os países; e vede como os cristãos conservam a forma exterior, declarando atrevidamente que os ensinamentos de Cristo "são impraticáveis". Os descrentes podem negar a verdade dos ensinamentos de Cristo; mas estranho que homens que dizem que são cristãos chamem esses ensinamentos "excêntricos" e impróprios para uso da Humanidade. E assim se dá com as multidões dos partidários de todas as religiões: conservam o nome e as formas exteriores, mas aceitam só aquilo dos ensinamentos que lhes convém e é conforme à sua vida.

Em vez de conformarem a sua vida com os ensinamentos, conformam os ensinamentos com sua vida. Mencionamos isto, não com o intuito de um acerbo criticismo, mas apenas como um exemplo da diferença entre os ensinamentos esotéricos (isto é, internos e esotéricos (ou externos) de todas as religiões.

Nos ensinamentos fundamentais dos Gnani-Yogues não há nada de contrário aos verdadeiros ensinamentos — ensinamentos esotéricos — de qualquer religião e pode continuar a pertencer à sua forma de religião quem aceita estas verdades fundamentais. Esta ciência torna-o até capaz de ver a parte esotérica da sua própria religião e apreciar suas belezas, enquanto que os seus correligionários se apegam a formas e palavras. Igualmente aqueles que não têm nenhuma forma especial de religião, acharão que estes ensinamentos lhes dão o conforto espiritual que não puderam encontrar em outra parte e reconhecerão que estes ensinamentos estão em pleno acordo com a razão, uma vez que sejam devidamente compreendidos. O descrente e o materialista podem achar nestas doutrinas o espírito das ideias por eles aceitas. Ele fala da "Natureza" — saiba, pois, que para os Gnanis as palavras "Deus" e "Natureza" têm o mesmo sentido e as escamas cairão dos seus olhos.

Nesta lição trataremos somente das ideias fundamentais e não tentaremos construir algumas teorias ou filosofias especiais. O material fornecido dar-vos-á a chave de todas as filosofias e cada estudante pode construir um pouco de filosofia própria, lembrando-se sempre, entretanto, que todas essas filosofias devem ser consideradas como meras "hipóteses operantes" e não como verdade fundamental. Isto posto, prosseguiremos.

Considerando o Enigma do Universo, havemos de chegar a reconhecer a necessidade da existência dos primeiros princípios daquilo que é a base de tudo que é evidente aos sentidos. O homem ordinário repudia esta ideia com a observação: "Deus está detrás de tudo e nós não podemos compreendê-lo", o que, aliás, é verdade. Indagai, porém, qual é a sua concepção de Deus e achareis que ela varia como cada indivíduo.

Cada um tem sua própria ideia — ou falta de ideia — porém quase todos vos dirão que Deus é alguma coisa ou algum ser fora da Natureza, que deu o começo a tudo que existe, deixando em seguida correr tudo de uma forma misteriosa. O homem ordinário considera a resposta "Deus o fez", como uma suficiente explicação de tudo; tal ideia de "Deus" é, porém, só muito pouco elevada sobre a ideia que da Deidade tem o selvagem. Enquanto não compreendemos alguma coisa a respeito da natureza de Deus, não podemos conceber nada da natureza do Universo ou da Vida. É verdade que a mente finita pode compreender só pouco do Infinito, contudo pode compreender um pouco, por meio do canal da Mente Espiritual, e esse "pouco" é o que os Gnanis designam como "verdade" — não dizem que isso seja "verdade" porque é contido em suas crenças, porém que é "verdade" porque pode ser como tal reconhecido por todos os que deixam a Mente Espiritual comunicar-lhe o seu saber.

Já a apresentação da verdade traz muitas vezes intuitivamente a evidência dessa verdade à

mente daqueles que estão prontos para reconhecê-la. Isto pode transcender o Intelecto, mas o Intelecto não o rejeita quando a mente foi limpa do cisco que nela se acumulara.

O estudante de Gnani-Yoga é continuamente avisado pelo instrutor, que deve passar por um treinamento mental, disciplina e exame próprio, com o intuito de "deixar de lado" antigos preconceitos, opiniões hipotéticas, doutrinas dogmáticas, tendências hereditárias, sugestões irrazoáveis que lhe foram infiltradas na infância e semelhantes aparatos da mente.

Notai que dizemos "deixar de lado", e não "repudiar" — "somente deixar de lado" e retomá-las e usá-las, se houver necessidade; mas não de ser postas de lado para que a mente possa conceber a nova e completa apresentação da verdade, sem interferência, sem obstáculo e sem perigo de mesclar-se a verdade com velhas teorias, limitações e más exposições. Os Gnanis afirmam que a mente, pronta a receber a verdade, quando estiver purificada deste modo, reconhecerá a verdade intuitivamente se lhe for apresentada e discernirá facilmente o verdadeiro metal da base.

Não insistimos com os nossos estudantes que tomam parte neste curso de preparação por ora, mas apenas pedimos que "deixem de lado" o preconceito por um momento e aceitem a nossa exposição num "campo limpo". Se não vos atrai, se não concordais — deixai de lado o que vos apresentamos, deixai para o futuro — não sois prejudicado, não estais ainda prontos para isso. Se vos atrai, se concordais — se parece encher-vos a mente como ela nunca foi cheia — então estais prontos para isso — a Verdade é vossa.

A muitos parece que a concepção de Divindade apresentada pelos Gnanis é uma forma de Panteísmo; mas ela é muito mais do que Panteísmo.

Este ensina que Deus é a soma de todas as coisas, vistas, sentidas, ouvidas — que o Universo, como o conhecemos, é Deus. O ensinamento da Gnani-Yoga diz que isto é só uma meia-verdade; que todas as coisas que podemos perceber são apenas uma infinitésima parte do Universo real, e que dizer que este Universo, como o reconhecemos, é Deus, seria como dizer que a apara de uma unha é o homem. A Gnani-Yoga não ensina que o Universo é Deus, porém que Deus se manifesta em tudo que o nosso Universo contém e em milhões de vezes mais. Afirma que a verdadeira ideia de Deus está além da concepção humana e que até seres que estão tanto acima do homem, como o homem acima do verme, podem formar apenas uma fraca ideia da sua natureza.

A Gnani-Yoga diz, entretanto, que o homem pode chegar a saber, atualmente, que Deus está em toda a Vida. Podemos resumir estes ensinamentos no seguinte: Que Deus está presente em toda a Vida, manifestada ou imanifestada, criada ou incriada, visível ou invisível, conhecida ou desconhecida.

Esta ideia, como vedes, é muito diferente daquela conforme a qual Deus é só a soma das coisas conhecidas e visíveis, e igualmente é diferente, da ideia, conforme a qual é algo separado das suas criações. Os Gnanis não falam de "criações" porque, conforme à sua ideia, todas as coisas são "manifestações" de Deus.

O estudante, acostumado ao uso ordinário da palavra "Deus", achará talvez dificuldade em formar uma concepção mental da ideia que os Gnanis têm da Divindade. Ele será tentado a levar em sua mente a antropomórfica concepção de Deus — isto é, a concepção de Deus como um homem ou, ao menos, como tendo a forma, as paixões, os hábitos e característicos de um homem. Esta ideia de Deus pertence aos períodos infantis da raça humana e os grandes pensadores de todas as religiões a têm abandonado já há muito tempo. Ainda que a Divindade há de possuir todos os atributos superiores dados geralmente à pessoal ideia de Deus, todavia há de transcender toda essa ideia pessoal de tal maneira que dos homens pensantes, se têm o devido respeito para a Fonte do Ser, ninguém pode continuar a manter a concepção antropomórfica, qualquer que seja o seu credo religioso.

Em vista da concepção e imagem mental, evocada ordinariamente pela palavra "Deus", e em vista de poder ser mal compreendido o sentido das nossas palavras, julgamos que será melhor usarmos o termo "o Absoluto", falando de Deus nesta lição. Este termo é mais apropriado, porque a Gnani-Yoga é antes uma filosofia do que uma religião — antes um estudo para as forças mentais superiores do que um assunto emocional ou uma insinuação de devoção. Quando chegarmos a falar da "Bhakti-Yoga" que trata do culto Divino, — da religiosa fase da Filosofia Yoga — poderemos

tornar a usar a palavra "Deus" como aplicada à Divindade, sem correremos o perigo de sermos mal compreendidos. Quando, pois, nesta lição, falamos do "Absoluto", não queremos introduzir um novo Deus, mas estamos simplesmente usando um termo geral para a Fonte do Ser, que é bastante amplo para abarcar em si as concepções de Divindade, mantidas por alguns e por todos os estudantes, sem distinção de sua crença, opinião ou educação, como também as concepções dos filósofos que preferem pensar antes num "princípio" do que em Divindade. Queira o estudante reler este parágrafo, a fim de poder claramente compreender a razão por que usamos o termo nesta lição.

A Filosofia de Gnani-Yoga principia com a afirmação: "O Absoluto É". Não pretende esta filosofia ser capaz de explicar ao intelecto humano o "como", "para quê" e "por quê" do Absoluto. Ela simplesmente diz que o Absoluto "É". Em resposta à interrogação: "Como pode haver algo sem causa?", responde que a compreensão de causa e efeito pertence ao plano relativo de causação e que o Absoluto está acima do plano relativo. Vemos que tudo ao redor de nós tem uma causa e que tudo é uma causa de efeitos sucessivos.

Tudo que vemos, sentimos, ouvimos, é uma parte da cadeia de causa e efeito. Isto é, que tudo tem uma cadeia de causas precedentes que retrocedem até — a quê? e tem uma cadeia de efeitos sucessivos que se estendem no futuro até — a quê? Em ambos os casos, a resposta é: "O Absoluto." Podemos traçar as causas de uma coisa tão longe no passado, que a razão se recuse a agir e podemos imaginar uma série de efeitos de uma causa estendendo-se tão longe no futuro que até a imaginação se nega a ir mais adiante. O segredo é que tudo principia e acaba no Absoluto. O intelecto humano é totalmente incapaz de formar uma clara concepção de uma coisa sem causa, porque o Intelecto está no plano relativo e, neste mundo de relatividade, tudo tem sua causa e nós não podemos imaginar uma coisa inteiramente transcendente à nossa experiência de sentidos; por conseguinte, não podemos conceber nada sem causa. Os filósofos que afirmam que tudo há de ter uma causa, encontram-se com duas proposições das quais não há de aceitar uma, sendo que cada uma delas destrói a teoria por eles apresentada. eles não há de aceitar a proposição que há uma primeira causa e neste caso removem simplesmente o problema alguns passos para trás e não há de admitir que a Primeira Causa não tem causa; ou não há de admitir que a cadeia de causa e efeito é infinita e neste caso se acham em frente da dificuldade que uma coisa sem princípio não pode ter causa — pois a lei de causa e efeito é incompleta. Em poucas palavras, o intelecto humano é totalmente incapaz de resolver a questão e quanto mais se esforça para resolvê-la, tanto mais se perturba.

É a velha pergunta da criança: "Quem fez o Universo?" a que se responde: "Deus." A criança continua a indagar: "E quem fez a Deus?" Como vedes, só se remove a questão a outro ponto. Até o materialista, que diz que totalmente não crê em Deus, tem que afirmar que a matéria sempre existiu e não pode explicar, porque a Matéria não tem causa, enquanto que todas as suas manifestações mostram uma cadeia de causa e efeito. (O materialista aceita só a concepção de uma das manifestações do Absoluto e chama-a Matéria, recusando-se a aceitar outra manifestação do Absoluto, a que se costuma dar o nome de Mente ou Inteligência). Assim, ao fim, o Intelecto é obrigado a admitir que há algo que não tem causa. Com outras palavras, há de admitir que está batido e há de ser batido, porque pertence ao plano relativo e não pode conceber o Absoluto.

Os Gnanis chamam o Absoluto "a Causa sem Causa", e simplesmente afirmam que É. O estudante deve familiarizar-se com esta ideia da realidade do Absoluto, antes que vá adiante. Não carece dar-lhe atributos, nem pretender compreendê-lo — nem precisa dar-lhe nome. Mas há de admitir que há um absoluto Algo, chamemo-lo Deus, Mente, Matéria, Força, Vida ou de outra maneira. Há de admitir e conceber a Causa absoluta, da qual procede todo o resto — ou que se manifesta em todo o resto.

O próximo passo que o estudante deve dar é a assimilação do fato que tudo É, visível ou invisível, há de ser uma emanção ou manifestação daquela Coisa Absoluta. Porque não pode haver nada fora do Absoluto ou que não tenha emanado dele. Não há nada de fora. Tudo há de provir de uma só fonte. Se o Absoluto quis fazer uma coisa, necessariamente havia de fazê-la de si mesmo, ao menos o nosso Intelecto não pode concebê-lo de outra maneira. Não pode haver dois Absolutos — há lugar para Um só.

Aqui julgamos que será bom inserir um pequeno poema, cujo autor nos é desconhecido e

que expõe uma grande verdade em linguagem simplicíssima:

"Grandíssimo Todo Infinito,  
Tu és sem limites, Eterno!  
Teu corpo é todo o Universo,  
Tu és seu Espírito inteiro.  
Se enches a imensidade,  
és tudo em tudo, oculto e visto;  
Se tu eras antes que eu fosse:  
então eu nem agora existo.  
Fora de Ti viver não posso;  
Tu enches a terra e o mar,  
Os céus e os ares, toda a parte:  
fora de Ti não há lugar.  
Se tu és Deus, e enches o espaço  
que em toda a direção se estende;  
Então estou em Deus, sou d'Ele,  
meu ser todo a se prende;  
Ele me sustenta em si mesmo,  
segura-me nos braços seus  
E por mais pequeno que eu seja:  
sou sempre uma parte de Deus,  
Centelha da chama divina:  
nisto a minha vida consiste.  
E se não sou parte de Deus —  
então um tal Deus não existe."

O terceiro passo que deve dar o estudante é a clara concepção mental de que o Absoluto, necessariamente há de possuir estes três atributos: 1.º) Onipotência; 2.º) Onisciência; 3.º) Onipresença. Não se exige que aceiteis cegamente estas afirmações; pelo contrário, deveis examiná-las.

1.º) Onipotente significa todo-poderoso. Não se quer dizer com esta palavra que o Absoluto é mais poderoso do que algum outro ser ou do que todo o resto junto, mas que é todo-poderoso; que possui todo o poder que há e, por conseguinte, que todo o poder, de que somos conscientes, é uma manifestação do Absoluto. Não há lugar para qualquer outro poder e todo o poder que se manifesta, de todas as espécies e descrições, necessariamente é manifestado do Absoluto. Muitos falam de Deus Onipotente — de um Deus todo-poderoso, mas não têm o menor conhecimento do significado desta palavra. eles "torcem" a verdade que, inevitavelmente, provém da afirmação de Onipotência (ou Todo-o-poder), isto é, que todo o poder necessariamente é de Deus. eles querem atribuir a Deus todas as manifestações de poder que lhes agradam ou que são úteis ao seu bem-estar; mas quando se trata de uma manifestação de poder que os prejudica ou parece ser cruel, têm medo de atribuí-lo a Deus, e ou ignoram a questão ou atribuem a coisa desagradável a um outro poder, por exemplo, ao "Diabo", não vendo que, se Deus é todo-poderoso, não pode haver outro poder no Universo e que todas as manifestações de poder, quer pareçam ser boas ou más (estes termos são relativos), hão de provir da mesma fonte. O erro do homem consiste nisso que chama "boas" todas as coisas que pode aproveitar para seu prazer e bem-estar material, e "más" todas as contrárias ao dito fim. ("Bom" tempo é o tempo que agrada aos homens, e "mau" tempo é aquele que lhes é desagradável. Se estivessem fora do corpo, veriam que ambos são igualmente bons, porque não seriam afetados nem por um, nem por outro."

2.º) Onipresente significa presente em toda a parte ao mesmo tempo. Queremos dizer que o Absoluto está presente em todo o espaço como o conhecemos e em qualquer outra parte, sem considerarmos a nossa relativa ideia de espaço. Ele está em toda parte — o espaço não existe para

— Ele é Infinito. Aqui temos outra coisa que o Intelecto de por si não é capaz de compreender — o Espaço. O Intelecto não pode conceber o espaço sem fim, igualmente como não pode conceber uma coisa sem causa. E, contudo, não pode (o pobre Intelecto) imaginar alguma coisa além do espaço, nem os fins do espaço. Não pode conceber o espaço com um fim, nem sem fim. Porém, voltemos ao nosso assunto. Se o Absoluto é Onipresente (e nós não podemos concebê-lo como não onipresente), necessariamente está sempre presente em todos os lugares, em todas as pessoas, em todos os átomos, na matéria, na mente e no espírito. Se estivesse ausente de um único ponto do espaço ou se estivesse fora do espaço, não seria Onipresente, e toda a afirmação seria falsa. E se está presente em toda a parte, não há lugar para a presença de qualquer outra coisa. E se é assim, tudo é necessariamente uma parte do Absoluto ou uma emanção dele. Cada ser ou coisa há de ser uma parte do Poderoso Todo. Muitos costumam dizer: "Deus está em toda a parte" — cada criança nos países cristãos aprende isto. Porém como são poucos os que meditam sobre o significado dessas palavras! eles não sabem que estão dizendo que Deus está nos lugares baixos igualmente como nos altos — nos lugares "maus" igualmente como nos "bons". Eles não sabem que estão dizendo que Deus, estando em toda a parte, tudo há de conter Deus — tudo há de, com efeito, ser uma parte de Sua manifestação. As palavras que pronunciam com tanta facilidade têm um grandioso sentido. Não exigimos que o estudante aceite esta afirmação de Onipresença sem examiná-la. Não temos aqui espaço: suficiente para entrarmos em pormenores, mas a ciência moderna está cheia de teorias que proclamam que existe uma única substância e que esta substância penetra todo o corpo. Assim como a ciência afirma que há uma só Força, que se manifesta de diferentes maneiras, igualmente afirma que há uma só Substância, que se manifesta em diferentes formas. É verdade que a ciência chega a esta conclusão por meio de raciocínio materialista, porém, as conclusões são praticamente idênticas com as dos Gnani-Yogues, que as conhecem já por muitos séculos, tendo-as recebido de instrutores muito antigos. E as religiões ortodoxas afirmam a mesma coisa nos seus dogmas de Onipotência e Onipresença — embora não o saibam.

3.º) Onisciente significa sabedor de tudo. Queremos dizer com esta palavra que o Absoluto possui todo o saber; que sabe tudo; que não há nada que não saiba; que é a soma total de todo o saber que existe, existiu e existirá. Se admitirmos que haja uma coisa de muito pouca importância que o Absoluto não sabe ou não pode saber, deixamos a palavra sem sentido. E se o Absoluto possui todo o saber que existe, não pode errar; não acha necessário fazer mudanças em sua mente; não pode pensar ou agir senão sábia e, por conseguinte, justamente. E, todavia, parece que o povo pensa que Deus faz erros ou que não sabe tudo das coisas, julgando, frequentemente, que devem chamar a sua atenção a coisas que não viu ou a erros que fez e pedir-lhe que faça melhor no futuro. Parece que pensam que podem adular a Deus ou enganá-lo. Pobres criancinhas!

O estudante pode reconhecer a verdade desta afirmação de Onisciência, uma vez que olhe ao redor de si e pense um pouco. Se o Absoluto não possui todo o saber, então de onde tiramos nós o saber? Decerto não o podemos tirar de fora do Absoluto. É muito mais razoável dizer que o saber sempre existe e que, para o adquirir, só havemos de desenvolver as nossas mentes suficientemente para que o absorvam ou deixar o Saber Divino entrar em nossa mente. Seria, sem dúvida, inútil esperar que nos viesse o saber de alguma outra fonte a não ser o Absoluto; pois, além d'Ele, nada há.

Os Gnanis ensinam que o Absoluto é Todo-poderoso; Sabedor de tudo; Presente em toda parte. Que possui todo o poder que existe — e que ocupa todo espaço ou que toma o lugar do espaço, onde há, e que está em tudo, em toda parte, ao mesmo tempo e sempre.

Ensinam que o Absoluto, no seu sentido de puro ser, não pode ser compreendido pelo Intelecto, no tempo presente, mas que se manifesta em três formas, as quais podem ser sentidas, estudadas e parcialmente compreendidas pelo Intelecto até pelos homens atuais.

Estas três formas de manifestação do Absoluto são conhecidas como: 1.º) Substância ou Matéria; 2.º) Energia ou Força; 3.º) Inteligência ou Mente. O que os ocultistas conhecem como Espírito é uma manifestação transcendental e não é incluída nas três manifestações acima mencionadas. Alguns escritores definem o Espírito como um estado da Mente muito altamente desenvolvido, mas Ele é mais — é uma porção do Absoluto não manifestado aos nossos sentidos.

Nesta lição, consideramos as três manifestações assim como acima as indicamos.

Chamamos a atenção do estudante para a correspondência que há entre as três mencionadas manifestações do Absoluto e os três atributos dos quais temos falado um pouco mais atrás. Assim: 1.º) o atributo de Onipresença manifesta-se na Substância ou Matéria; 2.º) o atributo de Onipotência manifesta-se na Energia ou Força; 3.º) e o atributo de Onisciência na Mente ou Inteligência. Isto é, as mencionadas manifestações são uma parte das manifestações dos mencionados atributos — muito pequenas manifestações em comparação com outras em planos superiores, mas sempre manifestações.

Não queremos dizer que esta tríplice manifestação do Absoluto seja o Absoluto mesmo — é apenas uma trindade de manifestações ou emanações. (É difícil escolher a palavra apropriada, porque até a melhor é insuficiente para expressar a ideia). O Absoluto mesmo não pode ser visto, nem podemos fazer dele clara ideia; a nossa mente pode apenas formar a ideia de uma ou outra das manifestações para poder pensar sobre Ele.

Quando pensamos no Absoluto como Inteligência, pensamos apenas na manifestação deste nome. Quando pensamos n'Ele como Força ou Energia, ou dizemos que faz alguma coisa, pensamos apenas na manifestação da Energia. Quando pensamos n'Ele como enchendo o espaço, podemos só pensar na Matéria em alguma das suas formas, que podem ser talvez muito etéreas, porém são sempre manifestação da Substância ou Matéria.

O homem religioso acha ordinariamente difícil conceber a ideia que Deus se manifestou na Substância ou Matéria e na Força ou Energia. Ele pensa em Deus com a ideia de que Deus faz ou usa estas coisas, mas não está acostumado a vê-lo nelas. A Gnani-Yoga o conduzirá a ver Deus em toda parte e em todas as coisas. "Levanta a pedra e Me encontrarão; racha a lenha e Eu estou ali."

De outro lado, o materialista não achará fácil aceitar essas duas formas de manifestação como expressões do Absoluto, porque lhe parecerá que, deste modo, se faz do Absoluto uma ideia muito semelhante àquela que o homem religioso faz a respeito de Deus, cuja existência o materialista nega. Mas a Gnani-Yoga une estes dois irmãos na verdade e explica-lhes que ambos olharam ao mesmo objeto de diferentes pontos de vista. O cientista poderá negar que a manifestação da Mente ou Inteligência é u'a manifestação separada, porém isto é um mero incidente do assunto. O Gnani-Yoga vê Inteligência em tudo, desde o mineral até o homem — em vários degraus.

Ele reconhece que a menor célula possui uma inteligência consciente que lhe torna possível desempenhar uma função que o intelecto humano não pode compreender. O menor vegetal revela uma grande inteligência que age Nele e por ele, e o homem nunca poderá duplicar a obra que o vegetal faz, apesar do seu intelecto gigantesco.

No crescimento da folha de uma erva manifesta-se Deus ou o Absoluto, em três formas, a saber: em Substância ou Matéria, em Força ou Energia, e em Mente ou Inteligência. O cientista pode tomar os elementos da semente, da matéria em redor de si, pode juntá-los e fazer uma semente - pode dar-lhe solo apropriado e próprias condições — pode aplicar-lhe todas as formas de energia ou força conhecidas a — mas a planta não crescerá.

Carece da terceira manifestação — a Inteligência ou Mente, e o homem não tem o poder de dá-la. Cada célulazinha contém inteligência, (ou mente) que opera inconscientemente e produz o crescimento da planta. Os nossos corpos são construídos pela mesma forma. Em tudo existe Inteligência - e ela emana toda do Absoluto.

Pensa o homem que o seu Intelecto é a mais alta forma de inteligência, manifestada no universo? Insensatez! Olhe ao redor de si e veja a adaptação dos meios aos fins, e descobrirá como a natureza une uma coisa a outra. Ele não pode fazer com o seu intelecto o que a natureza faz e fazia já antes do aparecimento de seres humanos. Uma Inteligência maior do que a do homem opera aí e o estudante atento pode ver os sinais dela por toda a parte. O estudo do grão de trigo, o exame do olho do coelho descobrirá um plano e uma inteligência admiráveis. Quem duvida, observe um enxame de abelhas e convencer-se-á como um conhecido nosso que era cético, mas quando principiou a apicultura, abriram-se os seus olhos à maravilhosa obra da "Natureza". nos disse que, quando observava os trabalhos do enxame, era o seu pensamento: "Mais perto de Ti, ó Deus!"

O homem não desenvolve a Inteligência — só desenvolve o poder de receber e absorver a

Inteligência e o Saber do manancial. Recebe somente quanto é capaz de conter; Deus não deita um litro de Inteligência numa medida de decilitro. O homem N.º 3 não recebe uma porção de saber que corresponde ao N.º 7.

E observai esta coincidência. À medida que a alma evolui e se desenvolve, começa a participar mais de cada um dos três atributos do Absoluto. Começa a saber mais — ter mais poder — ser capaz de dominar espaço e matéria. E à medida que a alma se desenvolve e cresce, continua a participar, em razão crescente, dos três atributos do Absoluto: "Oniscência, Onipotência e Onipresença.

Nesta lição não falaremos sobre a nossa atitude para com o Absoluto, nosso dever para com Deus. Isto pertence à "Bhakti-Yoga", de que trataremos na próxima lição. Nesta lição, só falamos da parte filosófica do conhecimento de Deus — da Gnani-Yoga.

Neste lugar havemos de avisar os nossos estudantes para não caírem num erro comum aos estudantes da Filosofia Oriental — e não só comum aos estudantes, mas até a alguns instrutores. Aludimos à própria concepção (ou falta dela) da relação do Centro à Emanação. O homem é de Deus, mas não é Deus; é uma manifestação do Absoluto, mas não é o Absoluto mesmo. Ele é apenas a expressão Finita do Infinito. Ouvimos hindus e estudantes ocidentais das doutrinas do Oriente declarar em alta voz: "Eu sou Deus."

Estão dominados tanto pelo sentido de Tudo, tão arrebatados pela consciência de sua afinidade com o Absoluto, que pensam que são iguais a Deus ou que são Deus mesmo. Não há para admirar-se que aquele que é estranho a estes ensinamentos fique mal impressionado pela aparente impiedade, e tanto a sua razão como o seu sentimento recusam-se aceitar a referida afirmação. Esta é a mais sutil, a mais insidiosa e perigosa perversão da verdadeira doutrina, e advertimos a todos os estudantes que se acautelem contra ela, ainda que esta falsa doutrina venha de uma alta ou aparente autoridade. Os instrutores hindus adiantados não cometem este erro de pensamento, mas alguns dos seus adeptos caem Nele. Alguns muito bons instrutores orientais esforçam-se por exprimir o pensamento hindu com palavras inglesas e o resultado é que foi promulgada uma ideia errônea, porque as palavras inglesas (como igualmente as de outras línguas modernas) não são capazes de expressar os finos matizes da ideia, como é possível fazer em sânscrito. Alguns dos novos cultos na América e na Inglaterra caíram no mesmo erro e os seus partidários horrorizam e desgostam os seus camaradas com os assertos de que em verdade, são Deus mesmo, Se expusemos bem este assunto, sentimos que já com isto serviu esta lição a seu fim.

A base real da filosofia de Gnani-Yoga a respeito da Vida é a seguinte:

Toda existência, consciente ou inconsciente, é uma EMANAÇÃO de um só Ser.

Notais a palavra "Emanação": ela vos dá a chave do problema. Webster define-a da seguinte forma: "Emanar — provir ou proceder de uma fonte; sair, originar-se." A palavra "Emanação" significa, pois, aquilo que provém ou procede de uma fonte, "aquilo que sai ou origina-se". A palavra primitiva, de que este termo é derivado, em latim é Manare (em português "manar"), e significa "correr" como água ou "fluir". Esta palavra dá-nos uma ideia tão correta do pensamento dos Gnani, como é possível obter. Vejamos um exemplo de explanação que Gnani prefere — o Sol. O Sol é o Sol mesmo — o centro — a fonte das vibrações que dele procedem, vibrações que em certas condições se manifestam em forma de luz e calor. Estritamente falando, fora do Sol nada é o Sol e, contudo, cada fragmento da vibração é uma emanção do Sol, como uma parte do Sol. E cada raio de luz ou calor que percebemos pelos nossos sentidos é realmente "Sol" em certa maneira e, apesar disso, não é a fonte. O raio é, neste sentido, o Sol, mas o Sol não é raio. Percebeis a nossa ideia? Em um sentido, o homem é Deus (como um raio ou emanção), mas com toda a certeza Deus não é o homem, O homem, e tudo que existe, é de Deus, mas não é Deus mesmo. Esperamos que o estudante leia repetidamente estas palavras e medite sobre elas, até que chegue à ideia clara, porque de outra forma cairia num lameiro de onde poderia sair mais tarde somente a muito custo, Muitos se precipitam agora neste atoleiro, cansam-se e ficam exaustos de forças por causa dos esforços que fazem para saírem.

Alguns escritores explicam esta ideia com a comparação do corpo físico do homem, eles comparam cada fragmento de vida a uma célula do corpo, que possui certa inteligência, e, muitas

vezes, ação independente, Estas células formam grupos de células (veja-se a Hatha-Yoga, cap, XVIII, "As pequenas vidas do corpo"), estes grupos têm certos centros de energia, mas todos são dependentes do cérebro — o Senhor, A Mente Central do homem regulariza tudo. Esses escritores falam do Absoluto — de Deus — como correspondente à Mente Central que dirige e domina as células individuais, Esta ilustração, embora mais ou menos imperfeita, corresponde muito bem à ideia dos Gnanis aqui mencionada. Pode ser que auxilie alguns estudantes a formarem a própria concepção da ideia.

Swedenborg fala do indivíduo ou da coisa como uma forma pela qual o Universo passa ou flui como uma corrente; isto é outra expressão do mesmo pensamento.

J. William Lloyd, no seu excelente livro Dawn Thought (Aurora do Pensamento) (\*) diz: "Quando tocamos a unha de um dedo de um homem, tocamos o homem. Mas não é a, mesma coisa como tocar um nervo. E tocar o nervo não é o mesmo como tocar o cérebro. Conforme a forma, a vida e a divindade que a habitam são mais ou menos aparentes e reveladas. Em toda parte há vida e certa porção de inteligência; mas não são do mesmo grau ou da mesma expressão. Da mesma forma como no homem, que é uma unidade, há uma parte onde estão especialmente localizadas a consciência, a inteligência e a volição, e as outras partes diferem em sua maior ou menor distância desta localização — assim é com o Ser Universal é provável que Nele haja, em alguma parte, a que se chama "Deus" (ou melhor, Pai ou Mãe Celeste) no sentido especial — consciência, vida, inteligência, força, em pura essência — e outras partes podem ser classificadas conforme sua maior ou menor distância deste Centro — conforme sua maior ou menor semelhança com Ele."

Apresentamos estas ilustrações ou comparações e estes aspectos para que o estudante possa apreciar as diferentes explicações do mesmo pensamento, colorido pela mentalidade dos autores. Alguns compreenderão a verdade melhor por meio de uma e outros por meio de outra explanação. Nós, pessoalmente, preferimos a comparação com o Sol — seu centro, suas emanções e seus raios — porque julgamos que oferece uma analogia mais exata e verdadeira ideia dos Gnanis do que as outras. Mas qualquer explicação que ajuda o estudante a chegar à ideia exata é a melhor para ele. Um instrutor hindu mostrou, uma vez, aos seus discípulos uma flor cheirosa, chamando a sua atenção para o fato de que a flor emitia de si, continuamente, partículas que, sendo percebidas pelo sentido do olfato, causava a sensação do cheiro, e o cheiro, apesar de ser da rosa, uma parte dela, não era a rosa. Dela, mas não Ela.

Vemos que temos tratado somente de uma fase da Gnani-Yoga, e isto mesmo apenas parcialmente. Falaremos um pouco de outros dos seus pontos nas lições subsequentes. A nossa próxima lição sobre a Bhakti-Yoga — a Yoga do Amor a Deus — um tema que segue naturalmente esta parte de Gnani-Yoga de que temos tratado. A Bhakti-Yoga expõe a verdadeira relação do homem com Deus — e nos lembrará que em Deus o homem verdadeiramente vive e se move e tem o seu ser. A lição não será como um sermão convencional, embora a Bhakti-Yoga se dirija ao coração e não ao intelecto. Mas ela está de acordo com a razão e não a contrária. Nas lições que seguirão adiante trataremos de outras partes de Gnani-Yoga, sob epígrafes apropriadas. A Filosofia Yoga serve para todas as necessidades do homem: algumas partes são mais atrativas para uns, outras para outros; ideias, porém, são boas e necessárias. Não negligencieis, pois nenhuma porque outra vos atrai mais. De cada uma tirareis algum proveito.

Em conclusão, chamamos a vossa atuação para o fato de que é verdade que o Universo não é uma coisa morta — é vivo, há nele pulsação de vida, energia e inteligência. O Universo é um Ser vivo e vós sois parte dele todo. Vós não sois o Absoluto, mas sois um átomo que contém um dos seus raios; a sua força vital opera por meio de vós. Estais em contato com o Centro e o Centro é consciente de vós e de sua relação convosco. Sois apenas um átomo, porém necessário ao Todo. Sois parte d'Ele. Nada vos pode fazer mal ou destruir-vos.

E estais crescendo à consciência da vossa união com Deus — não a uma compreensão meramente intelectual, porém, ao saber real, verdadeiro e vivo.

A Paz seja convosco!

---

\*The Lloyd Group, Westifield, N. J. U. S. A.

## VII LIÇÃO BHAKTI-YOGA

Como dissemos nas lições prévias, a Filosofia Yogue está dividida em vários ramos ou formas e cada ramo adapta-se especialmente às condições e temperamento de certas classes de estudantes. Cada senda, entretanto, conduz ao mesmo fim — desenvolvimento, evolução e crescimento. Quem deseja crescer pela força de vontade ou por meio de contínua pressão da mente sobre as camadas que envolvem o Eu Superior, será atraído à Raja-Yoga. Outro que deseja crescer pelo saber, estudando os Enigmas do Universo e por meio de compreensão intelectual dos princípios sobre os quais se baseia a Vida, é atraído naturalmente à Gnani-Yoga.

Um terceiro, cuja "natureza religiosa" é largamente desenvolvida, prefere crescer, obter o conhecimento e a união com o Absoluto, pelo poder de Amor — pela inspiração que lhe dá o amor de alguma concepção de Deus e o culto ou a adoração que pode acompanhar essa concepção de Divindade. O homem nestas condições é um adepto da Bhakti-Yoga.

Pode-se, porém, ser um ardente Raja-Yoga ou um erudito Gnani-Yoga e, ao mesmo tempo, estar tão cheio de reverência e amor ao Absoluto, que se é um adiantado Bhakti-Yogue. Com efeito, não podemos ver como alguém poderia deixar de ser Bhakti-Yogue, se estuda qualquer ramo de Yoga. Conhecer a Deus é amá-Lo, e quanto mais O conhecemos, tanto mais havemos de amá-Lo. E, igualmente, conhecer a nós mesmos é amar a Deus, porque percebemos a nossa afinidade com . E quanto mais nos desenvolvemos, tanto mais sentimos em nós o amor ao Absoluto.

A Bhakti-Yoga satisfaz a necessidade do coração humano que pede o amor do Absoluto e o amor ao Absoluto; esta súplica do coração humano manifesta-se no que chamamos "instinto religioso" — o instinto de adorar. Todos os homens têm este instinto que se manifesta em várias formas. Até aqueles que se intitulam "pensadores livres", "agnósticos", como os que negam totalmente a existência de Deus, e os que aceitam as concepções intelectuais dos materialistas, amor à "Natureza", ou Arte, ou Música, nem sonhando que, assim fazendo, estão amando e praticamente adorando alguma das manifestações do Deus que negam.

Quando, porém, dizemos que a Bhakti-Yoga é a ciência do Amor de Deus, não queremos com isso dizer que é uma ciência que separa os que amam e adoram certas concepções de Divindade, dos outros que amam e adoram outras concepções da mesma Divindade. Pelo contrário, o verdadeiro Bhakti-Yoga reconhece que o amor e a adoração de qualquer uma das concepções da Divindade é uma forma de Bhakti-Yoga. O Bhakti-Yogue considera todos os homens como adoradores do Absoluto — o Centro da Vida — o Espírito — Deus. Apesar da concepção rude e bárbara que o ignorante selvagem forma da Divindade, o Bhakti-Yogue vê que esse homem está adorando e amando a mais alta concepção de Divindade que é capaz de formar no seu estado atrasado e que faz o melhor que pode. Por conseguinte, vê no selvagem um irmão Bhakti-Yogue, nos elementares degraus do saber. E sente simpatia com essa mente selvagem, a qual compreende, e o seu amor dirige-se a esse humilde irmão (que faz o melhor que sabe); e em vez de tratar de pagão e infiel, chama-o "irmão" e compreende-o. Daqui podeis ver que entre as Bhakti-Yogue não há linhas divisórias — nenhum sentimento de sectarismo — porque sentem que a raça humana inteira pode ser incluída no corpo que formam e estão prontos a estender a sua mão de companheiro a todos.

O Absoluto é imutável; o mesmo ontem, hoje e amanhã; porém, a concepção humana do Absoluto é sujeita a constantes mudanças, que exigem o progresso evolucionário da Humanidade. O Deus de um homem é sempre um pouco mais adiantado do que o homem; alguns disseram que o Deus de um homem é o homem nas suas melhores qualidades e, com efeito, expressaram a ideia acertadamente. O Deus do Velho Testamento é um ser diferente do Deus do novo Testamento. E o Deus da Igreja Cristã atual é muito diferente do Deus de cinquenta anos atrás. E, todavia, Deus é o mesmo — imutável — sendo que as diferenças provêm do crescimento e desenvolvimento das mentes dos homens e das mulheres que compõem a Igreja. À medida que o Homem se adianta, vê atributos mais altos em Deus, e como sempre ama e adora o mais alto e o melhor em sua concepção

de Divindade, transfere a sua ideia da ideia mais baixa do ontem à ideia mais alta de hoje. E amanhã conceberá ideias ainda mais altas, e o Deus de amanhã será uma concepção ainda mais alta de Divindade do que o Deus de hoje. No entanto, Deus não mudou e nunca mudará, mas o homem mudou e mudará a sua concepção de Deus.

O selvagem ignorante crê num Deus que nos parece ser igual a um Diabo, mas o Deus desse selvagem é parecido a mesmo — só um pouco melhor. E o selvagem esculpe alguma monstruosa imagem para representar aquele Deus, prostra-se ante ela e adora-a — talvez lhe ofereça sacrifícios — talvez asperja com sangue humano o seu altar, imaginando que Deus gosta, como ele, do sangue dos seus inimigos. Os inimigos do selvagem são sempre inimigos do seu Deus — e esta ideia persegue o homem por muito tempo, como podemos ver olhando um pouco ao redor de nós, no nosso próprio país e na atualidade. Depois de algum tempo, o selvagem, ou antes a sua posteridade, cresce em saber e conhecimento, expulsa o Deus dos seus pais e ergue um outro que corresponde melhor às concepções mais elevadas que o povo formou a respeito da Divindade, quando chegou a possuir mais saber e desenvolvimento. O aperfeiçoamento é, talvez, insignificante, mas sempre é um movimento em direção direta e o novo Deus é sempre um pouco melhor — um pouco mais bondoso — um pouco mais amoroso — do que aquele que tiveram antes. Assim, passo a passo, eleva-se a raça humana a mais altas e mais grandiosas concepções de Deus — e cada passo assinala um derribamento de ideais velhos e uma construção de novos e melhores. E, contudo, Deus permanece o mesmo — embora a mente do Homem forme mais altas concepções d'Ele.

As raças menos desenvolvidas não podem formar o conceito de Um Deus único. Podem vê-lo só como muitos deuses, dos quais cada um exprime e exhibe algum atributo particular do Único, alguma fase da "Vida, alguma forma de humano sentimento, paixão ou pensamento. Elas têm os seus deuses da guerra, da paz, do amor, da agricultura, da profissão e quem sabe de que mais. E adoram estes vários deuses, esforçando-se por tomá-los propícios, não sabendo que, em tudo isso, estão obedecendo ao instinto religioso que com o tempo levará a raça a adorar Um só — o Absoluto. Esses povos revestem os seus deuses de atributos humanos (ainda depois de haverem evoluído do culto de muitos deuses à devoção de uma concepção particular). Imaginam que Deus divide os homens em duas classes: amigos e inimigos, e que recompensa seus amigos e castiga seus inimigos. Pensam que Deus faz exatamente aquilo que eles fariam, se tivessem o poder de recompensar e castigar. Imaginam que eles são o povo escolhido e especiais favoritos de Deus, e que vai com eles ao combate e os ajuda a triunfarem sobre os inimigos. Imaginam que Deus se deleita com sangue humano e que lhes ordena matar os inimigos, inclusive as mulheres e as crianças; imaginam até que Deus lhes ordena abrir o ventre das mulheres grávidas e cortar com os gládios as crianças ainda não nascidas. O Deus desses povos é um Deus sanguinolento e selvagem — porque eles mesmos são sanguinolentos e selvagens. Todavia, o Absoluto — Deus — permanece imutável e aqueles povos adoram e amam-no da melhor forma que conhecem, dando-lhe este ou aquele nome, conforme a raça e o tempo. Os inimigos destes povos igualmente adoram a sua própria concepção de Deus, dando-lhe um nome que lhes parece ser bom e imaginam que os auxilia a vencer os inimigos e o falso Deus destes. Contudo, estes dois deuses são ambos apenas produtos das mentes das duas tribos belicosas; ambos são criados em obediência ao desenvolvimento do "instinto religioso".

Podemos estremecer e horripilar-nos a tais palavras e pensamentos; porém, estamos nós muito mais adiantados do que os selvagens, quanto à ideia que formamos de Deus? Nas guerras modernas vemos como duas nações fazem preces a Deus, pedindo que lhes dê vitória sobre os inimigos e cada uma imagina que Deus está a seu lado. Na grande guerra, travada entre o Japão e a Rússia, cada nação invocava a sua particular concepção de Deus, rogando que Ele marchasse com eles para combater contra os inimigos, tanto deles, como d'Ele. Não compreendem que ambos adoram o mesmo Deus sob diferentes nomes e que esse Deus verdadeiro ama ambas as nações igualmente. Na última guerra civil nos Estados Unidos, cada partido orou pela vitória, pensando que Deus havia de estar com eles. As igrejas se dividiram em duas partes com a guerra e imaginou-se que há um Deus do Norte e outro Deus do Sul — um odiando a escravidão e desejando matar os que não queriam libertar os escravos, e os outros declarando que a escravidão era um Direito

Divino e um privilégio, e desejando derrotar aqueles que queriam aboli-la. Contudo, cada partido via Deus somente através dos seus próprios óculos, vendo-o parecido a si mesmo, apenas um pouco magnificado. Agora, ambos os lados estão outra vez de acordo sobre certas concepções de Deus e veem que a escravatura é uma coisa que teve sua origem, seu progresso e sua queda no progresso evolucionário da Humanidade. E, todavia, Deus não mudou — só mudou a concepção que d'Ele forma o homem.

Homens perseguiram outros por terem estas concepções de Deus diferente da dos perseguidores. E os perseguidores, por sua vez, quando obtiveram o poder, perseguiram os mais fracos que tinham uma terceira concepção do mesmo Deus. E cada um pensava que cumpria a vontade de Deus, perseguindo os outros, e os perseguidos pensavam que eram perseguidos por causa do seu Deus. Os Puritanos foram expulsos do seu país natal por causa da particular concepção de Deus e quando se estabeleceram num país novo, puseram-se a punir os pacíficos Quakers, cuja concepção da Divindade os ofendia. E cada um pensava que a Deus agradava castigar aqueles que não concordavam com eles em sua concepção.

Como parece infantil tudo isto aos que chegaram a ter uma vista mais larga e são capazes de ver todo os homens como filhos de Deus e ver que cada um faz o melhor que pode, adorando a mais alta concepção de Deus que conhece. Entretanto, não se pode censurar a ninguém por sua estreiteza e cegueira — pois todos fazem o melhor que podem. E todos adoram a Deus — o Deus uno — o Deus verdadeiro — o único Deus possível — o Absoluto. E todos fazem por causa do instinto religioso que os impele e incita, para que se desenvolva e cresça. Todos eles são adeptos de Bhakti-Yoga (em suas formas elementares), apesar de não o saberem.

Eles pensam que adoram diferentes concepções de Divindade — diferentes deuses — mas não é assim: eles todos amam e adoram o Uno — o Absoluto — a Realidade. Visto através dos diferentes óculos da mente, o Absoluto apresenta aos observadores formas diferentes e muitas vezes grotescas, mas a Realidade permanece imutável — o Único e Uno — o Eterno — o Absoluto.

E por mais grosseiras e bárbaras que sejam as formas de adoração, todas sobem a Ele, ao Uno. Seja o objeto visível, um pau, uma pedra, uma árvore, uma serpente ou qualquer outra forma que o homem prefere para, com a forma externa, indicar a sua crença interna, o verdadeiro objeto adorado é o Uno — imutável — eterno — onipotente — onisciente — onipresente. O homem que adora a sua mais alta concepção de Divindade, faz bem. Ele faz o melhor que sabe e é digno de respeito igualmente como o seu irmão mais iluminado que também adora a sua mais alta concepção de Deus. E as concepções de ambos, tanto a do selvagem quanto a do homem adiantado, se tornarão mais altas e melhores, ano por ano, e a mente de cada um desenvolve-se de maneira que o saber espiritual possa afluir a ela. Guiemos os nossos humildes irmãos a melhores coisas, quando pudermos e se são capazes de receber tal instrução. Mas não os condenemos, porque são nossos irmãos — filhos de Deus — e estão no Caminho, como também nós. Todos somos crianças em vários graus de crescimento; cada um de nós faz aquilo a que o impele a sua idade; cada um faz o melhor que sabe fazer. Não mofemos, nem condenemos, nem odiemos; mas estendamos o nosso amor a todos os nossos irmãos, ainda que não sejam senão crianças para nascer no saber espiritual. Esta é uma das fases da Bhakti-Yoga.

A Bhakti-Yoga divide-se em dois grandes ramos ou graus. O primeiro é conhecido como Gauni Bhakti, e o outro, mais alto, chama-se Para Bhakti. O primeiro — a Gauni Bhakti — é o grau preliminar e consiste na ciência do amor e da adoração de Deus mediante a concepção mental de Deus como um ser pessoal — um "Deus pessoal". O segundo grau, que é mais alto, a Para Bhakti, consiste na adoração e no amor a Deus impessoal — o Absoluto. É verdade que, em ambos os casos, se ama e adora o mesmo Deus, mas o desenvolvimento mental dos adeptos de Gauni Bhakti não admite a formação de um conceito mental de Deus impessoal e, por isso, fazendo o melhor que podem, eles formam uma imagem mental de Deus pessoal. Em ambos os graus mencionados há muitas subdivisões, pois a concepção de Deus depende do desenvolvimento mental e espiritual do homem. Trataremos concisamente da questão para que o estudante possa distinguir a grande diferença que há entre os dois grandes graus de Bhakti-Yoga e para que, ao mesmo tempo, possa reconhecer que ambas as ideias provêm da mesma raiz, sendo a causa da diferença somente o

estado de crescimento mental e espiritual.

O homem primitivo, sentindo em si o impulso do instinto religioso, mas sendo incapaz de pensar claramente no assunto, dirige o seu culto instintivo a rudes símbolos. Ele adora paus e pedras — o trovão e o relâmpago — o sol, a lua e os astros — os ventos — e outros objetos naturais. Um pouco mais tarde, começa a sentir que Deus é uma espécie de pessoa — algum grande e poderoso homem que vive em alguma parte no espaço — invisível, mas vendo tudo. A mente do selvagem concebe a ideia de um Deus que possui os mesmos característicos como ele mesmo — apenas em grau muito maior. O selvagem, sendo cruel e sanguinário, pode imaginar só um Deus cruel e sanguinolento. Se é negro, o seu Deus é igualmente preto. Se pertence à raça mongólica, o seu Deus tem olhos oblíquos e talvez uma trança de cabelos. Se é índio, o seu Deus é vermelho, tem a face pintada, é ornado de plumagem e munido de arco e flecha. Se é um hindu sem educação, o seu Deus é quase nu e anda num touro ou num elefante. E assim por diante; o Deus de cada povo tem os sinais característicos desse povo. Cada nação, sentindo o instinto religioso, cria uma concepção de Deus pessoal — e cada concepção de Deus pessoal é parecida com os que a criaram. Cada um destes deuses criados ama e odeia as pessoas e coisas que os seus criadores amam ou odeiam. Cada um destes deuses é um ardente patriota do país a que pertence e odeia e despreza todos os outros países e povos.

A estes deuses criados dão, muitas vezes, formas grotescas: alguns têm uma dúzia de braços, outros têm muitas cabeças; são munidos de armas conforme a época a que pertencem. Alguns gostam de caça, outros de guerra. Supõe-se que são coléricos e ciumentos; sabem odiar, invejar e, frequentemente, mudam de pensamentos. São vingativos e, para falar em poucas palavras, têm todos os atributos dos homens nos baixos graus de desenvolvimento. E como não? Os povos que formam estes conceitos mentais não podem imaginar um Deus muito mais adiantado do que eles. estes deuses gostam de blandícias e exigem sacrifícios, tendo um grande número de sacerdotes e servidores que lhes cantam louvores e prestam-lhes homenagem. Os sacerdotes são sustentados pelo povo, sob supostas ordens divinas e afirmam que são ouvidos pela Divindade e que podem dispensar favores. Todos eles pensam que é parte de seu dever, cantar os louvores do Deus que adoram e gabar o seu poder, afirmando que é superior aos deuses das outras nações. estes deuses parecem exigir que os homens se arrastem ante eles no pó e que se considerem seus escravos — como exigem os reis e chefes da época. Os seus adoradores lhes lisonjeiam e compram os seus favores, e quando os sacrifícios e as oferendas não são suficientes, os deuses mandam vir ao povo terríveis aflições para que este pague as suas dízimas ou forneça maior número de objetos para sacrifícios. Estes deuses se deleitam com o cheiro de carne assada e com o aroma de bois ou ovelhas que são queimados. Igualmente gostam de incenso e perfumes. As vezes exigem que os seus altares sejam aspergidos com sangue animal ou com sangue humano. Por intermédio dos pontífices dão suas revelações, e ai! de quem duvida. Alguns desses sacerdotes são sinceros e honestos, mas outros não o são e tratam o povo supersticioso como uma vaca a que se tira leite, para se conservarem em confortável bem-estar. Foram inventados céus e Infernos; aqueles para seduzir o povo a seguir as leis da Igreja dos sacerdotes, e estes para os atemorizar, quando as promessas de recompensa não bastam. Erigem-se templos e certos lugares são considerados como "mais santos" do que outros e favorecidos especialmente por Deus.

Não atender aos templos é uma ofensa séria e Deus castiga particularmente os que os não frequentam. Foram inventados Diabos como meio de atemorizar o povo e dar conta do "mal", embora em alguns credos os diabos não são muito piores do que a concepção da Divindade.

Quase todos os povos fizeram imagens dos seus deuses e os menos eruditos veem muito pouca diferença entre a imagem e o Deus pessoal que representa. A imagem está diante da sua vista e é uma coisa real, ao passo que a Divindade é um ser que lhe custa conceber.

Não mencionamos tudo isto no espírito de austero criticismo, nem para ridicularizar. Nem uma partícula de semelhantes sentimentos nos anima a escrevermos. Mencionamos apenas os fatos para mostrarmos ao estudante como são toscos os caminhos que o homem percorre em sua busca de Deus. Por mais grosseira, porém, que seja a concepção de Divindade — por mais cruel e bárbara a forma de culto — por mais cheias de superstições as formas de religião: cada uma é um passo no

progresso do homem à União com Deus, e há de ser reconhecida como tal. O homem deixou de parte uma porção de ignorância religiosa após outra, e a cada passo vê-se uma forma melhor do que a antecedente. E este progresso continua ainda e ainda continuará. Estamos crescendo de formas velhas a novas e melhores. Isto é uma parte do progresso evolucionário.

O materialista, observando os mesmos fatos, argumenta que todas as religiões são falsas, porque a história do passado demonstra a falsidade das velhas concepções. Mas não vê que as suas próprias concepções de matéria e Natureza são igualmente apenas passos no progresso evolucionário e que a sua posição atual é apenas um passo na escada, como também as formas e concepções de que zomba foram outros passos na mesma escada. Tanto quanto o selvagem e sua posterioridade estão buscando Deus, mas não o sabem,

O estudante de religiões notará que, cada ano que passa, maior, mais larga e mais elevada se torna a concepção de Deus formada pelo homem. Assim é ainda nos nossos tempos. Nos últimos vinte anos, realizou-se uma grande transformação neste respeito. Não ouvimos mais de Deus que queima os seus filhos em chamas eternas. Ouvimos sempre mais do Deus de Amor e sempre menos do Deus do Ódio e da Ira.

O povo é ensinado a amar a Deus, em vez de temê-Lo. A mudança está se fazendo rapidamente. E coisas melhores estão diante de nós. Mas não devemos esquecer que cada forma de ensino religioso — cada credo — cada igreja — por mais rude que apareçam as suas doutrinas e formas — enche um lugar necessário na evolução religiosa da raça. Cada uma corresponde às necessidades dos seus adeptos, e, por conseguinte, todas devem ser respeitadas. Quando os fiéis crescem acima de certas formas e concepções, os pregadores omitem os ensinamentos inadmissíveis e modificam toda a matéria de maneira que uma parte esteja de acordo com outra. Os pregadores geralmente veem que os fiéis têm que entrar em um caminho que vai mais para cima, porém sabem que o tempo não está ainda maduro para a mudança. A mudança vem gradualmente. Os ensinamentos das igrejas de hoje, até das mais ortodoxas, pareceriam uma heresia e até blasfêmia aos nossos antepassados. Ficam de parte credos abandonados, e novos ocupam o seu lugar, porém as organizações eclesiásticas conservam os mesmos nomes velhos. O caso é parecido com a história do rapaz que possuía uma faca que tinha sido reparada muitas vezes: durante o tempo de uso, recebeu quatro novos cabos e seis novas lâminas, mas sempre era a mesma faca velha. Alguns de nós, quando cresceram acima de certas concepções velhas, mostram impaciência e até desprezo ao ver os outros continuarem a seguir o caminho por eles deixado; isto, porém, não é bom. Aqueles que permanecem no lugar velho, estão exatamente onde pertencem, no lugar que era o melhor para eles naquele tempo. Quando tiverem crescido mais, abandonarão o seu credo como roupa velha que não presta mais. Intolerância de nossa parte seria tão absurda como a intolerância por parte deles.

O verdadeiro estudante de Bhakti-Yoga sentirá a mais viva simpatia e a maior tolerância para com todos os que buscam a Deus, qualquer que seja o caminho deles ou método de suas pesquisas. Os homens não desenvolvidos querem provar o seu amor a Deus, odiando a todos aqueles que da Divindade têm uma concepção diferente. Eles pensam que tal descrença ou diferença de crença é uma direta afronta a Deus e que eles, como seus leais servidores, devem ressentir-lo. eles julgam que Deus carece de seu auxílio contra os seus "inimigos". É uma atitude muito infantil e indigna daqueles que alcançaram a maioridade espiritual. O homem desenvolvido, ao contrário, reconhece o parentesco de todos os que amam a Deus, sem diferença de suas concepções e considera-os como companheiros de viagem na mesma estrada. O caminho que conduz ao amor de Deus é aquele que ensina a amá-lo e não odiar a ninguém.

A adoração de um Deus pessoal, seja essa adoração dirigida a um Deus do selvagem ou ao Deus pessoal do homem civilizado, é sempre uma forma de Gauni Bhakti. Só quando o homem abandona a ideia "pessoal" de Deus, passa ao estado de Para Bhakti e tem um conhecimento de Deus em seu sentido mais alto. Não se pense que Deus é sem personalidade — não é contrário a ela, mas é acima dela, além dela. O Absoluto pode ser amado como se ama a um pai ou a uma mãe — como se ama a um filho — um amigo — uma amante. Ele inclui em Seu Ser todos os atributos que evocam essas formas de amor e responde a cada pedido. Com efeito, não há necessidade de pedir-se amor recíproco entre Homem e Deus. Assim como quem se colocar num lugar onde brilha

o sol, é iluminado por seus raios, igualmente o homem que ama a Deus coloca-se nos raios do Amor Divino e recebe o seu benefício. O ato mesmo de amarmos a Deus abre-nos ao Amor Divino. Se alguém sente a necessidade do amor protetor do Pai, a única coisa que se exige dele é que se abra a este amor. Se precisa o terno e simpático amor de u'a mãe, este amor vem a ele, uma vez que se abre a seu influxo. Se alguém quer amar a Deus como se ama a uma criança, igualmente lhe é aberto esse amor da mesma forma e muitos que sentiram a necessidade de tal de amor, mas temeram o aparente sacrilégio de pensarem em Deus como se pensa num filho querido, acharão que a expansão de tal amor lhes mitiga muita dor e aflição e lhes dá o conforto e consolo que se sente, quando se aperta, ao peito o filho amado. As religiões ocidentais ignoram esta forma de amor, porém o homem religioso do Oriente a conhece e não é raro ouvir-se uma hindu que (usando a linguagem poética da sua raça) fala de si como de u'a "Mãe de Deus". Por mais estranho que isto pareça ser à mente ocidental, não é mais que um reconhecimento pela parte dessas mulheres do fato que Deus supre todas as necessidades do coração humano no seu desejo de Amor. E pode-se amar a Deus como a um amigo, irmão e companheiro. E pode-se sentir para com Deus o amor ardente de um amante. Todas estas formas de amor a Deus são conhecidas ao Bhakti-Yogue. As nossas concepções ocidentais de Deus evocam em nós só o amor de uma criança ao Pai — e apesar disso, cada coração humano sente, às vezes, a necessidade de amor materno de Deus. Deus não é ser masculino nem feminino; ambas estas formas são apenas suas manifestações parciais e eles inclui todas as formas — até muitas que hoje nos são desconhecidas.

O Bhakti-Yogue sabe que, por meio de seu constante amor a Deus, se lhe aproximará cada vez mais e, enfim, obterá uma consciência e um "saber" da verdadeira relação que existe entre eles. Quem ama a Deus, mas ainda se acha no degrau de Gauni Bhakti, não sabe nada das delícias de amor e proximidade que se sente no grau de Para Bhakti. O primeiro pode ser comparado à criança que quer bem ao seu companheiro de brinquedos e pensa que sabe o que é amar; o outro é como a mesma criança chegada à idade madura, que sente o impulso de profundo, puro e nobre amor a seu verdadeiro companheiro. O primeiro vem em contato com Deus num só ponto, quando muito, ao passo que o outro acha que Deus responde a todas as necessidades humanas e que se pode chegar ao contato com em milhares de pontos: está sempre conosco, onipotente como o Sol e a única coisa que exige que façamos é colocarmo-nos nos seus raios. Para sentirmos os raios solares é necessário somente não nos escondermos deles; e a mesma coisa se dá a respeito do amor de Deus: para o obter é necessário apenas desejá-lo.

Não pense o estudante ocidental que este amor de Deus, de que fala a Bhakti-Yoga, é semelhante àquela coisa histórica e emocional que se vê no seu país entre os partidários de certas seitas e igrejas. Pelo contrário, os adeptos desta forma de Yoga são geralmente pessoas de digno comportamento e profundo saber. Eles não se torcem para todos os lados, gritando: "Glória, glória" e não se entregam ao frenesi de uma excitação emocional. Não, nada disso; — mas eles vão pela vida, fazendo a sua obra e vivendo a sua vida — porém cheios de um profundo e permanente sentimento do amor de Deus que provém da sua consciência de que estão em estreita relação e bem perto d'Ele e da consciência de que Ele é acessível. Eles reconhecem que n'Ele vivem e se movem e têm a sua existência, e que Ele não está longe, mas está sempre "aqui", mais perto da alma, do que o próprio corpo. Não são gente que se considere melhor do que os demais, mas são pessoas que veem Deus em toda a parte, em tudo, e que sentem que, em cada ato, O adoram. Buscam diligentemente o Reino dos Céus, sabendo que está dentro deles mesmos, como também ao redor deles.

Eles sentem-se no Céu a todo o instante de sua vida. Adoram a Deus sempre, em toda parte e em todo ato; sabem que cada ato é um serviço divino e que todo lugar é Seu Templo. Sentem-se continuamente cheios do Poder de Deus — incessantemente perante sua vista e seu saber, sempre em sua presença. E não temem; o Amor os enche de tal modo que não deixa lugar para nada mais. O amor afugenta deles todo o medo. Cada dia lhes é Domingo; cada outeiro, planície, campo e casa lhes é Templo. Cada homem é seu sacerdote, cada mulher sua sacerdotisa; cada criança um servidor ao seu altar. São capazes de ver através da personalidade de um homem, de uma mulher ou de uma criança e descobrir a alma debaixo do envoltório corporal, às vezes disforme.

O Bhakti-Yogue não pensa que Deus exige o amor do homem ou que Ele dá favores e

benefícios como recompensa aos que O amam e que reserva castigos e penalidades aos que não manifestam esse amor. Ao contrário, a ideia que o Bhakti-Yogue tem de Deus fá-lo considerar tal pensamento como indigno de um verdadeiro amante de Deus. Ele sabe que Deus está acima de tais sentimentos e característicos primitivos. Sabe que o amor de Deus se estende a todos os seus filhos, sem diferença, se O amam ou adoram. Os Bhaktis-Yogues sabem que Deus não exige serviço, adoração nem reverência. Comparam Deus ao Sol que não é respeitador de pessoas ou motivos e que espalha a sua luz sobre justos e injustos; os seus raios estão abertos até aos que negam a sua existência. Mas o Bhakti-Yogue sabe também que há uma recompensa e um benefício que aguardam os que se abrem ao amor divino — não como um ato dependente do favor de Deus, mas como um efeito que resulta do ato do homem. Assim como quem entra nos quentes raios do Sol é libertado do frio e assim recompensado pelo seu ato, também é recompensado o homem que se coloca nos raios do amor de Deus, que estão aguardando a sua chegada e tiram-lhe o frio que resulta do seu anterior afastamento do calor que o Amor difunde. Não é, pois, para admirar-se que, através de muitos escritos orientais, o Sol é empregado como um símbolo do Absoluto. Encontramos este símbolo usado quase em todas as Escrituras Sagradas e também na Bíblia que, aliás, é de origem oriental.

Algumas destas ideias sobre Deus podem parecer estranhas ao estudante ocidental, mas se ele se der ao trabalho de estudar o assunto, achará que esta ideia corre através dos ensinamentos cristãos como um fio de ouro em que estão enfiados as pérolas do ensino. Os ensinamentos de Cristo eram cheios desta verdade, que, porém, se perdeu de vista no decorrer dos séculos. Os Cristãos primitivos conheciam bem estas verdades, como nos demonstra a leitura das obras de alguns dos primeiros padres da Igreja; mas os teólogos juntaram a estas doutrinas primitivas tanta farandulagem que só se pode ver a verdade central olhando abaixo da superfície.

O Bhakti-Yoga ora a Deus. Nos degraus elementares de Gauni Bhakti-, ele reveste a sua prece de palavras que parecem pedir favores a Deus; mais tarde, isto decai. O homem de rude discernimento espiritual vai a Deus geralmente como um mendigo, pedindo isto ou aquilo (quase sempre algum benefício mental). Um pouco mais tarde, vê o homem que assim não se aproxima de Deus e pede que lhe seja concedida força, coragem e auxílio no seu desenvolvimento espiritual. Neste estado, o homem pensa que Deus recompensa a prece, concedendo força, coragem, etc., assim como faz um rei. Porém, o yogue que segue o caminho de Para Bhakti não espera recompensa desta natureza e, não obstante, as recebe mais ricamente possível. Ele sabe que a prece não comove a Deus e que Deus não se deleita em ouvir as súplicas e os louvores. Contudo, a prece é o maior benefício para o homem, porque, por meio dela, entra em harmonia com o Infinito e abre-se ao poder, à força, à coragem e à sabedoria que provêm da proximidade de Deus — proximidade do Centro de Poder e Sabedoria. Este é o segredo da prece. O homem que faz a oração seriamente — de coração — põe-se em mais estreito contato com o Absoluto. Nem carece dizer palavras; já a condição mental de prece põe o homem em uma forma de união com Deus e faz com que a força e a sabedoria do Infinito lhe afluam livremente. À maioria de nós, entretanto, prefere usar palavras que nos ajudem muito a produzir a própria condição da mente. Porém, as palavras são apenas meios para esse fim. A Deus não se precisa falar com palavras; quando a mente finita se dirige à Mente Infinita, a sua mensagem é ouvida e compreendida.

Para ser eficaz, não deve a prece ser um mero movimento de lábios e repetição de palavras, como fazem os papagaios; uma prece nestas condições não é capaz de abrir a mente ao influxo da Força e da Sabedoria Divinas. É necessário falar a Deus de coração. É verdade que Deus não precisa que se lhe diga o que carecemos, pois Ele o sabe melhor do que nós; porém, uma cordial confissão abre propriamente a nossa mente; abrimos os vasos vazios que é necessário encher e o Divino afluí no vácuo. O Poder e a Sabedoria Divino são nossos, e a eles nos abrimos. eles são tão livres o como o ar e a luz do sol, mas é preciso que removamos as barreiras que temos erigido. Temos imaginado que Deus estava longe de nós e havemos de cultivar a consciência que agora mesmo, e sempre, está aqui conosco.

Falai a Deus como falaríeis a vosso Pai, a vossa Mãe, a vosso querido Filho, a vosso Amigo, ao vosso Amante, ao vosso Marido ou a vossa Esposa. Ele é tudo isto e mais ainda, e deveis sempre

usar daquela forma que vos representa o mais estreito parentesco. Compreendei e senti a proximidade de Deus, e estará perto. Não há necessidade de empregar palavras esquisitas; usai das mesmas que empregais quando vos dirigis à pessoa que vos é mais cara e que vos ama o mais possível. Deus não está assentado sobre um trono como um rei, aguardando que vos prosterneis a seus pés e balbucieis a vossa mensagem. Ele vos oferece o assento diante de si e põe o seu braço sobre vós; senti-vos como em casa, esqueceis o vosso medo e acanhamento, e contai-lhe a vossa história com vossas próprias palavras.

Não imagineis que Deus precisa de vosso aviso ou vossas sugestões. Deveis ter a maior confiança Nele e saber que está convosco e guia os vossos passos. A vossa mente se encherá da necessária luz que vos tornará capaz de saber como deveis agir e, para isso, vos será dada então a precisa força. Se a mente parece não poder compreender a situação — se não se abrir diante de vós caminho algum: abri-vos ao influxo do Divino e sereis guiado pelo Espírito para verdes o primeiro passo que deveis dar; fazei esse primeiro passo com confiança. Isto não é um simples "sermão" como tendes ouvido muitos do púlpito da Igreja; é uma grande realidade e milhares vivem deste modo. Gradualmente crescerá a vossa coragem e confiança no guia da vossa vida, e começareis a compreender como é grande o campo que se abre ante a vossa vista.

A principal ideia a respeito da vossa relação com Deus é o fato que Deus é o grande Centro da Vida. é o centro e nós somos como átomo nos raios que emanam deste Centro.

Nós não estamos separados d'Ele, apesar de não sermos o Centro mesmo. Estamos unidos com Ele, como os raios estão unidos ao sol. O poder e a sabedoria que manam pelos raios nos pertencem, quando sabemos usá-los e permitimos que eles nos usem.

Uma pequena roda com raios dentro de um triângulo é um símbolo que representa esta verdade. Este símbolo (\*) é imperfeito, porque apresenta os raios como terminados, ao passo que os raios do Absoluto nunca terminam — são infinitos. Mas a infinidade não pode ser representada por meio de símbolos finitos e, por isso, é necessário limitar os raios por meio de uma circunferência, que representa a compreensão finita do Homem. Uma vez que fixardes esta ideia sobre Deus e suas emanções na vossa mente, achareis que, gradualmente, compreenderéis cada vez melhor o assunto. O Centro é o Espírito puro - Deus - e à medida que nos desenvolvemos espiritualmente, aproximamo-nos sempre mais deste Centro. Aqueles em que o Espírito não se manifestou ainda tão livremente como em nós, estão ainda muito mais afastados do Centro do que nós. E os que estão mais adiantados espiritualmente, estão ainda mais perto do que nós do Centro. Quanto mais afastado do Centro, mais material é o átomo; e quanto mais aproximado do Centro, tanto mais espiritual se torna. Há, muito longe deste planeta, átomos que são de um grau de materialidade ainda maior do que podemos imaginar. E perto do Centro há seres tão adiantados na escala espiritual que o nosso intelecto não pode conceber. O homem, como o conhecemos, está apenas na metade. Há seres inteligentes que estão tão elevados acima de nós, como nós acima de um verme. E este verme, e até as formas mais baixas da existência, estão dentro do círculo do Amor Divino.

Por que, pois, deveríamos temer? Por que perder a coragem? Não podemos morrer — não podemos ser aniquilados, não podemos deixar de existir — somos parte de um poderoso Todo — estamos avançando para o Centro — sempre nos desenvolvendo e crescendo. O "porque" é o "para quê" de tudo isto é conhecido à Inteligência Central, e o Homem começa a compreender fragmentos da verdade à medida que se adianta espiritualmente. Quanto mais se adianta para o Centro, tanto mais cresce em Poder e Sabedoria — que são atributos Divinos. Todo Poder e Sabedoria emanam do Centro e quanto mais nos aproximamos dele, mais poderosos são os raios que nos iluminam. À proporção que nos aproximamos, participamos em razão crescente dos Atributos Divinos: Onipotência, Onisciência, Onipresença. Esta é a senha de uma poderosa verdade: estais preparado

\*



para recebê-la?

Não imagineis nunca que o amante de Deus tem que assumir um desnatural modo de vida, para agradar à Divindade. Não; ele deve ter a vida perfeitamente natural, tomando parte em todas as ocupações, todos os receios e divertimentos que lhe convém.

Sede livres na escolha — não vos forceis aos assuntos, nem fujais deles. Não penseis que um soluço seria uma expressão mais agradável a Deus do que uma face alegre e risonha. Sede sempre natural — eis tudo. O homem ou a mulher que sente o amor de Deus correr pelo seu ser é capaz de ser de disposição alegre e feliz — irradiando a luz por toda parte. Não precisa ter medo de rir-se, cantar e dançar, quando disso gosta, porque todas essas coisas são boas, se as usamos e não permitimos que elas nos usem ou dominem. Regozijemo-nos do sol, da chuva, do calor, do frio. Deleitemo-nos na planície, na montanha, ao nascer do sol e ao seu ocaso. Alegremo-nos com tudo que a Natureza nos apresenta. Quanto mais perto estamos de Deus, tanto mais prazer encontramos na Natureza. Levemos uma vida natural e simples. Apliquemos tudo ao melhor fim e façamos tudo da melhor maneira possível. Sejamos risonhos e meigos. A nota fundamental da nossa vida seja: "Alegria, alegria, alegria!"

Eduardo Carpenter exprime num dos seus poemas esta sensação de Alegria que vem a quem se sente penetrado pelo grande amor de Deus e a quem reconhece a natureza deste Deus e sente a sua relação com . Diz o poeta:

"Passou a noite de orvalho; eu me levanto e sacudo as minhas asas. Lágrimas e lamentos não há mais. Perante mim estende-se a vida e a morte. Eu respiro o doce éter e com o sopro de Deus.

"Profunda como o universo é a minha vida - e eu a conheço; nada me pode roubar o meu conhecimento; nada pode destruir-me, nada pode fazer-me mal.

"Alegria, alegria se levanta — eu me levanto. O sol dardeja seus poderosos e penetrantes raios de alegria em mim, a noite os irradia de mim. Tomo asas durante a noite e visito todos os desertos dos mundos e as velhas moradas sombrias de lágrimas e morte — e regresso com riso, riso, riso. Voando pelos espaços estrelados, com as asas estendidas, nós dois - ó riso! riso! riso!"

O verdadeiro amante de Deus é otimista. Ele procura e acha o lado claro das coisas. É capaz de extrair luz do canto mais escuro. Passa pela vida com um sorriso, com alegre canto, com fé firme no Absoluto. Ama toda a vida e leva a todos a mensagem de esperança e coragem, e uma sugestão auxiliadora. É de vistas largas e tolerante — benfeitor e perdoador — Nele não há ódio nem inveja nem malícias, — está livre de medo e aflição. Cuida dos seus afazeres e reconhece que todos têm o mesmo privilégio. Está cheio de Amor e irradia-o a todo o mundo. Passa pela vida no seu próprio caminho, esclarecido pelo sol e aceita com alegria o que impele outros ao desespero, e à miséria; caminha incólume pela estrada pedregosa. A sua paz vem de dentro e todos Os que com ele se encontram sentem a sua presença.

Não busca amigos nem amor; eles o procuram porque ele os atrai. Está em casa como igualmente no rancho do trabalhador, como no palácio de um ricaço; ambos estes lugares lhe são bons como moradia e os seus habitantes estão em nível igual para sua vista. É irmão tanto do santo como do pecador e ama-os ambos, pois sente que cada um faz o melhor que pode. Procura antes o que é bom no pecador do que o pecado no santo. Sabe que mesmo não é sem pecado, e assim não atira a pedra em ninguém. O expulso reconhece Nele um irmão; a mulher que passou pela fornalha ardente confia Nele e não teme porque sabe que a compreende. Estando perto do sol, sabe que dá a sua luz aos santos como aos pecadores; sente que o homem não deve retirar o seu amor do irmão ou irmã mais desgraçados, enquanto Deus não retira os raios do sol do seu filho mais desobediente. Não condena; não tenta usurpar a prerrogativa de Deus. Trabalha, e trabalha bem. Acha prazer no seu trabalho. Gosta de criar coisas e ufana-se disto, porque o desejo de criar é uma herança do Pai. Não se precipita, não tem pressa; tem muito tempo, todo o tempo que há — pois a Eternidade é de longa duração e ele está na Eternidade já, agora. Tem uma fé inabalável no Absoluto; crê na Infinita Justiça e no Bem final. Sabe que o Pai está perto dele, pois sentiu o aperto da Mão Invisível. Nas trevas da noite sentiu a presença do seu Pai; no esplendor do raio da iluminação viu por momento a sua forma e a lembrança disso está gravada na sua mente. Ele é simples, bondoso, amoroso. Ê a profecia do futuro. Se quereis ser-lhe parecido — se sentis a vocação, não resistais, mas respondei à

voz que vos chama: "Estou ouvindo, obedeço, venho." Quando sentis o impulso, não resistais, abri-vos ao Sol, recebei seus raios e tudo será bom. Não temais; tende dentro de vós o amor que afugenta o medo — ponde a vossa mão na mão do Absoluto e dizei: "Tu me guias." Depois de longos séculos de peregrinação, estais regressando à casa.

Pode ser que penseis que amais a Deus; ouvi, como se deve amá-Lo. Escutai este conto hindu e meditai sobre :

Uma vez veio um chela (discípulo) a um Yogue que era seu guru (mestre ou instrutor) e pediu-lhe que lhe ensinasse os estados superiores de Para Bhakti. Disse que não precisava dos graus preliminares porque já sabia como amar a Deus. O Yogue nada respondeu, somente sorriu. O jovem veio outra vez e mais outra, fazendo o mesmo pedido e recebendo a mesma resposta. Enfim, tornou-se impaciente e desejou saber o motivo dessa conduta do Yogue.

Este, então, o levou a um grande rio, submergiu-o e segurou a sua cabeça na água. O jovem fez muitos esforços por levantá-la, até que, por fim, o Yogue o tirou da água e perguntou-lhe:

- Meu filho, que é que desejaste mais quando estavas submerso na água?
- Um pouco de ar — respondeu o jovem ofegante.
- Com certeza - disse o Yogue - quando desejares unir-te com Deus tanto como desejaste o ar, então estarás pronto para os graus superiores da Bhakti - então, na verdade, amarás a Deus.

A Paz seja convosco!

## VIII LIÇÃO DARMA

"Darma" é um palavra sânscrita que se traduz, mais ou menos, por virtude, dever, lei, justiça, etc. Nenhuma destas nossas palavras exprime exatamente o significado de Darma. Não desaprovamos estas definições, mas adotaremos uma que corresponde melhor à nossa concepção particular da verdade de Darma, que consideraremos na presente lição; traduziremos "Darma" com a expressão "Reta Ação". Para sermos mais definidos, diremos que Darma é a regra da ação e da vida, a mais adaptada às necessidades da alma individual e o mais bem calculado para auxiliar essa alma particular no próximo mais alto passo de seu desenvolvimento. Quando falamos no Darma de alguém, queremos com isto designar a regra da sua mais elevada conduta, em consideração do seu desenvolvimento e das imediatas necessidades da sua alma.

Pensamos que esta lição vem em tempo e que responderá às perguntas de muitos dos nossos estudantes. Por todos os lados ouvimos a velha questão: "Que é justo?" O povo não está satisfeito com as velhas respostas que parecem pertencer ao passado e que dão igual, se não maior importância, a certas formas, cerimônias e observâncias como à reta ação e ao reto pensar. O estudante adiantado vê o absurdo das velhas divisões de "bom e mau" ou "justo e injusto", e sabe que muitas coisas que foram condenadas como "más" ou "injustas" são consideradas como tais somente porque certos homens arbitrariamente as chamaram assim; e que muitas coisas designadas como "boas" ou "justas" assim são chamadas pela mesma razão. Olhando ao redor de si, vê que a ideia de justo e injusto parece diferir com a latitude e longitude, e que as concepções de justiça e injustiça variam com os séculos e estão em constante transformação; são modificadas, melhoradas ou rejeitadas. Por isso, talvez, se verá o estudante embaraçado observando um código de ética: perdeu os seus velhos marcos e estandartes, não sabendo com que medir o bom e o mau, o justo e o injusto. De um lado, ouve as velhas doutrinas deste ou daquele, que tratam meramente de formas de observância, dogmática e irrazoável, que a sua alma rejeita como inveteradas e inadequadas às suas necessidades atuais. De outro lado, ouve a nova doutrina que "Tudo é Bom", que se espalha vigorosamente, sendo pregada, muitas vezes, por pessoas que não têm a menor ideia do verdadeiro significado destas palavras; e esta nova doutrina não é satisfatória para o estudante comum, porque a sua consciência lhe diz que certos modos de conduta são "bons" ou "justos", e outros "maus" ou "injustos" (embora, muitas vezes, não possa dizer por que os considera assim). E desta maneira fica o estudante embaraçadíssimo.

Para aumentar esta sua confusão, reconhece o fato que aquilo que lhe parece ser "bom" e "justo" é totalmente incompreensível a algumas pessoas suas conhecidas que não estão tão adiantadas espiritualmente — não são capazes de compreender o seu alto estandarte e ideal. nota também que algumas das coisas que, até para ele, parecem naturais e boas para serem praticadas por essas pessoas não desenvolvidas (isto é, parecem melhores do que outras coisas que antes praticavam), seriam "más", se ele, o homem adiantado, as praticasse, porque significariam uma retrogradação. Entre outras coisas, vê que estes homens não desenvolvidos são influenciados a praticar o "bem" e abster-se da prática do "mal", por promessa de recompensa e ameaça de castigo, que parecem como muito indignas e egoístas aos que creem que se deve fazer o bem por ser bem. E, todavia, é forçado a reconhecer que essas pessoas precisam aparentemente de tais estímulos e intimidação artificiais, porque são incapazes de compreender mais altos ideais da ética.

Estas e inúmeras outras questões surgem ao estudante perplexo e sente que os velhos fundamentos escorregam debaixo de seus pés, não se apresentando à sua vista nenhum outro apoio. Nós pensamos que esta lição sobre aquela frase da Filosofia Yoga, que é chamada "Darma", o ajudará a achar o caminho — o caminho que, por um momento, perdeu de vista, por causa do denso matagal que cobre aquele pedaço pelo qual está passando. O assunto é demasiado grande para ser tratado todo no espaço que temos, mas esperamos que poderemos expor alguns princípios gerais que o estudante poderá seguir para chegar às suas lógicas conclusões.

Consideremos em breve a questão geral de Ética e algumas teorias a respeito. Ética se define

como "a Ciência de Conduta", e trata do desejo de tornar harmoniosas as relações entre o homem e o seu próximo. Entre os Ocidentais são conhecidas três teorias de Ética, a saber: 1.º) A Teoria de Revolução; 2.º) a Teoria de Intuição; 3.º) A Teoria de Utilidade.

Geralmente os partidários de um destes três sistemas o proclama como o único Verdadeiro, designando os outros dois como errôneos. A Filosofia Yogue reconhece verdade em cada um e em todos os três sistemas e dá lugar a cada um no que chama "Darma". Para obtermos uma ideia mais clara de Darma, havemos de lançar o nosso olhar sobre cada um destes três sistemas, tomados separadamente.

O sistema de Ética, baseado sobre a Teoria de Revelação, supõe que a única base para a moralidade e reta conduta é a Revolução Divina, que vem por meio de profetas, sacerdotes e instrutores, conhecidos sob vários nomes. Às leis dadas por estes homens, como recebidas por eles de Deus, foram aceitas, mais ou menos submissamente, por todas as raças em certos estados de seus desenvolvimentos, embora a sua concepção de Deus que tinha dado a essas leis fosse muito diferente. Estas leis, quanto aos grandes princípios que lhes servem de fundamento, são muito semelhantes entre si, apesar de diferirem muito em pormenores, subdivisões e preceitos. Os grandes livros religiosos de todas as nações contêm um código mais ou menos completo de ética e o povo é obrigado a obedecer-lhe implicitamente, sem poder agir conforme a própria opinião, estes códigos, entretanto, são sujeitos à interpretação das mais altas autoridades da nação ou raça. Cada raça considera os preceitos dados pelos respectivos livros religiosos e interpretados por seus sacerdotes, como suprema autoridade, e como espúrias as semelhantes afirmações de outras raças.

A maioria destas religiões dividiram-se em várias seitas e denominações, das quais cada uma tem a sua interpretação favorita dos ensinamentos sagrados, mas todas se baseiam sobre a revelação original como a única verdade a respeito da Ética. For sua vez, cada raça modificou as concepções originais dos ensinamentos revelados, assimilando as suas ideias às necessidades do tempo, que estão em contínua mudança. À medida que uma raça evolui, mudam-se as suas necessidades e aspirações, e as suas Escrituras Sagradas são torcidas e dobradas para satisfazer às condições mudadas. Os sacerdotes, em tal caso, dizem que Deus, indubitavelmente, pensou "isto e aquilo" em vez de "assim e assim", como tinham suposto os seus pais. E assim, com o decorrer do tempo, apoia-se a autoridade do código de ética muito mais na interpretação dos sacerdotes e instrutores, do que nas próprias palavras da suposta revelação Divina. Os partidários das outras duas escolas de ética objetam que se a Divindade tivesse querido promulgar um código de ética — uma regra de conduta — aplicável a todos os homens em todos os tempos, teria combinado as palavras tão claramente de modo que não pudessem ser mal compreendidas nem pelo mais ignorante, e que a Sua sabedoria teria previsto as necessidades crescentes do povo, provendo, por conseguinte, a tais necessidades, ou na própria revelação original ou em "suplementos" desta. Falaremos das vantagens e desvantagens desta teoria mais adiante nesta lição.

O segundo sistema de ética apresenta a teoria que o Homem conhece instintivamente o que é bom e mau, justo e injusto; que a Divindade dá a todo homem, por meio da sua consciência moral (\*), um conhecimento instintivo do bem e do mal, para que se possa governar de acordo com este conhecimento. Esta escola afirma que os homens devem deixar à consciência o governo dos pormenores da sua conduta. Ela ignora o fato de que as consciências de duas pessoas não são exatamente iguais e que tal teoria admite que pode haver tantos estandartes de moral e conduta, quantas são as pessoas, sendo que a tese "A minha consciência aprova isto" excluiria todo o argumento relativo à ética. Os escritores discordam nas definições da moral. Alguns dizem que ela é a parte superior da mente que fala ao homem. Outros dizem que a consciência moral não é senão a mente subconsciente repetindo o que lhe foi sugestionado e que as consciências crescem com experiências e mudam com o ambiente. Alguns afirmam que a consciência moral é a voz de Deus que fala à alma. Outros dão, ainda, outras explicações e teorias. Mais adiante nesta lição, trataremos mais aprofundamento desta teoria.

O terceiro sistema de ética assenta-se sobre a teoria de utilidade ou sobre o que é conhecido

---

\* Dizemos consciência moral, para indicarmos que não se trata da consciência, no sentido de percepção consciente. — (N. do T.)

como utilitarismo, que é definido como "a doutrina pela qual a maior felicidade do maior número de pessoas deve ser o objetivo de todas as instituições sociais e políticas" (Webster). Esta é a teoria sobre a qual se supõe que se deve basear a lei humana. Blackstone, o grande expositor da lei inglesa, diz que as leis humanas baseiam-se sobre "a lei da natureza" e que esta se baseia sobre as leis de Deus — eternas e imutáveis leis do bem e do mal — as quais o Criador torna evidentes ao Homem mediante a razão humana. Blackstone continua dizendo que: "Esta lei da natureza, sendo coeva com a Humanidade e ditada por Deus mesmo, é com certeza superior em obrigação a qualquer outra; nenhuma lei humana é de validade, se lhe é contrária; e aquelas que são válidas, derivam deste original toda a sua força e toda a sua autoridade, mediata ou imediatamente." Tudo isto soa bem e simplesmente, e poderíamos admirar-nos que a vida civilizada não é o céu na terra, se não nos lembrássemos do estado de moderna fabricação de leis e sua administração que, no entanto, é um melhoramento em vista dos tempos anteriores.

Parece ser tão fácil falar da "lei da natureza", mas tão difícil aplicar esta lei aos detalhes da vida e administrá-la. O próprio Blackstone reconhece este fato e diz: "Se a nossa razão fosse sempre clara e perfeita, a tarefa seria agradável e fácil; não precisaríamos de outro guia além deste; mas cada um acha o contrário em sua própria experiência: que a sã razão está corrompida e o seu entendimento cheio de ignorância e erros." O homem que teve muita experiência nos tribunais e processos de "justiça", decerto concordará com o grande jurista inglês nas suas observações aqui citadas. É verdade que as leis de uma nação representam o termo médio das suas melhores concepções éticas, mas as concepções mudam com mais rapidez do que a lei e esta está sempre um pouco "atrás do tempo", quando comparamos a opinião pública e a popular concepção do bem e do mal. E muitas são as frestas de lei feita por homens, pois o transgressor astuto pode impunemente cometer muitas das maiores ofensas às correntes concepções de moralidade, se o faz com a necessária precaução.

Alguns homens têm seu próprio código moral, conforme o qual não se faz nada de "mau", se não se irrompe tecnicamente a lei e, assim, forjam planos e projetos, sendo ajudados por "hábeis conselheiros", para atingirem o seu alvo sem violar as letras da lei. Quando evitam este perigo, ficam com a consciência tranquila. É uma fácil e muito simples teoria de conduta para os que podem viver conforme ela. Justiniano, o grande legislador romano, reduziu toda a doutrina de lei humana a três preceitos principais, a saber: "Vivei honestos; não prejudiqueis a ninguém; dai a cada um o que lhe é devido." este código é simples e muito bom, e se fosse honestamente adotado pela Humanidade, transformaria o mundo em um dia; porém, quase todo homem está propenso a interpretar cada um dos ditos preceitos a seu bel-prazer e, consciente ou inconscientemente, estira-os a seu favor e contra os outros. É difícil dizer, no presente estado do mundo, o que significa "viver honesto"; viver de tal maneira que "não prejudique a ninguém"; ou "dar a cada um o que lhe é devido" — e até difícil é dizer justamente o que é devido a cada um.

Entretanto, os preceitos de Justiniano são dignos de serem memorados como um exemplo de concepção racional da própria conduta e devemos segui-los o mais estritamente possível. Apelarão aos que instintivamente desejam dar a cada um "o que lhe compete", enquanto é possível, mas que não são capazes de compreender ensinamentos ainda mais altos. Mas até aqueles que podem viver de acordo com os preceitos de Justiniano não poderão satisfazer suficientemente os que o rodeiam, os quais insistirão sobre a observância de certas outras coisas — às vezes muito ridículas — que chegaram a constituir o costume ou que são exigidas por certas "autoridades" religiosas, já não falando das civis.

Os partidários da escola Utilitarista de ética diferem uns dos outros em suas explicações das causas e da história da ética e das regras da conduta humana; alguns pensam que provêm de Deus que fala por intermédio da razão humana e outros são de opinião mais materialista, dizendo que a ética, as leis, a moral e as regras de conduta são produto da evolução da raça — resultado de experiências acumuladas; que os homens experimentam isto e aquilo até que descubrem o belo termo médio. Conforme esta classe, a moral e as regras de conduta são coisas produzidas só pela razão do Homem e não têm nada que fazer com a Lei Divina ou Saber Espiritual. Herbert Spencer, o grande cientista inglês, é talvez o melhor expositor desta escola, sendo a sua obra *The Data of*

Ethics (Os Dados da Ética) a mais importante deste gênero.

O Darma toma conhecimento de cada uma destas escolas de ética, vendo que cada uma contém um pouco de verdade e que todas as três, combinadas e unidas com o cimento dos ensinamentos ocultos, fazem um grande Todo. Mostraremos como estes sistemas, aparentemente contrários, se reconciliam. Antes de o fazermos, porém, devemos nos ocupar com a análise das objeções feitas a cada uma como teoria completa, para vermos a fraqueza de cada teoria tomada exclusivamente, bem como a força das três, quando estão combinadas e unidas com as doutrinas de Darma. Tratem-se delas na ordem dada acima.

1.<sup>a</sup>) — A Teoria de Revelação. — A principal objeção que a esta teoria fazem os advogados das outras teorias é que não há prova suficiente da verdade da revelação. Sempre foram designados sacerdotes como intérpretes do Todo-Poderoso e, em todas as idades, vieram revelações por intermédio destes sacerdotes. Os advogados da teoria utilitária dizem que estas chamadas revelações (quando a regra de conduta foi dada realmente para o bem do povo e não só para o benefício dos sacerdotes) foram o resultado do raciocínio superior do profeta, que, estando com a cabeça e os ombros acima do seu povo, podia ver o que era mais conveniente para as suas necessidades, e assim compilou tais regras de conduta em códigos mais ou menos completos, declarando que Deus as deu diretamente por seu intermédio; dizem que o sacerdote preferia atribuir a origem antes a Deus do que a si mesmo, sabendo que o povo respeitava e obedecia mais aos mandamentos Divinos do que aos humanos. Os advogados da teoria intencional julgam que as chamadas "revelações" nasceram realmente da consciência e intuição do profeta que, sendo homem mais adiantado do que seu povo, podia perceber com mais clareza a voz do Espírito, mas que atribuía à voz da consciência a Deus que, de acordo com isto, lhe deu a mensagem Divina, e assim o povo a aceitou com a aprovação da consciência. Outra objeção que se faz contra a teoria de Revelação é que há muitas "revelações" que diferem muito em detalhes; cada religião possui sua própria série de revelações, dadas por seus profetas e instrutores.

Os autores das objeções dizem que, se Deus quisesse revelar um código de moral ao Seu povo, as suas revelações estariam em comum acordo e seriam dadas de tal maneira que não poderiam deixar de ser bem compreendidas por todos. Além disso, objeta-se que é impossível considerar alguma destas numerosas revelações como autoritativa, por causa da impossibilidade de escolher uma delas no meio do grande número existente, visto que cada profeta reclamou com igual firmeza que tinha recebido a revelação diretamente de Deus e não há Supremo Tribunal que possa decidir finalmente sobre o assunto. Também se objeta que muitas das coisas de que se afirma que foram ordenadas por Deus não têm verdadeira conexão com a moralidade, mas provêm dos costumes do povo, como o modo de matar animais, a escolha das espécies de alimento, várias cerimônias religiosas, etc., que são prescritas como as regras de conduta e igualmente consideradas como exemplos do que é "bom" e "mau". Há também, nessas chamadas revelações, coisas que são contrárias às nossas modernas concepções de moralidade. Foram dadas ordens divinas para matar inimigos de modo bárbaro, proibido pelas leis das nações atuais e seguido agora somente por alguns selvagens. Em tal caso parece que a intuição ou a razão humana levantou um ideal mais alto do que o dado por Deus. O mesmo se dá com poligamia e a escravidão, que não foram proibidas pelas chamadas revelações Divinas, mas até foram sancionadas e permitidas. Muitas objeções semelhantes são feitas contra a teoria da divina revelação de ética, mas a objeção principal é que não há suficiente prova da verdade da revelação, pois a razão ensina que o que se chama revelação é simplesmente o resultado da razão humana dos profetas e foi promulgada com a ideia de conservar ao povo ordem e prosperidade ou para garantir o poder e a autoridade aos sacerdotes ou para ambos estes fins. A Filosofia de Darma reconhece estas objeções, porém responde a elas no seu sistema, como veremos adiante.

2.<sup>a</sup>) — A Teoria de Intuição. — A objeção que se faz mais frequentemente a esta teoria é que a consciência moral é somente o resultado dos ensinamentos, do ambiente, da raça, do temperamento, da idade, etc.; que à consciência de um pode parecer injusto matar uma mosca, ao passo que à consciência de um outro parece justo matar um inimigo; que à consciência de um pode parecer mau não repartir tudo que é nosso com qualquer pessoa que nos procura, ao passo que a consciência de

um outro (por exemplo, de um gatuno) o justifica perfeitamente quando furta, sobre o que pode pôr a mão e até o reprova se não aproveita uma ocasião que se lhe oferece para apropriar-se de qualquer objeto alheio. A consciência moral de certas classes de criminosos é semelhante à do gato que não vê delito algum em furtar leite ou carne e só se detêm por causa do medo de ser castigado. O estudante da natureza humana, do povo e da história sabe que a consciência é, em grande parte, coisa que depende da raça, do tempo, do meio (ou ambiente) e do temperamento, e hesitaria em aceitar a voz da consciência de um homem particular como fonte própria ou autoridade para um código moral para todos os povos e todo tempo. Ele vê que as regras de conduta emanadas da consciência de um homem não desenvolvido estarão muito abaixo do nível do homem comum do nosso tempo, ao passo que as regras dadas pela consciência de um homem desenvolvido não poderiam ser seguidas pela maioria da nossa raça de hoje, por causa dos seus altos preceitos e finas distinções de pensamentos e conduta. Além disso, foi a "consciência" que impeliu muita gente a fazer coisas que a nossa própria "consciência" atual designa como se fossem "más". Foram queimadas pessoas em fogueiras — suas línguas foram furadas — foram martirizados física e mentalmente pelos ditames das consciências dos perseguidores que eram tão sinceros como os perseguidos.

Se se seguisse implicitamente o princípio de "consciência", a "consciência" da maioria faria coisas muito desagradáveis para a minoria, como acontece muitas vezes no passado. Assim, como vedes, a teoria que a "consciência" é um guia infalível, pode ser atacada severamente por seus oponentes. E, contudo, a Filosofia Yogue de Darma, embora reconheça estas objeções, vê também muita verdade na teoria de intuição ou "consciência" e dá-lhe um lugar no seu sistema, como adiante veremos.

3ª — A Teoria de Utilidade. — Esta teoria é frequentemente atacada com severidade como sendo uma ideia puramente egoísta — que a base da moralidade oferecida é a "felicidade" — a felicidade do indivíduo, modificada pela felicidade do seu ambiente — "a maior felicidade para o maior número" — e que tal base não reconhece o destino superior do homem, contando somente com sua existência terrestre e material. A isto responde o Utilitarista, muito naturalmente, que cada código de conduta tem uma base mais ou menos egoísta, pois quando um homem faz certas coisas e abstém-se de fazer outras, porque espera aprovação e recompensa divina e teme o desgosto e castigo divino, é igualmente egoísta como aquele que é atuado pela ideia de material felicidade ou desgraça. Outra objeção contra esta teoria é que se o homem ordinário agisse conforme ela, procuraria obter tanta felicidade quanta lhe seria possível, deixando aos outros muito pouca, pois não haveria motivo para agir de outra maneira; com efeito, obedeceria à letra da lei humana e não iria um milímetro além. Teoricamente, esta objeção pode ser correta, mas a despeito da fria teoria, o homem é capaz de sentir impulsos e motivos mais altos, vindos de regiões de sua alma, que são desconhecidas à filosofia utilitária, bem como aos seus oponentes. Uma forma da mesma objeção é a ideia que a filosofia Utilitarista é só para a inteligência desenvolvida (isto é, segundo a expressão da Filosofia Yogue, à alma altamente evoluída), e que o homem ordinário não seria influenciado por ela a alguma ação elevada, mas se em todo o caso a compreendesse, usá-la-ia como uma desculpa para o seu egoísmo, não atendendo em nada ao bem-estar do próximo, nem ao benefício da geração futura.

Os autores desta objeção dizem que, segundo esta teoria, um homem que agisse para o bem da sua espécie seria muito tolo, porque deixaria de gozar a sua felicidade e os bens que ganhou, por um simples sentimento. (Esta objeção ignora o fato que o homem adiantado acha a sua maior felicidade em poder tornar os outros felizes.) Também se objeta a esta mesma teoria que a felicidade da maioria é uma indigna limitação, pois ainda que a maioria seja feliz, a minoria pode não o ser, e, com efeito, certo número de pessoas deve ser muito infeliz e miserável. A esta objeção respondem os que estão espiritualmente adiantados, porque sabem que ninguém pode ser inteiramente feliz enquanto não forem todos felizes e que não pode haver felicidade ideal enquanto um homem só seja dela excluído por qualquer código ou prescrição. Os partidários da teoria de que toda a moralidade é derivada da revelação Divina e que fora desta não há moralidade, objetam à concepção Utilitarista que "deixa de parte Deus e sua vontade". Os que preferem a teoria intuicional

objetam à teoria Utilitarista que se recusa a conhecer a existência da "consciência" ou razão superior no homem e que em vez de contar com esta, coloca a base e o fundamento de toda a moralidade e regras de conduta sobre a fria razão humana; por conseguinte, todo o "bem" e "mal" são medidos pela opinião intelectual que pode ser alternada, mudada, reformada ou abolida pela razão do homem. Estas objeções acham reconhecimento e resposta na filosofia hindu de Darma, que reconhece a fraqueza da teoria quando é considerada como a "verdade inteira", porém, acha muita verdade nesta teoria (como também nas outras duas), e aceita-a como um pilar de Darma, formando as outras duas teorias dois suportes da estrutura.

O Darma põe em ordem esta aparente confusão e conhece que cada uma destas três teorias é parcialmente correta — que forma parte da verdade inteira — porém que é demasiado fraca e incompleta, quando separada e só. Ela reconcilia as escolas que estão em conflito, aproveitando o material que cada uma oferece e construindo com um sistema completo. Ou, antes, acha uma completa estrutura já erigida, na ordem do Universo e vê que cada escola de pensamento olha somente para um dos seus pilares, tomando erroneamente o seu pilar favorito pelo único suporte da estrutura, enquanto os outros dois estão ocultos à sua vista, por causa do ponto particular que toma o observador. E esta doutrina de Darma é muito necessária neste tempo aos povos ocidentais que se acham num estado de grande confusão mental e espiritual a respeito da moral e conduta. Eles se dividem em três frações: 1.ª) os que creem na revelação, mas não a acham "prática" e, por isso, a modificam pela experiência e pelo costume; 2.ª) os que dizem que confiam na intuição e na consciência moral, mas sentem que o seu fundamento não é seguro e, em realidade, vivem segundo o costume e a "lei do país", modificados pelos seus "sentimentos; 3.ª) os que confiam na pura razão, modificada pelas leis existentes e influenciada em grande parte pelos impulsos que lhes vêm das regiões mentais superiores, embora eles neguem estes mesmos estados mentais superiores da mentalidade. Oxalá o estudo de Darma ajude a esclarecer o assunto a alguns de nós! Esta pequena lição é, na verdade, apenas uma senha das verdades dárnicas, mas esperamos que vos auxiliará a ordenar a matéria em vossa mente e que vos tornará mais fácil compreender o seu significado moral e aproveitar as verdades que a vós afluem dos três lados da Vida. Vejamos, agora, que o Darma tem para nos oferecer. Em nossa breve consideração do assunto convidamos o estudante a dar-nos a "Mente Aberta". Isto é, que para o momento deixe de parte as suas ideias e teorias preconcebidas, e queira escutar os nossos ensinamentos sem preocupação, tanto quanto lhe é possível, não se deixando influenciar por suas teorias previamente formadas. Não lhe pedimos que aceite os nossos ensinamentos, se não os aprovam a sua razão e intuição; só pedimos que nos preste atenção, ouvindo-nos como um juiz imparcial e desinteressado, e não como um advogado pago, sempre pronto a interromper e fazer objeções antes que expliquemos o nosso caso. Isto é tudo que pedimos e cada estudante bem intencionado há de no-lo conceder. Não queremos impor-vos como deveis agir, porém apenas queremos apresentar-vos os princípios gerais do Darma para a vossa consideração.

Pensamos que o melhor modo de começarmos as nossas considerações sobre a filosofia de Darma será dar-vos uma ideia como esta filosofia encara as três acima mencionadas teorias da base de moralidade e regra de conduta. Trataremos de cada teoria por sua vez. Porém, antes de fazê-lo, lembramo-vos a teoria fundamental da Filosofia Yogue que todas as almas são almas crescentes — almas em diferentes graus de desenvolvimento e adiantamento do Caminho. A evolução espiritual está em plena ação e cada alma constrói sobre o seu passado, pondo, ao mesmo tempo, um fundamento para o futuro. O seu passado estende-se muito atrás da sua presente vida terrestre, às suas existências anteriores. E o seu futuro sobressai ao resto dos dias da sua presente vida na terra, até às suas futuras encarnações. A vida não é uma duração de poucos anos na carne; a alma tem atrás de si um passado de inúmeras existências e diante de si toda a eternidade, em uma escala sempre progressiva; um plano de existência após outro, em uma espiral sempre ascendente. Não é nossa intenção demorarmo-nos neste fato, só o mencionamos para que vos lembreis que as almas encarnadas que vemos ao redor de nós em formas de homens e mulheres, representam diferentes escadas de ascensão, desenvolvimento e evolução, e que naturalmente há de haver grandes diferenças nas necessidades e aspirações das almas.

Os adiantados ideais de moral, conduta e ética são reconhecidos pelos Yogues como indicações que a ideia e ilusão de separatividade está sendo abandonada pela Humanidade, pois a consciência da Unidade está se despertando nas mentes dos homens. Este despertar da consciência é a causa de a Humanidade ver "injustiça" em muitas coisas que anteriormente eram consideradas como "justas"; é a causa de os homens sentirem as dores e aflições dos outros e de se regozijarem com o prazer a felicidade dos que os rodeiam, torna-nos mais bondosos e mais considerados para com os outros, porque nos torna cada vez mais conscientes do nosso comum parentesco. Esta é a causa do aumento do sentimento de fraternidade que podemos observar na raça humana, embora os que o sentem não saibam a verdadeira causa.

Da evolução e do desenvolvimento das almas resultam para a raça mais altos ideais de pensamento e conduta, de que provém a mudança das concepções de moralidade, evidente a cada um que estuda a história e observa os sinais dos tempos. Compreendendo a teoria de Darma, compreenderemos a moralidade comparativa e não cairemos no erro de condenar os nossos irmãos menos desenvolvidos que têm ideais de conduta mais grosseiros do que nós. Quanto mais alto é o degrau de desenvolvimento, tanto mais alto é o ideal de conduta e moralidade, embora o desenvolvimento obrigue a alma a abandonar muitas velhas formas e ideais que pareceram muito bons no passado. Conservando isto na memória, consideremos as três fontes de autoridade.

A Filosofia Yogue reconhece a teoria de Revelação como um dos pilares que suportam o edifício do Darma. Ela afirma que em diferentes tempos, na história da Humanidade, o Absoluto inspirou certas almas adiantadas para fornecerem os ensinamentos de que o povo necessitou naquela época. Estes homens inspirados eram almas que voltaram voluntariamente de mais altos graus de desenvolvimento, a fim de prestarem serviço a seus irmãos menos adiantados. Eles viveram como o povo em cujo meio estavam e fizeram parte da classe dos profetas, sacerdotes, videntes, etc. Da antiguidade nos vêm narrações sobre estas pessoas, sendo que estas narrações foram deformadas, engrandecidas e misturadas com lendas, superstições e mitos do povo em cujo meio os referidos homens viveram. Raras vezes escreveram eles mesmos, mas os seus ensinamentos foram muitas vezes escritos por outros (às vezes muitos anos depois), e estes escritos, ainda que coloridos pelas ideias dos compiladores, expõem-nos as doutrinas desses profetas ou instrutores. Os referidos profetas eram de vários graus de desenvolvimento; alguns tinham-se elevado aos planos mais altos, outros a planos relativamente mais baixos; cada um, porém, trouxe uma mensagem a seu povo, segundo as necessidades deste, naquele tempo. Estas mensagens foram, mais ou menos, aceitas, e os ensinamentos produziram no povo uma mudança, auxiliando a pôr um fundamento, sobre o qual a geração futura pôde construir mais. Não é descrédito a esses profetas, nem à fonte da qual eles receberam a sua informação, dizer que nos temos adiantado muito além de alguns dos seus ensinamentos e que hoje podemos pôr de parte quase todos os preceitos por eles dados, com exceção de alguns poucos que são fundamentais e que devem persistir. As seitas religiosas costumam insistir sobre a infalibilidade destes ensinamentos e afirmam que foram dados como regras de conduta e estandartes de moralidade para todas as nações e todos os tempos. Pensando um instante, veremos a insensatez desta ideia. Tomai por exemplo Moisés e vede como os seus ensinamentos foram próprios e úteis ao povo do seu tempo; como, porém, seriam absurdos muitos deles se se os aplicasse à nossa vida de hoje. Com certeza, os princípios fundamentais, apresentados por Moisés, são válidos até hoje, mas as menores regras de conduta que foram dadas para o povo judeu ficaram fora de uso e ninguém pretende observá-las. Muitos críticos da teoria da revelação, encontram faltas em grande número de preceitos de Moisés e apontam a sua natureza selvagem e bárbara que revolta os nossos ideais de atualidade. Não obstante, cada um destes ensinamentos teve um fim e foram dados com a intenção de auxiliar em sua lenta evolução as almas encarnadas daqueles tempos; o seu fim foi dar-lhes alguma coisa um pouco mais alta do que os costumes de então, para lhes servir como um ideal de conduta.

Alguns desses ensinamentos que nos parecem bárbaros hoje, sendo examinados estritamente à luz das condições da raça e daquele tempo, serão reconhecidos como uns passos para diante nos costumes da raça no tempo em que os ensinamentos foram dados. A nós, que estamos em mais altos degraus da escada, aparecem num plano mais baixo do que nós; se, porém, pudéssemos ocupar o

lugar em que estava a raça naquele tempo, veríamos que os ditos ensinamentos estavam um ou dois degraus mais altos.

É irrazoável exigir que os ideais mais altos concebíveis tenham sido dados à raça em sua infância — imaginai se os mais altos ideais de Cristo, tivessem sido submetidos às tribos semibárbaras de Israel!

Chamamos, entretanto, a vossa atenção para um fato muito importante, a saber, que na maioria destes rudes ensinamentos antigos podem-se achar ensinamentos esotéricos ou secretos, destinados às poucas almas adiantadas daquela geração e das gerações vindouras: aqui temos a prova que os instrutores conheciam os ensinamentos superiores. Estes ensinamentos esotéricos estão envolvidos na forma esotérica, destinada à multidão.

Sempre foi assim. Os ensinamentos de Cristo não são compreendidos pelas massas de povo de hoje, quanto menos pelas de ontem! Olhai à história da Cristandade e vede como os chamados adeptos de Cristo entendiam mal a sua doutrina; vede como bárbaras e selvagens foram as suas concepções e são até hoje ainda! E, todavia, a alma adiantada em toda a geração dos últimos dezenove séculos foi capaz de ler os ensinamentos esotéricos entre as linhas das narrações imperfeitas e, às vezes, deformadas, das palavras de Jesus. Contudo, os ensinamentos de Cristo fizeram uma obra admirabilíssima, apesar de não serem bem compreendidos. A ética do Sermão da Montanha ainda está em vigor — a nossa raça ainda não se elevou a esta altura, porém gerações futuras viverão de sua luz e por ela serão guiadas.

Notai também o fato que os ensinamentos de todos os profetas foram destinados para auxiliar o homem a sacudir as velhas camadas dos planos mentais inferiores e levá-lo ao caminho para um degrau mais alto de seu crescimento. O alvo desses ensinamentos e todas as observâncias foi (e é) a evolução da alma. A regra era, e é: cada vez um passo. A palavra proferida não foi a palavra final, mas foi destinada a produzir certo efeito. Isto é a chave de muitas coisas que no passado vos tornaram perplexos. Outro ponto muito importante para ser lembrado é que todos os ensinamentos foram dados com o fito de levantar o homem e todos foram para o seu benefício. Não foram dados com o fito de obrigar o homem a cumprir certos deveres para com Deus, como nos ensinaram a crer. Deus não se afligiu nunca porque o homem não lhe rendia bastante consideração. Deus não era vanglorioso, não pedia adoração, nem sacrifícios e holocaustos para se deleitar com seu cheiro. Estas ideias pertencem à infância da raça. Deus passa muito bem sem a adoração e a prece do homem.

Quem ganha com o amor de Deus é somente o homem; o Absoluto não se sente nem injuriado, nem beneficiado pelas ações dos homens. Quando os instrutores e profetas mandaram adorar a Deus, o seu objetivo foi chamar a atenção do povo para o fato que havia um Poder Superior, para que aproveitasse no seu desenvolvimento a atração do Absoluto, a que se dirigia aquela atenção. Abandonai a ideia que Deus precisa de vosso louvor e vossa adoração para que vos ame. Todo o benefício da prece, da adoração e do amor a Deus está apenas do lado do homem; é unilateral.

Para compreendermos os ensinamentos dos profetas de todas as religiões, devemos de nos colocar no lugar do profeta e ver a que espécie de povo ele se dirigia. Assim se nos torna claro que os rudes mandamentos eram calculados para elevar o povo um passo mais alto na escada — e elevaram-no. Porém, porque os ensinamentos eram destinados para isso e alcançaram o seu fim, não há necessidade de nos ligarmos, no presente tempo, à sua letra. Se compreendermos de que tratam, seremos capazes de separar o debulho dos ensinamentos (que outrora era o trigo), e juntar os dispersos grãos de trigo, até que enchamos a medida. Aproveitemos tudo o que é bom nas velhas doutrinas, pois podemos achar nelas ainda muita coisa boa; não são ainda sem utilidade. Porém, não nos vinculemos pelos ensinamentos que já estão fora de tempo; não esqueçamos o espírito de todos os ensinamentos, para nos prender à letra morta da velha lei. Não cometamos a tolice de afirmar que um ensinamento, por ter sido inspirado, é infalível regra de conduta para todo o tempo e todos os povos; lembremo-nos dos outros dois pilares do Dharma — da intuição e da razão.

Ao mesmo tempo, porém, não zombemos dos ensinamentos antigos; não neguemos a sua inspiração somente porque pertencem a uma época muito remota.

Reconheçamos a coisa como ela é, e portemo-nos conforme o caso requer.

E não suponhamos que o dia de revelação e inspiração já passou. Há tanta inspiração em Emerson, como nos profetas hebreus; cada uma esteve acima do seu tempo e a mensagem de todos eles é compreendida pela multidão só imperfeitamente; cada um tocou uma nota mais alta na escala. Escolhemos Emerson somente como exemplo; há muitos outros nos nossos próprios dias.

Existe, entretanto, uma diferença entre o profeta antigo e um vidente e instrutor moderno. O antigo profeta tinha adeptos que aceitavam o ensino com fé cega, iluminada apenas com um fraco raio de entendimento espiritual, ao passo que o povo de hoje é capaz de medir o valor dos ensinamentos pela luz das suas próprias almas e com o auxílio da razão — isto é, algumas das pessoas modernas podem fazê-lo, outras hão de contentar-se com os ensinamentos antigos, porque pertencem a uma passada idade de desenvolvimento e, não tendo tomado igual passo como seus irmãos, têm que ficar satisfeitas com os contos da infância espiritual. E até isto é bom.

A Filosofia Yogue reconhece a teoria de intuição ou Consciência como o segundo pilar que suporta o edifício de Darma.

Como já dissemos em nossa consideração desta teoria, muitas pessoas que se dedicaram ao estudo da ética sentiram-se repelidos pelas dificuldades que encontravam na teoria da Revolução (considerada como a única) e não podendo aceitar como autoritativas, infalíveis e finais as chamadas revelações dadas aos povos primitivos no passado remoto, negam a inspiração desta revelação, procurando em lugar delas uma outra teoria e regra de conduta. Muitas destas pessoas aceitam a teoria Utilitarista como harmoniosa com a sua razão, embora não pareça satisfazer as necessidades das suas almas como desejariam. Outros, sentindo-se repelidos pela frieza e pelo egoísmo desta teoria e não querendo voltar à velha teoria de Revelação, adotam a teoria de Intuição ou consciência moral e aceitam a ideia que "consciência" ou "intuição" é o direto e único árbitro de moralidade e conduta, acreditando que as leis humanas se baseiam, em verdade, sobre ela. Alguns tomam a radical posição que declara que a voz da "consciência" ou "intuição" é verdadeiramente a voz de Deus falando ao homem e que se deve obedecer-lhe implicitamente — que Deus faz as suas revelações a cada homem.

Como já declaramos acima, esta posição foi severamente atacada pelo fato de não se achar de acordo com a consciência nem de duas pessoas e que depende do ambiente, do tempo, da raça, da opinião pública, da educação e que, por isso, não pode ser guia infalível nem seguro para ser seguida, porque cada homem faria suas próprias leis que nenhum dos outros respeitaria. Darma reconcilia estas duas opiniões que estão em aparente conflito.

Vejam o que ela nos diz a respeito da Intuição ou Consciência.

Tínhamos julgado que poderíamos tratar da teoria da Consciência ou Intuição e também da teoria da Utilidade, nesta lição, reservando para a lição próxima uma elaboração do Darma, mas achamos que já excedemos o nosso espaço. Por isso, havemos de deixar a consideração a respeito da Consciência e Utilidade para a nossa próxima lição, onde combinaremos este tema com observações sobre as fases práticas do Darma. Esperamos que os nossos estudantes não deixarão de estudar estas duas lições, ainda que lhes pareçam muito áridas. São muito importantes e necessárias para todos os que se esforçam por "ter a devida conduta", todos os que desejam levar a vida que traz felicidade — os que desejam adiantar-se no Caminho de Realização. O assunto da Consciência ou Intuição é sobretudo interessante e tencionamos apresentar alguns pontos importantes relativos a este tema, na nossa próxima lição.

Pedimos que nos presteis atenção e tenhais paciência; sereis recompensado, se assim o fizerdes.

A Paz seja convosco!

## IX LIÇÃO CONTINUAÇÃO SOBRE O DARMA

A nossa última lição terminou no ponto onde queríamos considerar e examinar a teoria de Intuição ou Consciência moral — o segundo pilar que suporta o edifício do Darma. Retomaremos, pois, agora o assunto neste ponto.

Cada homem é mais ou menos consciente de uma voz interna — um "saber" que parece independente do seu Intelecto. Esta voz lhe fala num tom autoritativo ou coativo — ou lhe ordena fazer isso e aquilo ou o detém de fazer certas coisas. Às vezes, impele-o a uma ação mais digna e, às vezes, tenta-o a praticar uma ação indigna. A esta voz, em suas fases superiores, chamamos "consciência moral". Em suas fases inferiores costumamos considerá-la como "tentação". Segundo antigos contos, cada homem tem consigo de um lado um anjo bom e do outro lado um anjo mau; aquele lhe aconselha a fazer o que é "bom" e este lhe propõe a fazer o que é "mau". Os contos antigos simbolizam a verdade, como veremos adiante.

Além da "voz da consciência" e a "voz do tentador", percebemos ainda uma "direção" no que se refere à ação ordinária e conduta, em que não se apresenta a questão do "bom" e "mau"; a decisão sobre afazeres da vida comum, sobre trabalho e negócios. A esta terceira manifestação podemos chamar "intuição". Muitos empregam os três termos e conhecem bem a diferença destas três formas de manifestação, mas não são capazes de explicar, exatamente, o que são estas sugestões ou de onde vêm. A Filosofia Yogue oferece uma explicação e o Darma depende, até certa extensão, desta explicação, apoiando-se parcialmente no pilar da Consciência ou Intuição; como sabemos, os outros dois pilares são a Revelação e a Utilidade. O pilar da Revelação representa a voz do Senhor; o pilar da Consciência ou Intuição representa as faculdades intuitivas do homem; e o pilar da Utilidade a voz da razão humana. Vejamos agora o que a Filosofia Yogue nos diz a respeito da questão da Intuição e a natureza da mensagem que vem dessa parte da alma.

Para se compreender a natureza da Consciência, Intuição, Tentação e de outros sentimentos que vêm ao campo da percepção consciente das regiões mentais subconscientes, havemos de repetir algumas páginas das nossas Catorze Lições, onde, nas lições segunda e terceira, dissemos alguma coisa sobre as diferentes "mentes" no homem — os diferentes planos em que a mente humana funciona. Lembrai-vos do que dissemos sobre a Mente Instintiva, o Intelecto e a Mente Espiritual. Temos falado deles frequentemente, tanto naquele como neste curso, e supomos que compreendeis claramente a natureza de cada uma destas subdivisões da mente.

"Tentação" ou o impulso para fazer "mal" vem das regiões mentais inferiores - daquela parte da Mente Instintiva que se ocupa com paixões, tendência e emoções animais, que são a nossa herança do passado. Estas coisas não são más em si mesmas, mas pertencem a uma parte da história da nossa alma, que temos deixado atrás ou da qual estamos agora emergindo. Podem ter sido o mais alto "bem" possível para a nossa concepção mental em algum tempo passado na história da nossa evolução; podem ter sido necessárias para o nosso bem-estar naquele tempo; podem ter sido muito melhores do que outros estados de sentimento e ação por que temos passando e por conseguinte, podem ter parecido às nossas mentes naquele tempo como a voz do "eu" superior batendo nos ouvidos da consciência inferior. Recordai-vos que estas coisas são comparativas. Agora, porém, que temos deixado atrás o ponto em que aquelas coisas nos pareciam ser o mais alto bem e temos nos desenvolvido suficientemente para podermos aproveitar mais altas concepções de verdade, aparecem-nos como coisas "más" e "ruins", e quando entram no campo da percepção consciente, provindo daquelas regiões mentais inferiores, estremecemos ao pensar que temos em nós ainda tanta animalidade. Mas não é necessário que nos consideremos "maus", porque estes pensamentos e impulsos se levantam em nós. Eles são nossa herança do passado e reminiscências do estado "animal" do nosso desenvolvimento.

São vozes do passado. Não vos perturbeis quando sentis em vós o combate renhido do animal. É animador o fato que o vedes agora como coisa diferente do vosso "eu" normal. Outrora vós mesmos éreis o animal — agora o vedes somente como uma parte de vós - um pouco mais tarde

o expulsareis totalmente. Lede o que dissemos a respeito disto nas últimas páginas da primeira lição.

Aqui trataremos, ainda, da natureza comparativa do "bem" e do "mal", e vereis como é que o que o que outrora foi "bom" pode ser agora "mau" — como aquilo que hoje parece ser muito "bom" e "justo", aparecerá como "mau" e "injusto" mais tarde, no nosso desenvolvimento (isto é, falando relativamente, porque quando nos desenvolvemos, começamos a ver que os termos "justo e "injusto", "bom" e "mau" são apenas relativos e que, do ponto de vista do Absoluto, não há nada que seja "mau". E, apesar, disso, à medida que progredimos, tomam-se "más" as coisas que deixamos, porque nos temos elevado acima delas, e aparecem "boas" as coisas que aceitamos em seu lugar, até que as deixemos igualmente). O que vos queremos apontar agora é que a "tentação" não é senão o impulso de alguma experiência passada para repetição, porque a tendência não está morta ainda. Ela levanta a cabeça por causa do tremor intenso da vida que expira ou porque a coisa moribunda foi avivada por alguma sugestão ou circunstância, provenientes do exterior. Deixai os animais morrerem e não vos inquieteis por causa da sua luta.

A Intuição pode provir ou dos impulsos da Mente Espiritual que se projeta no campo da percepção consciente ou da subconsciente região do Intelecto. Neste último caso, o Intelecto trabalhou em algum problema sem a cooperação da mente consciente e, tendo-lhe dado uma forma, apresenta-a, em devido tempo, a esta, com ares de autoridade que impõe a sua aceitação. Porém, muitas intuições nos vêm da Mente Espiritual que não "pensa" mas "sabe".

A Mente Espiritual dá-nos sempre o melhor que somos capazes de aceitar dela, conforme o nosso estado de desenvolvimento. Ela é ansiosa pelo nosso verdadeiro bem-estar e sempre pronta a ajudar a guiar-nos, quando lhe permitimos. Neste lugar não podemos entrar neste assunto e só o mencionarmos para dar uma ideia da diferença entre a Intuição e a Consciência moral. A Consciência moral trata de questões do "bem" e do "mal" nas nossas mentes, porém a Intuição trata de questões de ação própria em nossas vidas, sem relação à moral ou ética, apesar de não estar em oposição ao melhor que sabemos dessas coisas. A Consciência moral informa-nos se uma coisa é ou não é conforme ao mais alto ideal ético possível a nós, no nosso presente desenvolvimento; a Intuição nos diz se um certo passo ou procedimento é conveniente para o nosso melhor bem. Percebeis a diferença?

A Consciência moral é a luz da Mente Espiritual que passa através das camadas que encobrem a nossa alma. Esta definição é muito grosseira, mas vamos esforçar-nos por torná-la mais clara. A luz da Mente Espiritual procura incessantemente o caminho para chegar aos planos mentais inferiores e alguns dos seus raios atingem até as mais baixas regiões, porém a luz é então percebida mui fracamente, devido à limitação que sofre nas camadas da natureza inferior que não a deixam penetrar. Quando uma camada após outra decai, percebe-se luz mais claramente, não porque ela se mova em direção à alma, mas porque o centro da consciência (isto é, da percepção consciente) está se movendo na direção do Espírito.

É como quando uma flor deixa cair ao chão suas pétalas exteriores, à medida que se desenvolve. Suponhamos que no centro da flor haja alguma coisa que possui luz, que se esforça por achar o caminho através da extrema série de pétalas. A proporção que estas vão caindo sucessivamente, a luz pode atingir as restantes — e ao fim tudo é luz. Isto é uma figura forçada de discurso, mas somos compelidos a empregá-la. Vejamos ainda outra igualmente grosseira, a qual, porém, talvez, será mais explicativa. Imaginai uma pequena, porém forte bola com luz elétrica, embrulhada em muitos panos. A luz é o Espírito, a bola de vidro é a Mente Espiritual, através da qual o Espírito irradia a luz com o mínimo de resistência e obstrução. Os envoltórios exteriores são muito grossos, mas cada um é mais fino do que o mais próximo que é mais afastado da luz; os envoltórios que estão mais perto da luz são finíssimos e quase transparentes. Experimentai fixardes estas figuras em vossa mente. Ora, é muito pouca a luz que vem ao envoltório exterior, mas sempre é a melhor luz que este pode receber ou conceber. Tiramos o primeiro envoltório. O segundo já receberá e deixará perceber mais luz do que o primeiro que tiramos. Tiramos o segundo envoltório e veremos que o terceiro será mais claro e irradiará consideravelmente mais luz. E, assim por diante, quanto mais envoltórios tiramos, mais luz e luz mais clara nos aparece, até que se tira o último

envoltório e a luz do Espírito brilha fortemente através da bola de vidro que é a Mente Espiritual. Se os envoltórios de pano pudessem pensar, teriam chamado todo o embrulho de pano (com a lâmpada no centro) "Eu". E cada envoltório teria visto que "mais para dentro" havia alguma coisa mais clara do que o seu "eu" ordinário, e esta luz seria considerada com a mais alta concepção de luz possível ao envoltório exterior — isto seria, com efeito, a sua "consciência" (moral). Cada envoltório daqueles panos seria consciente de que o envoltório vizinho, colocado mais para o interior, é mais claro do que ele próprio. O segundo envoltório apareceria como muito "bom" ao primeiro, porém, para o quarto ou quinto, seria a própria escuridão (em comparação), muito "mau", de fato. E, contudo, cada um teria sido "bom", porque levava luz ao envoltório ainda mais escuro. A Consciência (moral) é a luz do Espírito, porém nós vemos mais ou menos fracamente por causa dos envoltórios que a circundam; nós vemos somente tanto quanto passa através do pano. E assim chamamos "consciência" (no sentido moral) ao primeiro envoltório interior, e ele o é, relativamente. Compreendeis, agora, mais claramente o assunto? Podeis ver por que as "consciências" de diferentes pessoas diferem? O fato que os diferentes envoltórios manifestam variados graus de luz, vos traz dúvidas sobre a clareza e segurança da própria luz? Meditai um instante sobre esta rude ilustração e vede se a vossa mente não se abrirá a uma ideia mais clara do valor da Consciência.

Não desprezeis a voz da Consciência se vedes que a de um homem atrasado em seu desenvolvimento lhe permite fazer certas coisas que considerais "más". Este "mal" é um "bem" se o comparais com o anterior, mais baixo estado pelo qual o dito homem passou. E não vos julgueis como justo, porque a vossa Consciência vos liga a um bem alto código de ética; existem hoje seres, encarnados, que olham ao vosso código de ética como vós olhais ao dos Bushmans. Duvidais? Pois dar-vos-emos um exemplo. Vós vos considerais como "honesto" e "leal". Podeis dizer verdadeiramente que vivestes um mês sem dizer uma inverdade? Lembrai-vos que as "mentirinhas" e uma evasão de dizer "a verdade toda" contam-se igualmente como mentiras grandes: — fostes absolutamente veraz e honesto durante um mês inteiro? Contra vós falam as mentiras convencionais - "necessidades" profissionais — negócios — polidez, etc. Oh! nós não vos condenamos, não; com efeito, nós vemos que não podeis ser melhor no presente estado de desenvolvimento da raça; fazeis o melhor que sabeis e podeis, e é um grande adiantamento se sois capazes de ver que não sois estritamente honesto e verdadeiro. E estas objeções são de pouca importância; a Humanidade comete crimes muito maiores, se a observamos de certa altura. Há pessoas que sofrem miséria no mundo? Há alguns de vossos irmãos que não recebem o seu quinhão dos benefícios que foram dados à raça? E tudo tão "bom" na sociedade, como deveria ser? Não podeis sugerir nenhuma melhora no estado das coisas? Oh! sim, nós sabemos que vós somente não podeis melhorar a situação; mas vós sois uma parte da raça e gozais os privilégios que a ela são dados; vós sois um da multidão no carro que passa por cima das vítimas do presente estado das coisas. Porém, como dizeis, vós não podeis melhorar isto — a raça há de elevar-se a um grau melhor - há de trabalhar para sair do lamaçal. E a dor de tudo isso fará que trabalhe para um melhoramento; já está sentindo a dor e acha-a muito desagradável. Tudo o que podeis fazer é ver a coisa e não vos opor à mudança quando ela vier. Deus tem o fio solto do novelo em sua mão e está desenrolando sempre. Tende fé e não vos oponhais ao desenrolamento, traga-vos o que trazer, porque a vista aberta e a prontidão salvar-vos-ão de muitas dores que hão de vir sobre os que não querem ver e não estão prontos; mas até estas dores serão boas, porque são parte do desenvolvimento. Voltemos, porém, ao nosso assunto. Sentis-vos agora tão superior e "bom"? Bem, a lição é esta: — "Não condeneis" — "Atire a primeira pedra quem não tem pecado." Ninguém de nós é muito "bom". E, todavia, todos estão no Caminho que conduz para cima.

Vivamos em amizade com todos, fazendo o melhor que podemos, semeando uma palavra aqui e uma ação ali; não nos atribuamos justiça própria; não condenemos; façamos o melhor por nossa parte e demos a todos os outros o mesmo direito; pensemos nos nossos próprios negócios; não persigamos; sejamos tolerantes, cheios de amor e compaixão; consideremos todos como parte do Todo; reconheçamos que cada um faz o melhor que pode, em consideração do seu grau de desenvolvimento; descubramos o elemento Divino na mais humilde, vil e ignorante pessoa, pois está, oculto, porém esforçando-se por se desenvolver; e, finalmente, "sejamos sempre muito

bondosos".

Esta é a lição da luz elétrica na bola de vidro, coberta com muitos envoltórios de panos. Levai convosco e fazei-a uma parte de vós mesmo. E a paz será vossa!

Uma consideração da explicação acima vos fará compreender que a Consciência moral é a voz do Espírito, ouvida através dos muros limitativos dos princípios inferiores da natureza humana. Ou, para dizer por outras palavras: a Consciência moral é o resultado da experiência, do crescimento e desenvolvimento do homem no passado, mais tanta luz, do Espírito, quanto pode perceber.

O homem em seu desenvolvimento tirou proveito das experiências passadas — formou novos ideais — reconheceu certas necessidades da alma crescente — sentiu novos impulsos nascerem em si e conduzi-lo a coisas mais elevadas — reconheceu a sua relação de parentesco com os outros homens e com o Todo. Tudo isto acompanhou o crescimento da alma. E cada degrau do crescimento da alma conferiu ao Homem uma concepção mais alta do que é "bom" e "justo" — elaborou Nele um ideal mais elevado. Este mais alto ideal é o que o homem sente como o que é "bom" "justo", embora não viva sempre de conformidade com ele. A luz do Espírito ilumina este mais elevado cume de idealidade possível ao homem e fá-lo sobressair claramente diante da alma como o ponto que deve ser o alvo da sua subida. Este cume mais alto, assim iluminado, é a meta para ele, em sua marcha para diante. É a coisa mais alta que pode perceber.

É verdade que, à medida que avança, a luz sobe mais alto e mostra-lhe cumes ainda mais altos, cuja existência nem suspeitava. Quando atinge o ponto que lhe parecia ser o mais alto possível, vê que apenas está em cima de uma colina e que muito acima dele, erguendo-se em alturas sempre maiores, levantam-se os cumes das verdadeiras montanhas, dos quais o mais elevado está fortemente iluminado pelo esplendor da luz que emana do sol do Espírito. Há outras inteligências que empreendem a ascensão das alturas invisíveis para nós; e o alvo dos que estão muito atrás de nós (que é o mais alto cume que avistam) está muito abaixo de nós, como parece, porque nós o temos passado já há muito tempo. É assim que devemos compreender estas coisas — este estado de coisas, se queremos formar-nos uma clara ideia dos atos, dos ideais e da "consciência" dos outros. Havemos de cessar de condenar; o nosso dever para com os outros é não os censurar por não haverem ainda atingido as alturas a que nós já temos chegado, mas enviar-lhes uma animadora mensagem de esperança e alegria, e auxiliá-los a encontrarem o caminho. É isto que os Irmãos Mais Velhos estão fazendo para nós; façamos o mesmo para os que estão atrás de nós ainda no Caminho.

Em conclusão, chamamos a vossa atenção para o fato que a Consciência moral é somente um dos pilares que suportam o edifício do Darma. É um pilar importante, mas um só. Deve ser tomado em séria consideração, mas não é guia infalível. Ele nos aponta o ponto mais alto que, no nosso crescimento atual, podemos ver, porém o ponto indicado não é necessariamente o mais alto e nós não devemos contentar-nos com o que vemos. Aquilo que está detrás da Consciência é Infalível e Absoluto, mas a Consciência mesma é Relativa e Falível, por causa do nosso crescimento incompleto — por causa dos envoltórios limitativos que obstam que a luz do Espírito chegue a tocar as nossas almas. Entretanto, procuremos esta luz e sigamo-la. Digamos como se ouve no velho hino familiar da nossa infância:

"ó suave Luz, neste meu triste andar  
Sê meu guia;  
A noite é escura, estou longe do lar.  
Sê meu guia.  
Segura-me os pés, clareia o olhar.  
Pra que eu possa mais alguns passos dar,  
Sê meu guia!"

O terceiro pilar do Darma é a teoria de Utilidade de que vos falamos na lição precedente. O Darma reconhece o valor da Utilidade como um pilar, mas vê a sua fraqueza, quando se quer dela o único suporte para a ética. As leis e os estatutos humanos repousam quase totalmente sobre a base

da Utilidade, embora alguns escritores se esforcem por apresentá-los como mandamentos Divinos. A lei é o resultado dos esforços humanos por criar um código de conduta que sirva às necessidades da raça.

A lei humana é sujeita à evolução: cresceu, mudou-se e desenvolveu-se desde o princípio, continuando a mudar e desenvolver-se sempre, porque é falível e não absoluta. Assim como a Consciência moral sempre está mais adiantada do que o crescimento do homem, a lei humana sempre está um pouco atrasada. A Consciência aponta um passo mais alto; as leis, porém, são criadas para satisfazer alguma necessidade que se apresentou e nunca são promulgadas antes que se reconheça claramente a sua necessidade. E vigoram, geralmente, algum tempo (muitas vezes longo tempo), ainda quando a sua necessidade já tenha desaparecido. As leis humanas são o resultado da inteligência média do povo, influenciado pela média da "consciência" desse mesmo povo. A inteligência vê que surgiram certas necessidades e tenta formar leis para sanar o "mal" existente ou o "mal" possível.

A consciência moral da raça faz os homens ver que certas leis que estiveram em vigor são injustas, irrazoáveis e pesadas, e quando se reconhece isto claramente, procura-se revogá-las ou alterá-las, melhorar ou substituir por outras mais bem adaptadas às novas condições. Às vezes são introduzidas leis corruptas por pessoas astutas e sem escrúpulos, ajudadas por legisladores imorais; juizes corrompidos e ignorantes interpretam as leis, muitas vezes, mal; e muitas vezes erram em elaborar, interpretar e pôr em vigor as leis. Isso se dá porque os homens e as leis humanas são falíveis e não absolutos. Contudo, as leis de um povo, em seu valor médio, representam, em sua formação, interpretação e administração, a maior medida do que o povo é capaz. Quando o povo, ou a maioria dele, acha que uma lei não lhe serve mais, remove-a; quando a maioria da raça pede uma lei nova, mais cedo ou mais tarde a receberá. Reformas em leis movem-se vagarosamente, mas sempre vêm, enfim, e não ficam muito atrás da inteligência média do povo. É verdade que aqueles que se elevaram acima dessa média acham as leis humanas cheias de faltas e, muitas vezes, bastante injustas do seu ponto de vista, como também as acham aqueles que estão debaixo da média - estes porém, por motivos totalmente diferentes: os primeiros acham a lei imperfeita, porque está atrasada em relação ao que requerem a justiça e as necessidades da raça, — ao passo que aos segundos a lei parece injusta, porque está adiantada em redação à concepção ética desta gente. Porém, em substância, as leis de um povo representam bem as necessidades, as ideias e a inteligência do ordinário homem da raça, — do que não é nem muito adiantado, nem muito atrasado. Quando este homem ordinário cresce, as leis se mudam para lhe convir — isto é, ele efetua mudanças das leis, porque as julga imperfeitas.

Alguns pensadores julgaram que a condição ideal da sociedade seria "u'a monarquia absoluta, com um anjo sobre o trono", ao passo que outra classe de pensadores pinta uma comunidade tão altamente adiantada em inteligência e espiritualidade que as leis humanas seriam postas de parte como uma impertinência, porque o povo, em tal grau de adiantamento, não precisaria de leis, pois cada homem seria uma lei para si mesmo e, sendo ideais todos os indivíduos, reinaria a justiça ideal. Ambas as condições acima mencionadas pressupõem a "perfeição" por parte do governador ou do povo. Às leis de um país são, em realidade, desejadas ou permitidas pela opinião comum do povo daquele país, — isto é verdade tanto em relação à Rússia autocrática, como em relação aos países chamados democráticos, porque a verdadeira vontade do povo se faz ouvir, mais cedo ou mais tarde.

Não há povo sobre o qual se possa pôr um jugo, se o seu pescoço não se abaixa para recebê-lo; quando o povo levanta o pescoço o jugo há de cair. Não vos esqueçais que estamos falando do povo em geral, da média do povo e não de indivíduos. Vedes, pois, que as leis de um país representam geralmente as necessidades da maioria dos cidadãos do mesmo país e que são as melhores possíveis para eles; por isso, são as de que eles precisam no presente momento — amanhã poderão ser mercedores de outras formas melhores. A lei é falível e imperfeita, mas é necessária como um pilar de suporte para o templo da ética. É a concepção comum da ética cristalizada em forma temporária, para a direção do povo que lhe dá a forma. Cada lei é um compromisso e pousa mais ou menos sobre alguém. A ética é "o maior bem para o maior número".

Os advogados da escola Utilitarista de ética observam que o homem denomina "má" a coisa que lhe produz dor ou aflição. Por exemplo, o homem não gosta de ser assassinado ou roubado, e, por conseguinte, forma a ideia que é crime matar ou roubar, criando geralmente leis para prevenir e punir o que mata ou rouba. Não se entrega mesmo à prática desses "crimes" por causa da imunidade destas coisas que lhe é garantida pela geral aceitação da concepção delas como "más" e pela força das leis que as proíbem. Igualmente o homem vê que a comunidade é prejudicada se alguém não cuida de seus filhos, e assim chega a chamar esta conduta de "má" e o sentimento moral faz surgir leis que a punem e previnem. E assim por diante — este é o raciocínio do Utilitarista, tendo razão por sua parte, pois, de fato, esta é a história das leis e da legislação, e esta é uma parte do crescimento das concepções de "bem" e "mal". Há, porém, nisto algo mais do que esta ideia egoísta (a qual tem sua razão de ser em seu tempo e lugar, como, em geral, têm ou tiveram razão de ser todas as ideias egoístas). O Utilitarista não vê o fato que o desenvolvimento da alma da raça lhe faz sentir, cada vez mais, a dor dos outros, e quando essa dor se torna insuportável, apresentam-se novas ideias a respeito do "bem" e do "mal" — surgem novas leis para satisfazer às condições. À medida que a alma se desenvolve, sente a sua proximidade de outras almas — cresce para chegar à concepção da Unidade de todas as coisas - e ainda que o sentimento e a ação sejam egoístas, pertencem a um "eu" desenvolvido.

O sentido de Justiça cresce no homem não só porque a sua inteligência o obriga a formar uma concepção mais alta de Justiça abstrata, mas também porque a sua alma, que se desenvolve, fá-lo ver a sua relação aos outros e sentir o desagradável da miséria e dos erros alheios. A sua consciência moral se amplia e o seu amor e sua compreensão se expandem. No principio cuida o homem de si somente e todos os outros lhe são "estranhos". Depois sente que faz uma "unidade" com sua mulher, seus filhos e seus pais. Depois com todos os parentes. Depois com sua tribo. Depois com a confederação das tribos. Depois com a sua nação. Depois com as outras nações que falam a mesma língua ou têm a mesma religião. Depois com todos os que são da mesma cor. Depois com a Humanidade inteira. Depois com todos os seres viventes. Depois com todos os seres animados e inanimados. À proporção que o sentimento da "unidade" se alarga e desenvolve, o homem adquire sempre crescente concepções de "justiça" e do "bem". Isto não é tudo obra do Intelecto — os raios da Mente Espiritual tornam-se sempre mais claros e o Intelecto cada vez mais iluminado. E com o aumento da iluminação cresce e alarga-se o sentido de justiça, e novas ideias do "bem" e do "mal" se apresentam.

Assim, vedes que a ideia Utilitarista é correta no que expõe, mas para compreendê-la inteligentemente é necessário tomar em consideração também os princípios mentais superiores e não só o Intelecto. O homem acha que o ideal não é somente "a felicidade da maioria", mas a felicidade de todos. Acha que não pode ser perfeitamente feliz, enquanto não forem felizes todos. Reconhece que ninguém pode obter justiça, enquanto não obtiverem, todos. E assim continua — errando, tropeçando, cometendo tolices, impelido sempre por aquilo que está crescendo em sua mente e que não compreende (enquanto não se abrirem os seus olhos), porém que o torna muito descontente e agitado, incitando-o a procurar uma coisa que ele mesmo não sabe o que é. Agora, amigos, que começais a ver de que se trata, sentireis menos dor – a compreensão cura e podereis colocar-vos em pouco tempo de lado e observar os embaraços da Humanidade neste assunto do "justo" e "injusto", do "bem" e "mal", e como todos estão sofrendo por causa dos desejos da ignorância. Porém, guardai-vos de querer esclarecê-lo antes que vos possam compreender: porque, neste caso, se revoltarão contra vós e chamar-vos-ão de "imoral", "ateu", "anarquista" e quem sabe lá que mais ainda. Deixai-os com os seus infalíveis" códigos de leis, moral e ética (que estão mudando de noite para o dia) — deixai-os que continuem a fazer e desfazer suas leis, pois isto é bom para eles e precisam fazê-lo para saírem dos seus embaraços. Deixai-os atar-se com fitas vermelhas e com cadeias, se disso gostam e deixai-os falar mal do irmão porque não vê as coisas como eles as veem; esta é a natureza deles e uma parte da sua evolução. Mas não vos deixeis afetar por estas coisas; sabeis que todo este sistema de leis, ética e moral, estando em perpétua alteração, forma uma parte do grande plano de desenvolvimento, e que cada mudança é um passo para cima, e que nenhum passo é absoluto ou infalível. Vós sabeis que, sem a realização da ideia de Paternidade

de Deus e Fraternidade dos Homens, sem a concepção e realização da Unidade de Tudo, não pode haver, em realidade, nem paz nem tranquilidade. Ficai de parte e deixai as crianças brincarem.

A vida evolutiva da alma — o desenvolvimento - vos dá a chave a todo este sistema de mudança e agitação — a este esforço de adiantar as leis humanas às humanas necessidades — este esforço de estabelecer um juízo absoluto em relação ao bem e ao mal, em forma humana, relativa, para servir de medida e peso. A raça faz o melhor que pode — cada indivíduo faz o melhor que pode — sendo guiados para cima pela luz do Espírito. Aceitai sempre o melhor que vedes, sabendo que isto, apesar de ser melhor no sentido relativo, não é mais do que um passo em direção ao que é mais verdadeiro — e não condeneis aquele cuja concepção do "melhor" é quase como a vossa do "pior". Não zombéis das leis humanas, ainda que vejais a sua imperfeição — cada uma é um necessário a importante passo na evolução da raça. Se bem que sejam finitas, relativas e imperfeitas, todavia são as melhores de que a raça (em sua maioria) é capaz e merecedora atualmente.

Recordai-vos que não há nada de Infinito, Absoluto e Perfeito, senão o Todo — o Uno — o Absoluto. Recordai-vos também que a raça humana está desenvolvendo devagar o entendimento desta verdade — a consciência desse Uno e a sua identidade com Ele. E vós, que estais crescendo e adquirindo sempre mais entendimento e compreensão, consciência e percepção — vós, que começais a sentir o significado do "Eu Sou": sede como a rocha, contra a qual batem e rebatem as ondas do mar. Deixai as coisas relativas bater-vos, mas não vos perturbeis, porque não podem fazer-vos mal. Podem apenas refrescar e purificar-vos, e, enquanto elas tomam para o mar, vós permaneceréis erecto, forte e imperturbável. Assim como quem olha da sua janela a um grupo de crianças que brincam, querelam, disputam, fazem pazes, jogam o gamão, brincam de prendas etc., — assim olhai ao mundo de homens e mulheres que tomam tudo isso muito a sério.

E, em ambos os casos, envia-lhes o vosso Amor e Entendimento, embora eles não saibam o que pensais — embora não possam compreender o vosso ponto de vista.

Esperamos que vos esclarecemos suficientemente, que as três teorias de ética, geralmente reconhecidas: a revelação, a consciência moral ou intuição e a utilidade, não são antagonistas, e sim complementares. Cada uma exprime uma fase da verdade: cada uma ensina uma lição. E os três pilares suportam o Darma. Consideremos, agora, o Darma como um todo.

Como dissemos na lição anterior, o Darma pode ser definido como "Reta Ação" ou, melhor, "Darma é a regra da ação e da vida, a mais bem adaptada às necessidades da alma individual e a mais bem calculada para auxiliar essa alma particular no próximo mais alto passo do seu desenvolvimento". Dissemos também que "quando falamos do Darma de alguém, queremos com isto designar a regra da sua mais elevada conduta, em consideração do seu desenvolvimento e das imediatas necessidades da sua alma".

O estudante há de ter já percebido que a filosofia de Darma toma o "justo" e o "injusto", o "bem" e o "mal" por termos relativos, e ensina que o bem" e a "justiça" absolutos se acham só no Absoluto; que não existe "mal" absoluto, e que o "mal" relativo (se usamos esta palavra) é somente uma ação que resulta de uma baixa concepção do "bem" ou uma ação que não está conforme com a mais alta concepção do "bem" pela parte do que pratica a referida ação. Em poucas palavras, nenhuma ação é absolutamente "má" em si mesma; ela é "má somente no sentido de não corresponder à mais alta concepção do "bem" pela parte do autor ou observador. Isto pode parecer com uma doutrina perigosa, mas consideremo-la um momento.

Estudando a História Universal e a História da Evolução do Homem, haveis de notar que os ideais mais altos do homem no estado selvagem eram pouco acima dos ideais dos animais inferiores. Não se tomava por mal matar, roubar, mentir; de fato, algumas raças até estimavam o homem, se praticava estas coisas em pessoas estranhas à sua imediata família ou tribo parece que a principal objeção contra a matança dos companheiros da mesma tribo surgiu do reconhecimento do fato que, com isso, se enfraquecia a força da tribo necessária à luta e resistência, e assim aceitou-se gradualmente a ideia que matar um membro da mesma tribo era "mau", porém mataram homem de outra tribo era "bom" e recomendável. (Isto nos parece ser muito bárbaro no tempo presente, mas até hoje podemos ver traços da mesma ideia, quando as nações, chamadas "civilizadas", acham que é bom matar pessoas de outra nação ou de outro povo, e tomar os seus bens, uma vez que tenha sido

proclamada a "guerra". O selvagem levou a questão à sua conclusão lógica e não esperou a declaração de guerra, esta é a principal diferença). — Vemos que o homem primitivo cometia tudo aquilo que agora é chamado crime, sem ser, por isso, vituperado, e até, conforme os costumes e a ética daqueles tempos, quanto maior era o crime, tanto "melhor" era considerado, se foi praticado em alguém que não pertencia à tribo.

À medida que a raça evoluía, começou-se a considerar muitas destas "boas" coisas como "más", segundo as "revelações" feitas pelos sacerdotes e profetas; segundo a "consciência moral" que estava despertando no povo que se eleva de um reconhecimento inconsciente das mútuas relações a um outro, e segundo a operação da ideia de "utilidade" e "segurança pública" no intelecto da raça que se desenvolvia. E quanto mais a raça evoluiu e se desenvolveu, tanto mais largo e mais alto se tomaram os ideais. Coisas que eram consideradas como perfeitamente "boas" e justificáveis alguns cem anos atrás até pelos "melhores" dos homens daquele tempo, são olhadas agora como infames e "más". E muitas das coisas que nos parecem hoje como perfeitamente boas, serão consideradas por nossos descendentes como bárbaras, "más" e quase incríveis. Lede, por exemplo, um capítulo da vida da Idade Média e vede como "mudaram os ideais e a ética". Depois passai ao tempos modernos e vede quanta diferença há na consideração da escravidão hoje e cinquenta anos atrás já não diremos de cem antes. E depois lede o Retrospecto de Bellamy (Looking Backward) e vereis como se pode mudar radicalmente a opinião pública. (Mencionamos este livro apenas como um exemplo; não afirmamos que haverá mudanças exatamente como aquele livro as pinta, mas sabemos que mudanças radicais virão."

Até nos nossos próprios dias vemos que diferentes ideais são nutridos e professados por homens e mulheres em diferentes graus de desenvolvimento e que não há, na matéria do "bem" e "mal", um árbitro comum, aceito por todos. Podemos concordar sobre muitos pontos de ética, mas individualmente diferimos nos pontos menores. A inteligência e "consciência da maioria do povo são representadas por suas leis e "opinião pública", embora as leis, como dissemos, estejam um pouco atrasadas em comparação com o ideal comum da maioria, como a "consciência" moral da maioria do povo está um pouco adiante da regra comum de conduta. O homem comum está bem contente com as leis como elas estão, num certo tempo, ainda que alguns daqueles sobre quem as leis pesam as considerem como muito estreitas e baseadas numa visionária ideia de "bem", ao passo que ao homem elevado parece que as leis vigentes muitas vezes se baseiam num ideal demasiado baixo e não desenvolvido, jugando-as absurdas, inadequadas e mais ou menos injustas.

Com o decorrer do tempo, não somente coisas "boas" tornam-se "más", como também muitas coisas "más" perdem gradualmente o seu "mau" significado, e são reconhecidas, quando são observadas do ponto de saber adiantado. Muitas coisas foram declaradas "tabu" (\*) ou "más", porque não convém à religião em moda ou à opinião social, quando aparecem outros costumes e as ideias religiosas se tomam mais esclarecidas. Muitas dessas coisas foram proclamadas como "tabu" ou "más" pelos sacerdotes de diferentes épocas, por motivos egoístas, para ser aumentado o poder deles.

Notareis que, com o decorrer do tempo, a inteligência e a consciência comum do povo, manifestando-se em "opinião pública" e lei, exigem do homem uma consideração maior para seus companheiros — insistem que "seja bondoso" em maior grau. E isto por causa do albor da consciência do crescente sentimento da Unidade de Tudo (este sentimento, às vezes, é inconsciente). Também notareis o fato que, enquanto se elevam as concepções do "bom" e da "justiça", no sentido acima mencionado, o "tabu" é gradualmente revogado no que toca os pensamentos, a vida e as ações do indivíduo. Enquanto se espera que o homem se torne cada ano "mais bondoso", é-lhe concedida mais liberdade e dá-se-lhe melhor oportunidade para "obter um lugar, um campo livre, uma expansão harmoniosa para suas atividades, seus gostos, seus sentimentos, a sua personalidade, o seu eu", como expressou Eduardo Carpenter. Retira-se o bloqueio, revoga-se o tabu" e dá-se ao homem uma oportunidade para "viver a sua própria vida sem medo e com alegria", com a única condição de ser "o mais bondoso" possível para com os demais seus irmãos e irmãs.

---

\*Esta palavra significa "mau" e "proibido".

Esta ideia de Darma — este conhecimento que o "bem" e o "mal" são termos relativos e mutáveis, e não absolutos e fixos não pode servir a ninguém de desculpa para fazer alguma coisa "má" ou "injusta" que não teria feito sob a ideia primitiva. Pelo contrário, o Darma eleva o homem à sua mais alta concepção do "bem" e espera que ela faça o que lhe parece "bom" por ser bom e não porque a lei o obrigue a fazê-lo; o Darma espera dele a reta ação, embora a lei não tenha atingido ainda um grau tão alto. Ele ensina que, se vê que uma coisa é "má", esta é má para ele, ainda que a lei e a opinião pública não tenham chegado ao ponto tão alto da ética, que também a considerem assim. O homem adiantado estará sempre um pouco mais adiante do que a concepção da maioria — e nunca ficará para trás.

E o Darma não ensina, porque um homem ignorante e não desenvolvido pensa que é "bom" cometer crimes contra os vizinhos, que se lho deve permitir sem obstáculo e restrição. Ninguém chamará o gato de "mau" porque este quer roubar, nem a raposa de "má" porque quer matar pintos; mas é justo que se ponham obstáculos aos instintos naturais destes animais, para não prejudicarem o homem. O mesmo se dá com os "criminosos" da sociedade embora reconheçamos que as suas ações são resultado de mente e alma não desenvolvidas — resultado de ignorância que é a causa de não poderem viver nem conforme os elementares ideais da ética; temos o direito de não deixar roubar o que é nosso. Porém, não se deveria pensar em "castigo" e sim em não deixar praticar o mal. Os criminosos são praticamente selvagens e bárbaros, e os seus atos, que são totalmente "maus", quando considerados do nosso ponto de vista, aparecem à vista do selvagem como "bons". Estes criminosos deveriam ser tratados como irmãos mais novos da raça — não desenvolvidos — ignorantes — mas, contudo, irmãos.

A regra do Darma é que cada homem deve viver de acordo com o que Nele há de melhor — sem diferença se a ideia do "melhor" lhe foi impressa na alma por meio de revelação, intuição ou consciência ou pela sua inteligência de acordo com a "utilidade". Com efeito, todas estas três influências o impressionaram de algum modo, e o "melhor" Nele está composto destas mesmas três influências. Quando estiverdes em dúvida, abri-vos à luz do Espírito e o vosso ideal do "melhor" vos aparecerá claro, sob a influência iluminadora. E esta coisa "melhor" será o vosso Dama.

Outra regra do Darma é: abster-vos de criticar ou condenar o Darma de outra pessoa, menos desenvolvida do que vós. Esta outra pessoa não olha com os vossos olhos — não anda com os vossos pés. Pode ser que esteja vivendo mais perto do seu mais alto ideal, do que vós do vosso — como, pois, ousareis julgá-la? Sois talvez, tão perfeito que possais apresentar o vosso critério como absoluto? Podereis medir o vosso mais alto ideal e a vossa melhor ação, com a medida do Absoluto? Pusestes-vos já a considerar alguma vez que, se estivésseis em condições exatamente iguais às do vosso irmão ou da vossa irmã menos desenvolvidos, faríeis exatamente o que ou ela faz? Não podeis imaginar-vos exatamente em suas condições, porque podeis pensar em vós somente como sois e quando tentais colocar-vos em seu lugar podeis pensar só em vós (com todas as vossas experiências passadas e realizações presentes) vestido com a carne e a roupa do outro. Isto não é exatamente a mesma coisa; para isso seria necessário que deixásseis de parte todas as vossas experiências e aquisições e, em seu lugar, ficásseis com as experiências e aquisições do outro. E, neste caso, não sereis mais vós mesmo, e sim o outro: podereis, então (sendo aquele outro), agir de modo diferente dele?

O estudante que seguiu atentamente a nossa consideração sobre as escolas de ética — os três pilares do Darma — perguntar-nos-á, com razão, que é que coroa a estrutura — qual é o ideal de conduta que o Darma apresenta aos que estão prontos a percebê-lo. Que é que se acha no interior do templo, suportado pelos três pilares? Ouvi a resposta.

O ponto principal que não devemos perder de vista na consideração da "Reta Ação" no espírito de Darma, é que a alma do homem está num estado de evolução ou desenvolvimento. Ela está se movendo de um grau a outro, do mais baixo ao mais alto — da ideia de separação à ciência de Unidade (de toda a vida).

Este desenvolvimento é o alvo da vida — o plano Divino. E sendo assim, não vedes que tudo que auxilia a alma neste desenvolvimento e leva adiante a obra é "Bom" e "Justo"? Como igualmente é verdade que tudo que retarda aquele desenvolvimento ou quer impedi-lo ou frustá-lo,

há de ser "Mau" e "Injusto", quando considerado do mesmo ponto de vista. É verdade que em vez de "Mau" e "Injusto" podeis dizer "Não-bom" e "Não-justo", ou "Menos bom" e "Menos-justo", se preferis estes termos, mas o sentido é o mesmo, quaisquer que sejam as palavras usadas.

O "Bom" e "Justo" estão no plano de desenvolvimento, ao passo que o "Mau" ou "Injusto" retardam ou destroem a sua obra. É "bom" para o tigre ser sanguinário e vingativo, porque isto não é contrário ao estado de seu desenvolvimento, mas para um homem desenvolvido é "mau" recair nesse estado ou em tais estados, porque assim vai para trás ou retrograda. Seria "mau" para uma alma adiantada nutrir sentimentos de ódio, vingança, ciúme e outros semelhantes, porque assim voltaria a degraus pelos quais passou já há muito tempo, e agiria em contrário ao sabor e à intuição do respectivo homem. Subindo pelos degraus do templo de Darma, alguém pode estar no terceiro degrau e um outro no quinto. Ora, se o homem que está no quinto degrau, desce ao quarto, faz "mal", porque vai para trás (em vez de ir subindo); quando, porém, o homem que esteve no terceiro degrau, passa ao quarto, faz "bem", porque assim vai para diante, que é o que deseja.

A lei da evolução e do desenvolvimento conduz para cima. Tudo que é conforme com esta lei é desejável e bom, — tudo que lhe é contrário é mau e deve ser evitado. Se uma professora tem uma aluna estúpida ou obstinada e, depois de ter trabalhado muito com ela, acha que a aluna se tornou "um pouco melhor", louva-a pelo adiantamento e alegra-se. Porém, a mesma mestra afligir-se-ia muito se uma das suas mais dotadas e mais adiantadas discípulas fizesse a mesma coisa pela qual foi louvada a aluna primeiramente mencionada. E ambos os atos seriam iguais quando considerados de um ponto de vista, porém muito diferentes quando julgados de um ponto mais alto. Compreendeis o que queremos dizer?

Vivei, caros amigos e discípulos, praticando o melhor que puderdes. Lede o que escrevemos na primeira lição a respeito da raiz do mal; "procurai em vosso coração a raiz do mal e arrancai-a". Sede domador das bestas selvagens que estão no vosso interior. Extingui estes sobejos do passado. Laçai e atai as partes animais inferiores da vossa natureza; obrigai o animal a retirar-se para seu canto na gaiola, ainda que vos ameace com os dentes e as unhas. Crescei, desenvolvei-vos e evolui até que chegueis àquele grau da escada da Realização, de onde podereis ver todo o vosso passado e reconhecer que o Darma se tornou uma parte do passado para vós, porque então tereis entrado na consciência do Eu Real e podereis ver as coisas como elas são. Então recebereis a luz do Espírito clara, porque não será mais obscurecida pelos envoltórios. Recordai-vos das palavras da Luz no Caminho: "Prostra a tua alma ante a pequena estreia que arde no interior. Enquanto vigias e adoras com perseverança, a sua luz irá sendo mais e mais brilhante. Então poderás conhecer que encontraste o começo do caminho. E quando encontrares o fim, a sua luz se converterá subitamente em luz infinita."

A Paz seja convosco.

## X LIÇÃO O ENIGMA DO UNIVERSO

Na sexta lição da presente série, intitulada "Gnani-Yoga", lembramos ao estudante que temos tratado apenas de uma fase daquele ramo da Filosofia Yogue e que, em algumas das lições subsequentes, falaríamos de outras fases do dito ramo filosófico. É tão vasto o campo da Gnani-Yoga que se poderia escrever volumes sobre esse assunto, e, com efeito, foram escritos muitos volumes nos tempos passados e milhares de volumes foram inspirados pelos seus ensinamentos.

Nesta lição trataremos de algumas fases mais importantes, esforçando-nos por apresentá-las num estilo simples e compreensível, para que os seus princípios se tornem claros, ao menos em parte, a muitos que acharam demasiado abstrusas e técnicas outras apresentações desta matéria.

Dissemos na sexta lição:

Toda existência consciente ou inconsciente é uma EMANAÇÃO de um só ser.

Este "Ser", que é a base de tudo, foi chamado diferentemente pelos filósofos; os mais bem adaptados termos são "Espírito" ou "O Absoluto". A palavra "Absoluto" é empregada no sentido de "Incondicionado, Livre de qualquer limitação. Completo em si mesmo, Independente (não dependendo de nada fora de si), Atual, Real". Em outras palavras, é "A Causa Real" — o que é real. Desejamos que compreendais o sentido em que usamos o termo, porque muitos erros provêm de uma confusão de termos e seu significado.

Em nossa consideração do assunto, empregaremos frequentemente a palavra "Relativo". Esta palavra é oposta em significado à palavra "Absoluto"; indica, pois, o que provém do Absoluto — é incompleto, condicionado, limitado, dependente de alguma outra coisa, parcial (não no sentido de uma parte separada, porém no sentido de uma vista ou concepção incompleta). Em nossa consideração das "Coisas como são", podemos eliminar, um por um, os traços relativos ou as qualidades relativas; aquilo que sobra ao fim, sendo incapaz de mais análise, exclusão ou divisão, é "a coisa em si mesma", a coisa "absoluta". Os yogues costumam falar do Absoluto como "O que É" — e do Relativo como "a Coisa como parece ser". Para ter na mente a ideia clara, deveis pensar no Absoluto como na "Coisa Inteira, como ela é", e no Relativo como numa "Vista incompleta e imperfeita de uma fase, um aspecto ou uma qualidade da Coisa Inteira". É difícil dar uma ideia inteligente do sentido exato desses dois termos, porque, se pudéssemos compreender o sentido exato da palavra "Absoluto", compreenderíamos o Absoluto mesmo. A palavra é um fraco esforço da mente humana por expressar uma ideia inexpressível. A mente humana, em seu presente estado de desenvolvimento, é "relativa" e, por isso, incapaz de conceber o pleno significado do termo "Absoluto". Assim, o único que pode fazer é formar uma ideia das suas próprias limitações e imperfeições, e então, reconhecendo a relatividade das suas próprias concepções, chama aquilo que é sem limites "Absoluto".

A mente humana não pode conceber o pleno sentido do Espaço Absoluto (o Infinito); do Tempo Absoluto (a Eternidade); da Inteligência Absoluta — ainda que possa compreender o significado geral desses termos porque compreende as fases relativas das coisas. Por exemplo, podemos traçar um círculo em um pedaço de papel; o círculo inclui uma medida de Espaço; e, por meio dessa expressão de Espaço Absoluto (do Infinito), como de todo o espaço que vai além do círculo, em todas as direções, ao Infinito. Da mesma forma conhecemos o Tempo; medimos um segundo, um minuto, uma hora ou um ano — todos os termos relativos, e, depois, podemos dizer que tudo que está dos dois lados do tempo médio — o que o antecede e o que lhe sucede — é o Tempo Absoluto; Tempo Infinito ou Eternidade. Nos exemplos dados, o Tempo Absoluto e o Espaço Absoluto incluem, com efeito, o relativo que temos medido ou separado, mas esta separação existe somente na nossa concepção mental e não tem existência real ou verdadeira. Podemos formar uma concepção mental de uma "parte" do Absoluto, no sentido que a nossa atenção se limita a essa particular apresentação da coisa aparente à nossa imediata consciência (ou percepção), assim como podemos ver uma "parte" do oceano, olhando-o por meio de um telescópio, mas esta "parte" não é parte no sentido de coisa "separada" ou "dividida"; a "separatividade" ou "divisão" é devida totalmente à consciência (ou percepção) que não é capaz de ver o todo. Analogamente, não

podemos separar uma porção de Espaço ou de Tempo do Todo; tudo que podemos fazer é formar uma concepção relativa de Tempo ou Espaço e dar-lhe um nome; em realidade não podemos separar nenhuma porção de Tempo ou Espaço do Todo. De fato, Tempo e Espaço são termos puramente relativos, de que se usa para podermos formar uma finita ideia da Eternidade e do Infinito. Ambas as palavras pressupõem necessariamente uma medição ou separação, mas o Infinito e a Eternidade não têm limites e, por isso, não podem medir-se nem para uma nem para outra extremidade, sendo termos Absolutos.

Este Ser — a Realidade — o Espírito — o Absoluto — O que É — a Coisa Real — o Todo — com certeza, inconcebível para o finito intelecto humano. Os estados mais altos de consciência, à medida que se desenvolvem, tornam-nos possível compreendermos mais claramente o assunto, mas ninguém pode compreender o Absoluto plenamente senão quando se torna o Absoluto mesmo, o Segredo Final da Consciência Absoluta. A proporção que os envoltórios caem um após outro e os raios da Mente Espiritual penetram a nossa consciência, podemos conhecer muitas coisas que antes pensávamos ser incognoscíveis. E podemos utilizar-nos bem do nosso intelecto neste assunto. Foi-nos dito muitas vezes que devemos aceitar certas coisas "com fé" e que "as nossas mentes não deviam inquietar-se com elas", mas esta é só uma metade da verdade, porque o Intelecto nos dá notícias fidedignas a respeito da natureza real das coisas, notícias que, ainda que parciais e incompletas, são dignas de respeito. Isto é especialmente verdade, quando o Intelecto recebeu a luz benéfica da Mente Espiritual, que resulta do reconhecimento do princípio superior e da vontade de aceitar dele a luz. Se bem que o nosso primeiro conhecimento de Deus venha pela via de uma fé cega, por causa da debilidade do raio do Espírito que penetra pelos densos envoltórios materiais da alma — e ainda que muito do "saber" que depois vem, a respeito do Supremo Algo que está detrás e é base de tudo, seja "intuitivo e não do Intelecto" — contudo o Intelecto é capaz de dar-nos informação valiosa e é um instrumento próprio para tal pesquisa da verdade. O ensino superior — o Conhecimento Espiritual — não é contrário ao Intelecto, mas simplesmente vai mais longe do que ; não contradiz o Intelecto, porém simplesmente lhe transcende. E o Intelecto o tirará do seu próprio armazém de conhecimento, uma vez que se a faça curar devidamente. O Intelecto não é zombador, nem mentiroso, embora alguns metafísicos assim o considerem. Nos dá notícia exata do que se lhe apresenta, porém muitas vezes interpretamos mal a sua mensagem, devido ao nosso poder de raciocinar e discriminar, insuficientemente desenvolvido. Quando se exige do Intelecto uma resposta clara, nos mostra que é forçado a admitir certas coisas de certas premissas — que é incapaz de conceber a conclusão oposta. Não temamos as conclusões do Intelecto; não tenhamos medo de aplicar suas provas à nossa Fé. O Intelecto tem suas limitações, mas é veraz no seu domínio, apesar de sermos, muitas vezes, conduzidos em erros porque compreendemos mal ou imperfeitamente suas mensagens. Em nossa busca de conhecimentos havemos de apelar para todos os planos da mente. Não consideremos o Intelecto como estranho e antagonista à ciência religiosa, como fazem muitos instrutores de várias denominações. Não consideremos, como muitos instrutores materialistas, o Intelecto como tudo e os estados superiores de consciência como meras ilusões e testemunhas falsas. Cada fase da mente tem sua província — elas são irmãs — deixai-as andar com as mãos dadas, ajudando, explicando, pondo de acordo, em vez de se declararem inimigas figadais. Vejamos o que o Intelecto relativo nos pode dizer a respeito do Absoluto — como o Intelecto finito nos informa sobre o Infinito. É verdade que não podemos ver "a Coisa em si mesma por meio do Intelecto, mas enquanto que o Intelecto é uma parcial manifestação dessa "Coisa" e enquanto nós, no nosso presente estado de desenvolvimento, não podemos, sem empregar o Intelecto, pensar totalmente sobre aquela "Coisa", fazemos bem quando perguntamos ao Intelecto: "Que é que nos dizes a respeito disso?" E nas páginas que seguem, nos esforçaremos por dar-vos a resposta do Intelecto. Mais tarde vos oferecemos a evidência dos planos superiores da mente — a mensagem da Mente Espiritual, até ao ponto em que nos foi comunicada.

A mente do Homem, quando se desenvolveu suficientemente para raciocinar sobre o Universo — sobre a Vida — sobre a Existência; quando forma ao menos a ideia elementar da Causa e do Efeito — quando atinge o grau de consciência conhecido como Consciência de Si mesmo, isto é, o grau em que forma uma ideia do "Eu" e do "Não Eu" — concebe invariavelmente a ideia de

"alguma coisa detrás de tudo". As primeiras ideias do homem são rudes, mas ele cresce em conhecimento e continuamente vai aperfeiçoando a sua ideia da causa básica da Vida e do Universo. Além da sua concepção intelectual, é impressionado por um "sentir" de um Poder Superior e, mais tarde, dá a este "sentir" o nome de "fé" e à sua manifestação "religião". Forja teorias fantásticas, conforme a direção do seu pensamento e ensino religioso, e inventa deuses sem número (já não falando de diabos), para explicar aquilo com que a mente e o "sentir" se ocupam.

Depois de algum tempo, o pensamento sobre o assunto divide-se em duas formas: o pensamento dos sacerdotes e o dos filósofos. Os sacerdotes contentaram-se com a asserção que seu particular deus ou deuses "criaram" tudo e, com o decorrer dos tempos, inventaram contos fantásticos para explicar a sua asserção.

Os filósofos rejeitaram geralmente a teoria dos sacerdotes e tentaram explicar a causa por meio de suas próprias teorias, cuidando, por precaução e prudência, de não caírem nas ideias religiosas prevaletentes, ao menos quanto às palavras. Mais tarde, os sacerdotes, inoculados com o raciocínio dos filósofos, inventaram a "Teologia", um sistema de filosofia com o objetivo de explicar "por que" e "como" um preconcebido deus pessoal fez certas coisas e qual era a conclusão lógica de certas teorias construídas sobre determinadas premissas. Em seguida, surgiu a Metafísica, para responder às necessidades da mente humana. Metafísica é o nome que foi dado à ciência da pesquisa da "realidade" das coisas — a realidade em comparação com o invisível — o subjetivo em destruição do Objetivo — uma pesquisa do Absoluto.

A Metafísica tentou encontrar "a Causa em Si mesma", enquanto que a Teologia se contentava em pressupor como axioma a existência de uma Divindade (geralmente um Deus pessoal) e raciocinar sobre os atributos, a natureza etc., dessa Divindade, sobre a relação do Universo a Ele, que era considerada como seu Criador. Mais tarde apareceram os cientistas materialistas ou físicos que tentaram resolver o Enigma do Universo sobre uma base puramente física ou material. Os teólogos, metafísicos e físicos do mundo Ocidental combatiam reciprocamente as suas teorias com grandes esforços e, por algum tempo, estiveram muito longe uns dos outros. Os pensadores Orientais, entretanto, viam em Teologia, Metafísica e Ciências Naturais somente varias fases do mesmo objeto, e assim evitaram a colisão. De passagem, porém, diremos que os teólogos adiantados concordam quase com os metafísicos adiantados, e os cientistas adiantados encontraram-se com os dois outros em muitos pontos. Eventualmente hão de chegar a acordo no que é mais importante; os pontos principais de suas diferenças são, agora, apenas palavras — eles todos procuram a mesma Coisa e hão de encontrar-se eventualmente.

O teólogo, o metafísico, o filósofo, o cientista, todos reconhecem a necessidade de haver "alguma coisa sobre a qual se baseiam a Vida e o Universo". As suas mentes não puderam afastar-se desta ideia e acharam a sua necessidade lógica como uma coisa que o seu Intelecto os forçava a aceitar. Alguns pensaram que este "algo" era uma coisa extra-universal — alguma coisa fora da Vida e do Universo, e que "criou" este. Outros pensaram que esse "algo" era a "Realidade" da Vida e do Universo, como distinta da aparência ou realidade parcial, mas que não era separado do Universo, sendo a sua alma ou seu espírito. Os teólogos chamaram-no Deus; os metafísicos Mente, Realidade, Atualidade, Verdade ou outros nomes semelhantes; os cientistas chamaram-no Matéria, Força e até Força-Matéria; os filósofos chamaram-no Substância, Vida, etc. Porém, em cada nome julgaram estes pensadores "a Coisa em Si mesma" — a Coisa que está detrás de todas as aparências, o Final, o Absoluto.

Julgamos não ser necessário consagrar mais espaço à asserção que a mente humana é compelida a pensar num "Algo que é a base de tudo" — "a Coisa em Si mesma". Todos os pensadores (qualquer que seja a sua escola ou teoria) admitem esta conclusão, e decerto cada homem encontrará tal conclusão em sua própria mente, se a procurar. Por isso, aceitamos como um axioma ("uma verdade necessária e evidente por si mesma; uma proposição que é de tal evidência que não requer demonstração") a seguinte asserção:

Primeiro — O Absoluto É.

Em seguida somos conduzidos a uma consideração sobre o que o nosso Intelecto nos informa a respeito desta coisa que É; havemos de ver se a mente contém mais algumas "verdades

evidentes por si mesmas"; "proposições necessárias que não requerem demonstração"; coisas em que a mente há de acreditar, porque as reconhece como verdade.

A concepção do fato que o Absoluto "é", traz consigo o corolário ou convicção consequente que:

Segundo — Tudo que realmente "é" há de ser o Absoluto.

Não pode haver dois ou mais Seres Absolutos ou Finais. Pode haver só Um Absoluto ou Ser Final. Tudo, pois, que aparece, há de ser relativo; coisas que estão em relação ou em conexão com o Absoluto — coisas que provêm dele. O Absoluto é o que realmente É; e tudo que realmente É, há de ser o Absoluto. As duas enunciações de verdade são necessárias uma à outra, e não podem ser divorciadas. Quando dizemos É, pensamos o que é realmente, em sua totalidade e plenitude — não aquilo que é incompleto e incapaz de subsistir por si mesmo — não as "aparências" da realidade. Talvez vos será mais claro se dissermos: Não pode haver dois Todos ou duas Totalidades. Um Todo, uma Totalidade é a necessidade do Intelecto. estes termos são todos, necessariamente, mais ou menos imperfeitos e não exprimem o sentido completo. Algumas palavras serão de mais significado para um estudante, outras para outros; por isso, usamos de várias. O único termo, em lugar d'O Absoluto", que nos parece ser mais prontamente compreendido pelos principiantes, é aquele que temos usado na primeira parte desta lição, a saber: "O Todo, como ele É". A segunda proposição nos conduz a uma terceira, que lhe é semelhante; ei-la:

Terceiro — O Absoluto contém TUDO que realmente existe; TUDO que realmente existiu; e TUDO que realmente existirá.

O Todo há de conter Tudo. E há de ter sempre contido Tudo. E haverá de conter sempre Tudo. Isto é da própria natureza das coisas, como é concebida pelo Intelecto, Tudo há de ser sempre TUDO. Não pode haver nada fora de Tudo (ou fora do Todo). E qualquer coisa que é, há de estar no Todo. Não há um exterior do Todo — nada pode existir fora dele. Dizer que alguma coisa existe fora do Todo é dizer um absurdo. O Absoluto nunca teve um princípio, por isso nada pode ter existido antes dele. Portanto, não pode haver nada que provenha de outra coisa a não ser do Absoluto. E como não tem fim, não pode haver nada que exista depois dele. Por conseguinte, o Absoluto há de conter tudo que é, tudo que foi e tudo que será. Com esta ideia na mente, consideremos a quarta proposição:

Quarto — O Absoluto é Onipresente — presente em toda parte ao mesmo tempo.

Esta proposição é evidente por si mesma. Não pode haver um lugar fora do Todo. Não pode haver existência ou presença a não ser no Todo. O Todo há de estar em toda parte. Não pode haver um lugar que em si tenha nada nele. O intelecto é incapaz de fazer uma concepção do Nada como uma entidade, uma realidade, um fato absoluto. Um Nada absoluto é impensável, porque uma coisa absoluta é alguma coisa e "alguma coisa" é oposto ao "nada". "Nada" é um termo negativo, usado para designar a ausência ou aparente ausência de alguma coisa relativa. O Absoluto é o Todo, logo há de incluir tudo. (Veja-se a terceira proposição.) O que chamamos espaço, tempo, matéria, mente, energia etc., são somente manifestações relativas do Absoluto. Por isto, há de estar presente em toda parte ao mesmo tempo. Não se pode pensar outra ideia.

Quinto — O Absoluto é Onipotente — Todo-Poderoso — Possui Poder Ilimitado — Possui Todo o Poder que há.

Esta proposição há de ser evidente por si mesma, se admitimos a proposição que o Absoluto é o Todo, onipotente e universal, e pressupondo que admitimos que há uma coisa chamada Poder ou Força. Pode-se argumentar que o Poder e a Força são termos relativos, porque designam antes coisas relativas ou acidentais ao Absoluto do que coisas absolutas Nele. Este raciocínio é correto, enfim, mas nós somos conscientes de algo que chamamos Poder ou Força e que podemos com razão considerar como manifestação relativa do Absoluto. Se há algum Poder (ainda que seja relativo), há de ser do Absoluto. Não pode haver outro Poder. O Absoluto há de ter Todo o Poder — não um Poder parcial — não simplesmente mais Poder do que o que possui algum outro — mas TODO o Poder; Todo o Poder que há — Poder Iluminado — Poder suficiente para fazer tudo.

Mais tarde falaremos do Poder como uma Aparência ou Manifestação do Absoluto, e como relativo neste sentido. Este axioma nos apresenta a verdade evidente por si mesma que tudo a que

chamamos Poder é manifestação do Absoluto e que não há nenhum Poder possível que provenha de outra fonte, porque não há tal.

Alguns metafísicos afirmam: O Absoluto é Todo o Poder — Deus é o Poder", mas nós consideramos o Poder como uma manifestação relativa de Deus ou do Absoluto, e não como um nome para "a Coisa em Si mesma". Da mesma forma consideramos a Matéria e a Mente, como se verá mais claramente nesta e nas seguintes lições.

Sexto — O Absoluto é Onisciente — Todo Sábio — Sabedor de tudo — Possui Todo o Saber — Conhece tudo — Tem Saber Infinito.

Isto quer dizer que não há nada que o Absoluto não saiba ou não conheça; nada que seja absolutamente incompreensível. Se houvesse uma só coisa que não fosse plenamente conhecida e compreendida pelo Absoluto, então as palavras "Absoluto" e "Onisciente" seriam absurdas e sem significação. Isto se refere a todo o saber, pertencente e concernente ao passado, presente e futuro, se podemos usar destes termos relativos. O saber e o conhecimento, para serem Onisciência, devem ser completos — completos até aos menores detalhes — até ao ponto final. O Ser que é Onisciente não pode cometer erros; não pode mudar a sua mente por causa de um saber mais aperfeiçoado; não pode errar em juízo, discriminação ou em qualquer processo daquilo que chamamos "mente". Tal Ciência e Sabedoria há de ser, com efeito, absoluto. Se o Absoluto sabe tudo ou conhece tudo, conhece simplesmente a si mesmo, porque é tudo em tudo. Havemos de admitir a existência do "Saber", porque o reconhecemos, relativamente, em um grau incompleto e evoluindo em nós mesmos. Não só "sabemos", como também "sabemos que sabemos". E admitindo a existência do "saber" ou "inteligência", havemos de admitir necessariamente que esse "saber" ou "inteligência" há de pertencer ao Absoluto, ser possuído por Ele ou estar Nele, ou ao menos ser dele. Tudo que É há de ser do Absoluto. E o Absoluto há de possuir TUDO que pertence a alguém, tudo de todos. Em nossa consideração daquela manifestação do Absoluto que se chama "Mente", falaremos da universalidade da inteligência

SÉTIMO — O Absoluto é Infinito.

Esta proposição é quase supérflua, porque o termo "Absoluto" encerra em si o termo "Infinito"; mas não obstante, há uma pequena diferença entre ambos e, por isso, podemos falar do "Infinito" como de uma qualidade do Absoluto. Infinito significa: Ilimitado; o que não tem princípio nem fim, em tempo ou espaço; sem limites em poder, capacidade, extensão ou excelência; perfeito; imenso; interminável. "Sem Limites" dá a ideia. O Absoluto é sem limites porque está em toda parte, em todo lugar e em todo tempo (precisamos usar estas palavras); porque não há nada que o possa limitar; porque não há nada fora dele, nem acima, nem abaixo, nem adiante, nem detrás; porque não há nada a não ser Ele; só Ele É. Infinito é um termo absoluto, e a mente não pode concebê-lo plenamente, mas intuitivamente o percebe.

Oitavo — O Absoluto é Eterno.

Webster define a palavra "Eterno" assim: "Sem princípio nem fim de existência; o que existe sempre; não derivado e indestrutível; o que nunca cessa de ser; perpétuo; interminável." Não podemos conceber uma ideia do Absoluto como tendo futuramente um fim. Se quisermos pensar Nele como se tivesse tido um princípio, havemos de imaginar que procedeu de algo outro e, pensando assim, fazemos do Absoluto um relativo, pondo um novo Absoluto um pouco mais atrás, e assim por diante, ao infinito. A mente é incapaz de pensar do Absoluto como tendo um princípio, porque um princípio pressupõe uma causa, e esta causa outra causa, e assim por diante. A mente não pode admitir tal ideia e, por isso, é forçada a admitir que atrás todos os efeitos que provêm de causas, há SER alguma coisa sem causa — algo que sempre existiu — uma "Causa sem Causa" — o Absoluto.

É verdade que no mundo da relatividade nunca vimos uma coisa sem causa, porque a lei de causa e efeito está em operação neste mundo relativo porém todas estas causas e todos estes efeitos estão no Absoluto e são dele. Não há causa alguma fora do Absoluto para o afetar; não há nada fora dele — Absoluto não tem exterior. Isto é difícil para compreender à mente não treinada (não educada), porém cada mente há de forçosamente chegar a esta conclusão, porque não lhe pode escapar; a mente não pode deixar de admitir a verdade, ainda que não a possa compreender.

O Intelecto gosta de apegar-se à ideia de Causa e Efeito, e não gosta de deixá-la, nem em consideração do Absoluto. Mas ele há de abandoná-la, porque é compelido a admitir uma exceção, e uma exceção rompe a lei, mostrando a sua relatividade. For exemplo, se admitimos que há uma "Primeira Causa", a cadeia de causa e efeito está rompida, porque a "Primeira Causa" é algo sem causa e, por conseguinte, a lei não pode ser absoluta — a exceção a rompe. Por outro lado, afirmando-se que a lei de causa e efeito é infinita, vem a resposta de que uma coisa infinita não pode ter princípio, e uma coisa sem princípio não pode ter uma causa. Neste caso, pois, igualmente a cadeia está rompida e a mente se vê obrigada a admitir que há de haver algo sem causa. Neste último caso, o Intelecto, usando o termo absoluto "Infinito", que não pode compreender, combate os seus próprios argumentos e é forçado a aceitar que há uma "Causa sem Causa", embora seja incapaz de demonstrar isto com alguma coisa de sua própria experiência. Ele faz o melhor que pode e, por conseguinte, ao menos é franco para admitir a existência de alguma coisa que não pode compreender; de fato, é compelido a fazê-lo, se quer ficar honesto para consigo mesmo.

Causa e efeito são coisas relativas, não são uma necessidade para o Absoluto. Eternidade é um termo absoluto, e o Intelecto não pode concebê-la plenamente, embora a mente a perceba por meio da intuição. "Tempo" é um termo relativo usado pelos homens por serem incapazes de compreenderem a verdade absoluta. O homem nunca pode apreender um momento de tempo, porque, antes que a mente o possa conceber, já passou para o passado. O tempo é relativo e o maior período de tempo que a mente humana pode imaginar quando é comparado com a Eternidade ou o Tempo Absoluto, é como um fiozinho de teia de aranha estendido diante da lente de um telescópio, cujo campo abraça o Espaço Infinito; com efeito, a teia de aranha ainda deveria ser diminuída uma infinidade de vezes, para poder servir a esta comparação. Um eon de inumeráveis milhões de anos, quando comparado com a Eternidade ou o Tempo Absoluto, vem a ser quase absolutamente (?) nada, de maneira que só a Mente Absoluta pode distingui-lo. Mentalidades adiantadas informam-nos que, muitas vezes, perdem totalmente a sua percepção de tempo relativo, quando consideram a Eternidade ou Tempo Absoluto e em seu pensamento lhes parece um milhão de anos como um só momento. A mesma coisa ocorre quando mentalidades adiantadas exploram as regiões mentais que pertencem ao Espaço: o relativo se perde no Absoluto, e o Espaço relativo dissolve-se no Infinito.

Tempo e Espaço são termos relativos, pertencentes à mente finita do Homem hodierno; quando o Absoluto pensa em termos do Infinito e da Eternidade — em seus próprios termos. Do aspecto do Absoluto (como até o nosso fraco intelecto compreende), em toda a parte é Aqui, e todo o tempo é Agora.

Nono — O Absoluto é indivisível.

O Absoluto é o Todo. Não pode ser dividido em partes, porque não há nada que o possa dividir — nada com que se divida — e nada com que se possa "encher as frestas". Não pode haver partição, divisão ou separação real do Absoluto. Ele sempre foi o Todo, sempre será o Todo, é o Todo agora. É um ser Final, incapaz de ser separado, dividido ou partido.

A mente não pode conceber o Absoluto como rompido em pedaços, separado, dividido etc., pelas razões acima apresentadas. A mente recusa-se a fazer tal imagem e é forçada a aceitar como verdade o axioma acima enunciado. É verdade que, na nossa concepção finita das coisas, podemos usar os termos relativos; "parte" ou "porção" do Todo ou do Absoluto, mas com o sentido de particular apresentação do Todo no campo da nossa consciência. Nós somos incapazes de ver as coisas em sua integridade e, por isso, falamos daquilo que vemos, como de uma "parte" ou "porção" do Absoluto ou Todo. Porém a limitação está em nós e a nossa mente faz a distinção relativa, porque o seu campo é demasiado limitado para abranger com a vista o todo. A mente divide o todo nestes aspectos limitados e parciais, chamando a cada um "parte", embora, no sentido absoluto e verdadeiro, não haja partição, divisão nem separação destas chamadas "partes". Em realidade e verdade, o Todo permanece sem mudança e sem separação, se bem que o pequeno, finito, relativo campo de consciência o divida em "partes" imaginárias, para sua própria conveniência e acomodação. Podemos explicar isto com o seguinte exemplo, embora toscamente. Da janela do lado, onde é escrita esta lição, pode-se ver uma grande cadeia de montanhas, que se estende por todo o comprimento que a vista pode abranger. A nossa vista a vê como um todo ou, antes,

reconhece-a como um todo, quando segue a sua extensão; entretanto, o campo visual nunca cobre a cadeia inteira. O sentido de continuidade ou totalidade existe, e se o olho se colocasse numa distância suficiente, poderia ver toda aquela cadeia de montanhas como uma coisa só, um todo. Suponhamos que queremos fotografar esta cadeia, desta janela. Neste caso, precisamos dirigir o aparelho a uma "parte" e depois a "outra", e assim por diante, até obter-se a imagem do todo. As várias imagens não mostrariam conexão uma com outra e toda a cadeia apareceria como rompida ou separada em "partes" ou "porções" e, contudo, em realidade, não haveria nem partição, nem separação, nem divisão na montanha mesma.

A própria montanha permaneceria sem mudança — inteira e indivisa. Distribui as imagens e cada pessoa, olhando a sua particular, verá só uma "parte" diferente das outras e não tendo conexão entre si, se não forem colocadas uma junto da outra. Quem quer ter uma vista correta da cadeia dessas montanhas há de juntar as "partes" antes que possa ver a representação do todo sem divisão nem separação. E, todavia, tanto se as imagens são observadas em separado, como quando se as junta uma à outra, a montanha permanece a mesma, não sendo interrompida nem afetada pelas "aparências" das imagens.

A comparação é muito rude e imperfeita, mas pode servir para vos mostrar como, mesmo no plano físico, uma vista parcial pode dar-nos a impressão de "partes" e "separação", impressão que não tem base na realidade ou verdade. Cada "parte" (assim chamada) do Absoluto está em contato com outra "parte" e com o Todo; tudo é Um só indivíduo, indivisível, incapaz de ser partido ou separado. Recordai isto, estudantes; tereis necessidade de aplicar esta verdade para resolver os problemas que se apresentarão à medida que progredirmos.

Décimo — O Absoluto é imutável, constante e permanente.

O Intelecto é compelido a admitir esta proposição como evidente por si mesma. O Absoluto não pode sofrer mudança, não pode transformar-se, porque não há nada em que se transformaria e é inconcebível que o Absoluto pudesse perder a sua identidade, tornando-se um outro. Tudo que está fora do Absoluto — o Todo — é "nada" e alguma coisa não pode ser nada, quanto menos o "Todo" pode converter-se em "Nada"! O Absoluto há de ser, necessariamente, sempre o mesmo, ontem — hoje — amanhã. É perfeito, logo não pode melhorar. É Todo-sábio, logo não pode cometer a loucura de fazer erros ou perder a sua Perfeição. É Todo-Poderoso, logo não pode perder nada nem sofrer que lhe seja tirada alguma coisa das que tem, nem se houvesse algo fora dele para tirar-lha. Mas fora dele nada há — não tem lado de fora — nada há que o possa afetar de qualquer modo que seja. Sendo Ele Tudo que realmente É, não pode haver nada em que Ele se converta, logo não pode mudar, é imutável. É caracterizado por uma invariável estabilidade e constância Não pode evoluir, nem desenvolver-se, nem crescer, porque é sempre Perfeito. E, sendo assim, havemos de reconhecer que tudo que chamamos mudança, crescimento, aperfeiçoamento, progresso, retrogradação, vida e morte (como comumente se as concebe) são termos relativos, incompletas aparências do Absoluto e não fatos absolutos. São apenas aparências" da Realidade, porque as nossas mentes, sendo finitas, podem ver só uma pequena e, muitas vezes, deformada parte do Todo. Não tendo o necessário conhecimento, tomam essa imperfeita parte pelo Todo, — tomam erroneamente a aparência pela realidade. Nós voltamos o nosso telescópio para uma estrela e, logo depois, quando ela passa do campo de visão, dizemos: "Foi-se", quando, em realidade, a estrela está ainda no seu lugar, mas nós nos movemos e não a enxergamos mais.

As mudanças e transformações que tomamos como reais não são mais do que as ondas, espuma e empolas no seio do oceano, meras aparências superficiais — o oceano é imutável. O Absoluto está fora da lei de causa e efeito. Causa e efeito não podem focá-lo, porque são coisas relativas, pertencentes a outras coisas relativas e não tem nenhuma relação com a Realidade, nem com o Absoluto, O Absoluto não tem princípio, não pode ter fim; não tem causa e não é efeito de nada. Da posição do Absoluto, não existe tal coisa como a lei de causa e efeito, porque esta lei é coisa relativa e tem só o mundo da relatividade por seu campo de operação. Causa e efeito são relativos aparências dentro do Absoluto e não têm domínio sobre ele; são criações, meros instrumentos do Absoluto, que servem a certos fins Divinos do momento, mas não possuem realidade quanto ao Absoluto. O Absoluto é livre.

Décimo primeiro — O que não é Absoluto há de ser Relativo ao Absoluto ou (se não é Relativo) não é Nada. O que não é o Ser Absoluto ("a Coisa em Si mesma"), há de ser "dele" ou (se não é do Absoluto) não é nada.

Esta proposição é um corolário às proposições I, II e III, toda a realidade — e toda a relatividade — há de ser ou o Absoluto mesmo ou do Absoluto, Em outras palavras, há de ser o Absoluto (o Todo como É) ou o Relativo ("uma vista ou um aspecto imperfeito e incompleto do Todo"). Se não é nem uma nem outra destas duas coisas só, lembrai-vos disso, então é NADA — uma Mentira — Ilusão de uma Ilusão — um juízo errôneo sobre uma coisa Relativa (ou uma série de tais juízos errôneos) ou uma mentira positiva que não tem fundamento nem no Absoluto nem no Relativo.

#### *As três Grandes Manifestações ou Relatividades*

O Intelecto ordinário é incapaz de ver claramente ou compreender plenamente o Absoluto como é em Si mesmo. Porém, os aspectos relativos do Absoluto são aparentes à consciência ordinária e um vislumbre da "Coisa em Si mesmo" (Espírito) pode obter-se mediante a Mente Espiritual, à medida que a consciência se desenvolve para admitir seus raios. Apesar de ser um tanto acima desta parte do nosso assunto, achamos que é conveniente fazer a seguinte explicação para que a mente do estudante possa parar por um momento à procura da solução da pergunta que inevitavelmente há de apresentar-se depois de uma consideração das onze proposições axiomáticas acima.

A pergunta a que nos referimos é esta proveniente do Homem: "E onde estou eu neste Absoluto e Relativo?" Ou, como a pôs recentemente um americano: "Onde está o meu lugar?" Trataremos deste tema na nossa lição final, mas temos que dizer aqui o seguinte: O homem, como aparece hoje, tem em si o seu Eu Real, o Espírito, que é Absoluto; e este Espírito é circundado de uma massa do Relativo, a saber: 1.º) Matéria; 2.º) Energia ou Força; 3.º) Mente. Os termos sânscritos são: Atman, que significa Espírito ou o Eu Eterno; Akasa, que significa Matéria ou o material que enche tudo no universo; Prana, que significa Força, Energia etc.; e Chitta, Substância Mental.

A Filosofia Yogue ensina que estas quatro coisas se encontram em todas as coisas do Universo dos Universos. O Atman ou Espírito, sendo a Realidade, é onipresente em tudo. Mas não se pense que está separado ou que forma uma peça pertencente a cada objeto; pode ser descrito como "movendo-se" sobre o Universo e estando em tudo, debaixo, acima e ao redor de tudo. Podemos dizer (e dissemos nestas lições) que o Homem tem em si (ou que "é") uma "gota do Oceano do Espírito"; uma "Chispa da Chama Divina", um "Raio do Sol Espiritual", etc.; porém tudo isso são meras figuras de oração, porque não há separação do Espírito — não pode haver (veja o axioma VIII). Em vez de serem os homens individuais como pérolas que contêm no seu centro um pedaço de ouro, são como pérolas enfiadas numa corrente de ouro, sendo uma só a corrente que passa por elas todas. Esta comparação é muito grosseira, mas pode dar-vos clara ideia da essencial diferença das duas concepções.

Cada entidade relativa, ou cada centro de consciência, ou cada átomo, ou coisa (chamai-o como quiserdes), repousa sobre esta corrente. As pérolas enfiadas nessa corrente compõem-se de Matéria (Akasa), possuem Força ou Energia (Prana) e Substância Mental (Chitta); todas estas três substâncias ou coisas são relativas manifestações do Absoluto; só o Espírito é a "coisa em si mesma" que aparece — a única "coisa real" no homem, porque as outras três são mutáveis, temporárias, incompletas e carecem das qualidades que pertencem ao Absoluto, como as temos mencionado nas proposições acima. Em nossa próxima lição falaremos mais sobre a constituição do Homem, aludindo apenas a ela neste lugar para ajudar o estudante e parcialmente para responder à pergunta inevitável acima mencionada.

Agora passaremos a considerações sobre as Três Grandes Manifestações ou Relatividade. Em seguida falaremos do Espírito, Atman ou Absoluto, e da Relação do Homem a Deus, que é o coração do "Enigma do Universo". O Espírito é o Imanifesto (não manifestado); a Matéria, a Energia e a Mente são Manifestações (relativas, é sabido) do Absoluto. Recordai-vos disto sempre, para não cairdes em confusão.

As Três Grandes Manifestações do Absoluto que podem ser percebidas e estudadas, e comparativamente bem compreendidas pelo Intelecto do Homem hodierno, são as seguintes:

1º — A Matéria, ou Substância (Akasa).

2º — A Energia, ou Força (Prana).

3ª — A Substância Mental (Chitta).

Estas três divisões são reconhecidas pelos modernos cientistas ocidentais adiantados, ainda que alguns deles queiram negar a forma mencionada no terceiro lugar. Em nossas considerações do tema vos apresentaremos as opiniões dos melhores pensadores ocidentais ou antes o resultado das suas especulações e investigações, para poderdes ver como estão se aproximando da Filosofia Yogue, ao menos no que se refere ao relativo "mundo de forma". Os Yogues sabem que estas três manifestações acima mencionadas não são, em realidade, três, e sim apenas três fases de uma só manifestação; eles ensinam que a Matéria é uma forma verdadeiramente mais grosseira de Energia ou Força e que a Energia ou Força é uma forma também mais grosseira da "Substância Mental" que se concentra e aparece em vários matizes como Energia. E a Substância Mental em suas fases e operações mais altas atinge o plano do Espírito, do qual emergiu; de fato, ela é tão fina no ponto de sua emergência que a mente humana (até a mente das almas mais adiantadas) não pode indiciar a exata linha de diferença. Mais tarde trataremos disto. Primeiro vamos à consideração a respeito da Matéria.

#### 1. — Matéria (Akasa)

"Matéria" é uma palavra ou termo usado pelos cientistas para designar aquela substância de que se compõe o Universo material e físico, e afirma-se que esta substância se estende no espaço que ocupa e que é perceptível aos sentidos — é o "corpo" dos seres — a "substância" das coisas. Costuma-se dividi-la em três classes ou fases, a saber: matéria sólida, líquida e gasosa (ou aeriforme). Matéria sólida é aquela, cujas partes são muito coerentes e resistem à pressão: tais são, por exemplo, as pedras ou metais, a lenha, etc. Matéria líquida é aquela cujas partes têm movimento livre entre si e cedem facilmente à pressão; tais são os metais em fundição, alcatrão, teriaga, óleo, água etc. — toda a matéria que "flui". Matéria gasosa (ou aeriforme) é aquela a que se poderia chamar "fluidos elásticos", como o vapor, o gás o ar etc. Em verdade, estas três formas de matéria são só variações de uma forma, porque toda matéria pode ser colocada em qualquer destas três classes, mediante a mudança de temperatura; por exemplo, o Gelo é uma espécie de matéria em forma sólida; a Água é a mesma espécie de matéria em forma líquida; o Vapor é a mesma espécie de matéria em forma gasosa. Os graus de temperatura que produzem as diferentes três formas variam; porém, toda e qualquer espécie de matéria é capaz de mudar a sua forma, quando se submete à temperatura conveniente. Assim, por exemplo, o Ar, que se apresenta geralmente em forma gasosa, foi liquefeito e transmutado em Ar líquido mediante aplicação em um muito baixo grau de temperatura, e a Ciência sabe que, se fosse produzida a temperatura suficientemente baixa, o Ar líquido congelaria e transformar-se-ia em sólido. Semelhantemente, tomais o Chumbo, que em nossa temperatura ordinária aparece como um sólido, submetei-o a calor suficiente e "derrete" e torna-se líquido; e se se aplicar temperatura ainda mais alta, passará a ser um "gás". Isto é comum a todos os elementos de Matéria, cuja forma é regularizada pelo grau de calor. A Ciência sabe que o Calor é uma forma de força e que seu grau depende da condição de suas vibrações, e que a mudança na aparente forma de matéria é o resultado da atividade da Energia ou Força, exercida sobre a dita matéria (a Energia é a Segunda Manifestação). Certos gases, combinando-se em certas proporções, produzem líquidos; por exemplo, a água é composta de duas partes de gás hidrogênio, combinado com uma parte de gás oxigênio. E certas outras substâncias gasosas são compostas de outros "gases"; o ar, por exemplo, é composto de oxigênio e nitrogênio (chamado também azote) combinados em certas proporções. É verdade que tanto a água como o ar podem conter, e realmente contêm, outras substâncias em solução, mas os elementos nomeados são os únicos necessários e a matéria em solução pode ser subtraída sem mudar a virtude e natureza do dissolvente. A mesma forma de matéria pode assumir fases aparentemente diferentes; por exemplo, as rochas que compõem a superfície da terra desintegram-se e são resolvidas em "terra", "pó", "barro" etc. Depois nasce neste "barro" a semente de uma planta e espalha as suas raízes e seus ramos, tirando do

"barro" certos elementos necessários para sua vida e seu crescimento, transmutando estes elementos em sua própria substância, células etc., de maneira que o que outrora foi parte de uma rocha, agora é parte de uma planta. Depois vem um Homem que come a planta, e a matéria desta transforma-se em osso, músculo, sangue e até em cérebro do homem. Se um boi come a planta e o homem o boi, o resultado é o mesmo. O elemento na rocha, agora é o elemento no homem. E com toda esta mudança, apesar de ter-se mudado a forma, a figura e o caráter da matéria, não foi destruído nem um átomo da matéria original. Contínua mudança e infinitas combinações, porém eterna existência reconhece a Ciência no átomo da matéria. Aquilo que uma vez foi átomo da rocha e agora é um átomo da matéria no vosso corpo, será com o tempo parte da vida vegetal de alguma outra forma de criatura, e assim sempre será e sempre foi, conforme diz a Ciência.

A Ciência, vendo a aparente eternidade da Matéria, cai naturalmente na conclusão que a Matéria é o Absoluto, ignorando o fato que ela é só a relativa manifestação de algo que está atrás — o Ser Absoluto. A Ciência Física analisou a matéria até que pôde classificá-la em mais de setenta classes, chamadas "elementos", julgando que estes "elementos" são os finais estados de matéria, isto é, incapazes de serem novamente analisados ou divididos.

A Filosofia Yogue ensina que todos estes "elementos" não são mais do que formas de um só elemento — que existe só uma forma de matéria, como se reconhecerá quando a química houver atingido um grau mais alto de desenvolvimento. A ciência moderna está chegando à mesma conclusão, embora não lhe tenha sido ainda possível demonstrá-lo experimentalmente.

A Ciência chegou a supor que a Matéria se compõe de diminutos átomos, invisíveis aos olhos, e que o Átomo Final não é mais divisível e que, por isso, é "a coisa real" na matéria. Alguns afirmaram que este Átomo Final é o Absoluto, de que têm a sua origem todos os elementos e todas as formas de matéria, como também que aquilo que chamamos Energia e Mente são acidentes e qualidades deste Átomo. Queriam fazer deste Átomo o seu Deus, mas aí! descobertas mais recentes demonstraram que o seu Átomo Final não é final em verdade, e por isso, estão procurando um outro Algo Final na Matéria. Eles acharão, como acharam os Yogues já há milhares de anos, que, quando chegarem ao "Final" da Matéria, esta se dissolve e une com a Força e Energia, e depois haverá de buscar o Átomo Final da Força. Cientistas adiantados reconheceram este fato nos últimos poucos anos e esperamos que este fato, em futuro não muito longínquo, será aceito geralmente. Quando os cientistas, depois, fizerem experiências com a Força ou Energia, até acharem o seu "Final", chegarão a um ponto onde a Força se dissolve em Substância Mental, e esta, mais adiantada, no Absoluto. Isto, porém, é um longo caminho para os cientistas, apesar de ser um velho fato para os Yogues.

Para não alongarmos mais este capítulo, deixaremos outras considerações a respeito da Matéria para a próxima lição.

## XI LIÇÃO MATÉRIA E FORÇA

Encerramos a nossa última lição no meio de uma pesquisa sobre a manifestação conhecida com o nome de Matéria. Como dissemos, a Ciência admite que a Matéria é composta de átomos e que estes átomos podem ser divididos e subdivididos, até que finalmente apareça um átomo insusceptível de nova divisão — um Átomo Final de fato — algo em natureza de Matéria Absoluta. Foram apresentadas várias teorias por cientistas a respeito do átomo — não vos esqueçais de que este Átomo Final é uma coisa puramente teórica e hipotética — ninguém o encontrou e não poderia ser visto nem com o mais forte microscópio, mesmo se fosse encontrado. Descobertas recentes, principalmente as dos "Raios X" e do "Rádio", demonstraram a fraqueza dessas hipóteses e os cientistas se viram confundidos em suas opiniões relativas à questão do "átomo". Geralmente aceitavam a ideia de que o átomo de hidrogênio era o "Átomo Final" ou tão perto dele que a diferença era infinitésima, quando as mencionadas descobertas revoltaram as suas teorias e as experimentações que demonstravam a "energia radiante" e "radioatividade" os convenceram de que aquilo que tinha sido considerado como a coisa final nos átomos era susceptível de mais análise. A Ciência está atualmente inclinada a admitir os ensinamentos Yogues que as formas mais finas de Matéria passam a identificar-se com a Energia ou Força e que a Matéria não é senão a Energia ou Força em forma menos refinada ou mais grosseira.

"A última coisa no domínio da Matéria", como o intitulam, às vezes, os jornais e as revistas, é aquilo que foi chamado "elétrons", cuja natureza é semelhante a pequenas cargas de eletricidade.

Um eminente cientista disse que podemos obter uma fraca ideia das relações entre estes "elétrons" e o átomo, imaginando um quarto com 207 pés de comprimento, 80 pés de largura e 50 pés de altura, onde foram espalhadas 1000 pequenas cargas elétricas do tamanho de um pequeno ponto final (.); o espaço e lugar ocupados pelo "ponto final" no quarto mencionado corresponde ao espaço e lugar ocupados pelos "elétrons" num átomo. Se considerarmos que o átomo mesmo que contém estes elétrons é invisível ao olho humano, podemos formar-nos uma ideia do tamanho daquilo que a ciência moderna chama "elétrons". Estes "elétrons" são, como se afirma, violentamente energéticos e estão em constante movimento, girando um ao redor do outro como os planetas em um pequeno universo. É necessário lembrar-se que esta teoria foi elaborada e aceita como uma necessidade pelos cientistas, apesar de serem, tanto o átomo como o "elétron", invisíveis; tornaram-se necessários para explicar certas outras coisas e assim foram inventados e servirão a seu fim, até que se ofereça coisa melhor. Mencionamos, não os aceitando como solução final, mas somente para mostrar como a ciência moderna está perto de aceitar a teoria Yogue da identidade da Matéria com a Energia ou Força.

Os estudantes notarão, de tempo em tempo, que cada nova descoberta científica apontará mais esta ideia, e, mais cedo ou mais tarde, se reconhecerá que a Força ou Energia são apenas matizes da Mente, sendo com ela idênticas em substância. Alguns dos leitores destas lições, daqui a uns cinquenta anos, mais ou menos, sorrirão lendo esta "perdição" e vendo como está próxima de ser realizada. Nós estendemos a nossa mão, através o meio século, a esse futuro leitor, que talvez ainda não tenha nascido neste momento. E mesmo naqueles dias não se compreenderá a "Mente", sem ser considerada como sendo manifestação do Absoluto, e não como sendo o Absoluto mesmo, pois o Espírito está tanto mais alto do que a Mente como a conhecemos, quanto a Mente está acima da Força ou Energia, e quanto a Força ou Energia está acima da Matéria. A Mente, a Força e a Matéria são três formas de uma só manifestação, e o Absoluto é a base de tudo — é o Manifestador das Manifestações.

Vejam, em resumo, as teorias aceitas pela ciência moderna, a respeito da Matéria, para podermos verificar como se aproximam dos ensinamentos Yogues.

A ciência moderna considera a Matéria como ocupando em continuidade o espaço infinito e estando em alguma forma por toda a parte. Também ensina que o total da matéria é eterno e imutável, isto é, que ao total da matéria nada se pode adicionar e nada se pode dele subtrair; que nunca pode haver nem mais nem menos matéria do que há no tempo presente e que a quantidade

total de agora foi a quantidade total de sempre. Esta teoria, como é natural, supõe que a Matéria sempre existiu e que não pôde ser feita de "nada"; e há de existir sempre, porque nunca pode ser destruída; pois "alguma coisa" nunca pode converter-se em "nada". A Ciência diz que, se bem que a Matéria mude de forma e produza inúmeras combinações (como continuamente produz), todavia a Matéria (em si mesma) nunca muda realmente; nada perde e nada ganha, e é sempre a mesma, ontem, hoje e amanhã. Isto é, que a Matéria, de fato, é Infinita e Eterna. Vede que a Ciência fez da Matéria um Deus — atribuiu-lhe qualidades do Absoluto, em vez de qualidades pertencentes a uma manifestação do Absoluto, sendo-lhe essas qualidades somente emprestadas e não sendo a "propriedade" da Matéria.

Os Yogues dizem que a Matéria (em si mesma) não existe, sendo apenas uma forma da Energia, a Energia uma forma da Mente, e a Mente uma manifestação do Absoluto. Para serem compreendidos pelos estudantes, falam das três — Mente, Força e Matéria — como das Três Manifestações, entrelaçando-se uma com a outra ou transformando-se uma na outra e assim delas falaremos nas nossas lições.

Alguns cientistas pensam que a Matéria é "o Todo" e que a Força e a Mente não são senão qualidades e acidentes da Matéria. Outros pensam que a Energia e Força são a "Coisa Real" e que a Matéria é apenas uma manifestação da Força e que a Mente é uma qualidade ou espécie de Força.

Até agora nenhum cientista físico tratou a Mente como a "Coisa Real", a Força e Matéria como qualidades ou atributos, se bem que alguns metafísicos e filósofos tenham chegado à opinião que "a Mente é Tudo, e Tudo é Mente, e que a Matéria e a Força são "ilusões" ou que não existem. Esta opinião foi seguida por certas escolas metafísicas de cultos religiosos-metafísicos.

O estudante verá que a Filosofia Yogue aceita cada um destes conceitos como parcialmente corretos, tanto vistos em separado, como coletivamente; porém, ensina que, de base a todas estas coisas que chamam "absolutas", "finais" ou "reais", serve a única Realidade — o Absoluto, de que emanam as três Manifestações. A Filosofia Yogue não é antagonista a nenhuma escola de pensamento, mas harmoniza e explica todas as teorias, em um grande sistema. Até entre as várias escolas de pensamento no Oriente encontram-se as três formas de pensamento ou teorias acima mencionadas, mas aqueles que procuram nas águas principais do rio dos Ensinos Antigos acharão que todas elas emergem dos verdadeiros ensinos Yogues a respeito do Uno — o Absoluto — o Manifestador de Todas as Manifestações, que transcende à Matéria, à Força e até à Mente.

Antes de deixarmos as teorias dos cientistas físicos a respeito da Matéria, havemos de mencionar que a Ciência se viu obrigada a aceitar a teoria de uma finíssima forma de Matéria, a que se dá o nome de "éter" e de que se afirma que enche todo o espaço — o espaço entre os astros e sistemas solares — os espaços entre os átomos, moléculas, "elétrons" etc., nos corpos chamados "sólidos". A Ciência diz que este éter é sumamente fino, tênue, raro etc., muito mais do que qualquer dos mais finos vapores ou gases conhecidos.

Ninguém viu este éter, nem o ouviu, nem o cheirou, nem provou o seu gosto, nem o sentiu, mas a sua existência se julga necessária para explicar certos fenômenos físicos, a transmissão de luz e calor etc. A Ciência achou que é necessário pensar que a Matéria é infinita e que existe em alguma forma por toda parte, sendo compelida, por isso, a formular e aceitar a existência de uma tenuíssima forma de Matéria para "encher os espaços", e assim nasceu a "teoria do éter".

A Filosofia Yogue não disputa, como a Ciência Física Ocidental, a existência do "Éter". De fato, ela declara que este "éter" existe em sete diferentes graus de fineza ou tenuidade e o termo sânscrito (usado já por séculos) é Akasa. Akasa é o termo sânscrito para o princípio da Manifestação da Matéria. Ensina-se que penetra e enche o espaço infinito; que está em toda parte, onipresente. Ensina-se que toda e qualquer forma de Matéria evolui deste Akasa: primeiro as seis formas inferiores de "éter", em sucessão; depois os gases e vapores, conforme a fineza; depois o ar e, em seguida, os líquidos e os sólidos.

O Akasa é a substância que compõe os gases mais finos e os sólidos mais densos — o sol, a lua, os astros, o ar, a água, o corpo humano, o corpo dos animais, o corpo das plantas, a terra, as rochas — tudo que tem uma forma; tudo que pode ser percebido pelos sentidos ordinários. Além disso, há formas superiores de Akasa que são mais finas e mais tênues e sutis do que qualquer

forma de matéria perceptível aos sentidos do homem comum. As "almas" dos desencarnados, tanto as que deixaram o corpo pela morte, como as que viajam no corpo astral, têm um "corpo" de matéria fina, imperceptível aos sentidos carnis. E seres em planos superiores estão envolvidos em algumas formas finas de matéria, pois um tal veículo é necessário para a conservação da união dos diferentes elementos na constituição do homem e dos seres superiores. A Força ou Energia precisa de alguma forma para agir sobre ela e a Mente há de ter sempre um corpo de Matéria (muitas vezes de uma espécie muito refinada), para poder manifestar-se.

O Absoluto usa as suas mais finas formas de Manifestações (a Mente em sua mais alta forma) para certa expressão, e a Mente, por sua vez, usa os veículos inferiores, a Força e a Matéria, como seus instrumentos, conveniências e veículos de expressão. Mencionamos isto aqui para que o estudante se recorde que há graus de matéria muito mais altos do que os que são perceptíveis aos nossos sentidos ordinários. Este fato é tão claramente conhecido aos ocultistas adiantados, que alguns dos escritores antigos, segundo a linguagem poética oriental, empregaram o termo "O Corpo de Deus", referindo-se à Matéria. E esta expressão servirá ao estudante para apreciar a importância e dignidade da Matéria, embora veja a sua comparativa inferioridade na escala. Evitemos a tolice dos cientistas físicos que fazem da Matéria um Deus; e igualmente a tolice de muitos metafísicos e idealistas que estão inclinados a fazer da Matéria uma coisa vil, um Diabo ou até "Nada".

Não tencionamos entrar nesta lição em detalhes a respeito do Akasa, mas temos que falar de alguns. A essência ou o mais fino princípio do Akasa é de uma forma tão fina de Matéria que não pode ser percebida por ninguém, com exceção das mais altas formas de inteligências; esta essência é desconhecida a todos, excetuando as almas altamente evoluídas que empregam esta forma de Akasa como um veículo ou corpo. É o fino véu da substância que separa aquelas mentes adiantadas da Mente Universal, mas não há separação real, e tais Mentes estão no mais estreito contato com a Mente Universal. Esta forma de Akasa é a mais alta forma de Matéria; alguns escritores Yogues a denominam "Matéria mesma". No princípio dos vários grandes períodos de vida nas diferentes partes do Universo — ou nos diferentes Universos, se preferis este termos — a única forma de Matéria manifestada é Akasa em sua mais fina forma. Em seguida, o Absoluto, empregando a sua manifestação, põe em operação a Força. Energia ou Prana que age sobre este Akasa, faz que se manifeste, sucessivamente, em seis formas de "éter", isto é, faz com que envie uma parte de si mesmo a estas formas. Depois, em sucessão, se manifesta em forma de mais finos vapores, gases, ar, líquidos, sólidos etc., até que haja uma manifestação de todas as formas de Akasas, das mais finas e altas (ou Essência Akásica) até às mais densas e sólidas. No fim de um ciclo cósmico ou à medida que se aproxima do seu fim, há gradual "reabsorção" das formas de Akasa, desaparecendo as formas mais densas, umas após outras (durante séculos), até que desaparecem todos os sólidos, depois os líquidos, em seguida os gases e vapores, e assim por diante, até que é o princípio de Akasa, permanece, para ser posto novamente em movimento no princípio de um novo ciclo.

O estudante atento e pensativo perguntará a si mesmo se não deve, por analogia, supor que, em algum grande Ciclo Cósmico, venha um tempo em que o Akasa é reabsorvido no Prana, o Prana na Chitta, e a Chitta no Absoluto mesmo. E se a afirmação que estas coisas são manifestações do manifestador Absoluto não implica que houve um "princípio" — um tempo em que a manifestação começou. E se esta conclusão não conduz a outra que há uma série de grandes Ciclos Cósmicos, e assim por diante, que a mente não pode seguir em pensar. A estas esperadas perguntas dizemos que há processos cósmicos tão estupendos e magníficos que não podem ser compreendidos nem por almas tão adiantadas que possam ser consideradas como arcanjos e deuses. Os instrutores mais elevados nos deram esta palavra, mas confessam que tiveram vislumbres de coisas tão transcendentais à sua capacidade de entender e compreender, que as suas almas, quase divinas, tremiam arrebatadas. E sendo assim, pedimos ao estudante não ir, em considerações, mais alto que a um Ciclo Cósmico, de que falaremos numa lição futura ou em uma futura série de lições. Lembrai-vos, porém, ó irmãos no Caminho, que, embora esta contemplação das obras do Divino Cosmos e suas partes pareça levar Deus muito longe desta terra — longe de nós — a Verdade é que, apesar destas estupendas operações e obras, Deus — o Absoluto — está aqui convosco sempre; está aqui ao redor de vós — aqui em vós. está mais perto que um irmão — mais perto do que a mãe da sua

criança de peito — mais perto do que um amante do outro — mais perto de vós do que o vosso próprio coração, o vosso sangue, o vosso cérebro. O Espírito está convosco sempre — não percais a coragem. E isto é verdade tanto no que se refere ao mais humilde, mais baixo, mais vil — como ao mais exaltado, mais alto, mais puro. A diferença está somente no grau de reconhecimento do Espírito por parte do homem.

Não vos aflijais se não compreendeis estas asserções e estes ensinamentos científicos ou se não tendes inclinação para eles. Não vos é necessário nem acreditar neles, quanto mais compreendê-los. O que é necessário é apenas isto: Aprender a saber que Deus está em vós e nos outros — que vós Lhe sois necessário, como Ele a vós, porque sois uma parte do Seu plano — aprendei a reconhecer a Vida Una em Tudo — e abri-vos ao influxo do Divino Amor e Divina Sabedoria, e tende a vontade de crescer, desenvolver-vos e evoluir. Em vossos estudos achareis que as mesmas leis são aplicadas às coisas grandes como às pequenas, neste mundo de formas. As mesmas leis que regulam a vida do átomo, governam a evolução dos Universos. "O que está em cima também está embaixo", diz o velho provérbio ocultista, e quanto mais estudardes, mais perceberéis esta verdade. Estudai as coisas que estão perto de vós e fareis a chave das coisas que estão fora de vosso alcance. "Não há nada de grande; não há nada de pequeno" no Mundo de Formas, feito por Deus. Tende Fé, — tende Coragem — tende Esperança — e, acima de tudo, tende Amor e Caridade. Agora passemos a considerar a Segunda Grande Manifestação ou Relatividade.

## 2 — Energia ou Força (Prana)

Energia ou Força é um princípio da Natureza que pode ser definido como "o poder de resistir ou vencer uma resistência" ou "aquilo que produz Movimento". Uma mola elástica possui Energia, porque é capaz, depois de estendida, de voltar à sua forma anterior; uma carga de pólvora possui Energia, porque pode explodir; uma garrafa de Leyde, carregada de eletricidade, possui Energia, porque pode ser descarregada. Todas as partículas de Matéria que enchem o espaço infinito estão em constante e perpétuo movimento; este movimento é considerado pela Ciência como infinito e eterno, isto é, que existe por toda, parte e sempre. Cada mudança física e cada processo químico são acompanhados de uma mudança nos átomos que compõem a Matéria: um segundo arranjo e mudança de combinações. Todas as formas de movimento, a gravitação, todas as formas de força, a eletricidade, o magnetismo, a luz, o calor, a coesão, a força nervosa — de fato, todas as formas de movimento ou força que se manifestam na mudança, na posição das partículas da matéria, são formas de Energia ou manifestações do seu princípio. Aos que não estão familiarizados com o assunto, talvez se dará a ideia de Energia quando se diz que ela é "o Princípio que causa o Movimento e a Mudança na Matéria".

As teorias da ciência moderna a respeito da Energia são semelhantes às relativas à Matéria. Isto é, afirma-se que, se bem que a Energia possa manifestar-se em inúmeras formas e transformar e transmutar-se de uma forma em outra, a soma total de Energia no Universo é fixa e imutável, e que nem uma partícula de Energia pode ser criada, nem destruída; que, apesar das várias formas em que se pode transformar, estas mudanças são como as mudanças de formas e combinações de matéria, e somente relativas e não essenciais, pois a Energia como um todo não é afetada e permanece a mesma em essência e totalidade. Esta teoria ou princípio da Ciência Física é conhecido como "O Princípio da Conservação da Energia."

Da consideração acima fica claro que a Ciência afirma que nenhum poder material pode dar existência a uma partícula de Matéria ou a uma partícula de Energia; como igualmente, nenhum poder material pode tirar-lhes a existência. Ambas (a Matéria e a Energia) são consideradas como fixas e imutáveis. Podemos mudar a forma da Matéria, ou antes, as combinações dos seus átomos, e podemos transformar uma forma de energia em outra, e assim por diante, mas nenhuma das duas pode ser criada, nem destruída.

Energia é o princípio que produz mudança na Matéria, e muitos cientistas falam dela como de uma "propriedade ou qualidade da Matéria", ao passo que outros a consideram como um princípio separado, que age em conexão com a Matéria. Eis um exemplo da transformação de uma forma de Energia em outra:

Uma lâmpada elétrica dá uma luz que é produzida pela passagem da eletricidade por uma pequena porção de carvão, que oferece uma resistência à eletricidade — esta resistência é a causa que faz a energia da eletricidade se transformar em calor e luz. A eletricidade é produzida num dínamo, cuja força provém de uma máquina a vapor. Esta máquina recebe o movimento da Energia do vapor e este é produzido pela expansão da água mediante a Energia do calor. O calor é uma forma de Energia transformada da Energia do carvão, descarregada por meio de combustão. O carvão recebe a sua energia química do sol que a transmite às árvores, das quais o carvão se origina, ou talvez seja melhor dizer que se origina da Energia inerente a seus átomos. O sol e os átomos obtêm a sua Energia da Energia Universal. Assim vedes que todo o processo é uma cadeia de transformação. E esta pode ser ainda prolongada; por exemplo, a eletricidade pode ser usada para pôr em movimento uma roda, e esta pode comunicar o movimento a u'a máquina ou um mecanismo, e assim por diante. Mas o princípio fundamental é o mesmo em todos os casos.

Aconselhamos ao estudante que leia alguma obra elementar sobre a Ciência Natural ou Física, para ter uma ideia mais exata de Energia, Força, Movimento etc. Exemplo da transformação da Energia de uma forma de movimento em outra pode-se ver em todos os atos. Agarramos uma péla e, emitindo do cérebro uma corrente nervosa, fazemos com que certos músculos do braço se contraíam e expandam, e este processo faz passar o movimento à nossa mão, com que projetamos a péla. A péla bate em um outro objeto e derriba-o, e assim por diante. A Energia na pólvora sendo descarregada, comunica-se à bala em forma de movimento e esta voa pelo espaço, até que a Energia na terra, conhecida como Atração ou Gravitação, vence aquele movimento e eventualmente dá à bala um novo movimento que a faz voltar à terra.

A Ciência (tanto a física como a oculta) ensina que toda a Matéria está em constante movimento, isto é, os átomos estão em constante vibração.

Este movimento (ou vibração) é produzido pelo princípio de Energia. Não podemos perceber este movimento, porém sabe-se que existe, e a Vida como é, seria impossível sem ele. Cada forma de Matéria tem seu próprio modo de vibração. Neste lugar não podemos tratar disto detalhadamente. O estudante que deseja investigar as teorias e os fatos da ciência material, leia os respectivos livros que se encontram em grande número nas livrarias e bibliotecas públicas. Nós temos apresentado a teoria principal e agora passaremos aos ensinamentos Yogues sobre o Prana, que são muito semelhantes aos ensinamentos da Ciência Física a respeito da Energia. De fato, quanto aos princípios gerais, há muito pouca diferença possível para os investigadores deste domínio.

A Filosofia Yogue ensina que, no mundo de formas ou relatividade, toda Matéria ou as formas de Akasa estão em perpétuo movimento; não há repouso no mundo de Matéria. O aparente repouso de objetos materiais é só relativo, e não um fato. Calor e Luz são apenas formas de movimento, uma manifestação de Energia. Sóis e mundos se precipitam pelo espaço — as suas partículas estão em constante mudança e movimento — as composições químicas são constantes e incessantes; tanto na vida celular, como na vida dos átomos e nos seres moleculares há perpétua construção e destruição. Em toda a Natureza não há um ponto de descanso. Sempre se opera e sempre se produz alguma coisa (isto quer dizer que se formam, novas combinações, porque não é possível criar alguma coisa de nada).

Esta Energia ou Força, a causa do Movimento, da Mudança e Ação, é conhecida com o nome sânscrito de Prana. O Prana, como a Matéria ou Akasa, está presente em toda parte. A ciência moderna pensa que ambos são "eternos" em si mesmos, mas a Filosofia Yogue ensina que ambos (o Prana e o Akasa) são emanções ou Manifestações do Absoluto, sendo eternos só mediante o Absoluto e não em si mesmos; em si mesmos são relativos e não eternos. eles foram expressados, manifestados ou "projetados" do Absoluto e podem ser resolvidos no Imanifesto; só assim são "infinitos" e "eternos". A ciência moderna considera-os, em regra, como princípios separados, mas a Filosofia Yogue ensina que a Matéria ou o Akasa é uma forma bem mais grosseira de Energia ou Prana e que foi projetada por esta. Em nossa consideração do Universo, entretanto, podem ser designados como dois princípios separados, para facilitar as nossas concepções.

O Prana manifesta-se em todas as formas de ação, energia, movimento e força, como já dissemos, falando da Energia. O Prana tem muitos graus, formas e degraus, mas o princípio que

lhes serve de base é sempre o mesmo. Estas diferentes formas podem ser transformadas uma em outra, como vimos em nossa consideração da Energia; nestes pontos as doutrinas ocidentais estão de acordo, nos pontos principais, sobre a "Conservação da Energia", os ensinamentos Yogues dizem que a soma total do Prana no universo não pode ser aumentada nem diminuída; os Yogues, porém — notai a diferença — ensinam que o Prana é uma forma um tanto mais grosseira da Mente e que é expressa pelo Absoluto por meio da Mente, podendo eventualmente ser retirada (ou absorvida) pela mesma forma. Em geral, é a consideração do assunto; entretanto, pode a teoria ocidental ser aceita como uma "hipótese de operação".

A ciência ocidental ensina que "não pode haver Matéria sem Energia, nem Energia sem Matéria". A Filosofia Yogue concorda que a Matéria sem Energia é inconcebível, mas afirma que existe Energia sem Matéria, porque havia Energia ou Prana antes que existisse Matéria ou Akasa se bem que, neste caso, esta Energia existia, só em princípio, sendo latente e não manifestada em Movimento; isto é muito diferente de alguma coisa causada pela ação da Energia sobre a Matéria, a que chamamos Movimento ou Força. A primeira era inativa, ao passo que a segunda é ação manifestada. Como nós, porém, percebemos o Universo, não há Matéria sem Energia, nem Energia, que não seja manifestada na Matéria e por meio da Matéria. Assim, também neste caso, a teoria ocidental pode ser aceita pelo estudante como uma "hipótese de operação", não devendo ele, todavia, perder de vista o verdadeiro ensino.

Temos falado do Prana, ou antes, daquela sua forma que é conhecida como Energia Vital etc., no nosso pequeno manual Ciência da Respiração, como também em algumas páginas das nossas Catorze Lições e do "Hatha-Yoga". Em nossa próxima série de lições que tratarão da "Raja-Yoga", falaremos de muitos pontos interessantes a respeito do Prana em suas outras formas (isto é, outras como Força Vital etc.), e do domínio que se pode exercer sobre pela Mente e Vontade.

O estudante pode ver, do que temos dito, que, sendo o Prana uma manifestação mais grosseira do que a Chitta ou Substância Mental e, com efeito, uma projeção ou forma desta, aquele que conhece as leis e os princípios em questão pode exercer um grande domínio sobre o Prana mediante a Mente, sob a direção da Vontade. este tema pertence à "Raja-Yoga" e no livro acima referido trataremos dele. Não podemos demorar-nos aqui sobre este assunto; mas, para terdes uma ideia geral, diremos que o positivo pode sempre dirigir ou dominar o negativo.

Chitta está para o Prana na relação do positivo para o negativo; e o domínio é possível, quando se sabe como exercê-lo, sob a direção da Vontade. O que os Yogues chamam Pranayama é a ciência ou arte de dirigir o Prana pela Mente ou Vontade. Isto é uma parte da ciência de "Raja-Yoga", e, em sua alta forma, como é possuída e exercida pelos homens espirituais adiantados no Oriente e Ocidente, constitui a base do poder dos "Adeptos" e "Mestres", como o mundo os conhece. Os ensinamentos superiores sobre este assunto são conhecidos somente por poucos, porque a Humanidade ainda não está bastante preparada e o seu conhecimento, se atualmente se tornasse geral, daria origem a muitos abusos prejudiciais. Existe, entretanto, uma grande porção de ensinamentos que podem ser comunicados às pessoas prontas para recebê-los e cada um que possui bastante aplicação e determinação, junto com o desenvolvimento espiritual, pode pôr em prática um grau maior ou menor da ciência do Pranayama. Além desta, oferece a "Raja-Yoga" ainda outras partes de ensino, tais como o domínio da Mente ou Chitta etc., mas o Pranayama forma a parte principal.

Antes de concluirmos estas considerações sobre a Energia ou Prana, chamamos a atenção dos nossos estudantes para o fato de que estritos observadores científicos dos fenômenos da Energia ou Força têm ocasionalmente vislumbres da verdade dos ensinamentos Yogues que dizem que a Energia é uma manifestação mais grosseira da Mente e que passa a identificar-se com esta.

Alguns observadores e investigadores foram levados à convicção que a Força ou Energia, em algumas de suas formas, demonstrou algo como ação inteligente, em vez de agir como uma força "cega". Quando a atenção dos investigadores científicos for dirigida para este fato (e isto acontecerá em tempo próximo), eles o notarão, classificarão e investigarão, surgindo novas teorias para o esclarecer. A Ciência há de chegar uma vez a aceitar atos que confirmem a verdade dos ensinamentos Yogues, porque estes fatos existem.

Deixando o tema do Prana ou Energia, passemos a considerar a Terceira Grande

Manifestação ou Relatividade:

### 3 — A Mente; a Substância Mental (Chitta)

Vejamos primeiro o que diz a Física a respeito do que é conhecido como "Mente". A ciência material do Ocidente forjou muitas teorias sobre a natureza da Mente. Em regra, os autores destas teorias combateram as teorias dos metafísicos e filósofos do passado e procuraram uma base material para os fenômenos mentais. Tentaram achar uma teoria satisfatória para provar que a Mente é apenas uma manifestação da Matéria — um efeito químico — um efeito mecânico etc. — alguma coisa que cresce ou emana da Matéria.

Um célebre cientista exprimiu a ideia que o cérebro segregava a Mente, da mesma forma que o fígado segrega a biliar. É admirável este pensamento — a Mente ser uma secreção da Matéria! Os materialistas erraram por começarem de um lado impróprio. eles queriam fazer da Matéria o Final e Absoluto, e da Energia e Mente algo que tem sua origem na Matéria, quando o contrário seria muito mais aproximado da verdade, conforme os ensinamentos Yogues. Entretanto, a ciência adiantada está começando a ver o seu erro e inclina-se à ideia de que a mente, a Energia e a Matéria são uma coisa só — diferentes formas de uma coisa a que dão o nome de "Substância" ou outro. Estão chegando sempre mais perto dos "sonhos" dos ocultistas, que anteriormente desprezaram.

Webster define a "Mente" da seguinte maneira; "A faculdade intelectual ou racional no homem; o poder que concebe, julga ou raciocina." Esta definição ignora totalmente o fato que a Mente se manifesta também nos animais inferiores, na vida das plantas e até nos minerais. É verdade que aqueles que julgam que a Mente pertence somente ao homem chamam à Mente dos animais "instinto", "apetência" etc., e à Mente dos minerais "afinidade química" etc. "Instinto" é o termo geralmente aplicado às operações mentais dos animais inferiores, e "Apetência é definida da seguinte maneira pela autoridade acima referida: "Apetência é a tendência de corpos organizados a escolherem e absorverem as porções de matéria que lhes serve de sustento e os alimentos ou as partículas que são destinadas à economia animal ou vegetal." Assim, pois, até os que atribuem ao homem o monopólio da Mente têm que admitir que os reinos animal inferior e vegetal possuem "alguma coisa como Mente". Recentes observadores científicos consideram a ação química ou molecular dos minerais como uma forma de mente, em que estão de acordo com os Yogues que dizem que a Mente é um invariável acompanhamento da Matéria e da Energia, sendo isto verdade tanto em relação a cada átomo, como em relação às combinações de átomos. Os Yogues são de opinião que todas as formas de consciência, da mera sensação às mais altas formas de consciência espiritual, são manifestações e formas da Mente.

Nesta lição não temos espaço para tratarmos de psicologia, o que aliás seria fora do nosso propósito. Porém, para inculcar ao estudante a ideia do significado da palavra "Mente", havemos de dizer que quando falamos, de "uma manifestação da Mente", pensamos qualquer ato de consciência; a "consciência" quer dizer uma evidência ou manifestação de "impressão", da mera "sensação" às mais altas formas de consciência. O estudante verá logo por que fazemos esta explicação.

"Sensação", a mais baixa forma de consciência para nós conhecida, é definida por Webster como; "Uma impressão feita sobre a mente por intermédio dos órgãos de sentidos; sentimento provocado por objetos externos ou por alguma mudança no estado interno do corpo." Sensação é aquela forma de "impressão" ou consciência, a que se dá o nome de "sentir". Não é exatamente o mesmo que "percepção", pois a "sensação" é um "sentimento", e a "percepção" é um "saber" da "sensação"; — a percepção interpreta a sensação. Por exemplo, podemos "sentir" a presença de u'a mosca sobre a nossa mão — isto é "sensação". Quando a nossa mente reconhece que sobre a mão está alguma coisa que causa a sensação, isto é "percepção". O nosso sentido de olfato nos faz sentir um cheiro; a nossa mente presta atenção ao cheiro, em resposta ao estímulo da sensação e reconhecemos que estamos cheirando uma rosa. Notais a diferença? Isto, porém, não é uma lição de psicologia; apenas queremos que saibais bem o que é a "sensação", quando falamos dela como de uma evidência da mente.

Não pode haver sensação sem alguma porção de Substância Mental para a aceitar. Iguamente não pode haver sensação, enquanto não haja alguma coisa para "causá-la", assim como

não pode haver sensação sem haver alguma coisa para "recebê-la" e esta coisa que recebe é a substância mental em algum degrau ou forma. Este é o ponto que desejamos que não esqueçais. Simples Consciência e Consciência-própria são formas mais altas de "impressão" do que a Sensação, mas a diferença está só no grau e na espécie. A sensação de uma forma de vida muito pouco desenvolvida difere só em grau da mais alta forma de consciência ou esforço mental pela parte do Homem ou até dos seres muito superiores na escala do que o Homem (pois tais seres existem e são tanto mais adiantados do que o homem, como o homem é sobre o verme — mas uma vez foram homens, e os homens serão como eles um dia). Fora do Absoluto, todos os graus de "saber" são atos da Mente, e as formas dependem só de graus. A Mente é um princípio universal, da mesma forma como o é a Matéria e a Energia, e assemelha-se-lhes muito quanto às suas manifestações e combinações.

Voltemos às opiniões da Ciência Física moderna. Tomaremos Ernesto Haeckel como representante da ciência material adiantada dos nossos dias. As suas obras são consideradas como extremas e radicais, e é a incorporação das teorias adiantadas do pensamento materialista moderno. Haeckel não reconhece nada mais alto do que a "Substância", e crê que o Universo existe por si mesmo, sem causa precedente. As suas obras mostram, todavia, que a ciência moderna afastou-se da velha ideia materialista de matéria "morta" e "crua", e que ele mesmo alcançou a mais alta concepção materialista conhecida à mente humana. Com efeito, a escola de pensamento, por ele criada, prosseguindo no rumo por indicado, em breve estará separada da escola adiantada de pensamento "espiritual" só por um recinto finíssimo. Lembro-me da criação do grande túnel através dos Alpes; nesta obra começou-se a trabalhar dos dois lados e os dois achando que ambas as metades do túnel estavam na mesma linha. Assim também ambos os grupos daqueles trabalhadores mentais encontrar-se-ão e acharão o Absoluto no centro — ainda que o chamem com nomes diferentes.

Haeckel, em sua grande obra *As Maravilhas da Vida*, expõe a doutrina de um Monismo que se compõe de uma trindade de Substância." Ele a formula nas seguintes três proposições: "1) Não há matéria sem força e sem sensação; 2) Não há força sem matéria e sem sensação; 3) Não há sensação sem matéria e sem força". E continua dizendo: "estes três atributos fundamentais encontram-se inseparavelmente unidos através de todo o universo, em cada átomo e cada molécula." Isto é uma admissão extraordinariamente admirável, proveniente de um dos chefes, senão do chefe do pensamento materialista moderno. A sua significação será apreciada por aqueles dos nossos estudantes que são conhecedores do velho ponto de vista do materialismo, como contraste dos ensinamentos Yogue.

Haeckel, em sua consideração do tríplice aspecto da Substância, diz que a matéria é uma substância estendida, ocupando o espaço infinito, e que é eterna e imutável; que a Energia ou Força é também infinita, em eterno movimento, e imutável em sua soma total, conforme a lei da "Conservação e da Energia"; que, sendo a sensação companheira da matéria e energia como o terceiro atributo da substância, a lei universal de permanência da substância tem que ser estendida a ela e, por conseguinte, que a sensação há de ser eterna e imutável em sua quantidade total. pensa que as "mudanças" em sensação, como em matéria e energia, significam somente a conversão de uma forma dela, em outra forma da mesma. É claro que, pela "sensação", Haeckel exprime o que nós chamamos Mente, pois explica que "toda a vida mental da Humanidade tem suas raízes nas sensações de todo o indivíduo", e cita, aprovando, a observação de Nageli que: "A mente do homem é só o mais alto desenvolvimento dos processos espirituais que animam toda a natureza." Considerai isto como provindo do centro do adiantado pensamento materialista. Não é clara a consequência?

O estudante notará a diferença entre a Filosofia Yogue e o Monismo Científico como o expõe Haeckel e outros principais chefes e representantes do "novo Materialismo". A Filosofia Yogue ensina a existência e o ser de uma única Realidade, que o Absoluto, que se manifesta em forma das três Grandes Relatividades: Matéria ou Akasa; Energia, Força ou Prana, e Mente, Substância Mental ou Chitta (esta última é antes um "refinado e sutil princípio" do que uma "substância" semelhante à matéria).

Estas três manifestações são em realidade só três formas de uma grande manifestação e

procedem da mais fina (Mente) e já menos fina (Energia ou Força) e a mais grosseira (Matéria); todas as três entrelaçando-se e identificando-se uma com outra, como já explicamos nesta lição. As manifestações emanam do Absoluto e podem ser reabsorvidas nele; elas são relativas a ele e, no absoluto sentido de palavras não têm existência real, isto é, não existem apartadas do Absoluto. O Absoluto é tudo que realmente É — isto é, que existe por si mesmo — não depende de outro ser — não tem causa — não pode ser absorvido por nada. A escola de Monismo Científico pensa que tudo que É, é uma coisa física, a que chama "Substância", e a qual possui "atributos" ou "propriedades" que se chamam Matéria, Energia e Sensação. A Matéria é considerada como a propriedade ou o atributo que ocupa o espaço; a Energia como a propriedade ou o atributo movedor; e a Sensação como o atributo ou a propriedade de sentir (e, conseqüentemente, também de "pensar"). Da "Substância" se diz que existe por si mesma, é infinita, eterna e imutável em quantidade total, embora aparentemente mutável nas formas dos seus atributos ou suas qualidades.

A Filosofia Yogue ensina a existência do Espírito, que é o Absoluto fora das suas manifestações; o Monismo Científico não tem nada para dizer do Espírito (não o reconhece), e a "Substância" parece ser a soma ou combinação da Matéria, Energia e Sensação, antes do que uma "coisa em si mesma", de que emanam todas as relatividades. A filosofia de Monismo Científico, como a conhecemos, não fala de nada semelhante ao "Espírito" ou "Essência" da "Substância"; tratando, em lugar disso, a Substância como uma coisa puramente física, negando a natureza espiritual das coisas; ou ignorando-a como desnecessária e não existente. Esperamos que expusemos corretamente as ideias desta escola Monista de materialismo científico; ao menos tal foi a nossa intenção. Parece-nos que esta escola aceita a ideia de um Universo existente por si mesmo — um universo sem causa, sem Deus ou Ser Absoluto — em outras palavras, os seus ensinamentos parecem dizer que o Universo é seu próprio Deus. Esta doutrina nega a sobrevivência da consciência depois da morte ou a imortalidade da alma e afirma que a "alma" é coisa puramente material e física, um desenvolvimento da "Sensação". Chamamos a atenção dos nossos estudantes para as diferenças entre as duas filosofias, como também para seus pontos de semelhança. Ambas ensinam a "Unidade de Tudo", porém quão diferente é o modo por que compreendem este UNO! Pensamos que a Mente Espiritual iluminará o intelecto do estudante para que possa ver a verdade no meio destes ensinamentos em conflito, os quais, contudo, revelam, em sua relativa semelhança, como a mente humana instintiva e intuitivamente aceita a ideia de "Unidade". Aos que sentiram o despertar espiritual da consciência, será claro o ponto em que a Filosofia Monista deixa o verdadeiro Caminho, seguindo um rastro ilusório, do qual no futuro se verá obrigada a regressar.

Em nossa próxima lição nos ocuparemos em explicar a natureza e as qualidades da Chitta ou Substância Mental, como também em dar-vos os ensinamentos relativos ao Atman ou Espírito e tratar da relação do Homem com o Absoluto.

A Paz seja convosco.

## XII LIÇÃO MENTE E ESPIRITO

Nesta lição consideraremos a natureza e as qualidades da Chitta ou Substância Mental, que é a Primeira Grande Manifestação ou Relatividade.

Falando desta Manifestação como Mente, achamos que é melhor dar-vos a palavra sânscrita, usada pelos instrutores Yogues, a saber: Chitta, que se traduz livremente antes como "Substância mental" do que como "Mente"; a diferença é esta: a palavra "Mente" tem geralmente um sentido metafísico, designando uma coisa vaga — antes uma condição ou estado do que uma "coisa", ao passo que Chitta, em sânscrito, designa a Mente como uma "substância", "uma coisa"; daqui a nossa definição "Substância Mente". Para fixar mais firme a ideia em vossa mente, vejamos o que significa a palavra "Substância". Webster a define como "aquilo que está no fundo de todas as manifestações externas, natureza, essência". Esta palavra "substância" é derivada das palavras latinas sub, que significa "sob", "debaixo", e stare, que significa "estar (em pé), manter-se"; a combinação "substância" quer dizer, por conseguinte, "o que está no fundo das coisas". Assim vedes que Chitta significa a "Substância Mental" ou aquilo que está no fundo das manifestações externas; aquilo que conhecemos como "Mente" — a "Mente em si mesma", a Mente Universal (porém não o Absoluto, notai bem).

Os Yogues ensinam que esta Chitta ou Substância Mental é universal e onipresente — isto é, que existe em toda parte e encontra-se em todo lugar no Universo. A sua soma total é fixa e não pode ser nem sumentada nem diminuída; por isso, a Chitta, em sua quantidade total, é imutável, ainda que, como a Matéria e Energia, nela haja muitas mudanças aparentes, que resultam da formação de novas combinações.

A Substância Mental pode ser considerada como uma fase superior de Energia ou de Matéria, como a Matéria pode ser considerada como uma forma bem mais grosseira de Substância Mental ou Energia. Recordai-vos que a Substância Mental foi a Primeira Manifestação e dela emanou a Energia, e da Energia emanou a Matéria; assim vedes que todas formam parte de uma substância real, variando em degrau — todas são partes da grande manifestação ou emanção do Absoluto.

A Substância Mental assemelha-se um tanto à Energia, mas é "alguma coisa mais". Está na mesma relação para com a Energia, como esta para com a Matéria. Vejamos se podemos descrevê-la melhor. Em algumas das mais altas formas de Matéria vê-se que os característicos desta se identificam com os da Energia. Tomais, por exemplo, a Eletricidade ou o Magnetismo ali vedes uma combinação de Energia e Matéria que é muito interessante, pois a Energia aparece como uma "coisa" que se pode "quase cortar com uma faca". Do mesmo modo, em algumas das formas mais altas da Energia Elétrica estamos compelidos a sentir que "a coisa quase pensa", tão perto está a linha de união entre a Energia e a Substância Mental. Em poucos anos, a Ciência Física descobrirá formas de Energia que darão uma evidência ainda mais notável de "pensar" e de "ação racional", do que se pode observar agora. As descobertas que seguirem à do Rádio causarão estupenda revolução do pensamento científico. A Ciência está quase na linha divisória entre a Mente e a Matéria: em breve se verá que, na análise final, ambas são uma coisa só, com a Energia formando o centro.

Não podemos exhibir aos sentidos físicos dos estudantes um "pedaço" de Substância Mental como prova da sua existência; não obstante, o estudante de psicologia adiantada ou de ocultismo pode ter visto muitas manifestações da mesma Substância Mental como força, embora esta evidência não seja aceita ainda pela ciência material. Cada um, todavia, é consciente daquela atividade da Substância Mental, que chamamos "Pensamento". A Substância Mental, bem como a Energia e a Matéria, hão de ser aceitas pelo estudante um tanto por via abstrata, porque todas estas três manifestações podem ser conhecidas só mediante suas formas de expressão exterior. Assim, o Éter, a mais alta forma de Matéria, não pode ser sentido pelo Homem, e somente quando seus átomos combinam em forma de matéria sólida, líquida ou gasosa, os sentidos o podem conhecer. Da mesma forma, a Energia mesma não é evidente à mente humana e só é sentida quando se manifesta mediante a Matéria, em que a conhecemos como formas de Força ou Movimento. E a Substância

Mental nos é conhecida somente como pensamentos, pensamentos-força etc. A alma usa a Matéria para se vestir como ela; usa a Energia para agir, e a "Substância Mental" para pensar.

A Substância Mental é a coisa mediante a qual se põe em operação a Energia que produz o Movimento na Matéria. A teoria dos cientistas materiais, a que eles dão o nome de teoria de "vórtice", é muito aproximada dos fatos que ensina a Filosofia Yogue, a qual aplica essa teoria tanto na região da Mente, como no da Matéria.

Os Yogues ensinam que o "átomo final" de Matéria é realmente um "pequeno redemoinho" de éter, no éter, formado pela ação da Energia sobre o éter. Sendo o éter mesmo sem fração, o "anel de vórtice" não perde nada do seu movimento e torna-se "permanente" (no sentido relativo, se considerarmos o Absoluto), possuindo todas as propriedades atribuídas à Matéria, isto é, dimensão, volume, elasticidade, atração, extensão etc., e também movimento em si mesmo. Estes "anéis" são de vários tamanhos e de várias condições de vibração, o que indica que há diferentes "espécies" de átomos que deram embaraços à Ciência; esta explicação de "espécies" de átomos pode dar alguma luz à questão dos setenta bizzarros "elementos finais" da Matéria, que a Ciência encontrou. (Pode-se ver que, se se muda a condição ou medida da vibração ou do movimento destes "anéis", pode realizar-se o sonho dos alquimistas e um "elemento" pode ser transmutado em outro, podendo ser o ouro produzido de chumbo. Ai! das "Altas Finanças" se algum sonhador descobrir este segredo, que é plenamente conhecido pelos "Adeptos" e "Mestres", os quais, porém, não têm dele necessidade nem fazem uso, se não quiserem aplicá-lo para acabar com as atuais condições sociais e fazer a Humanidade voltar para os primeiros "princípios" da vida social!

A Ciência, em sua consideração da teoria do "anel de vórtice" de Helmholtz e outros, correu contra um muro de pedras à procura da causa do movimento original dado a "estes anéis", a qual jaz no fundo da questão de Matéria, como a Ciência a conhece. Os cientistas não puderam imaginar o Éter como possuindo suficiente inteligência para mover-se por sua própria vontade, embora tivesse o poder de fazê-lo. Aqui vêm os Yogues auxiliar seus irmãos ocidentais, "dando-lhes a mão" na hora de necessidade. (Entretanto, não é certo, se o irmão ocidental aceitará a mão que se lhe estende). A Filosofia Yogue ensina que a Substância Mental que de fato "sabe" de si, manifesta-se em "pensamento". Este "pensamento" é realmente um movimento na Chitta ou Substância Mental, causado pelo chamamento que faz ao Prana (isto é, à Energia), para vir-lhe em auxílio. (Esta Energia tem sido originalmente manifestada da Substância Mental.) este "Pensamento-força", assim evocado, comunica-se ao Éter e o resultado é o "anel de vórtice" e o "redemoinho de Éter" torna-se um "elemento" ou "átomo" de Matéria, possuindo forma, dimensão etc., tendo em si Energia e Mente e assim, pois, formando a trindade de Matéria. Energia e Sensação de que falamos na nossa última lição e que é ensinada por Haeckel e os cientistas físicos. Alguns dos Yogues preferem descrever o processo da seguinte maneira (trata-se somente de uma diferente maneira de apresentação). eles dizem: "O Éter, tendo procedido da Substância Mental, mediante a Energia tem em si os elementos da sua "avó e mãe" (Substância Mental e Energia, ou Chitta e Prana), como herança de que pode fazer uso. Assim ele simplesmente pensa na Energia em movimento e forma o "anel de átomo" em si mesmo, para o fim de nova manifestação". este aspecto dá a impressão de que a Matéria possui Mente e o poder de Movimento, que, até certo ponto, é correto, embora as três manifestações sejam um tanto diferentes e todas procedam de uma fonte original — do Absoluto.

Assim vedes que os Yogues ensinam que toda a Matéria (como é conhecida dos nossos sentidos) é o resultado de um Pensamento; que o Pensamento é "a Mente em Ação"; que a Ação é proveniente da Energia, e que a Energia e o produto da Substância Mental: por conseguinte, a Matéria é, em realidade, Mente — Tudo é Mente — não só no sentido metafísico ou místico, mas realidade. Este ensino nos apresenta a notável verdade que tudo no mundo material foi chamado à existência pelo PENSAMENTO. Neste ensino pode achar-se a prática explicação das teorias das escolas e dos cultos metafísicos que proclamam que "Tudo é Mente" e que "A Matéria é Nada", e sobre estas proposições constroem uma estrutura de teoria metafísica e religiosa. Porém, estes pensadores ignoram, muitas vezes, a grande Verdade fundamental que tanto a Mente como a Matéria são apenas relatividades e não existem em si mesmas, mas são manifestações e emanações do Absoluto, que é o único Ser Real, que é Tudo que É. Guardai-vos de fazerdes um Deus da Mente

ou da Matéria: ambos são deuses falsos. O Absoluto é o único Uno.

Temos tomado a Ciência Física do Ocidente em consideração na nossa explicação dos ensinamentos Yogues a respeito das Três Grandes Manifestações, para mostrar os pontos de concordância e diferença e para mostrar que a mente Ocidental pode mais prontamente absorver o pensamento Oriental, associando-o ao pensamento mais conhecido no Ocidente; igualmente para que o estudante possa perceber que a mente do homem, à medida que se desenvolve, caminha para as mesmas conclusões intelectuais e esforça-se por fazer a verdade axiomática e evidente por si mesma. Queremos acrescentar, entretanto, que os Pais dos Yogues ou os instrutores antigos (como também os seus adeptos modernos adiantados), apesar de fazerem uso do intelecto como os cientistas ocidentais o fazem atualmente, verificam as suas conclusões pelo uso das superiores faculdades da mente, que desenvolveram — pelas faculdades da região da Mente Espiritual. Em alguns destes estados superiores, que se tornam possíveis graças ao desenvolvimento Yogue, o Yogue conhece que simplesmente "sabe" que certas coisas são verdade, sem referência aos acostumados processos intelectuais. Este saber não pode ser compreendido pelos que conhecem só a operação daquela parte da mente que é designada como Intelecto e a qual este saber transcende e sobressai, porém sem contradizê-la necessariamente. Muitas coisas que o Intelecto começa a ver como verdade, são primeiramente reconhecidas e compreendidas pela Consciência Superior, e as conclusões do Intelecto são, então, verificadas. Muitos resultados, porém, são obtidos de uma maneira diferente, a saber: a Consciência Superior vê e "sabe" que certas coisas são assim, e o homem, recaindo à sua consciência ordinária, leva consigo a impressão, o conhecimento e a certeza da verdade de alguma coisa, porém não é capaz de expressar ou explicá-la (nem a si mesmo) nos termos e pelo processo do Intelecto.

Por conseguinte, um sábio pode "saber" uma coisa com toda a certeza, tendo recebido a sua informação por superiores canais da mente (muitas vezes em forma de símbolos), mas lhe é muito difícil explicar os seus pormenores aos outros, e até a si mesmo. Ele pode saber que certa coisa é, mas não pode dizer o porquê e como, ou explicar as suas relações a outras coisas e ideias.

Os Yogues dizem que toda a verdade a respeito do Universo, do ponto em que começou a ser manifestação do Absoluto, está guardada em alguma parte da Substância Mental, e como todas as partes da Substância Mental são idênticas em natureza e princípio (da mesma forma que o são as gotas de uma porção de água), a mente de cada homem "sabe" toda a verdade a respeito do Universo manifestado e trazer este saber ao campo de consciência é o objetivo do desenvolvimento — no fim saberemos tudo.

A consciência é o "Eu" relativo que está sempre crescendo e alargando o seu campo de conhecimento para as regiões superiores da Mente. Mas a Mente do Homem não pode conhecer os segredos e mistérios do Absoluto mesmo — ninguém, a não ser o Absoluto, pode sabê-los — e a Mente pode conhecer-se somente a si mesma, isto é, pode conhecer e saber tudo que emergiu do Absoluto em manifestação ou emanação.

Aqui está a diferença e distinção; vede-a? Porém, o Atman — o Princípio Divino no homem — aquilo que é superior à Mente — o que é o Eu Real — a real presença do Absoluto — conhece todo o conhecimento do Absoluto — de si mesmo — e quando o homem finalmente retira todos os envoltórios que obscurecem até o das mais altas formas da Mente Espiritual e imerge-se no seu Eu Real, então saberá tudo, porque se achará no Absoluto e a sua consciência e seu saber incluirão o Todo — então deixará de ser Homem.

Para aqueles dos nossos estudantes que se interessam pelo lado científico do assunto, será útil saberem que os Yogues que se aprofundam no lado científico da filosofia, ensinam que nem a Matéria (Akasa) em sua mais alta forma de Éter, nem o Prana em sua essência ou mais alta forma, nem a Substância Mental em si mesma — são atômicos.

Nenhuma destas manifestações, em sua essência, é atômica, mas aquilo que se chama átomos de cada uma destas manifestações, são realmente "anéis de vórtice" na própria coisa que forma átomos, e estes átomos formam combinações que se tornam aparentes aos sentidos. Por exemplo, a Substância Mental, quando combina com a ação, forma átomos chamados Pensamento; a Energia, quando em ação, manifesta átomos denominados Movimento ou Força.

A própria Energia é passiva — se podemos usar esta expressão paradoxal; e a essência da Matéria, a que damos o nome de Éter Superior, quando está influenciada pela Energia, sob a direção da Mente, forma anéis de vórtices, chamados átomos, que compõem formas grosseiras de Matéria, isto é, a sólida, a líquida e a gasosa.

Para não sermos acusados de assimilar uma nova teoria científica à velha Filosofia Yogue, comunicamos ao estudante a palavra sânscrita "Vritta" (encontrada nos Vedas ou antigos escritos Yogues), que significa ondulações ou vibrações da Mente, formando "pensamento"; a tradução litoral da palavra é "redemoinho". Como "vórtice" (que é termo usado na ciência ocidental), também significa "redemoinho" e como ambos se referem a um movimento na "substância", causando — como se supõe — a formação de "átomos", vê-se que o Yogue só traduz os seus antigos ensinamentos quando as suas teorias mostram muita semelhança com a teoria do "anel de vórtice".

Nesta lição não podemos entrar no tema da ação da mente, nos princípios que lhe servem de base, nem nos efeitos físicos produzidos pelo pensamento. Estas coisas, a psicologia dos Yogues, bem como os ensinamentos a respeito da Dinâmica do Pensamento, pertencem à "Raja-Yoga", de que trataremos na próxima série de lições.

Entretanto, diremos, aqui, que o estudante não deve cometer o erro de tomar o cérebro ou a matéria cerebral por Substância Mental. A matéria cerebral é apenas material pelo qual a Substância Mental se manifesta. Será melhor que o estudante pense da Substância Mental como de uma força, antes do que uma forma de Matéria.

A palavra "substância", usada junto com a palavra "mental", parece dar a ideia de uma substância "material" ou forma de matéria, o que está muito longe da verdadeira ideia. Não podemos, porém, dizer bem "Força Mental", porque isto indicaria o uma combinação da Mente e Força, ou aquela forma de Força que é usada pela Mente quando em atividade. A Substância Mental é uma forma bem mais alta de Energia e acha-se, como a própria Energia, num estado quieto ou passivo, quando está em sua essência. Só quando passa a ser Pensamento forma uma união com a Força ativa. Lembrai-vos disto.

Concluindo esta consideração da Substância Mental, diremos que ela é onipresente, isto é, que está em toda parte, e, como a Energia e a Matéria (suas progenitoras), não pode ser mudada, aumentada nem diminuída. Além disto, não pode ser realmente dividida ou separada, embora possa sê-lo em aparência. Isto é, ainda que a mente de cada Ego ou Alma represente tanta Substância Mental, aparentemente separada da outra Substância Mental por uma tênue parede da mais fina espécie de matéria, todavia, em realidade, cada mente está em contato com outras mentes separadas e com a Mente Universal, de que é uma parte.

Toda a Substância Mental não está separada ou expressada em forma de mentes individuais mais do que todo o Éter é manifestado em Matéria grosseira, ou toda a Energia convertida em Força ou Movimento.

Temos ainda de lembrar-vos que não existe matéria "morta", porque todo o Universo é vivo. E cada partícula de Matéria contém Energia e Substância Mental.

O Universo é uma grande coisa que vibra e pensa, do átomo ao sol, e se bem que o seu "pensar" varie da menor forma de mera sensação ou sentimento (até atração e repulsão química são formas de sensação) até a mais alta forma de esforço mental conhecido do homem ou dos seres muito mais altos que o homem.

### O Atman ou Espírito

Agora passaremos a uma consideração do Atman, o Eu Real, o Espírito, e a sua expressão no Homem. Nesta consideração, usaremos a palavra "Espírito" no sentido que tem o termo sânscrito Atman, que mencionamos somente para que o conheçais e compreendais, quando o encontrardes em outros escritos, tratando do assunto.

Para fazermos a ideia do Espírito, havemos de tornar a Mente à consideração do Absoluto. Em uma lição prévia, tentamos explicar-vos a noção que nos dá, em sua consideração do Absoluto, o Intelecto.

Ali dissemos o que o Intelecto se vê obrigado a crer ou admitir. Podemos dizer aqui que este testemunho do Intelecto é confirmado pelo testemunho das faculdades superiores da Mente, e as almas adiantadas de todos os séculos, que têm adquirido vista espiritual, corroboram a notícia do Intelecto a respeito das duas concepções do Absoluto.

As mais altas comunicações vêm pelo mesmo caminho. Porém, ó estudante, recordai-vos deste fato que muitos investigadores perdem de vista: a Mente, até a Mente das almas mais adiantadas, pode comunicar só aquilo que acha em si própria. E mesmo a mente Universal, a soma total de toda a Mente projetada pelo Absoluto — e esta inclui não somente aquela parte da Mente que agora se manifesta em inteligência consciente, como também a Mente que não se manifesta assim — não pode obter saber e conhecimento fora de si. Ela é condicionada e limitada, e as limitações e condições foram-lhe impostas pelo Absoluto. Assim, vedes que mesmo a Mente Universal — a soma total de toda a mente que existe — pode comunicar só aquilo que sabe em si mesma, e não pode dar-nos outra notícia a respeito da natureza do Absoluto, a não ser a que o Absoluto lhe permite ter e nela depositou. A Mente Universal não é o Absoluto, lembrai-vos disso, mas apenas uma emanção dele. A Mente — o Intelecto e as fases superiores — nos comunica o que sabe em si mesma, a respeito do Absoluto, e podemos dizer que, conforme o testemunho da Mente, temos que acreditar que o Absoluto é certas coisas, e tem certas qualidades e atributos.

Porém, o estudante adiantado verá que também esta concepção e este testemunho são relativos e não absolutos. eles são somente a verdade como a vemos e não a Verdade Absoluta, porque esta pertence ao próprio Absoluto e não pode ser pensado por uma mente finita — nem pela Mente Universal. A Mente Universal não é Onisciente, não sabe tudo. Ela sabe toda a partícula do saber (até aos mais finos detalhes) de si mesma e do Universo. Há de sabê-lo, porque é a Mente do Universo e conhece-se a si mesma e tudo por meio do que age — conhece-se a si mesma e os seus instrumentos. Mas não pode transcender ou ir além dos seus limites e é limitada por todos os lados pela "linha morta" que a separa do Absoluto. Esta separação é só relativa e não real — isto é, é real para a Mente Universal, porém não para o Absoluto. Entretanto, a Mente Universal sabe positivamente que o Absoluto existe, porque reconhece a sua presença no ponto da aparente separação e, assim, tem toda a evidência da realidade do Absoluto. Também pode "saber que não sabe", porque sabe que saber tudo pertencente a seu domínio, e vê que aquilo que vê, mas não compreende, lhe é Incognoscível. Assim, ela vê que há coisas que não conhece, não no sentido de não as ter ainda achado, mas no sentido de serem "fora de alcance do saber" como o possui a mente Universal; mas estas coisas são plenamente compreendidas e conhecidas ao Absoluto mesmo. O Absoluto necessariamente conhece-se a si mesmo e todas as coisas, porque é Onisciente. Onisciência pertence só ao Absoluto, e todo outro saber é relativo, imperfeito e incompleto. Lembre-se o estudante que aquilo a que chamamos Mente Universal não é algo mediante o qual o Absoluto pensa, mas é algo mediante o qual o Universo pensa — o Universo sendo a soma total das emanções do Absoluto, e não o Absoluto mesmo. A alma humana é capaz de obter da Mente Universal tudo que esta sabe, e as almas adiantadas aproveitam este privilégio, conforme o grau de seu desenvolvimento. Estas almas nos comunicam o fato da existência do Absoluto que tem sido predito pelo Intelecto, mas dizem-nos também que são incapazes de ultrapassar a linha divisória.

Assim vedes que o Absoluto em si mesmo é Incognoscível; tudo que podemos saber dele é o que dele sabe a Mente Universal, e este saber, necessariamente, é "exterior", porque o saber "interior" só se encontra no Absoluto mesmo. Podemos tornar-nos capazes de resolver o Enigma do Universo, à proporção que nos desenvolvemos; mas nunca podemos esperar que conheceremos a natureza real do Absoluto, enquanto não tivermos passado além dos limites até da mais alta manifestação da Mente e entrado na consciência e pleno conhecimento do nosso Eu Real — o Espírito. Porque é verdade que em cada um de nós todos existe uma partícula do Absoluto mesmo, incondicionado e ilimitado, e que o Eu Real de cada um de nós é o Eu Real do Todo — o Espírito, Atman, a gota do oceano do Absoluto — o raio do sol do Absoluto — a partícula da Chama Sagrada. este Espírito, sendo o Absoluto, conhece naturalmente o Absoluto e seus mistérios e segredos, e quando nós, finalmente, entrarmos numa consciência daquele Espírito, saberemos tudo, porque estamos em União com o Absoluto — em União com Deus. este é um dos mais altos

ensinos da Filosofia Yogue.

O ensino nos diz que esta partícula do Absoluto — que parece separada, mas realmente não está separada do Uno — é o mais alto princípio em cada alma. Até a ínfima forma de alma a contém. Existe sempre e nós podemos perceber a sua luz em grau sempre maior, à proporção que nos desenvolvemos e a nossa consciência se move a um grau mais aproximado dele. O Espírito sempre existe, é imutável. Mas a consciência do Ego está em contínuo movimento em direção ao Espírito e, com tempo, Nele emergirá. este é o fim da evolução Espiritual, e todos os esforços da alma tendem a este fim. A Vida é o esforço da alma por libertar-se dos envoltórios que a limitam — um desejo de fazer uso de sua herança.

Agora vimos vindo ao grande Mistério. O estudante que seguiu com toda a atenção os nossos ensinamentos, sentirá surgir em si a pergunta - a pergunta que fizeram as almas de todos os séculos, quando chegaram a este degrau do seu desenvolvimento ou investigação. A pergunta pode exprimir-se da seguinte maneira: "Por que o Absoluto se separou a si mesmo, ou uma porção de si mesmo, em partes; ou partes aparentes; ou aparentemente se separou assim — para que — que é que significa tudo isto — qual é o motivo disto? Não podia haver necessidade para isso, porque o Absoluto está fora de necessidade; não podia haver um motivo, pois o Absoluto possui tudo que existe e é perfeito; isso não podia ser resultado de algum desejo, porque o Absoluto é sem desejos. Por que, pois, emanou o Universo; por que deu a existência ao que chamamos "almas" e por que colocou uma porção (ou aparente porção) de si mesmo em cada alma? Como tudo há de ter sido emanado do Absoluto e tudo há de voltar a ele, qual é o objetivo de tudo isso — qual o significado?"

Exprimimos esta questão tão claro quanto a podemos conceber e admitimos, serenamente, que não somos capazes de responder a ela, não tendo encontrado uma resposta ou explanação que merecesse consideração séria. A resposta está guardada no Absoluto, e a Mente, sendo uma manifestação, não pode compreender aquilo que está além do plano de manifestação.

Muitos pensadores tentaram dar uma resposta a essa questão e as escolas de pensamento no Oriente e no Ocidente produziram várias especulações a este respeito. Alguns dizem que a separação não tem uma sombra de verdade na realidade o que Maya ou Ignorância, Ilusão, é a causa que vemos o Uno como Muitos. Isto, porém, não é resposta à questão; assim só se a põe em outro ponto: por que, de onde vem a ilusão e como poderia o Absoluto sujeitar-se a uma ilusão?

E se nós, a projeção do Absoluto, não podemos ver a nossa identidade ou afinidade, então o Absoluto há de ser a causa que não vemos. Alguns disseram que estamos auto-hipnotizados e assim nos vemos como separados, porém esta resposta não é satisfatória, porque, se estamos hipnotizados, o Absoluto há de ser a causa disso ou haveríamos de admitir que o Absoluto está auto-hipnotizado, o que é ridículo. Semelhante a esta é a explicação que este mundo — o Universo — é apenas um "sonho" do Absoluto. Como poderia o Absoluto "sonhar?" Iguamente não satisfaz a explicação, segundo a qual o mundo fenomenal, inclusive o Homem, é o resultado do "jogo" ou "passatempo" do Absoluto. Tal explicação é absurda, porque reduz o Absoluto à condição de uma criança ou de um adulto que procura divertimento e "gracejo". Além disso, um ser nestas condições seria antes um Diabo do que um Deus. Outros dizem que o Universo não existe totalmente, mas é apenas um "pensamento" do Absoluto. Esta resposta não se pode aceitar, porque, enquanto que a emanção foi ocasionada provavelmente por um processo um tanto semelhante ao "pensamento" como o conhecemos, há todavia um sentido de realidade em cada alma humana que não quer admitir que seja um "pensamento" como o conhecemos, ou um "sonho de dia". Esta consciência da realidade do "Eu", que cada um de nós possui, é causada pelo sentimento da presença do Espírito e é uma reflexão do Saber do Eu real do Espírito sobre a nossa Mente, pois este "Eu" real do Espírito é o sentido do "Eu" do Absoluto. A presença deste sentido do "Eu" do Absoluto em cada um de nós é uma prova de que todos somos do "Eu" do Absoluto; não somos estranhos ao Ser Real. A ideia do "jogo" de Brama com o Universo e sua reabsorção dos objetos do seu jogo Nele mesmo, quando o divertimento se acabou, é o resultado de uma mitologia infantil, pela qual se deixaram influenciar até alguns dos hindus ilustrados, e pertence ao domínio dos contos de fadas.

Ela não é senão uma forma de antropomorfismo — a tendência de fazer de Deus um Homem exagerado. Somos obrigado a admitir a ilusão que provém de uma imperfeita concepção da verdadeira natureza das coisas, e o estudante Yogue reconhece plenamente que muitas coisas que aparecem como muito reais à alma que ainda está nos vínculos da ignorância — ainda na ilusão de nome e forma — estão, em realidade, muito longe de serem o que parecem ser. Ele vê como muitos se hipnotizam a si mesmos, e sabe o que significa despertar-se do mundo da ilusão e ser emancipado, libertado de tudo isso. Quase todo o estudante que lê estas lições tem uma experiência, maior ou menor, deste despertar, pois se assim não fosse, não se interessaria por ler esta lição. Porém, este sentido de percepção da ilusão e as comparativas partes no gamão e jogo deste mundo, não têm nada de comum com a explicação aludida — não têm valor ou razão no aspecto do Absoluto.

Esta comparação pode dizer-nos muito a respeito do Como das coisas, mas é absolutamente silenciosa a respeito do Porquê. O Como pertence ao plano de manifestação, e a Mente Universal acha este plano dentro da sua jurisdição. Porém, o plano do Porquê pertence ao Absoluto mesmo, e as suas portas estão fechadas para a Mente. Nós podemos atualmente saber — e muitos de nós sabem — que o Absoluto É. Não só porque o nosso Intelecto nos obriga a aceitar este fato, mas porque as regiões superiores da mente nos dão um saber positivo da Sua presença. A alma, quando suficientemente desenvolvida, encontra em si mesma aquele maravilhoso Algo, o Espírito, e sabe que é superior a qualquer fase da Mente. E a Mente Universal (que pode ser explorada pelo Adepto ou Mestre) encontra-se em frente do Absoluto e não pode duvidar da sua existência. Mas a alma não compreende o Porquê do Espírito, a Alma Universal não compreende o Porquê do Absoluto.

Em todas as épocas houve almas que se esforçaram por resolver este Mistério do Absoluto e suas Manifestações. E igualmente fúteis foram as suas tentativas. Plotino, o filósofo grego, pensou que o Uno não podia permanecer só e que, por isso, precisava fazer sair de si almas. Alguns dos escritores hindus pensaram que o Amor e até o Desejo eram os motivos das manifestações; o desejo de sair de si; o desejo de ter acompanhamento; o desejo de ter alguma coisa para amar: estes e semelhantes razões foram dadas. Alguns disseram até que o Absoluto se sacrificava, tomando-se muitos em vez de um.

Um escritor hindu pensa que o Absoluto "divide a sua vida, não se contentando de estar só". Mas, encerrando esta consideração do Porquê, lembramos ao estudante que cada uma destas explicações se baseia numa concepção mental que o Absoluto é como um Homem e que age por motivos semelhantes e mediante uma mente semelhante. Parece que dificilmente morre o antropomorfismo (a representação da Divindade com atributos humanos), e levanta a sua cabeça até em filosofia que afirmam que lhe prestaram os serviços de funerais já há tempo. Acautele-se o estudante para não cair em alguma destas armadilhas de pensamento e, para ficar em seguro, lembre-se de que todas estas causas, explicações e teorias provém da tendência de dar ao Absoluto — ao Incondicionado — Imanifesto — os atributos, pensamentos, motivos e ações do Relativo, Condicionado, Manifestado. A resposta ao Porquê pode vir somente do Absoluto e a obteremos só quando tivermos atingido a consciência do Espírito; por enquanto, sejamos Homens e confessemos: — Eu (no meu presente estado) não sei.

Porém, embora não possamos saber o "Porquê", temos à nossa disposição todo o campo do Universo para investigar o "Como". E a mente humana é capaz de ficar conhecedora de todos os detalhes da operação do Universo. De fato, tudo isto já é conhecido da Mente Universal e aos que sabem explorar a vasta região até aos seus limites. E cada alma humana contém, potencialmente, o saber da Mente Universal. Em solução, em cada mente, está todo o saber do Universo e a exploração do oceano inteiro reduz-se à exploração da gota. O Adepto é capaz de verificar todo o fragmento do "saber", possuído pela Mente Universal por meio da exploração da sua própria gota de Substância Mental. E é capaz de entrar em contato com todas as vibrações ou ondas de "pensamento" no grande oceano da Mente, porque cada gota tem relação com toda outra gota e com o Todo.

O saber não vem de fora, nem é fabricado pelo cérebro. Vem de dentro e não é mais do que a aptidão para compreender o que já existe. Todo o saber é conhecido da Mente Universal e da

nossa gota da mesma, e o "novo" saber que nos vem não é criado, mas é tirado daquilo que já existe; o Pleno Conhecimento (ou, a Realização) vem da nossa aptidão para senti-lo — do nosso desenvolvimento. E, assim, enquanto que as mais altas almas não de aceitar "de fé" certas questões a respeito do Absoluto, podem, entretanto, assegurar-se da existência deste Absoluto e familiarizar-se com o "Como" do mecanismo do Universo e até podem tomar uma parte consciente na operação das coisas. A mente pode ser usada para formar Matéria por meio de Energia e fazer coisas que parecem maravilhosas ao homem ordinário, mas que estão totalmente no domínio da lei Universal de Causa e Efeito. E a alma desenvolvida pode, mediante seu saber, elevar-se a uma posição onde está imune da operação de Causa e Efeito nos planos inferiores da manifestação.

Os Yogues não exigem dos seus estudantes que aceitem tudo "de fé", como os enigmas do Universo são resolvidos pela Mente e a cada passo verificado pelo atual experimento e experiência. Existe uma Fé que "Sabe" - e os Yogues adiantados a possuem. Cuidado, porém, com o instrutor que afirma que é capaz de explicar pela sua Mente manifestada - por meio de pensamento e expressão manifestados — à vossa Mente manifestada o segredo e o mistério do "Porquê" do Absoluto que está além da manifestação e do saber adquirido mediante a Mente. Quando estais em amargas dúvidas e aflição mental por causa das questões que inevitavelmente se apresentam de tempo em tempo, a respeito desta questão última — este Grande Mistério - acalmai a mente, abri-a à influência do Espírito e encontrareis Paz e Ventura — aquela "Paz que ultrapassa o Entendimento".

A Alma é um "Centro de Consciência" (não temos palavra melhor para aplicá-la). Ela contém a Centelha Divina, circundada dos envoltórios limitativos de Substância Mental (em várias formas e vários degraus), Energia e Matéria. Nem quando deixa o corpo, por ocasião da morte física, não se aparta da Matéria, pois tem vários veículos ou corpos de Matéria de diferentes graus de fineza e até as diversas formas de Substância Mental mesma são munidas de uma finíssima "veste" de Matéria que a separa da Mente Universal em certa maneira, fazendo dela uma "entidade", que todavia está em comunicação com a Mente Universal e com outras mentes individuais. Podemos chamá-la um Ego — ou uma Monada Espiritual, como alguns fizeram — os nomes explicam só parcialmente.

Ela é projetada na Matéria da mais grosseira espécie e daqui percorre o seu caminho por necessários degraus de evolução a formas sempre mais altas, até que, enfim, depois de ter passado por degraus em que se torna igual a um deus, outra vez é reabsorvida no Absoluto, não em forma de "cair num forno de fundição", mas no sentido de ter a consciência do Absoluto e reconhecendo, e realizando, a sua união ou unidade com Ele. Este fato é conhecido pelo testemunho daquelas almas que atingiram o último degrau preparatório para a realização da União — o Nirvana.

Imediatamente antes desta realização final há um degrau ou estado, onde a alma repousa por um momento que pode durar milhões de anos, e durante este tempo a alma, muitas vezes, renuncia temporariamente à sua imediata realização e regressa ao Universo ativo para ajudar outras almas em sua jornada para cima. A razão de tudo que se dá nesta viagem do Caminho, da mais grosseira Matéria até aos mais altos estados, é conhecida somente ao Absoluto, como já explicamos, mas podemos ver bem os passos progressivos nesta jornada e sentir a atração do Absoluto, como também sentir o impulso Divino em nós que nos faz subir de um degrau a outro, na escada da Realização. E podemos disto deduzir, tanto mediante o nosso Intelecto, como por meio das nossas faculdades mentais superiores, que aquilo que conduz a alma para cima é "Justo" e "Bom", e que aquilo que retarda o seu progresso ou a faz demorar-se demais num degrau inferior da jornada é "Injusto" e "Mau", donde podemos deduzir as regras de conduta e ética, se bem que a ética e a ideia do "bom e mau", "justo e injusto" etc., são todas relativas, como explicamos na nossa lição de Darma. Cada degrau em que se reconhece mais a Unidade de Tudo é sempre mais alto do que o degrau anterior em que este reconhecimento não é tão claro. Destas concepções depende tudo que designamos como "Bom e Mau" — "Justo e Injusto".

Aquelas almas adiantadas que se elevaram aos planos em que podem ser testemunhas de muitos dos processos do Universo, dizem a respeito do "Como" da projeção do Espírito na Matéria — o nascimento da Alma, como o podemos chamar — que é causado por uma ação da Vontade

Divina um tanto semelhante à expressão de um sério Desejo pela parte do Homem. Deus "pensa" e a manifestação ocorre. (É verdade que o ato não é um "pensar" como nós o conhecemos, mas não podemos descrevê-lo melhor." Se nos perdoais que usemos uma comparação tirada da experiência humana e se vos lembrais de que é absurdo comparar um Ato do Absoluto com um ato humano, diremos que este ato de estabelecer o Centro de Consciência — o nascimento de uma Alma — a projeção do Espírito nos envoltórios limitativos da Mente, Energia e Matéria — é da natureza da procriação e nascimento de uma criança. O Absoluto pode ser comparado aos elementos de Pai e Mãe em Um só — o Espírito pode ser comparado à criança nascida destes elementos.

A criança, em tal caso, há de ser o fruto da natureza, do caráter e da qualidade dos progenitores. O Espírito há de ser de Deus, e ser a alma da alma — os envoltórios de Matéria, Mente e Energia hão de ser o corpo da criança. E tanto a alma como o corpo da criança hão de ser gerados e compostos da substância de que eram compostos os pais, porque não há nada além disto, de que poderiam ter sido produzidos. Um escritor ocidental, Calthrop, disse bem: "Nós, tanto o corpo, como a alma, vimos da verdadeira substância de Deus (em perfeito acordo com a lei de todo parentesco), pois somos seus filhos. Com efeito, somos gerados, e não feitos; sendo de uma só substância, e com razão nos chamamos seus filhos, pois somo-lo verdadeiramente."

Como a criança que apareceu em uma forma material inferior, cresce só gradualmente em consciência, consciência de si própria, virilidade, até que é Una com seu pai em poder, forma e inteligência, da mesma forma esta criança Divina é projetada na íntima forma de matéria (que se pode chamar "o corpo de Deus"), e ao passo que se desenvolve, eleva-se de uma forma inferior a uma superior e a outra mais superior, e assim por diante, chegando às alturas ante as quais a alma se sente arrebatada. E, ao fim, quando foi alcançada a maturidade, a alma se acha diante da mansão do Pai, as portas se lhe abrem, ela entra e voa aos braços abertos do Pai que espera para recebê-la — depois as portas se fecham e nós não podemos ver o que segue. A Alma, tendo chegado à maturidade, segura no seio de seu Pai descansa; voltou à casa, depois de muitos e pesados anos de peregrinação — voltou à Casa.

Uma outra comparação que tem um sentido que os mais adiantados dos nossos estudantes facilmente perceberão é a seguinte: Como o Sol se reflete no Oceano e em cada pequena gota do oceano, se forma separadas, assim o Absoluto (Deus) se reflete no seio da Grande Mente Universal e em cada manifestação individual desta Mente como uma "Alma". O Sol, quando refletido no Oceano da Mente Universal, chama-se O Absoluto (Deus) — quando é refletido no centro da gota chamada "alma individual", chama-se o Espírito. A Reflexão não é o Sol mesmo e, não obstante, não é uma ilusão nem coisa falsa — pois o Sol emitiu uma parte de si mesmo, — sua energia, seu calor, sua luz, sua substância; e assim, tanto o oceano como a gota, participam realmente do Eu do Absoluto — o Espírito da gota é Real. E isto é a maravilha e o Mistério: que, embora a Presença esteja na gota, todavia o Sol mesmo (como um Todo) não está ali, exceto em aparência.

Quem vê a reflexão na gota, vê a forma e a luz do Sol e, contudo, o Sol está nos céus. Assim, o Sol, estando na gota, está nos céus — e estando nos céus, está na gota. Este é o Paradoxo Divino — que contém em si a explicação da Multidão que é Unidade, e do Uno que é Multidão, e todas as unidades desta Multidão são reais — cada uma aparentemente separada e, contudo, não estão separadas realmente. E o Sol pode brilhar em milhões de gotas e as gotas podem refletir milhões de Sóis desta maneira. Entretanto, enquanto cada gota contém o Sol, há somente um Sol e este permanece nos céus. Quem pode compreender esta parábola, compreende o segredo da relação do Espírito com o Absoluto — a relação do Múltiplo com o Uno. Esta é a nossa mensagem aos estudantes, ao encerrarmos esta série de lições. Escutai-a!

Oxalá cada gota compreenda que tem em si o Sol e a Vida; oxalá aprenda a crescer para poder reconhecer e sentir em si a sua Presença!

A Paz seja convosco.